



# **RELAÇÃO CONJUGAL AO LONGO DO CICLO VIDA: SATISFAÇÃO, COMUNICAÇÃO, MOTIVAÇÃO, COESÃO E ADAPTABILIDADE**

José António Moutinho de Abreu Afonso

Dissertação orientada por:

Professora Doutora Isabel Maria Pereira Leal

WJCR – William James Center for Research, ISPA – IU

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Doutor em Psicologia

Área de especialidade em Psicologia Clínica

2018

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização em Psicologia Clínica, realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Maria Pereira Leal, apresentada no ISPA – Instituto Universitário

O trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) (SFRH/BD/32326/2006).



**Nota:** Este documento foi redigido de acordo com o anterior acordo ortográfico.

Para a Maria Francisca, a Maria Beatriz e o Sebastião Manuel.



## **Agradecimentos**

Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, o que permitiu desenvolver o trabalho que aqui apresentamos. Neste percurso houve ainda um grande número de pessoas pelas quais sinto reconhecimento e gratidão. Numa lista, necessariamente incompleta, de todos aqueles que, de algum modo, foram importantes para o resultado final deste projecto, agradeço:

Aos casais que me procuram como psicoterapeuta e me estimulam a tentar compreender o que é o amor conjugal e o que pode ligar um homem e uma mulher para a vida.

A todas as pessoas que aceitaram participar no estudo, partilhando a vivência íntima das suas relações amorosas, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

A todos aqueles que me deram a possibilidade de recolher a amostra dos estudos nas suas instituições ou nos seus círculos pessoais. Sem a sua disponibilidade e interesse não teríamos conseguido viabilizar esta investigação.

Um agradecimento particular à Professora Doutora Isabel Leal, orientadora da tese, que tem acompanhado o meu percurso académico desde que fui seu aluno na antiga licenciatura em Psicologia, e com quem pude partilhar a docência de matérias apaixonantes que me ajudaram a construir a minha identidade profissional. Agradeço-lhe pela sua confiança resiliente, presença incentivadora, estímulo, e pela marca que tem deixado na minha carreira.

Aos autores das escalas que validei para a população portuguesa: John Rempel, Charleana Arellano e em particular Keith Davis, pelo apoio e troca de impressões sobre o meu trabalho. Também a Isabel Narciso pela simpatia com que me acolheu e pela disponibilização de material sobre a sua Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Relação Conjugal.

À Maria Gouveia Pereira pelas sugestões e comentários e pelo apoio no III Congresso Ibérico de Terapia Familiar em Cáceres, Espanha.

À Graça Galamba, amiga e colega, com que trabalhar tem sido um enorme prazer, que dedicada e generosamente colaborou no processo de tradução/retroversão/tradução dos instrumentos, bem como na escolha do questionário sócio-demográfico.

À Vera Proença, a minha assistente de investigação e co-autora de muitos dos trabalhos, pela sua dedicação, enorme apoio e colaboração na introdução dos dados nas respectivas bases, na revisão dos artigos, na partilha de ideias sobre os resultados, sem a qual este trabalho não estaria, ainda, concluído.

À Dra. Cláudia Ribeiro da Silva pelo apoio na estatística.

À Maria Francisca pela revisão ortográfica.

A todos aqueles, e também aos meus alunos, que ao longo do tempo me estimularam a prosseguir, com as suas questões, interesse e confiança.

Aos meus amigos que nos últimos anos, discretamente, me provocavam com perguntas sobre o andamento desta investigação.

À Sara e à Inês pelo vínculo e afecto que nos unem e pelo prazer antecipado e partilhado em cada reencontro.

Agradeço à Beatriz, pela fundamental presença, constante e incondicional, em todos os momentos.

Agradeço aos meus pais pela sua herança.

Por fim, mas não por último, um agradecimento profundo à Maria Francisca, à Maria Beatriz, e ao Sebastião Manuel, por tudo.

**Palavras-chave:** ciclo conjugal, género e casamento, satisfação conjugal, motivação para a conjugalidade, coesão e adaptabilidade no casal, comunicação conjugal,

**Key Words:** marital cycle, gender and marriage, couple satisfaction, motivation for conjuality, cohesion and adaptability in couples, couple communication

**Categorias de Classificação da Tese (PsycINFO Classification Categories and Codes):**

2900 Social Processes & Social Issues

2950 Marriage & Family

2953 Divorce & Remarriage

3200 Psychological & Physical Disorders

3313 Group & Family Therapy





## **Comunicações e publicações produzidas no âmbito da Tese de Doutoramento**

### **Publicações**

- Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2009). Escala de motivação: adaptação e validação da Motivation Scale (M.S.) de Rempel, Holmes & Zanna. *Psicologia Saúde & Doenças*, 10(2), 249 - 266.
- Abreu Afonso, J. (2012). Masculino e feminino: alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise Psicológica*, 25(3), 331 - 342. Doi: 10.14417/ap.448
- Abreu Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2015). Motivation for Conjuality in Couples Life Cycle and Its Relation to Happiness and Satisfaction. *Psychology*, 6(11), 1394 - 1412. doi: 10.4236/psych.2015.611136
- Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2016). Faces III: Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa. *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 63, 92-107
- Abreu-Afonso, J. & Leal, I. (2016) Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995). *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 65, 131-151
- Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2017). Coesão e Adaptabilidade nos casais ao longo da vida – Resultados Preliminares. *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 67, 116-126
- Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2017). Ciclo de Vida e Satisfação Conjugal– Resultados Preliminares. *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 68, 157-167

Abreu-Afonso, J. & Leal, I. (2017) Formulário de Avaliação da Relação - Adaptação e Validação da Relationship Rating Form (RRF) para a População Portuguesa. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 13(3), 880 - 900

### **Actas de Encontros Científicos**

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010, Fevereiro). Formulário de Avaliação da Relação: Estudo preliminar da Adaptação e Validação da Relationship Rating Form (RRF) de K. E. Davies para a População Portuguesa. In Leal, I., Ribeiro, J.P., Marques, M., & Pimenta, F. (Eds.), *Saúde, Sexualidade e Género – Actas do 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 403-410). Lisboa: ISPA.

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010, Fevereiro). Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Estudo Preliminar da Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995), para a População Portuguesa. In I., Leal, J.P., Ribeiro, M., Marques, & F., Pimenta (Eds.) *Saúde, Sexualidade e Género – Actas do 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 396-402). Lisboa: ISPA.

Abreu Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2014, Setembro). Motivação para a Conjugalidade. In Ordem dos Psicólogos Portugueses (Eds.) *Actas do IX Congresso Ibero-americano de Psicologia/2º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses*, (pp. 1122-1131). Lisboa.

### **Abstracts**

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010). Formulário de Avaliação da Relação - Adaptação e Validação da Relationship Rating Form (RRF) de K. E. Davies para a População Portuguesa [Abstract]. *Psicologia Saúde e Doenças*, 11(S1), 166.

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010). Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J.

Markman (1995), para a População Portuguesa [Abstract]. *Psicologia Saúde e Doenças*, 11(S1), 166.

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010). FACES III - Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e & Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa [Abstract]. *Psicologia Saúde e Doenças*, 11(S1), 166-167.

Abreu Afonso, J., Leal, I. & Proença, V. (2015, Novembro). Couple Satisfaction over the Life Cycle. In T. Ramiro-Sánchez, & M.T. Ramiro (Eds.) Abstracts no Libro de Actas del VIII Congreso Internacional e XIII Nacional de Psicología Clínica, Granada, Espanha.

Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2015, Julho). Motivation in Couples Relationship. In M. Tummino, M., Bollati, & M., Widman (Eds.). Abstracts in the Abstract Book of the 14th European Congress of Psychology, Milão: Itália.

Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2015, Julho). Conflict Management in Couples Relationship. In M. Tummino, M., Bollati, & M., Widman (Eds.). Abstracts in the Abstract Book of the 14th European Congress of Psychology, Milão: Itália.

### **Comunicações Orais**

Abreu Afonso, J. (2008, Novembro). A Abordagem Psicanalítica do Casal e da Família. Trabalho apresentado no I Colóquio de Psicoterapia Psicanalítica: Modelos de Formação em Psicoterapia Psicanalítica, Lisboa.

Abreu Afonso, J. & Porto, M. (2008, Dezembro). Psicoterapia Psicanalítica do Casal. Trabalho apresentado no Seminário Cortesão, S.P.G., Lisboa.

Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2014, Setembro). Motivação para a Conjugalidade ao Longo do Ciclo de Vida. Trabalho apresentado no IX Congresso Ibero-americano de Psicologia, Lisboa: Portugal.

Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2015, Julho). Motivation in Couples Relationship. Trabalho apresentado no 14th European Congress of Psychology, Milão: Itália.

Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2015, Julho). Conflict Management in Couples Relationship. Trabalho apresentado no 14th European Congress of Psychology, Milão: Itália.

Abreu Afonso, J., Leal, I. & Proença, V. (2016, Setembro). Ciclo de Vida e Satisfação Conjugal. Trabalho apresentado no 3º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Porto: Portugal.

### **Comunicações em Poster**

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010, Fevereiro). Formulário de Avaliação da Relação Adaptação e Validação da Relationship Rating Form (RRF) de K. E. Davies para a População Portuguesa. Poster apresentado no 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde - Saúde, Sexualidade e Género, Lisboa.

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010, Fevereiro). Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995) para a População Portuguesa. Poster apresentados no 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde - Saúde, Sexualidade e Género, Lisboa.

Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2010, Fevereiro). FACES III - Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa. Poster apresentado no 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde - Saúde, Sexualidade e Género, Lisboa.

Abreu-Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2015, Outubro). Coesão e Adaptabilidade nos Casais ao Longo da Vida. Poster apresentado no III Congresso Ibérico de Terapia Familiar, Cáceres, Espanha.

Abreu Afonso, J., Leal, I. & Proença, V. (2015, Novembro). Couple Satisfaction over the Life Cycle. Poster apresentado no VIII Congresso Internacional e XIII Nacional de Psicologia Clínica, Granada, Espanha.

## RESUMO

O estudo das relações conjugais tem mostrado que sujeitos casados são, regra geral, mais saudáveis e felizes (Gottman, 1994, Orbuch & Custer, 1995, Vanassche, Swicegood, & Matthijs, 2013). No entanto, a maior parte das uniões terminam em divórcio, principalmente devido a níveis baixos de satisfação. Os terapeutas familiares compreenderam que é essencial contextualizar as crises conjugais no seu ciclo vital, caracterizado por diferentes autores (Carter & McGoldric, 1982, Neighbourgh, 1985, Relvas, 2004), percebendo também que as fases de transição são as de maior vulnerabilidade (Haley, 1984). Por outro lado, a investigação sobre conjugalidade tem demonstrado que o género é uma variável incontornável quando se quer compreender a dinâmica das relações amorosas. A partir do estudo de casais que superaram saudavelmente os períodos de crise que marcam a transição entre as etapas da vida conjugal pretende-se perceber os factores que funcionam como promotores dessa resiliência bem como os de maior fragilidade. Assim, em casais que apresentavam elevados índices de Satisfação Conjugal (amor e funcionamento), fomos estudar as características da relação, a sua Coesão e Adaptabilidade, a Comunicação dos afectos e das divergências, bem como a Motivação para a conjugalidade.

Realizou-se um estudo transversal, comparativo e correlacional, adaptando e validando instrumentos, e conduzindo cinco estudos empíricos. As amostras cujos participantes, deram o consentimento informado, variaram entre os 436 e os 464 (nos artigos de validação), e os 370 (nos artigos empíricos).

Os resultados, por género, mostram uma variação semelhante da Satisfação Global, padrões Comunicacionais e padrões de Coesão e Adaptabilidade conjugal.

Os resultados mostram que a dimensão Amor exerce uma influência maior que a do Funcionamento na Satisfação Global dos casais. Ao longo do casamento, na dimensão Amor, as mulheres apresentam flutuações num maior número de áreas que os homens. Em todas os períodos as mulheres atribuem a satisfação mais a si próprias que aos seus parceiros. Na motivação, aumenta a motivação extrínseca dos homens, especialmente nos primeiros três estádios do casamento

Considerando o ciclo de vida, a Satisfação Global revela valores semelhantes entre géneros e mais elevados antes da parentalidade, sendo esta a única fase da vida onde as mulheres apresentam valores mais altos de satisfação que os homens. Há também um menor uso de estratégias de comunicação positiva nos casais com filhos.

Considerando cada uma das sete etapas do ciclo conjugal, pelo menos em quatro, uma estratégia de comunicação ou gestão de conflito apresenta diferenças significativas entre homens e mulheres. Naquelas em que se verificam mudanças, as mulheres apresentam alterações a partir de fases mais precoces. A estratégia de comunicação nos casais impacta a sua satisfação e felicidade. Coesão e Adaptabilidade não apresentaram diferenças significativas. Casais em união de facto tendem a utilizar mais vezes estratégias que envolvem a expressão de afectos e emoções do que os casados. Não se verificam diferenças significativas entre o primeiro e o segundo casamento.

Ao identificar a fase de vida com maior instabilidade e as diferenças de percepção da vida conjugal entre homens e mulheres, esta investigação pode dar pistas interessantes para o trabalho clínico com casais.

## **ABSTRACT**

The study of marital relationships has shown that married people are, in general, healthier and happier (Gottman, 1994, Orbuch & Custer, 1995, Vanassche, Swicegood, & Matthijs, 2013). However, most marriages end in divorce, mainly due to low levels of satisfaction. Family therapists have understood that it is essential to contextualize marital crises in the couple's life cycle, defined by different authors (Carter & McGoldric, 1982, Neighbourgh, 1985, Relvas, 2004). They also verified that the transition phases are the most vulnerable (Haley, 1984). On the other hand, research on conjugality has shown that gender is an inescapable variable when one wants to understand the dynamics of romantic relationships.

By studying couples who healthily overcome the periods of crisis that characterize the transition between the stages of married life, we wanted to understand the factors that promote this resilience as well those of fragility. Thus, in couples with high levels of Satisfaction (love and functioning), we studied the characteristics of the relationship, its Cohesion and Adaptability, the Communication of affection and divergences between partners, as well as their Motivation for conjugality.

A cross-sectional, comparative and correlational study was carried out, first adapting and validating measuring instruments and then conducting five empirical studies. Samples, whose participants gave their informed consent, varied between 436 and 464 (in the validation studies), and 370 (in the empirical studies).

We have confirmed that the dimension Love exerts a greater influence than the Functioning dimension in the Global Satisfaction of couples.

The results, by gender, show a similar variation in Global Satisfaction, Communication, Cohesion and Adaptability patterns. Throughout marriage, in the Love dimension, women have variations in more areas than men. In all periods, women attribute satisfaction more to themselves than to their partners. In Motivation, men's extrinsic motivation increases, especially in the first three stages of marriage

Considering the life cycle, Global Satisfaction, has higher rates before parenthood, and this is the only period of life where women present higher rates of satisfaction than men. There is also less use of positive Communication strategies in couples with children.

Considering each of the seven stages of the conjugal cycle, in four of them, at least one communication or conflict management strategy presents significant differences between men and women. In those that change, women presented variations from earlier stages. The communication strategies in couples impacts their satisfaction and happiness. Cohesion and Adaptability did not present significant differences.

Unmarried couples tend to use strategies that involve the expression of affect and emotions more often than married couples. There are no significant differences between first and second marriages.

By identifying the life stage most susceptible to instability as well as differences in the perception of married life between men and women, this research may provide interesting clues to clinical work with couples.

## Índice

<b>Índice</b>	<b>I</b>
<b>Lista de Figuras e Tabelas por Artigo</b>	<b>VII</b>
<b>Lista de Abreviaturas</b>	<b>XIV</b>
<b>I.Introdução</b>	<b>1</b>
<b>II.O Estado da Arte</b>	<b>3</b>
1.Satisfação Conjugal, Ciclo de Vida e Género	3
2.Satisfação Conjugal, Comunicação, Conflito, Género e Ciclo de Vida	6
3.Satisfação Conjugal, Coesão, Adaptabilidade, Comunicação, Género e Ciclo de Vida	9
4.Satisfação Conjugal, Motivação para a Conjugalidade, Género e Ciclo de Vida	10
<b>III.Objectivos</b>	<b>12</b>
<b>IV.Estrutura do Projecto de Investigação</b>	<b>13</b>
Etapa 1. Adaptação de Instrumentos de medida	13
Etapa 2. Investigação das variáveis em estudo	16
<b>V.Método</b>	<b>19</b>
1.Participantes	19
2.Material	21
3.Procedimento	23
4.Análise Estatística	24
<b>VI.Referências</b>	<b>26</b>
<b>VII.Secção Empírica</b>	<b>39</b>
<b>Artigo 1 - Satisfação Conjugal ao Longo do Ciclo de Vida</b>	<b>40</b>
1.Introdução	41
2. Objectivo	50
3. Desenho de Investigação	50
4. Método	51
4.1. Participantes.	51
4.2. Caracterização da amostra	52
4.3. Material	53
4.4. Procedimento	54
5.Resultados	55
6.Discussão	69

7. Conclusões	75
8. Limitações e Estudos Futuros	76
9. Referências	76
<b>Artigo 2 - Comunicação e Gestão de Conflitos em Relações Conjugais ao longo do Ciclo de Vida</b>	<b>86</b>
1.Introdução	87
2. Objectivo	90
3. Desenho da investigação	90
4.Método	91
4.1. Participantes.	91
4.2. Caracterização da Amostra	92
4.3. Material	94
4.4. Procedimento	94
5.Resultados	95
6.Discussão	101
7.Referências	106
<b>Artigo 3 - Comunicação e Gestão de Conflitos no Ciclo de Vida do Casal: as Diferenças de Género</b>	<b>111</b>
1.Introdução	112
2. Objectivo	115
3. Desenho da Investigação	116
4. Método	117
4.1. Participantes.	117
4.2. Caracterização da Amostra	118
4.3. Material	120
4.4. Procedimento	120
5.Resultados	122
6.Discussão	133
7.Referências	140
<b>Artigo 4 - Motivation for Conjuality in Couples Life Cycle and its relation to Happiness and Satisfaction</b>	<b>146</b>
1. Introduction	146
2. The Present Study	152
3. Method	154
3.1. Participants	154
3.2. Procedure	156
3.3. Measures	156



4. Results	157
5. Discussion	169
6. Conclusion	172
7. References	173
<b>Artigo 5 - Coesão, Adaptabilidade e Género ao Longo do Ciclo Conjugal</b>	<b>178</b>
1.Introdução	179
2. Objectivo	184
3. Desenho da Investigação	184
4. Método	184
4.1. Participantes	184
4.2. Caracterização da Amostra	185
4.3. Material	187
4.4. Procedimento	188
5.Resultados	189
6.Discussão	197
<b>VIII - Síntese e Discussão Geral de Relação Conjugal ao Longo do Ciclo de Vida:</b>	
<b>Satisfação, Comunicação, Motivação, Coesão e Adaptabilidade</b>	<b>205</b>
1. Introdução e Objectivos Globais da Investigação	205
2. Estudos de validação	206
3. Estudos empíricos	209
3.1. Questões e Resultados dos Estudos Empíricos	210
3.2. Discussão	222
3.3. Conclusão	230
<b>4. Limitações Metodológicas</b>	<b>231</b>
<b>5. Implicações para a Prática Clínica</b>	<b>232</b>
<b>6. Propostas de Estudos Futuros</b>	<b>234</b>
<b>7. Referências</b>	<b>236</b>
<b>VIII. Anexos</b>	<b>244</b>
<b>Anexo A1 - Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e</b>	
<b>Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure</b>	
<b>Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano &amp; H. J. Markman (1995)</b>	
	<b>244</b>
1.Introdução	245
2.O Instrumento	247

3.Caracterização da Amostra de Validação	248
4.Validação do Instrumento para a População Portuguesa	249
5.Eliminação de Itens – Considerações	257
6.Cotação	258
7.Limitações e Estudos Futuros	259
8.Referências	259
<b>Anexo A2 - Escala De Motivação: Adaptação e Validação da Motivation Scale (M.S.) De Rempel, Holmes &amp; Zanna.</b>	<b>260</b>
1.Introdução	261
2.Motivação e Conjugalidade	262
3.Método	265
3.1. Participantes	265
3.2. Material	266
4.Características psicométricas do instrumento para a população portuguesa	268
4.1. Sensibilidade	268
4.2. Validade de constructo	268
4.3. Validade factorial	268
4.4. Fidelidade	273
5.Discussão	273
6.Referências	275
<b>Anexo A3 - FACES III - Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa</b>	<b>277</b>
1.Introdução	278
2.O Instrumento	283
3.Caracterização da Amostra de Validação	285
4.Validação do Instrumento para a População Portuguesa	287
5.Cotação	290
6.Referências	290
<b>Anexo A4 - Formulário De Avaliação da Relação - Adaptação e Validação da Relationship Rating Form (RRF) para a População Portuguesa</b>	<b>291</b>
1.Introdução	292
2.O Instrumento	296
3.Caracterização da Amostra de Validação	299
4.Validação do Instrumento para a População Portuguesa	300
5.Cotação	307

6.Referências	307
<b>Anexo B – Consentimento Informado</b>	<b>309</b>
<b>Anexo C - Informação aos participantes (Folha de Rosto)</b>	<b>310</b>
<b>Anexo D - Questionário Socio-Demográfico</b>	<b>311</b>
<b>Anexo E – EASAVIC: Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal</b>	<b>313</b>
<b>Anexo F – EGAD: Escala de Gestão dos Afectos e das Diferenças</b>	<b>315</b>
<b>Anexo G – EM: Escala de Motivação</b>	<b>321</b>
<b>Anexo I -Autorização para a Tradução, Adaptação e Utilização de Questionário</b>	<b>329</b>
<b>Anexo J - Autorização para a Tradução, Adaptação e Utilização de Questionário</b>	<b>330</b>
<b>Anexo K - Autorização para a Tradução, Adaptação e Utilização de Questionário</b>	<b>331</b>
<b>Anexo L - Autorização para a Utilização de Questionário</b>	<b>332</b>

## Lista de Tabelas

<b>Quadro 1.</b> Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias	20
<b>Quadro 2.</b> Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos	21

## Lista de Figuras e Tabelas por Artigo

### **Artigo 1. Satisfação em Áreas da Vida Conjugal, nos Homens e nas Mulheres, ao Longo do Ciclo de Vida**

**Quadro 1.** *Paired Sample t test: Grau de Satisfação da amostra*

**Quadro 2.** *Anova OneWay: Comparação entre grupos de mulheres em diferentes fases da relação na Escala EASEVIC*

**Quadro 3.** *Anova OneWay: comparação entre grupos de homens em diferentes fases da relação na Escala EASEVIC*

**Quadro 4.** *Paired Sample t test: Comparação entre os elementos do casal na EASEVIC*

**Quadro 5.** *Paired sample t test: Comparação entre o Total do Amor e Total do Funcionamento nos homens e nas mulheres*

### **Artigo 2. Comunicação e Gestão de Conflitos em Relações Conjugais ao longo do Ciclo de Vida**

**Quadro 1.** *Caracterização da Amostra*

**Quadro 2.** *Idade, nível educacional e situação profissional*

**Quadro 3.** *MANOVA: Fase da relação vs. Estratégias de Comunicação e Gestão de Conflito (Resultados Significativos) - Género Feminino*

**Quadro 4.** *MANOVA: Fase da relação vs. Gestão de Conflito (Resultados Significativos). Género Masculino*

**Quadro 5.** *T-student: Comparação entre o primeiro e segundo casamento na comunicação e gestão de conflitos (mulheres)*

**Quadro 6.** *T-student: Comparação entre o primeiro e segundo casamento na comunicação e gestão de conflitos (homens)*

**Quadro 7.** *T-Student: Comparação entre Casamento e Coabitação na comunicação e gestão de conflitos (Mulheres)*

**Quadro 8.** *T-Student: Comparação entre Casamento e Coabitação na comunicação e gestão de conflitos (Homens)*

### **Artigo 3. Comunicação e Gestão de Conflitos no Ciclo de Vida do Casal: as Diferenças de Género**

**Quadro 1.** *Caracterização da Amostra*

**Quadro 2.** *Idade, nível educacional e situação profissional*

**Quadro 3.** *Análise das questões preliminares da MADS*

**Quadro 4.** *T-Student: Comparação entre géneros na comunicação e gestão de conflito*

**Quadro 5.** *Correlação de Spearman: Satisfação com a relação Vs Gestão de conflito*

**Quadro 6.** *Correlações de Spearman: Felicidade Vs Comunicação e Gestão de conflitos*

**Quadro 7.** *T-Student: Comparação entre casais com filhos e casais sem filhos na comunicação e gestão do conflito (mulheres)*

**Quadro 8.** *T-Student: Comparação entre casais com filhos e casais sem filhos na gestão do conflito (homens)*

**Quadro 9.** *T- student: Comparação entre quem já desejou, ou não, terminar a relação na estão do conflito (Mulheres)*

**Quadro 10.** *T- student: Comparação entre quem já desejou, ou não, terminar a relação na estão do conflito (Homens)*

**Quadro 11.** *Correlação de Sperman: Satisfação com o tempo que passa sozinho com o parceiro VS gestão de conflitos*

**Quadro 12.** *Correlação de Spearman: Satisfação com o divertimento com o parceiro Vs Comunicação e Gestão de Conflitos*

### **Artigo4. Motivation for Conjuality in Couples Life Cycle and Its Relation to Happiness and Satisfaction**

**Table 1.** *Degree of happiness with the relationship: results for the sevem groups and both genders*

**Table 2.** *Degree of happiness with the relationship: comparison between women and men*

**Table 3.** *Degree of satisfaction with the relationship: results for the seven groups and both genders*

**Table 4.** *Degree of satisfaction with the relationship: Comparison between female and male*

**Table 5.** *Intrinsic motivation personal reasons: Comparison between the seven groups*

**Table 6.** *Intrinsic motivation partner's reasons: Comparison between the seven groups*

**Table 7.** *Intrinsic motivation personal reasons: Female vs. Male*

**Table 8.** *Intrinsic motivation partner's motives: female vs. male*

**Table 9.** *Extrinsic motivation personal motives: comparisons between the seven groups*

**Table 10.** *Extrinsic motivation partners motives: comparison between the seven groups*

**Table 11.** *Extrinsic motivation persolan motives – Female vs. Male*

**Table 12.** *Extrinsic motivation partner motives – female vs. male*

**Table 13.** *Spearman correlation: Motivation vs. Satisfaction - Females*

**Table 14.** *Spearman correlation: Motivation vs. Satisfaction - Males*

**Table 15.** *Spearman correlation: Motivation vs. Happiness - Females*

**Table 16.** *Spearman correlation: Motivation vs. Happiness - Males*

## **Artigo 5. Coesão, Adaptabilidade e Género ao longo do Ciclo Conjugal**

**Figura 1.** *O Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares*

**Quadro 1.** *Caracterização da amostra*

**Quadro 2.** *Caracterização da amostra*

**Quadro 3.** *Comparação entre géneros para a Coesão e Adaptabilidade*

**Quadro 4.** *Comparação entre os valores Reais e Ideais de Coesão e Adaptabilidade para os homens e as mulheres*

**Quadro 5.** *Comparação da discrepância na percepção ideal e real da Coesão e Adaptabilidade para ambos os géneros*

**Quadro 6.** *Estádios da Relação vs. Adaptabilidade e Coesão – Valores Femininos*

**Quadro 7.** *Estádios da Relação vs. Adaptabilidade e Coesão – Valores Masculinos*

**Quadro 8.** *Etapas de relação vs. Discrepância - Feminina e Masculina - entre a percepção real e ideal da Coesão e Adaptabilidade*

**Quadro 9.** *Coesão e Adaptabilidade - Comparação entre géneros para cada grupo*

**Quadro 10.** *Comparação entre géneros, da discrepância entre os valores reais e ideias da Coesão e Adaptabilidade, em cada grupo*

**Quadro 11.** *Diferenças na Coesão e Adaptabilidade entre parceiros casados e em união de facto*

**Quadro 12.** *Casamento Vs União de facto: Discrepâncias entre a relação real e ideal para a Coesão e Adaptabilidade*

**Artigo A1.** *Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples* de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995).

**Tabela 1.** *Itens das Sub-escalas MADS e Alphas de Cronbach – Arellano e Markman 1995, e Alphas de Cronbach – Abreu-Afonso & Leal*

**Tabela 2.** *Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias*

**Tabela 3.** *Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos*

**Tabela 4.** *Eigenvalue e Variância Explicada – Estrutura Factorial para 9 factores*

**Tabela 5.** *Factor 1: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 6.** *Factor 2: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 7.** *Factor 3: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 8.** *Factor 4: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 9.** *Factor 5: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*



**Tabela 10.** *Factor 6: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 11.** *Factor 7: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 12.** *Factor 8: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 13.** *Factor 9: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

**Tabela 14.** *Estrutura Factorial Proposta e Alphas de Cronbach dos Factores de Abreu Afonso & Leal*

**Artigo A2. Escala de motivação: adaptação e validação da Motivation Scale (M.S.) de Rempel, Holmes & Zanna.**

**Quadro 1.** *Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade*

**Quadro 2.** *Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente às habilitações literárias*

**Quadro 3.** *Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos*

**Quadro 4.** *Alphas dos 3 Factores encontrados por Rempel, Holmes e Zanna 1985*

**Quadro 5.** *Escala Motivos Pessoais (Rempel, Holmes e Zanna): Factores e Itens que os Compõem*

**Quadro 6.** *Escala Motivos do Parceiro (Rempel, Holmes e Zanna) : Factores e Itens que os Compõem*

**Quadro 7.** *Eigenvalues e Variâncias Explicadas dos três factores extraídos nas Análises Factoriais Confirmatórias*

**Quadro 8.** *Análise Factorial de Componentes Principais com Rotação Obliqua*

**Quadro 9.** *Análise Factorial de Componentes Principais com Rotação Obliqua*

**Quadro 10.** *Correlação entre os Itens que compõem cada Factor com o Total desse Factor – Escala Motivos Pessoais*

**Quadro 11.** *Correlação entre os Itens que compõem cada Factor com o Total desse Factor – Escala Motivos do Parceiro*

**Quadro 12.** *Alphas de Cronbach para as Duas Escalas*

**Quadro 13.** *Itens finais e respectivas sub-escalas*

**Artigo A3. Faces III: Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa.**

**Figura 1.** *O Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares*

**Tabela 1.** *Alpha de Cronbach e teste reteste das duas Escalas (Olson, 1985)*

**Tabela 2.** *Normas e Valores de Corte para a FACES III (Olson 1985)*

**Tabela 3.** *Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

**Tabela 4.** *Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

**Tabela 5.** *Análise Factorial Confirmatória (Componentes Principais com Rotação Oblíqua) (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

**Tabela 6.** *Correlações dos Itens com os Factores (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

**Tabela 7.** *Alpha de Cronbach das 2 Sub-Escalas e do Total da FACES (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

**Tabela 8.** *Normas e Valores de Corte para a FACES III (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

**Artigo A4 de Formulário de Avaliação da Relação - Adaptação e Validação da Relationship Rating Form (RRF) para a População Portuguesa.**

**Tabela 1.** *Alpha de Cronbach e teste reteste das 7 escalas Globais e respectivas subescalas*

**Tabela 2.** *Alpha de Cronbach e teste reteste dos Agrupamentos de itens que não integram as Escalas Globais*

**Tabela 3.** *Abreu Afonso & Leal - Alpha de Cronbach das 7 escalas Globais e respectivas subescalas (Escala Original)*

**Tabela 4.** *Abreu Afonso & Leal – Alpha de Cronbach dos Agrupamentos de itens que não integram as Escalas Globais (Escala Original)*

**Tabela 5.** *Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias*

**Tabela 6.** *Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos*

**Tabela 7.** *Variância Explicada e Alpha de Cronbach dos Factores*

**Tabela 8.** *Factor 1 - Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

**Tabela 9.** *Factor 2 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

**Tabela 10.** *Factor 3 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

**Tabela 11.** *Factor 4 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

**Tabela 12.** *Factor 5 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

**Tabela 13.** *Factor 6 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

**Tabela 14.** *Factor 7 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

### **Lista de Abreviaturas**

EASAVIC - Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

MADS - Managing Affect and Differences Scale

EGAD - Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças

MS - Motivation Scale

EM - Escala de Motivação

FACES - Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale

## **I. Introdução**

Numa época em que a estrutura familiar deixou de ser única e em que múltiplas configurações são possíveis e aceites, já não é o modelo social que impõe a conjugalidade convencional. As relações amorosas entre homens e mulheres transformaram-se e são agora a criação de laços de igual para igual, valorizando a realização emocional, e não tanto o benefício material (Giddens, 2001). Os desafios impostos pela igualdade de género, pela valorização da individualidade, pelas novas tecnologias de reprodução ou mesmo pelas mudanças na concepção de família (sem contratualização civil, monoparentais, reconstruídas, unipessoais, em associação, homossexuais, as quais se foram banalizando desde o final do século XX (Hitz, 2001) irão ser determinantes ao longo da relação. A família, o casal, poderá sentir-se confuso numa época de tão grandes transformações.

Objecto de forças contraditórias, o casal, cada vez mais, pede ajuda para lidar com as suas crises. Os terapeutas familiares compreenderam que é essencial contextualiza-las no ciclo de vida conjugal, confirmando que as fases de transição são as de maior vulnerabilidade (Haley, 1984). Cada um dos vários estádios, caracterizados e refinados por diferentes autores (Carter & McGoldric, 1982, Neighbourgh, 1985, Relvas, 2004), cada um deles exigindo a realização de certas tarefas de desenvolvimento e associado a riscos específicos. O casal sem filhos, precisa elaborar o problema da ligação de cada parceiro com as famílias de origem e a desidealização do cônjuge. Quando este trabalho não é feito incompatibilidades latentes são reveladas. A maioria das separações ocorre nesta fase. No casal com filhos pequenos vemos uma mudança complexa: de casal para família, com o surgimento do primeiro triângulo. O relacionamento romântico é relegado para segundo plano, emergindo conflitos com a educação das crianças. Pressões sociais paradoxais são sentidas. As primeiras dificuldades sexuais aparecem. Em geral, se esta etapa é concluída, há um fortalecimento dos laços conjugais. Se os conflitos da etapa anterior não foram resolvidos, eles podem piorar com a adolescência das crianças. Esta fase dá-se paralelamente à crise existencial dos cônjuges, provavelmente entre os 40 e os 50 anos, necessitando, cada um, de fazer um balanço de vida e redireccionar seu sentido. Têm ainda de lidar com o envelhecimento dos respectivos pais. Alguns relacionamentos cronicamente pobres terminam aqui. Outro ponto importante é a partida dos filhos e a readaptação a viver como casal, a dois. A morte dos avós acontece e ocorre a reforma,

com possível perda de prestígio social. É necessário encontrar outro significado para a vida. Depressão e queixas psicossomáticas são comuns quando o casal é incapaz de se apoiar reciprocamente e criar novos objectivos (Waldemar, 1998). Nos dias de hoje deparamo-nos também com um conjunto de casais que não se encaixando em nenhum dos grupos classicamente considerados no ciclo da família, se caracteriza por ter filhos adultos que permanecem em casa (Umberson, Williams, Powers, Chen, & Campbell, 2005). É uma situação paradoxal que pode ser problemática. Finalmente, um outro ponto-chave da vida conjugal é o envelhecimento da díada e a proximidade da morte de um dos cônjuges.

Como um dos organizadores da experiência humana e das relações sociais, o género, tem influência em todos os problemas do casal (Miller et al, 2003). A investigação sobre conjugalidade tem, genericamente, demonstrado que esta é uma variável incontornável quando se quer compreender a dinâmica conjugal. Mas não encontramos consenso na literatura quanto ao sentido da influência desta dimensão sobre a qualidade da relação e a satisfação conjugais.

Uma vez que a família atravessa diversos momentos que requerem adaptação, mudanças ocorrerão ao longo da vida, o que é crucial para a manutenção dos relacionamentos de longo prazo. Quando a alteração não é permitida ou entendida por um dos parceiros, os níveis de insatisfação e o *stress* aumentarão. As mudanças, por outro lado, são uma maneira de lidar com as crises (Olson, 2000). São poucos os estudos empíricos que exploram a estabilidade e a mudança nas questões dos casais ao longo do ciclo de vida, sobretudo em fases intermédias. Ou muitos dos que existem dão pouca informação sobre que problemas os casais apresentam nas diferentes fases (Miller et al, 2003).

Por outro lado, para ajudar os casais em crise é necessário um conhecimento empírico do que mantém o casamento saudável. Este trabalho surgiu do nosso interesse clínico pela compreensão da dinâmica conjugal em aspectos que, na consulta, nos pareciam relevantes no entendimento dos casos. Adicionalmente, queríamos compreender o que acontece ao longo do percurso dos casais satisfeitos e que os faz manterem-se juntos a maior parte do tempo das suas vidas.

O presente trabalho organiza-se em três partes. A primeira introduz os temas abordados na investigação, nomeadamente a definição de conceitos e o levantamento do estado da arte na área. Culmina com a definição dos objectivos, a explicitação da estrutura

da tese e a referência aos vários artigos aqui compilados. De seguida, descreve-se a metodologia, nomeadamente os procedimentos, participantes, material e processamento de dados. Na parte empírica apresentam-se cinco estudos que resultaram da aplicação de instrumentos, também validados no âmbito deste projecto. Finalmente, faz-se uma discussão geral dos resultados e da sua aplicação clínica, bem como das limitações do estudo, sugerindo investigações futuras.

As nossas questões de investigação desdobram-se a partir de três grandes traves: a comparação geral entre os homens e as mulheres, a linha de evolução masculina e feminina ao longo da vida, a comparação entre cônjuges em cada uma das etapas do ciclo conjugal. Deste tronco comum partiram as 21 questões exploradas em cinco artigos empíricos, depois de validados os respectivos instrumentos de medida. As questões, entretanto, abordam um conjunto de variáveis determinantes para o sucesso das relações amorosas, como veremos de seguida.

## **II. O Estado da Arte**

### **1. Satisfação Conjugal, Ciclo de Vida e Género**

Essencial para a qualidade e a estabilidade das relações amorosas, a Satisfação Conjugal é a avaliação subjectiva global de um indivíduo sobre a qualidade do seu relacionamento (Li & Fung, 2011). Pode ser “apenas um reflexo de quanto as pessoas estão felizes no seu casamento, ou pode ser uma composição da satisfação em várias facetas específicas do relacionamento conjugal” (Ahmadi, Ashrafi, Kimiaee, & Afzali, 2010, p. 682). Thompson (1988), define-a como a avaliação pessoal e subjectiva da conjugalidade quer em função ao amor, quer em relação ao funcionamento conjugal.

Neste contexto, o amor seriam os sentimentos que cada um nutre pelo outro e/ou pela relação, estando, pois, presentes, de um modo mais ou menos explícito, atributos inerentes aos componentes essenciais do amor: paixão, intimidade e investimento/compromisso (Sternberg & Barnes, 1988). Narciso e Costa (1996) incluem no Amor os sentimentos e expressão de sentimentos, a sexualidade, a intimidade emocional bem como o sentimento de continuidade e ainda a opinião sobre as características físicas e psicológicas do parceiro/a. O Funcionamento, para estas autoras, teria a ver com o modo como se organizam e regulam as relações no holon conjugal e/ou familiar, e as relações com sistemas extrafamiliares, designadamente: papéis e funções,

tempos livres, autonomia/privacidade, comunicação e conflitos, e relações extra-familiares.

Uma breve revisão da literatura permite verificar a influência destas variáveis, ou áreas da vivência conjugal, na satisfação dos casais ao longo do ciclo de vida. Nas áreas ligadas ao Amor, a compreensão e validação do cônjuge, são factores importantes, promovendo sentimentos de aceitação, valorização e felicidade, melhorando consequentemente a satisfação na díada (Gordon & Baucom, 2009, Sardinha, Falcone, & Ferreira, 2009). Parceiros com características psicológicas como responsividade, sensibilidade e capacidade de expressar emoções, promovem uma relação baseada na segurança do apego (Patrick, Knee, Lonsbary, & Canevello, 2007). Características psicológicas como a inteligência e a bondade influenciam igualmente a satisfação conjugal e ambos os géneros lhes dão igual importância (Li et al., 2002).

A atractividade dos cônjuges tem também um papel importante. Estudos apontam que os homens lhe dão mais valor, enquanto as mulheres o fazem ao *status* e recursos (Li, Bailey, Kenrick, & Linsenmeier, 2002, Li et al, 2013). Contudo, a literatura mostra pouco consenso, e é possível encontrar resultados que evidenciam um decréscimo feminino da satisfação com a atratividade do parceiro (Bailey & Price, 1978) e outros que apontam para um decréscimo masculino (Meltzer, McNulty, Jackson & Karney, 2014). A atractividade parece ser um factor relevante para a satisfação conjugal, principalmente quando as esposas são mais atraentes que os seus companheiros, provocando uma maior influência na satisfação masculina e sendo, consequentemente, um bom predictor desta (McNulty, et al., 2008, Meltzer, et al., 2014). O sexo e a satisfação sexual, mesmo com significado diferente para homens e mulheres, são essenciais para o crescimento da relação conjugal (Yeh, Lorenz, Wickrama, Conger e Elder Jr., 2006), pois permitem a aproximação emocional, auto-revelação e sentimentos de união (Dandurand & Lafontaine, 2013), influenciando positivamente a satisfação e felicidade (Yeh et al., 2006).

No que respeita ao Funcionamento, a satisfação conjugal é maior quando ambos os parceiros são congruentes nas suas atitudes em relação aos papéis (e funções) de provedores, e apresentam uma divisão mais semelhante e justa das tarefas domésticas (Helms et al., 2010). As mulheres que passam mais tempo a trabalhar fora de casa tendem a apresentar menor satisfação conjugal, possivelmente porque entre o trabalho e assistência à casa e aos filhos, têm menor disposição para o parceiro (Leslie & Anderson,



1988). A divisão do trabalho doméstico altera com o envelhecimento do casal, especialmente durante a reforma, sendo que o primeiro membro do casal a reformar-se passa a ser o maior responsável pelas tarefas domésticas, quer seja o homem, quer a mulher (Leopold & Skopek, 2016). A satisfação com o tempo partilhado em actividades de lazer é outro factor que irá influenciar a satisfação (Knowles, 2004) e a intimidade conjugal (Voorpostel, et al., 2010). O aumento do tempo partilhado resulta em sentimentos de recompensa e melhoria da comunicação entre o casal (Knowles, 2004). Família e amigos têm também a capacidade de influenciar negativa ou positivamente o relacionamento, através de informações externas, opiniões e sugestões que podem manipular a avaliação que o casal faz da relação, eventualmente originando opiniões negativas ou mesmo a futura rejeição da relação (Agnew, Loving, & Drigotas 2001, Armenta-Hurtarte, Sánchez-Aragón, & Díaz-Loving, 2012).

A satisfação conjugal ao longo do ciclo relacional tem vindo a ser estudada por diferentes autores que apontam globalmente para o seu decréscimo com o tempo (Karney & Bradbury, 1995, Olson, 1985, Pérez & Estrada, 2006). Contudo, alguns trabalhos defendem que volta a aumentar nas últimas fases do ciclo de vida (Narciso, 1994, 2001, Stephen & John Michel Raj, 2014).

Nos trabalhos desenvolvidos por Karney e Frye (2002), utilizando a avaliação em retrospectiva, os casais mencionam um decréscimo nos níveis iniciais de satisfação conjugal, mas compensam essas quedas referindo melhorias recentes. Curiosamente, mesmo sem valor preditivo, os casais recém-casados parecem ser mais optimistas em relação ao futuro e às mudanças no relacionamento. Provavelmente devido a uma desconstrução da romantização do parceiro, que ocorre juntamente com o ganho de estabilização na relação (Huston & Vangelisti, 1991). Algumas teorias, por outro lado, como as referidas por Henry et al., (2007), defendem que casais mais velhos, vão ter sempre níveis mais elevados de satisfação, porque as uniões não satisfatórias terminaram em divórcio. No entanto, como também referem Henry et al., (2007), a qualidade conjugal é também conhecida por aumentar ao longo da relação, muito após o marco temporal onde normalmente casamentos se desfazem.

A transição para a parentalidade apresenta-se geralmente como um período de extrema importância, trazendo consigo várias mudanças na dinâmica do casal e consequentemente o aumento de *stress*. Os primeiros anos de casamento podem ser piores devido a uma diminuição nos aspectos positivos da relação - sexo e afecto - e pela

introdução de factores externos, os filhos, que modificam a dinâmica relacional. (Lavner et al., 2014). O nascimento do primeiro filho aumenta a tensão sobre os papéis de género quer na parentalidade, quer no casamento. Se, por um lado, alguns estudos defendem um nível de intimidade maior até as crianças atingirem a adolescência (Pérez & Estrada, 2006), outros sugerem um declínio do efeito da expressão de emoções positivas na satisfação, com o aumento dos anos de casamento (Rauer & Volling, 2005). Nas sociedades onde a parentalidade tradicional é mais apreciada, os homens têm maior satisfação em ser pais. Esta relação não se dá nas mulheres, provavelmente pela maior responsabilidade feminina inerente à criação do descendente. Nas mulheres, a satisfação com a parentalidade não se sobrepõe aos custos da mesma, independentemente do nível de apreciação social (Vanassche et al., 2013)

A satisfação conjugal feminina apareceu mais elevada do que a masculina no período da lua-de-mel, permanecendo em todos as outras fases abaixo dos níveis masculinos (Stephen & John Michel Raj, 2014).

Os problemas conjugais são relativamente estáveis, nas diferentes dimensões que compõem a relação, mantendo-se assim, mesmo quando a satisfação sofre algum decréscimo. Esta estabilidade não varia consoante se trate de questões mais ou menos específicas, o que sugere que estes problemas são condições crónicas e não degenerativas ao longo do tempo. Consequentemente o decréscimo da satisfação não se apresenta relacionado com o aumento dos problemas relacionais, mas talvez a um aumento da intolerância aos mesmos (Lavner, Karney, & Bradbury, 2014).

## **2. Satisfação Conjugal, Comunicação, Conflito, Género e Ciclo de Vida**

A comunicação está fortemente associada à satisfação e estabilidade conjugal (Boyd & Roach, 1977, Markman, Renick, Floyd, Stanley, & Clements, 1993, Rehman & Holtzworth-Munroe, 2007), sendo as competências comunicacionais positivas e negativas boas preditoras de satisfação conjugal (Johnson, et al., 2005). Ainda que todos os casais enfrentem dificuldades semelhantes, os que têm problemas de comunicação tendem a experienciar conflitos com maior frequência (Birchler, Weiss, & Vicent, 1975). De um modo geral, casais satisfeitos possuem padrões de comunicação construtivos - apresentando estilos positivos e procurando evitar padrões negativos de resolução das diferenças - enquanto os casais com problemas apresentam tipos de comunicação mais

destrutivos - estilos de resolução de conflito negativos, recorrendo frequentemente à retirada e especialmente relacionados com níveis elevados de ofensa e problemas não resolvidos (Bertoni & Bodenmann, 2010, Birchler & Webb, 1977, Bradbury & Fincham, 1992, Holtzworth-Muroe & Jacobson, 1985, Houts, Barnett-Walker, Paley, & Cox, 2008, Sanford, 2003).

Nos casamentos de longo prazo, a intimidade emocional, a comunicação e o companheirismo encontram-se, muitas vezes, positivamente ligadas à satisfação conjugal. A satisfação conjugal e sexual, a comunicação e o conflito são influenciados pela intimidade, comportamentos e atitudes sexuais (McCabe, 1999).

Antes do casamento o conflito versa, normalmente, temas como a família, ciúmes, amigos e religião (Storaasli e Markman, 1990). Após o casamento a quantidade de conflitos sobre temas periféricos decresce, provavelmente porque o casal se torna mais seguro. No entanto, aumentam as discussões ligadas com a relação em si mesma. Encontramos então tópicos como a gestão do tempo, recursos, comunicação, emoções, corpo, preferências (Meza-de-Luna & Romero-Zepeda, 2013), dinheiro, família, falta de afecto e amor, negligência, abuso físico e verbal, crueldade emocional (Levinger, 1966), e sexo (Rehman et al., 2011). O trabalho de Driver e Gottman (2004) sugeriu que as situações quotidianas são muito importantes na comunicação e resolução do conflito, devido à influência que têm no afecto positivo.

Contudo, os estudos sobre os tópicos de conflito mostram-se contraditórios. Alguns autores defendem que não é o tópico de discussão que influencia a comunicação, mas sim a forma como o conflito é resolvido (Storaasli & Markman, 1990). Heyman et al., (2009) sugerem que nas discussões, os homens tendem a focar-se em questões externas à relação e que as suas companheiras mantêm o foco nas questões mais internas. Tanto homens como mulheres apresentam uma comunicação mais negativa quando os problemas são sentidos por aqueles como mais difíceis (Williamson et al., 2013). Se por um lado os filhos são indicados como um dos mais problemáticos e frequentes tópicos de discussão (Williamson et al., 2013), outros trabalhos apontam para baixos níveis de intensidade conflitualidade e existência coesão entre os pais quando as questões envolvem os filhos (Storaasli & Markman, 1990).

Algumas investigações apontam para uma maior expressividade (Mirgain & Cordova, 2007, Rauer & Volling, 2005), proximidade emocional e interdependência femininas (Boden, Fisher & Niehuis, 2010). Outras sublinham a dificuldade masculina

em expressar emoções (Cordova et al., 2005) e empatia (Migrain & Cordova, 2007), levando o sexo a ser o melhor preditor masculino da satisfação conjugal (Lawrence et al., 2008). No entanto, há estudos que têm mostrado que homens e mulheres não apresentam tantas diferenças quanto se pensava na expressão de emoções (Cordova et al., 2005), e outros ainda que não chegaram mesmo a encontrar diferenças de gênero para a intimidade e a satisfação conjugal (Dandurand & Lafontaine, 2013).

Em geral, as interações negativas estão positivamente relacionadas com pensamentos de divórcio e apresentam uma relação negativa com o aumento da qualidade relacional, especialmente nos homens (Stanley, Markman, & Whitton, 2002). A comunicação negativa e destrutiva encontra-se ainda estreitamente ligada com padrões de demanda e retirada (Caughlin & Huston, 2002), que aparecem frequentemente relacionados com as relações disfuncionais (Eldridge et al. 2007, Stanley et al., 2002). Habitualmente os homens utilizam mais a retirada e as mulheres a demanda, mas tanto uns como outras podem utilizar ambos os padrões, sendo que nos casamentos de longa duração existe uma maior tendência para se encontrarem padrões de demanda/retirada mais inflexíveis (Eldridge, et al., 2007).

Por outro lado, a percepção feminina dos padrões de comunicação parece ter uma maior influência na satisfação conjugal (Faulkner, Davey, & Davey, 2005). Mulheres em casais sem problemas expressam mais comportamentos positivos e menos negativos quando comparadas com os seus companheiros (Chi, Epstein, Fang, Lam, & Li, 2013). Por sua vez, quando um casal enfrenta problemas, as mulheres apresentam padrões de comunicação e reciprocidade mais negativos (Bradbury & Fincham, 1992, Walsh et al., 1993).

O estudo das relações conjugais tem mostrado que sujeitos casados são, regra geral, mais saudáveis e felizes (Vanassche, Swicegood, & Matthijs, 2013). A comparação entre casais num primeiro e num segundo casamento mostrou padrões comunicacionais construtivos muito semelhantes, e apenas uma utilização ligeiramente mais elevada do padrão demanda-retirada nos casais em primeira união.

Os dados também apontam para que pessoas casadas sejam mais felizes e satisfeitas que as pessoas em coabitação. Esta surge normalmente associada a baixos níveis de satisfação e felicidade (Vanassche et al., 2013), fraca dedicação e compromisso masculino (Rhoades, Stanley, & Markman, 2006), níveis elevados de conflito e divórcio, assim como de violência física e uma qualidade comunicacional pobre (Kline et al.,

2004). Contudo, nas mulheres, é possível verificar que esta diferença é condicionada pela aprovação de tipos alternativos de união. Já nos homens, o casamento parece ter um papel importante no seu bem-estar, independente do apoio social aos tipos de família alternativos (Vanassche et al., 2013).

### **3. Satisfação Conjugal, Coesão, Adaptabilidade, Comunicação, Género e Ciclo de Vida**

A Comunicação é também considerada uma dimensão facilitadora de alterações na dinâmica conjugal, nomeadamente na Coesão e na Adaptabilidade, perante diferentes situações que os cônjuges enfrentam ao longo da vida (Olson & Groll, 2003). Estes dois processos são centrais para a satisfação do casal, e de grande importância nas transições familiares (Olson, 1985). As famílias com um funcionamento equilibrado apresentam uma comunicação mais positiva a qual, por seu turno, irá ajudar a manter esse equilíbrio. Uma comunicação pobre não fomenta alterações no funcionamento conjugal, levando as famílias a manterem-se nos níveis mais extremos de Coesão e Adaptabilidade que são considerados disfuncionais, principalmente em relações de longa duração. Contrariamente, os níveis centrais são vistos como os mais vantajosos. (Olson, 2000, Olson & Groll, 2003).

A Coesão pode ser definida como um factor de suporte. De acordo com Olson (2000, p. 145) é a “ligação emocional que os casais e os membros da família têm uns para com os outros”. Esta dimensão avalia a relação proximidade-distância entre os membros da família. A Coesão inclui itens que visam medir o vínculo emocional, o suporte, os limites familiares, o tempo partilhado, os amigos e os interesses recreativos. Os afectos partilhados influenciam a qualidade do vínculo emocional, determinando assim o bem-estar e o ajustamento a novas situações. Desta forma, o bem-estar emocional das famílias está fortemente relacionado com a satisfação com o vínculo e com a Coesão (Vandeleur, Jeanpretre, Perz, & Schoebi, 2009). A insatisfação conjugal está relacionada com níveis mais baixos de coesão familiar (Henderson, Sayger, & Horne, 2003), que podem levar a problemas psicológicos na infância e na idade adulta (Henderson, et al., 2003, Shek, 2002).

A Adaptabilidade, por seu lado, é um factor estrutural, definido como “quantidade de mudanças na liderança, nos papéis e nas regras do relacionamento” (Olson & Groll, 2003, p. 519) e que abrange aspectos como liderança, controlo, disciplina, papéis e regras. Esta dimensão oscila entre a estabilidade e a mudança. Mais uma vez, os níveis extremos encontram-se relacionados com um pobre funcionamento familiar, enquanto os valores centrais estão ligados a um funcionamento otimizado. Os problemas levantados pela coesão são mais complicados, sendo que os ligados à flexibilidade estão frequentemente relacionados com o equilíbrio entre a estabilidade e mudança dentro da família (Olson, 2000).

No que diz respeito ao ciclo conjugal, a versatilidade da relação é uma particularidade dos relacionamentos com menos de cinco anos, onde a adaptabilidade é mais flexível, provavelmente devido aos ajustes necessários nos primeiros anos da relação, ou à rigidez que tende a ser desenvolvida com a maior duração do casamento (Noller & Shum, 1990). Contudo, os estudos sobre adaptabilidade no ciclo de vida, apresentam, por vezes, incongruências. Alguns referem que casais com relacionamentos mais duradouros apresentam níveis mais elevados de satisfação (Mathis & Tanner, 1991). Apesar da sua importância, estes dois factores funcionam de formas diferentes nas relações a longo termo (Kouneski, 2000). Valores altos de Coesão facilitam a vida ao casal quando este enfrenta períodos de difícil ajustamento. Por seu lado, casais felizes e satisfeitos apresentam níveis equilibrados de Adaptabilidade (James & Hunsley, 1995). A Coesão parece ser maior no início do casamento, diminuindo progressivamente e tornando a crescer com o envelhecimento. A adaptabilidade também diminui até a saída das crianças, após o que aumenta novamente.

Por norma as mulheres tendem a ter níveis mais altos de Coesão e Adaptabilidade (Baiocco, Cacciopo, Laaghi, & Tafà, 2013), provavelmente porque elas tendem a procurar relações com maior proximidade (Noller & Shum, 1990).

#### **4. Satisfação Conjugal, Motivação para a Conjugalidade, Género e Ciclo de Vida**

O estabelecimento e enraizamento da confiança conjugal dependem também muito das crenças sobre a motivação do parceiro, influenciando fortemente o sucesso da relação. Existe uma clara associação entre a qualidade da relação conjugal e o estilo de motivação apresentada pelos parceiros (Bernstein, 1990, Blais, Sabourin, Boucher e

Vallerand 1990, Deci & Ryan, 2000, 2008, Gaine & LaGuardia, 2009, Knee, Patrick, Vetor, Nanayakkara, & Neighbors, 2002, Kogan, Impett, & Oveis, 2010, Patrick et al., 2007, Rempel, Holmes, & Zana, 1985). A motivação pode ser encarada como o que leva uma pessoa a agir, pensar e progredir, podendo ser definida como “uma tendência disposicional ou uma orientação específica do contexto” (Gaine & La Guardia, 2009, p.184). Pode influenciar a escolha do parceiro, a qualidade dos comportamentos relacionais quotidianos, o desenvolvimento e a ruptura das relações. Também se revelou útil para compreender a satisfação conjugal (Aimé, Sabourine, & Valois, 2000; Bernstein, 1990, Blais, et al., 1990, Deci & Ryan, 2000, 2008, Gaine & La Guardia, 2009, Impett, Gable, & Peplau, 2005, Impett et al., 2010, Knee et al., 2002, Kogan, et al., 2010, Patrick et al., 2007, Rempel et al, 1985).

Considera-se que a motivação pode ser intrínseca ou extrínseca. O início de uma relação romântica pode ser motivado por compensações intrínsecas, adquiridas directamente no parceiro ou na relação, tais como o prazer com as actividades diárias. Quando intrinsecamente motivado, o sujeito está envolvido numa relação íntima pelo prazer das actividades de dia-a-dia do casal (Blaise t al., 1990, Rempel et al., 1985). Kogan et al., (2010) sublinharam que, quando as pessoas se sentem motivadas a responder às necessidades dos outros sem esperar receber benefícios em troca, o sacrifício é sentido como intrinsecamente recompensado.

Por outro lado, a motivação extrínseca implica o envolvimento de recompensas extrínsecas à relação, mas mediadas por ela, tais como o *status* social, as relações sociais ou negócios (Rempel et al., 1985). Rempel et al. (1985) e Seligman et al. (1980) demonstraram que os membros de um casal que estão com o seu parceiro por razões extrínsecas referem menos amor, quando comparados com os que o fazem por motivação intrínseca. Para estes autores, é mais provável que uma relação perdure e seja satisfatória quando a motivação é mais intrínseca que extrínseca.

O trabalho de Aimé et al., (2000) mostrou que casais compostos por indivíduos que apresentam estilos motivacionais auto-determinados e congruentes apresentam níveis de satisfação conjugal mais elevados.

As mulheres parecem ter um papel chave nas relações românticas, com uma responsabilidade acrescida quanto à satisfação e motivação. O estilo motivacional feminino aparentou-se, nalguns estudos, como o único que influencia a satisfação das mulheres, sendo também um bom preditor da satisfação masculina, tendo assim um papel

claramente importante no desenvolvimento e manutenção da qualidade da relação (Blais et al., 1990). Por diversas razões, as mulheres dependem menos das implicações da motivação interna (Rempel et al., 1985).

### **III. Objectivos**

Apesar das grandes taxas de divórcio, onde Portugal tem a mais alta da Europa, 70.4% (Fundação Francisco Manuel dos Santos [FFMS], 2017), alguns casais superam de um modo saudável os períodos de crise que marcam a transição entre as etapas da vida conjugal. A partir do seu estudo pretendemos perceber os factores que funcionam como promotores dessa resiliência, permitindo-lhes manter a qualidade das suas relações, bem como os de maior risco, ainda que essa qualidade relacional possa ser mantida. Queremos também investigar a existência de um padrão nos relacionamentos, para diferentes tempos conjugais, nomeadamente nos pontos nodais de crise/mudança do ciclo vital do casal, avaliando ainda o comportamento da variável género neste eventual padrão. Adicionalmente, identificar-se-á a etapa ou etapas que representa um maior risco de perda da satisfação e felicidade conjugal.

A pesquisa nas bases de dados Ebsco, PubMed, CAIRN, Scielo e Redaylyc, e Centro de Documentação do ISPA-IU, levou a uma recolha inicial de mais de 650 referências, recolhidas, entre os anos 60 e a actualidade, das quais 372 foram, seleccionadas numa primeira fase, culminando nas 192 referenciadas na tese. A produção de literatura na área tem sido vasta, se bem que, especificamente nas nossas variáveis, o período mais rico fosse o das décadas de 90 e 10. Observámos, contudo, o que nos parece ser uma limitação em muitos dos estudos que investigaram períodos cronológicos anteriores a partir do momento presente, ficando sujeitos a enviesamentos vários, tal como a idealização dos primeiros anos de vida conjugal avaliados retrospectivamente. Há ainda a considerar, em muitos dos trabalhos revistos, limitações que nos pareceram importantes, nomeadamente na constituição das amostras, bem como um número considerável de pesquisas com resultados díspares e contraditórios.

Assim, movidos pelo interesse em perceber a relação conjugal nos seus diferentes períodos e crises ao longo do tempo, e pela nossa experiência como terapeutas de casal, desenvolvemos uma proposta de trabalho que tem como questão central a compreensão



da organização da díada em cada momento de transição no ciclo de vida, tendo em conta as diferenças de género.

Na ausência de modelos explicativos das dinâmicas destes períodos, organizámos metodologicamente a investigação tomando por base um conjunto de conceitos e variáveis psicológicas que, influenciando a qualidade e a estabilidade conjugal, podem ser determinantes para o sucesso das relações. Conceitos esses que a clínica e a literatura têm, como vimos, descrito como muito relevantes.

Em concreto, partimos para este trabalho com o objectivo de perceber como varia a Satisfação, a Comunicação e a Gestão de Conflitos, a Coesão e Adaptabilidade Conjugal, de acordo com o género. Queremos também saber como estas variáveis evoluem, nos homens e nas mulheres, ao longo do ciclo de vida. Pretendemos ainda identificar as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres em cada fase do ciclo conjugal. Adicionalmente, queremos estudar diferenças na Comunicação e Gestão de Conflitos, na Coesão e na Adaptabilidade, entre os casais casados e os casais em união de facto, bem como saber de que forma a Satisfação e a Felicidade conjugal dos homens e mulheres variam ao longo do ciclo vital e são influenciadas pelo Amor e o Funcionamento conjugal, a Comunicação e Gestão de Conflitos, a Motivação, a Coesão e a Adaptabilidade. Outro objectivo, finalmente, é comparar a primeira com a segunda relação conjugal, assim como os casais com e sem filhos, nas respectivas estratégias de comunicação.

Assim, esperamos com esta investigação, poder dar um contributo consistente, ainda que modesto, para o conhecimento da dinâmica da vida conjugal. A nossa contribuição tem como objectivo, não apenas um enriquecimento teórico para a área, mas sobretudo servir a intervenção clínica e a prevenção. Daí termos optado por um desenho de investigação transversal, exploratório, comparativo e correlacional.

#### **IV. Estrutura do Projecto de Investigação**

##### **Etapa 1. Adaptação de Instrumentos de medida**

Após a selecção dos instrumentos foi necessária a sua adaptação e validação para a população portuguesa, com excepção da **Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas**

**da Vida Conjugal** – EASAVIC (Narciso & Costa, 1996), em português no original. Todos estes estudos foram já publicados.

Assim, o **artigo A1** consiste na **Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) - A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples** de **C.M. Arellano & H. J. Markman (1995)**. Foi publicado na *Mosaico-revista de la federación española de asociaciones de terapia familiar*, 65, 131-151. No artigo, enquadra-se a questão da comunicação e o seu impacto nas relações conjugais. Diferencia-se comunicação positiva de comunicação negativa, bem como a sua ligação ao manejo das situações de conflito entre o casal. Neste estudo, os participantes foram 448 sujeitos, 224 casais heterossexuais. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. A *validade* de constructo foi estudada através de análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao *Alpha de Cronbach*. Na nossa população, a análise factorial não confirmou os 12 factores da escala original, chegando-se a uma estrutura final de 9 factores a saber: Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva; Negatividade/Escalada Negativa; Clarificar; Disponibilidade e Expressão Afectiva; Focar/Parar; Seleccionar/ Validar; Retirada; Feedback; Comunicação Através do Tempo.

O **artigo A2** consta da **Escala de Motivação: adaptação e validação da Motivation Scale (M.S.)** de **Rempel, Holmes & Zanna**, foi publicado na *Psicologia Saúde & Doenças*, 10(2), 249 - 266. Nele enquadra-se e define-se o conceito de motivação, considerando-se a motivação intrínseca, a motivação extrínseca e a motivação instrumental - que vão integrar a construção da escala - referindo-se também o seu impacto nas relações conjugais.

Utilizou-se uma amostra de 436 sujeitos, 218 casais, 152 casados, 66 em união de facto. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. Quanto à *validade*, a análise factorial pelo método KMO foi de 0,954 para a sub-escala de motivos pessoais e 0,952 para a escala de motivos do parceiro, permitindo o recurso a análises factoriais confirmatórias de componentes principais com rotação oblíqua, que não confirmaram uma estrutura tripartida. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. Os Alphas dos 2 factores e dos totais das escalas foram superiores aos encontrados pelos autores da escala original na sua estrutura

factorial tripartida. Obtivemos assim uma escala final constituída por duas sub-escalas: a de motivação intrínseca e a de motivação extrínseca.

O artigo A3, intitulado **FACES III. Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES)**, de *H. Olson, J. Portner e Y. Lavee – versão de casal – para a População Portuguesa*, foi publicado na *Mosaico- revista de la federación española de asociaciones de terapia familiar*, 63, 92-107 e consiste, justamente, na apresentação do trabalho de adaptação e validação para a população portuguesa da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES) (1985), de D.H. Olson, J. Portner e Y. Lavee, na versão de casal. Enquadra-se a escala no Modelo Circumplexo de Olson, definindo-se os conceitos de coesão, adaptabilidade e comunicação, bem como o seu impacto nas relações conjugais e familiares. Utilizou-se uma amostra de 464 sujeitos, 232 casais heterossexuais, 165 casados, 67 em união de facto. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. Quanto à *validade*, a análise factorial pelo método KMO foi de 0,915, o que possibilitou o recurso a análises factoriais confirmatórias de componentes principais com rotação oblíqua. Obtivemos uma estrutura factorial com 2 factores, Coesão e Adaptabilidade, coincidente com a encontrada pelo autor. No que respeita à *consistência interna* o estudo revelou bons Alphas de Cronbach de 0,87 para a escala total, 0,89 para a “Coesão” e 0,70 para a “Adaptabilidade”.

O artigo A4, sob o título **Formulário de Avaliação da Relação - Adaptação e Validação do RRF de K.E. Davis para a População Portuguesa**, publicado na *Psicologia Saúde & Doenças*, 18(3), 880 – 900, *apresenta* a adaptação e validação para a população portuguesa da Relationship Rating Form (RRF) de K. E. Davis (1996), criada para medir a amizade, as relações românticas e o amor. A noção de amor aqui usada deriva de um corpo empírico e conceptual radicado na Psicologia Descritiva. Entende-se o amor como um conceito prototípico na sua natureza. A construção do instrumento sustenta-se num caso paradigmático ou ideal que foi desenvolvido incorporando todos os aspectos relevantes que um caso real de amor deve ter. Participaram no estudo 444 sujeitos, 222 casais heterossexuais. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. A *validade* de construto foi estudada através de análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. A análise factorial para a nossa população não confirmou a estrutura original.

Chegámos a uma estrutura final também de sete factores, mas não coincidente com a encontrada por Davis em 1996. Designámos os factores encontrados por: 1-Sucesso e Satisfação Geral; 2-Desilusão Amorosa; 3- Cuidado Mútuo; 4-Compromisso; 5-Fascinação; 6-Conhecimento; 7- Coerção. No factor 1 incluímos as seguintes sub-escalas: Respeito/Auto-Estima; Comunicação Honesta e Íntima; Erotismo/Desejo; Satisfação; Manutenção; Aceitação. No factor 2 considerámos as sub-escalas de Desconfiança/Desapontamento; Desrespeito/Deslealdade; Tensão/Ambivalência. No factor 3 tivemos em conta as sub-escalas de: Auxílio; Defesa; Dar o Máximo. O factor 4 integra as sub-escalas de Prazer; Confiança; Exclusividade e Projecção no Futuro.

## **Etapa 2. Investigação das variáveis em estudo**

A etapa seguinte consistiu na aplicação das escalas á população em estudo. Assim surgiram os artigos 1,2,3,4,5, publicados ou submetidos para publicação.

O **artigo 1**, explora a **Satisfação em Áreas da Vida Conjugal, nos Homens e nas Mulheres, ao Longo do Ciclo de Vida** e estudou a satisfação dos casais ao longo da vida, através da EASAVIC (Narciso & Costa, 1996). A satisfação foi considerada quer globalmente quer dividida nos factores Amor e Funcionamento, cada um dos quais composto por cinco áreas: sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade do relacionamento, características físicas e psicológicas do parceiro, bem como funções e papéis, tempo de lazer, autonomia e privacidade, comunicação e conflito, e relações extra-familiares. Uma amostra de 185 casais heterossexuais, separados em sete grupos, da formação do casal à velhice, participaram no estudo.

No tratamento de dados, os testes inferenciais utilizados foram: ANOVA ONE WAY para comparar os grupos de casais em diferentes fases do relacionamento nas dimensões da Satisfação Global, no Amor e no Funcionamento. . O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças significativas, foi o teste LSD (LeastSignificantdifference). O t student para amostras emparelhadas (Paired Sample t test) foi usado para comparar os elementos do casal nas dimensões da escala EASAVIC e para comparar o total do Amor e o total do Funcionamento, em ambos os sexos

Os resultados confirmam a existência de diferenças, pequenas, mas importantes, quando se comparam géneros, ciclo de vida e satisfação. A Satisfação Global, revela valores mais elevados antes da parentalidade e uma variação semelhante em homens e mulheres. Ao longo do casamento, a dimensão Amor nas mulheres varia numa maior quantidade de áreas. Em todas as fases do casamento, a satisfação apresenta valores semelhantes entre homens e mulheres, com excepção de casais sem filhos, onde as mulheres apresentam maior satisfação do que os homens.

O Amor tem uma maior influência na Satisfação Global dos Casais do que o Funcionamento.

O **artigo 2**, intitulado **Comunicação e Gestão do Conflito Conjugal ao Longo do Ciclo Vital**, teve como objectivo estudar a comunicação e o manejo de conflitos nas relações conjugais ao longo do ciclo de vida. Para avaliar a comunicação utilizámos a MADS (Arellano & Markman, 1995), traduzida e adaptada para a população portuguesa por Abreu-Afonso & Leal (2016). A nossa amostra foi composta por 185 casais heterossexuais considerados em 7 grupos (vivendo juntos há menos de 4 anos, tendo crianças pequenas com idade até 5 anos, com crianças em idade escolar entre os 6 e os 12 anos, com adolescentes entre os 13 e os 19 anos, casais cujos filhos já saíram de casa, casais em idade avançada, onde um dos membros tem pelo menos 60 anos de idade, e casais com filhos adultos que vivem em casa, onde os filhos têm pelo menos 23 anos.

Os resultados confirmaram a existência de diferenças no padrão de comunicação e gestão de conflitos ao longo do ciclo conjugal. As diferenças são particularmente evidentes ao comparar homens e mulheres ainda sem filhos com os que são pais. Também encontramos um maior uso de formas de comunicação positiva nos casais em co-habitação e em casais recém-formados. Por outro lado, não foram encontradas diferenças entre casais no primeiro ou segundo casamento.

O **artigo 3**, foi dedicado à **Comunicação e Gestão de Conflitos no Ciclo de Vida do Casal: as diferenças de Género**, continuou a análise iniciada no trabalho anterior ", Comunicação e Gestão do Conflito Conjugal ao Longo do Ciclo Vital ", explorando agora satisfação conjugal e género. Para avaliar a comunicação em casais, usámos igualmente a adaptação por Abreu-Afonso e Leal (2016), de MADS (Arellano & Markman, 1995). Participaram os mesmos 185 casais heterossexuais do artigo 2, divididos nos sete grupos, desde a formação do casal até à velhice.

Globalmente, homens e mulheres apresentaram padrões de comunicação semelhantes, mostrando diferenças significativas em apenas 3 das 9 estratégias de comunicação e conflito avaliadas. Estudando cada uma das sete etapas do ciclo conjugal, quatro apresentaram diferenças significativas entre homens e mulheres, pelo menos numa estratégia. As mulheres apresentaram diferenças na comunicação desde estádios iniciais do casamento. O uso de estratégias positivas de comunicação mostrou-se directamente relacionado com a satisfação conjugal.

No **artigo 4**, o nosso trabalho incidiu sobre o estudo da motivação: **Motivation for Conjuality in Couples Life Cycle and Its Relation to Happiness and Satisfaction**, e foi publicado na *Psychology*, 6 (11), 1394 - 1412. A revisão da literatura apontou uma relação clara entre o estilo de motivação e a qualidade das relações amorosas. No entanto, faltavam estudos pesquisando os processos do casal ao longo do ciclo de vida. Com este trabalho estudámos a motivação e a sua relação com a satisfação e a felicidade ao longo do ciclo conjugal. Participaram 185 casais heterossexuais divididos em sete grupos, desde a formação do casal até à velhice. A motivação foi medida através da Motivation Scale (Rempel, Holmes & Zana (1985), traduzida e adaptada para a população portuguesa por Abreu-Afonso e Leal (2009).

Concluímos que, apesar de ao longo do ciclo conjugal a motivação dos homens e das mulheres não sofrer grandes flutuações, há um decréscimo da motivação intrínseca, quer a pessoal quer a percebida no parceiro. Pequenas diferenças podem ser relatadas quando comparamos os sexos dentro de cada grupo. Assinalámos um aumento da motivação extrínseca, pessoal e percebida, sobretudo nas primeiras três fases da relação do casal.

No que respeita à satisfação, a motivação percebida é tão importante quanto a motivação pessoal, mas apenas no que diz respeito aos motivos intrínsecos. A motivação extrínseca, quer a pessoal quer a percebida, quase não tem influência sobre aquela variável. A felicidade parece ser um conceito mais amplo, já que os seus resultados são menos complexos do que aqueles que dizem respeito satisfação.

O **artigo 5**, intitulado **Coesão, Adaptabilidade e Género, ao Longo do Ciclo de Vida do Casal**, apresenta a Coesão e a Adaptabilidade como duas dimensões chave nas relações românticas, considerando-se útil o conhecimento detalhado do seu comportamento ao longo do tempo da relação. Para avaliar a coesão e a adaptabilidade foi utilizada a versão de casal da escala FACES – III, (Adaptability and Cohesion

Evaluation Scale) de D.H. Olson, J. Portner e Y. Lavee (1985), validada e adaptada para a População Portuguesa, por Abreu-Afonso e Leal, (2016).

A amostra foi composta por 185 casais heterossexuais que, atendendo às suas características sócio-demográficas, foram separados em 7 grupos (que vivem juntos pelo menos há 4 anos, com crianças pequenas até aos 5 anos de idade, com crianças em idade escolar entre os 6-12 anos, com filhos adolescentes entre 13 e 19 anos, casais cujos filhos já saíram de casa, casais em que um dos membros tem pelo menos 60 anos de idade, e casais com filhos adultos (23 anos ou mais) que vivem em casa.

Os dados foram tratados com uma ANOVA ONE WAY para comparar os grupos de casais, em diferentes fases do relacionamento na coesão e adaptabilidade (real e ideal), esta análise foi feita para os elementos do casal em separado. O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças significativas, foi o teste LSD (LeastSignificantdifference). O t student para amostras emparelhadas (Paired Sample t test) foi usado no sentido de comparar os elementos do casal na coesão e adaptabilidade (real e ideal) e na discrepância entre o real e o ideal em cada dimensão. O teste t de student para amostras independentes (independent sample t test) foi usado com o objectivo de comparar os casados e os que vivem em união de facto na coesão e adequabilidade (real e ideal) bem como na discrepância entre o real e o ideal.

Os resultados mostraram semelhanças entre géneros na percepção da Coesão e Adaptabilidade verificando-se, no entanto, um desejo feminino de maior adaptabilidade. Na formação do casal as mulheres apresentam uma Coesão Ideal maior que as mulheres de algumas das outras fases do ciclo conjugal, sendo que o inverso se passa com as mulheres na velhice. Ao comparar a união de facto com o casamento, verificámos que os homens em união de facto têm uma maior coesão e adaptabilidade, sendo que as mulheres apresentam também maior coesão.

## **V. Método**

### **1. Participantes**

Para os nossos estudos, recolhemos uma amostra originalmente constituída por 596 questionários válidos, correspondendo a 278 casais, 202 casados e 76 em união de facto. Contudo, tendo em conta os dados demográficos e os grupos definidos, o número

de casais elegíveis foi variando de artigo para artigo. Tomando então a amostra global, depois de retirados os casais que não se enquadravam nos nossos objectivos, ela é constituída por 464 sujeitos, 232 casais heterossexuais, 165 casados e 67 a viverem em união de facto. As idades dos participantes oscilam entre os 20 e os 82 anos, sendo os homens, em média, mais velhos 3 anos que as mulheres (médias arredondadas de 45 e de 42 anos respectivamente). Quanto às habilitações literárias elas são elevadas nos dois sexos, havendo uma minoria de sujeitos com escolaridade inferior ao ensino secundário complementar (25,85% no sexo feminino e 29,75% no sexo masculino) (Quadro 1).

Quadro 1

*Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias*

	<b>Sexo Feminino (n= 232)</b>	<b>Sexo Masculino (n= 232)</b>
<b>IDADE</b>	Mínimo = 20 Máximo = 80 Média = 41,88 Desvio Padrão = 11,95	Mínimo = 19 Máximo = 82 Média = 44,69 Desvio Padrão = 12,06
<b>HABILITAÇÕES LITERÁRIAS</b>		
Ensino Primário	6,03% (14)	4,31% (10)
Ensino Básico	6,03% (14)	6,47% (15)
Ensino Secundário Unificado	13,79% (32)	18,97% (44)
Ensino Secundário Complementar	26,29% (61)	25,43% (59)
Curso Médio	6,03% (14)	4,31% (10)
Bacharelato	3,88% (9)	7,76% (18)
Licenciatura	31,03% (72)	26,29% (61)
Mestrado	5,60% (13)	3,02% (7)
Doutoramento	0,86% (2)	2,59% (6)
Não Responde	0,43% (1)	0,86% (2)

Os casais que vivem em regime de união de facto estão juntos há menos tempo do que os que vivem em regime de casamento: os casados estão juntos em média há 20 anos, enquanto que os que vivem em união de facto coabitam em média há 7 anos, ainda que a dispersão em torno da média deste último grupo seja bastante elevada. A maioria dos casados tem filhos (87,9%), sendo essa percentagem de apenas 34,3% nos casais que vivem em união de facto.

O número de filhos é mais elevado no grupo dos casados (média é de 2 filhos, sendo que a maioria dos casais tem 2 filhos e 18 casais têm mais de 2 filhos). No grupo que vive em união de facto, a média é de 1 filho, tendo a maioria apenas 1 filho, havendo 1 casal com 3 filhos (Quadro 2).



## Quadro 2

*Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos*

	Casais em Regime de Casamento (n= 165)	Casais em Regime de União de facto (n= 67)
<b>Tempo de Duração da Relação</b>	Mínimo = 4 meses Máximo = 56 anos Média = 20,44 Desvio Padrão = 11,67	Mínimo = 2 meses Máximo = 34 anos Média = 6,62 Desvio Padrão = 6,57
<b>Existência de Filhos</b>	Sim – 87,9% (145) Não – 12,1% (20)	Sim – 34,3% (23) Não – 65,7% (44)
<b>Número de Filhos da relação actual</b>	Mínimo = 1 Máximo = 11 Média = 1,86 Desvio Padrão = 1,09	Mínimo = 1 Máximo = 3 Média = 1,22 Desvio Padrão = 0,51

## 2. Material

**Questionário Sócio-Demográfico:** para avaliação das variáveis sócio-demográficas foi construído um questionário específico. Assim, a todos os participantes foi dado um formulário de auto-preenchimento para a avaliação dos dados de identificação demográfica e a definição dos grupos da amostra: idade, sexo, habilitações literárias, profissão, número de anos de relacionamento, primeiro ou segundo casamento/união do participante e do parceiro, filhos da relação actual, filhos da relação anterior do próprio e do parceiro, sexo, idade e situação dos filhos. (ANEXO D)

**Escala de Índice Único da Satisfação Conjugal Global:** para o estudo da satisfação conjugal global na qual os participantes são convidados a responder a uma pergunta única – *Qual o grau de satisfação com sua relação?* - numa escala de 5 pontos, de  *muito insatisfeito* até  *muito satisfeito*.

**Escala de Índice Único de Felicidade Conjugal Global:** para o estudo da felicidade conjugal, constando de um único índice no qual os participantes são convidados a responder à pergunta - *Qual o grau de felicidade da sua relação?* - numa escala de 5 pontos, de  *muito infeliz* até  *muito feliz*.

**Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal - EASAVIC** (Narciso & Costa, 1996). A escala estuda a Satisfação por auto-avaliação, sem impor critérios externos. Para além disso permite diferenciar entre áreas fortes e fracas do casal. O estudo psicométrico (análise factorial exploratória – varimax) com 21 casais conduzido por Narciso e Costa (1996) determinou dois factores principais. Um dos factores engloba os itens relacionados com o amor, com um alfa de 0.97, enquanto o outro abrange os itens relacionados com o funcionamento, com um alfa de 0.90.

É composta por 44 itens divididos em diferentes áreas conjugais que, por sua vez, se agrupam nas duas dimensões – Funcionamento e Amor. A dimensão Funcionamento é composta pelas áreas: funcionamento familiar, comunicação e conflito, autonomia e privacidade, tempos livres e relações extra-familiares. As áreas que compõem a dimensão Amor são: sentimentos, expressão de sentimentos, sexualidade, características físicas e psicológicas, intimidade emocional e continuidade. Os itens avaliam com foco no próprio (16 itens) e com foco no outro (14 itens).

A EASAVIC é cotada numa escala de seis pontos que vai do *Nada Satisfeito* ao *Completamente Satisfeito*. (ANEXO E)

**Managing Affects and Differences Scale - MADS** (Arellano & Markman, 1995), EGAD na adaptação e validação da, para a População Portuguesa de Abreu-Afonso & Leal (2016). Esta escala pretende aceder às competências de comunicação e gestão do conflito de uma forma muito concreta. Procura ter acesso à forma como o casal fala sobre questões problemáticas, o tipo de comunicação específica utilizada e as respectivas estratégias de gestão de conflitos, fazendo uma boa diferenciação entre capacidades verbais construtivas e destrutivas. A escala é composta por 109 itens que se organizam em 13 sub-escalas: “Expressividade Emocional e Comunicação Positiva”, “Negatividade/Escalada Negativa”, “Clarificação”, “Disponibilidade e Expressão Afectiva”, “Focar/Parar”, “Seleccionar/Validar”, “Retirada”, “Feedback” e “Comunicação Através do Tempo”, sendo a escala de resposta num intervalo de 1 (*Discordo Francamente*) a 5 (*Concordo Francamente*). Para além destes 109 itens, a escala possui 9 questões iniciais que fornecem outras informações sobre os casais. (ANEXO F)

**Motivation Scale** - MS (Rempel, Holmes & Zanna, 1985), EM na adaptação e validação portuguesa por Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2009), consta de 24 itens respondidos em uma escala de 9 pontos que vai do *nada* até ao *completamente*. Cada participante deve responder duas vezes, de dois pontos de vista diferentes: primeiro, o pessoal que permite avaliar a motivação do sujeito; segundo a sua perspectiva das motivações do cônjuge / parceiro, permitindo avaliar a motivação percebida. As escalas são assim divididas em dois factores: motivação extrínseca e intrínseca. A EM permite avaliar quatro factores para cada participante: motivação pessoal intrínseca, motivação intrínseca percebida, motivação pessoal extrínseca e motivação extrínseca percebida. (ANEXO G)

**Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale** - FACES III - versão de casal - (Olson, Portner & Lavee, 1985), na adaptação e validação para a população portuguesa de Abreu-Afonso e Leal (2016) é uma escala desenvolvida para aumentar a fidelidade, validade e utilidade clínica das suas versões anteriores. A escala é composta por 20 itens, dez pertencentes à dimensão Coesão – Vínculo Emocional (3 itens), Apoio (1 item), Fronteiras Familiares (2 itens), Tempo Livre e Amigos (2 itens) e Interesses e Atividades Recreativas (2 itens); e outros 10 pertencentes à dimensão Adaptabilidade – Liderança e Controlo (4 itens), Negociação (2 itens) e Papéis e Regras (4 itens). O FACES-III é cotado numa escala tipo Likert de cinco pontos, indo de *Quase Nunca* até *Quase Sempre*. (ANEXO H)

### 3. Procedimento

O estudo foi aprovado pelo Comité de Ética do ISPA-IU e pelas instituições onde a amostra foi recolhida. Todos os participantes no estudo forneceram o seu consentimento informado. A recolha de dados foi realizada em diversos serviços públicos e privados de Lisboa e zonas circundantes, utilizando-se um sistema de “bola de neve”, durante 18 meses.

#### 4. Análise Estatística

No que diz respeito à análise estatística levada a cabo em todos os *outputs* desta investigação, a análise descritiva, nomeadamente os cálculos dos valores da média, desvio padrão, frequência e percentagem, foram já descritos na caracterização sócio-demográfica da amostra.

Para os artigos de validação (FACES-III, EGAD e EM) recorreu-se a uma análise factorial confirmatória, de componentes principais com rotação obliqua. Foi utilizado o método de “Kaiser-Meyer-Olkin” (KMO) proposta por Kaiser (1970) e Kaiser & Rice (1974) para averiguar a adequação da análise factorial nos nossos dados.

Já nos artigos empíricos, nomeadamente no estudo da Satisfação os testes utilizados foram o ANOVA ONE WAY com o objectivo de comparar os grupos de casais em diferentes fases da relação nas várias dimensões e total da EASAVIC. O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças significativas, foi o LSD (LeastSignificantdifference).

Foi usado o t student para amostras emparelhadas (Paired Sample t test) com o objectivo de comparar os elementos do casal nas dimensões da escala EASAVIC e para comparar o total do Amor e o total do Funcionamento em ambos os sexos.

Recorreu-se a testes paramétricos dado haver normalidade ou desvios pouco severos à mesma ( $Ske < 2$  e  $Ku < 7$ ; Kline 1998) e no caso da ANOVA OneWay, a existência de homogeneidade de variâncias nos grupos em comparação.

Recorreu-se também a uma medida do tamanho do efeito (Effectsize) o D de Cohen [diferença entre as médias padrão (i.e., dividida pelo desvio-padrão ponderado)]. Usou-se esta medida, no sentido de averiguar, no grupo com menor número de sujeitos, a dimensão do efeito relativo à diferença entre homens e mulheres nas escalas onde o valor de p apesar de não significativo estava no limiar da significância.

Por sua vez, no estudo da Comunicação e Conflito Conjugal, o tratamento de dados foi realizado com recurso ao teste paramétrico t student para amostras dependentes. Para comparar entre os membros do casal nas dimensões da escala de comunicação e gestão de conflitos, usamos este teste porque as dimensões têm uma escala quantitativa e são normais (examinadas pelo teste de Shapiro) ou possuem um ligeiro desvio à norma ( $Skweness < 3$  and  $Kurtose < 7$ ). Utilizámos o teste não paramétrico de Wilcoxon para comparar os dois elementos do casal nos itens da MADS com escala qualitativa, tipo

ordinal, e o teste não paramétrico McNemar para compará-los nos itens dicotômicos da escala. O teste não paramétrico *MANOVA* foi utilizado para comparar grupos em diferentes fases da relação, nas dimensões de gestão de conflito, pois a normalidade necessária foi atingida ou os desvios de normalidade foram pouco severos nos diferentes grupos, assim como as dimensões possuíam correlação entre si. Usámos os testes *t student* para amostras independentes para comparar dois grupos nas dimensões de estado do conflito.

O Coeficiente de Correlação de Spearman foi utilizado para relacionar as dimensões de gestão do conflito (escala quantitativa) com as questões iniciais da MADS (escala ordinal).

No estudo da Motivação, no sentido de se compararem os sete grupos nas respostas a dois itens referentes ao grau de felicidade com a relação (escala 1- Muito infeliz a 7 – Muito Feliz) e ao grau de satisfação (escala 1 – Muito Insatisfeito a 7 – Muito satisfeito), utilizou-se o teste Kruskal-Wallis. Optou-se por esta prova não paramétrica dado a escala de resposta aos itens ser ordinal. Muitos matemáticos aceitam tratar resultados de variáveis ordinais com 7 ou mais alternativas de resposta como sendo quantitativos, aplicando estatística paramétrica, desde que os pressupostos para o seu uso, como a normalidade e a homogeneidade, estejam preenchidos (Gageiro e Pestana 2005) Neste caso constatou-se que, além de não existir normalidade, há desvios severos à mesma (skeness  $>3$  e ou kurtose  $> 7$  : Kline 1998 ). Foi também realizada uma comparação intragrupal, averiguando dentro de cada um dos sete grupos a existência de diferenças significativas entre os elementos do casal, tendo-se optado pelo teste não paramétrico Wilcoxon. Para se comparar os sete grupos nas variáveis motivação intrínseca (motivos pessoais e do parceiro) foi possível utilizar-se uma prova paramétrica (ANOVA ONE WAY), dado as variáveis em estudo serem quantitativas e os diferentes grupos terem normalidade ou desvios pouco severos nessas variáveis. Além disso, constatou-se haver homogeneidade de variâncias. Para a comparação intra grupal (sexo feminino vs masculino) dentro de cada um dos sete grupos utilizou-se o teste paramétrico *t* de student para amostras dependentes.

No estudo da Coesão e adaptabilidade os dados foram tratados com uma ANOVA ONE WAY para comparar os grupos de casais em diferentes fases do relacionamento na coesão e adaptabilidade (real e ideal), sendo esta análise feita para os elementos do casal em separado. O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças

significativas, foi o teste LSD (LeastSignificantdifference). O t student para amostras emparelhadas (Paired Sample t test) foi usado no sentido de comparar os elementos do casal na coesão e adequabilidade (real e ideal) e na discrepância entre o real e o ideal em cada dimensão. O teste t de student para amostras independentes (independent sample t teste) foi usado com o objectivo de comparar os casados e os que vivem em união de facto na coesão e adaptabilidade (real e ideal) bem como na discrepância entre o real e o ideal. Recorreu-se também a uma medida do tamanho do efeito (Effect size) : D de Cohen [diferença entre as médias standardizada (i.e., dividida pelo desvio-padrão ponderado).].

## VI. Referências

- Aboim, S. (2006). Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social, XLI* (180), 801-825. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218722486G7qLJ6ju3Yw99KV9.pdf>
- Agnew, C.R., Loving, T.J., & Drigotas, S.M. (2001). Substituting the forest for the trees: Social networks and the prediction of romantic relationship state and fate. *Journal of personality and Social*, 81 (6), 1042 – 1057. doi: 10.1037//0022-3514.81.6.1042
- Ahmadi, K., Ashrafi, S.M.N., Kimiaee, S.A., & Afzali, M.H (2010). Effect of family problem-solving on marital satisfaction. *Journal of Applied Sciences*, 10 (8), 682-687. doi: 10.3923/jas.2010.682.687
- Aimé, A., Sabourim, S., & Valois, P. (2000). L'appariement des styles de motivation et l'evolution de la satisfaction conjugale. *Revue canadienne des sciences du comportement*, 32(3),178-186. doi : 10.1037/h0087114
- Arellano, C., & Markman, H. (1995). The managing affect and differences scale (MADS): A self-report measure assessing conflict management in couples. *Journal of Family Psychology*, 9 (3), 319 – 334. doi: 10.1037/0893-3200.9.3.319
- Armenta-Hurtarte, C., Sánchez-Aragón, R., & Díaz-Loving, R. (2012). De qué manera el contexto afecta la satisfacción con la pareja? *Suma Psicológica*, 19 (2), 51 – 62. doi: 10.14349/sumapsi2012.1230

- Bailey, R., & Price, J. (1978). Perceived physical attractiveness in married partners of long and short duration. *The Journal of Psychology*, 99, 155-161. doi: 10.1080/00223980.1978.9921456
- Baiocco, R., Cacioppo, M., Laaghi, F., & Tafà, M. (2013). Factorial and construct validity of FACES IV among Italian adolescents. *Journal of Child & Family Studies*, 23, 962-970. doi: 10.1007/s10826-012-9658-1
- Baucom, D.H., Epstein, N., Rankin, L.A., & Burnett, C.K. (1996). Assessing relationship standarts: The inventory of specific relationship standards. *Journal of Family Psychology*, 10(1), 72-88. doi: 10.1037/0893-3200.10.1.72
- Bernstein, D., (1990). Of carrots and sticks: a review of Deci and Rayan's intrinsic motivation and self-determination in human behaviour. *Journal of the Experimental Analysis of Behaviour*, 54 (3), 323 – 332. doi: 10.190/jeab.1990.54-323
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples. Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15 (3), 175 – 184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Birchler, G., Weiss, R., & Vicent, J. (1975). Multimethod analysis of social reinforcement exchange between martially distressed and nondistressed spouse and stranger dyads. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31(2), 349-360. doi: 10.1037/h0076280
- Birchler, G.R., & Webb, L.J. (1977). Discriminating interaction behaviours in happy and unhappy marriage. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 45(3), 341-343. doi: 10.1037/0022-006X.45.3.494
- Blais, M., Sabourin, S., Boucher, C. & Vallerand, R. (1990). Toward a motivational model of couple happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (5), 1021-1031. doi: 10.1037/0022-3514.59.5.1021
- Boden, J.S., Fisher, J.L., & Niehuis, S. (2010). Predicting marital adjustment from young adults' initial levels and changes in emotional intimacy over time: A 25-year longitudinal study. *Journal of Adult Development*, 17, 121 – 134. doi: 10.1007/s10804-009-9078-7

- Boyd, L.A. & Roach, A. J. (1977). Interpersonal communication skills differentiating more satisfying from less satisfying marital relationship. *Journal of Counselling Psychology*, 24 (6), 540-542. doi: 10.1037/0022-0167.24.6.540
- Bradbury, T.N., & Fincham, F.D. (1992). Attributions and behaviour in marital interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63 (4), 613-628. doi: 10.1037/0022-3514.63.4.613
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life-cycle: A framework of family therapy* (2<sup>nd</sup> ed.). Boston: Ally & Bacon
- Caughlin, J.P., & Huston, T.L. (2002). A contextual analysis of the association between demand-withdraw and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 9 (2002), 95–119. doi: 10.1111/1475-6811.00007
- Chi, P., Epstein, N., Fang, X., Lam, D.O.B., & Li, X. (2013). Similarity of relationship standards, couple communication patterns, and marital satisfaction among Chinese couples. *Journal of Family Psychology*, 27 (5). 806 – 816. doi: 10.1037/a0034113
- Cordova, J.V, Gee, C.B., & Warren, L.Z. (2005). Emotional skilfulness in marriage: Intimacy as a mediator of the relationship between emotional skilfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(2), 218 – 235. doi: 10.1521/jscp.24.2.218.62270
- Dandurand, C. & Lafontaine, M.F. (2013). Intimacy and couple satisfaction: The moderating role of romantic attachment. *International Journal of Psychological Studies*, 5(1), 74 – 90. doi: 10.5539/ijps.v5n1p74
- Deci, E., & Ryan, R.M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and self-determination of behaviour. *Psychological Inquiry*, 11 (4), 227-268. doi: 10.1207/S15327965PLI1104\_01
- Deci, E.L. & Ryan, R.M. (2008). Facilitating Optimal Motivation and Psychological Well-Being Across Life’s Domains. *Canadian Psychology*, 49, (1) 14 – 23. doi: 10.1037/0708-5591.49.1.14
- Driver, J. & Gottman, J.M. (2004). Daily marital interactions and positive affect during marital conflict among newlywed couples. *Family Process*, 43 (3), 301 – 314. doi: 10.1111/j.1545-5300-2004-00024.x



- Eldridge, K., Sevier, M., Jones, J., Atkins, D., & Christensen, A. (2007). Demand-Withdrawal communication in severely distressed, moderately distressed, and nondistressed couples: Rigidity and polarity during relationship and personal problem discussions. *Journal of Family Psychology*, 21 (2), 218 – 226. doi: 10.1037/0893-3200.21.218
- Faulkner, R.A., Davey, M., & Davey, A. (2005). Gender-related predictors of change in marital satisfaction and marital conflict. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 61-83. doi: 10.1080/01926180590889211
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2017). Numero de divórcios por 100 casamentos – Europa. Retirado de <http://www.pordata.pt/Europa/N%C3%BAmero+de+div%C3%B3rcios+por+100+casamentos-1566>
- Gaine, G. & La Guardia, J. (2009). The unique contributions of motivations to maintain a relationship and motivations toward relational activities to relationship well-being. *Motivation & Emotion*, 33, 184-202. doi: 10.1007/s11031-009-9120-x
- Giddens, A. (2001). *Transformações da intimidade. Sexualidade, amor e erotismos nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora
- Gordon, C.L. & Baucom, D.H. (2009). Examining the individual within the marriage: Personal strengths and relationship satisfaction. *Personal Relationships*, 16, 421 – 435. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01231.x
- Gottman, J.M. (1993). A theory of marital dissolution and stability. *Journal of Family Psychology*, 7 (1), 57-75. doi: 10.1037/0893-3200.7.1.57
- Gottman, J.M., & Levenson, R.W. (1992). Marital processes predictive of later dissolution: Behavior, physiology, and health. *Journal of personality and Social Psychology*, 63(2), 221-233. doi:10.1037/0022-3514.63.2.221
- Haley, J. (1984). *Un Thérapeute hors du Commun, Milton Erickson*. Paris, France: ÉPI.
- Halford, K., Nicholson, J., Sanders, M. (2007). Couples communication in stepfamilies. *Family Process*, 46, 471- 483. doi: 10.1111/j.1545-5300.2007.00226.x
- Helms, H.M., Walls, J.K., Crouter, A.C., & McHale, S.M. (2010). Provider role attitudes, marital satisfaction, role overload and housework: A dyadic approach. *Journal of Family Psychology*, 24 (5), 568-577. doi: 10.1037/a0020637

- Henderson, A.D., Sayger, T.V., & Horne, A.M. (2003). Mothers and sons: A look at the relationship between child behavior problems, marital satisfaction, maternal depression, and family cohesion. *The Family Journal: Counseling and therapy for couples and family*, 11, 33-41. doi: 10.1177/1066480702238469
- Hetherington, E.M. (1993). An overview of the Virginia longitudinal study of divorce and remarriage with a focus on early adolescence. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 39-56. doi: 10.1037/0893-3200.7.1.39
- Heyman, R., Hunt-Martorano, A., Malik, J. & Smith Slep, A., (2009). Desired change in couples: Gender differences and effects on communication. *Journal of Family Psychology*, 23 (4), 474 – 484. doi: 10.1037/a0015980
- Holtzworth-Munroe, A., & Jacobson, N.S. (1985). Casual attributions of married couples: When do they search for causes? What do they conclude when they do? *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(6), 1398-1412. doi:10.1037/0022-3514.48.6.1398
- Houts, R.M., Barnett-Walker, K.C., Paley, B., & Cox, M.J. (2008). Patterns of couple interaction during the transition to parenthood. *Personal Relationships*, 15, 103-122. doi:10.1111/j.1475-6811.2007.00187.x
- Huston, T.L., & Vangelisti, A.L. (1991). Socio-emotional behaviour and satisfaction in marital relationships: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (5), 721-733. doi: 10.1037/0022-3514.61.5.721
- Impett, E., Gable, S., & Peplau, A. (2005). Giving up and giving in: The cost and benefits of daily sacrifice in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89 (3), 327 – 344. doi: 10.1037/0022-3514.89.3.327
- Impett, E., Gordon, A., Kogan, A., Oveis, C., Gable, S. & Keltner, D. (2010). Moving toward more perfect unions: daily and long-term consequences of approach and avoidance goals in romantic relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99 (6), 948 – 963. doi: 10.1037/a0020271
- James, S. & Hunsley, J. (1995). The marital adaptability and cohesion evaluation scale III: Is the relation with marital adjustment linear or curvilinear? *Journal of Family Psychology*, 9(4), 458-462. doi: 10.1037/0893-3200.9.4.458

- Johnson, M.D., Cohan, C.L., Davila, J., Lawrence, E., Rogge, R.D., Karney, B.R., Sullivan, K., & Bradbury, T. (2005). Problem-Solving Skills and Affective Expressions as Predictors of Change in Marital Satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73* (1), 15 – 27. doi: 10.1037/10022-006X.73.1.15
- Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin, 118*(1), 3-34. doi:10.1037/0033-2909.118.1.3
- Karney, B.R., & Frye, N.E. (2002). “But we’ve getting lately”: Comparing prospective and retrospective views of relationship development. *Journal of Personality and Social Psychology, 82*(2), 222-238. doi: 10.1037/0022-3514.82.2.222
- Kline, G.H., Stanley, S.M., Markman, H.J., Olmos-Gallo, P.A., Peters, M.St., Whitton, S.W., & Prado, L.M. (2004). Timing is everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for marital outcomes. *Journal of Family Psychology, 18* (2), 311-318. doi: 10.1037/0893-3200.18.2.311
- Knee, R., Patrick, H., Vietor, N., Nanayakkara, A. & Neighbors, C. (2002). Self-determination as growth motivation in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin, 28* (5), 609 – 619. doi: 10.1177/0146167202288005
- Knowles, S.J. (2004). Marital Satisfaction, shared leisure and leisure satisfaction in married couples with adolescents. Master Dissertation, Faculty of the Graduate College of the Oklahoma State University, Edmond, Oklahoma, USA.
- Kogan, A., Impett, E., Oveis, C., Hui, B., Gordon, A. & Keltner, D. (2010). When gives feels good: The intrinsic benefits of sacrifice in romantic relationships for the communally motivated. *Psychological Science, 21* (12), 1918 – 1924. doi: 10.1177/0956797610388815
- Kouneski, E.F. (2000). *The family circumplex model, FACES II and FACES III: Overview of research and applications*, St. Paul, MN: University of Minnesota, Twin Cities
- Kurdeck, L.A. (1991). Predictors of increases in marital distress in newlywed couples: a 3-year prospective longitudinal study. *Developmental Psychology, 27*(4), 627-636. doi: 10.1037/0012-1649.27.4.627

- Lavner, J., Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (2014). Relationship problems over the early years of marriage: Stability or Change? *Journal of Family Psychology*, 28(6), 979-985. doi: 10.1037/a0037752
- Lavner, J., Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (2014). Relationship problems over the early years of marriage: Stability or Change? *Journal of Family Psychology*, 28(6), 979-985. doi: 10.1037/a0037752
- Lawrence, E., Pederson, A., Bunde, M., Barry, R.A., Brock, R.L., Fazio, E., (...), Dzankovic, S. (2008). Objective ratings of relationship skills across multiple domains as predictors of marital satisfaction trajectories. *Journal of Social and Personal Relations*, 25(3), 445-466. doi: 10.1177/0265407508090868
- Leopold, T. & Skopek, J. (2016). Retirement and changes in housework: A panel study of dual earner couples. *SOEPpapers on Multidisciplinary Panel Data Research*, 837. <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/137583/1/858201844.pdf>
- Leslie, L.A. & Anderson, E.A. (1988). Men's and women's participation in domestic roles: Impact on quality of life and marital adjustments. *Journal of Family Psychology*, 2 (2), 212 – 226. doi: 10.1037/h0080494
- Levinger, G. (1966). Source of marital dissatisfaction among applicants of divorce. *American Journal of Orthopsychiatry*, 36(5), 803 – 807. doi: 10.1111/j.1939-0025.1966.tb02407.x
- Li, N.P., Bailey, J.M., Kedrick, D.T., & Linsenmeier, J.A.W. (2002). The necessities and luxuries of mate preferences: Testing the tradeoffs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 947-955. doi: 10.1037/0022-3514.82.6.947
- Li, N.P., Yong, J.C., Tov, W., Sng, O., Fletcher, G.J.O., Valentine, K.A., Jiang, Y.F., & Balliet, D. (2013). Mate preferences do predict attraction and choices in the early stages of mate selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(5), 757-776. doi: 10.1037/a0033777
- Li, T. & Fung, H.H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15 (3), 246 – 254. doi: 10.1037/a0024694
- Markman, H. J., Floyd, F. J., & Dickson-Markman, F. (1983). Toward a model for the prediction and prevention of marital and family distress and dissolution. In S.

- Duck (Ed.), *Personal relationships 4: Dissolving personal relationships*. London: Academic Press.
- Markman, H.J., Renick, M.J., Folyd, F.J., Stanley, S.M., & Clements, M. (1993). Preventing marital distress through communication and conflict management training: A 4- and 5-year follow-up. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61 (1), 70 – 77. doi: 0.1037/0022-006X.61.1.70
- Mathis, R. D., & Tanner, Z. (1991). Cohesion, adaptability, and satisfaction of family systems in later life. *Family Therapy*, 18, 47-60.
- McCabe, M.P. (1999). The interrelationship between intimacy, relationship functioning and sexuality among men and women in committed relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 8(1), 31 – 38. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=23&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>
- McNulty, J.K., Neff, L.A., & Karney, B.R. (2008). Beyond initial attraction: physical attractiveness in newlywed marriages. *Journal of Family Psychology*, 22 (1), 135 – 143. doi: 10.1037/0893-3200.22.1.135
- Meltzer, A.L., McNulty, J.K., Jackson, G.L., & Karney, B.R. (2014). Sex differences in the implications of partner physical attractiveness for trajectory of marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(3), 418-428. doi: 10.1037/a0034424
- Meza-de-Luna, M.E., & Romero-Zepeda, H. (2013). Areas of conflict in the intimate couple. *Trames*, 17 (1), 87-100. doi: 10.3176/tr.2013.1.04
- Mirecki, R.M., Brimhall, A.S., & Bramesfeld, K.D. (2013). Communion during conflict: Differences between individuals in first and second marriage. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(3), 1997-213. doi:10.1080/10502556.2013.773798
- Mirgain, S.A. & Cordova, J.V. (2007). Emotion skills and marital health: the association between observed and self-reported emotion skills, intimacy, and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(9), 983 – 1009. doi:10.1521/jscp.2007.26.9.983
- Missildine, W., Feldstein, G., Punzalan, J. & Parsons, J. (2005). S/he loves me, s/he loves me not: questioning heterosexist assumptions of gender differences for romantic

- and sexually motivated behaviours. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 12, 65-74.  
doi: 10.1080/10720160590933662
- Narciso, I. & Costa, M.E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130
- Narciso, I. (1994/95). Metamorfoses do amor e da satisfação conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 129 – 139
- Narciso, I. (2001). Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: à procura do padrão que liga. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Neighbourgh, R.H. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 78 (8), 11 – 15. Retrieved from [http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth\\_ed.pdf](http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth_ed.pdf)
- Noller, P. & Shum, D. (1990). The couple version of FACES-III: Validity and Reliability. *Journal of Family Psychology*, 3(4), 440-451. doi:10.1037/h0080548
- Olson, D.H., Portner, J. & Lavee, Y. (1985). *Faces III*. Family Social Science- University of Minnesota. St. Paul, Minnesota: United States
- Olson, D.H. (1985) Circumplex Model of Families. In Olson, D., Mc Cubbin, H.I., Barnes, H.L., Larsen, A.S., Muxen, M.J. & Wilson, M.A. (eds.), *Families – What Makes Them Work*. (pp. 47-80). London: Sage Publications.
- Olson, D.H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167. doi: 10.1111/1467-6427.00144
- Olson, D.H., & Gorll, D.M. (2003). Circumplex model of marital of family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3rd ed., pp. 514-547). New York, NY: Guilford
- Patrick, H., Knee, C.R., Lonsbary, C., & Canevello, A. (2007) The Role of Need Fulfillment in Relationship Functioning and Well-Being: A Self-Determination Theory Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (3), 434–457. doi: 10.1037/0022-3514.92.3.434
- Patrick, H., Knee, C.R., Lonsbary, C., & Canevello, A. (2007) The Role of Need Fulfillment in Relationship Functioning and Well-Being: A Self-Determination

- Theory Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (3), 434–457. doi: 10.1037/0022-3514.92.3.434
- Pérez, I. & Estrada, S. (2006). Intimidad y comunicación en cuatro etapas de la vida de pareja: su relación con la satisfacción marital. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología*, 12 (2), 133 – 163. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=28&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>
- Rauer, A.J. & Volling, B.L. (2005). The role of husbands' and wives' emotional expressivity in marital relationship. *Sex Roles*, 52(9/10), 577 – 587. doi: 10.1007/s11199-005-3726-6
- Rehman, U.S. & Holtzworth-Munroe, A. (2007). A cross-cultural examination of the relation of marital communication behaviour to marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 21 (4), 759-763. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.759
- Rehman, U.S., Janssen, E., Newhouse, S., Heiman, J., Holtzworth-Munroe, Fallis, E., & Rafaeli, E. (2011). Marital satisfaction and communication behaviours during sexual and nonsexual conflict discussions in newlywed couples: A pilot study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37, 94-103. doi: 10.1080/0092623X.2011.547352
- Relvas, A.P. (2004). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento
- Rempel, J.K., Holmes J.G., & Zanna, M.P. (1985). Trust in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1) 95–112. doi: 10.1037/0022-3514.49.1.95
- Rhoades, G.K. & Stocker, C.M. (2006). Can spouses provide knowledge of each other's communication patterns? A Study of self-reports, spouses' reports, and observational coding. *Family Process*, 45 (4), 499 – 511. doi: 10.1111/J.1545-5300.2006.00185.x
- Roach, A.J., Frazier, L.P., & Bowden, S.R. (1981). The marital satisfaction scale: Development of a measure for intervention research, *Journal of Marriage and Family* 43(3), 537-546

- Sakalli-Ugurlu, N. (2003). How do romantic relationship satisfaction, gender stereotype, and gender relate to future time orientation in romantic relationships? *The Journal of Psychology*, 137 (3), 294 – 303. doi: 10.1080/00223980309600615
- Sanford, K. (2003). Problem-solving conversations in marriage: Does it matter what topics couples discuss?. *Personal Relationship*, 10, 97 – 112. doi: 10.1111/1475-6811.00038
- Sardinha, A., Falcone, E.M.O., & Ferreira, M.C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 25 (3), 395 – 402. doi: 10.1590/S0102-37722009000300013
- Seligman, C., Fazio, R.H., & Zanna, M.P. (1980). Effects of Salience of Extrinsic Rewards on Liking and Loving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, (3) 453-460. doi: 10.1037/0022-3514.38.3.453
- Shek, D.T.L. (2002). Family Functioning and Psychological Well-Being, School Adjustment, and Problem Behavior in Chinese Adolescents with and without Economic Disadvantage. *The Journal of Genetic Psychology*, 163(4), 497-502. doi: 10.1080/00221320209598698
- Sheras, P.L., & Koch-Sheras, P. (2006). Communication. In P.L. Sheras & P. Koch-Sheras. *Couple power therapy: Building commitment, cooperation, communication and community in relationships*. (pp. 119 - 150). American Psychological Therapy
- Stanley, S., Markman, H., & Whitton, S. (2002). Communication, conflict and commitment: Insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family Process*, 41 (4). doi: 10.1111/j.1545-5300.2002.00659.x
- Stephen, C., & John Michel Raj, S. (2014). U-shaped curve of marital satisfaction: an Indian scenario. *Research Horizons*, 4, 176-183.
- Sternberg, R.J., & Barnes, M.L. (1985). Real and ideal others in romantic relationships: Is four a crowd? *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(6), 1586-1608. doi:10.1037/0022-3511.49.6.1586
- Storaasli, R., & Markman, H. (1990). Relationship problems in early stages of marriage: A longitudinal investigation. *Journal of Family Psychology*, 4 (1), 80-98. doi: 10.1037/0893-3200.4.1.80



- Thompson, L. (1988). Women, men, and marital quality (Comment). *Journal of Family Psychology*, 2(1), 95-100. doi: 10.1037/h0080478
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D.A., Chen, M.D., & Campbell, A.M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital Quality. *Social Forces*, 84(1), 487-505. doi: 10.1353/sof.2005.0131
- Vanassche, S., Swicegood, G., & Matthijs, K. (2013). Marriage and children as a key to happiness? Cross-national differences in the effect of marital status and children on well-being. *Journal of Happiness Studies*, 14, 501-524. doi: 10.1007/s10902-012-9340-8
- Vandeleur, C.L., Jeanpretre, N., Perez, M., & Schoebi, D. (2009). Cohesion, satisfaction with family bonds, and emotional well-being in families with adolescents. *Journal of Marriage and Family*, 71, 1205-1219. doi: 10.1111/j.1741-3737.2009.0066.x
- Voorpostel, M., Van der Lippe, T., & Gershuny, J. (2010). Spending time together – Changes over four decades in leisure time spent with a spouse. *Journal of Leisure Research*, 42 (2), 243 – 265. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.472.6279&rep=rep1&type=pdf>
- Waldemar, J.O.C.(1998). Terapia de Casal. In: Cordoli, A.V. (1998). *Psicoterapias - Abordagens Actuais*. Porto Alegre Brasil: Artes Médicas.
- Walsh, V., Baucom, D.H., Tyler, S., & Sayers, S.L. (1993). Impact of message valence, focus, expressive style, and gender on communication patterns among maritally distressed couples. *Journal of Family Psychology*, 7 (2), 163-175. doi: 10.1037/0893-3200.7.2.163
- Williamson, H.C, Hanna, M.A., Lavner, J.A., Bradbury, T.N., & Karney, B.R. (2013). Discussion topic and observed behaviour in couples' problem-solving conversations: Do problem severity and topic choice matter? *Journal of Family Psychology*, 27(2), 330-335. doi:10.1037/a0031534
- Wunderer, E., & Schneewind, K.A. (2008). The relationship between marital standards, dyadic coping and marital satisfaction. *European Journal of Social Psychology*, 38, 462 – 476. doi: 10.1002/ejsp.405

- Yahav, R. (2002). External and internal symptoms in children and characteristics of the family system: a comparison of the linear and circumplex models. *The American Journal of Family Therapy*, 30, 39-56. doi: 10.1080/019261802753455633
- Yeh, H.C., Lorenz, F.O., Wickrama, K.A.S., Conger, R., Elder Jr., G.H. (2006). Relationships among sexual satisfaction, marital quality, and marital instability at midlife. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 339 – 343. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.339

## **VII.Secção Empírica**

### **Artigo 1**

Abreu Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. Satisfação conjugal ao longo do ciclo de vida.

### **Artigo 2**

Abreu Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. Comunicação e Gestão de Conflitos em Relações Conjugais ao longo do Ciclo de Vida

### **Artigo 3**

Abreu Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. Comunicação e Gestão de Conflitos no Ciclo de Vida do Casal: as Diferenças de Género

### **Artigo 4**

Abreu Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. (2015). Motivation for Conjugality in Couples Life Cycle and Its Relation to Happiness and Satisfaction. *Psychology*, 6(11), 1394 - 1412. doi: 10.4236/psych.2015.611136

### **Artigo 4**

Abreu Afonso, J., Leal, I., & Proença, V. Coesão, Adaptabilidade e Género ao longo do Ciclo Conjugal

## **Artigo 1 - Satisfação conjugal ao longo do ciclo de vida**

(Artigo submetido para publicação)

José de Abreu-Afonso, Isabel Leal, Vera Proença

Ispa-IU, Lisboa, Portugal

Correspondência: jaa@ispa.pt

**Resumo:** Neste artigo estudou-se a satisfação dos casais ao longo do ciclo de vida. A satisfação foi considerada quer globalmente, quer dividida nos factores Amor e Funcionamento, cada um dos quais composto por cinco áreas: sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade do relacionamento, características físicas e psicológicas do parceiro, bem como, funções e papéis, tempo livre, autonomia e privacidade, comunicação e conflito, e relações extra-familiares. Utilizou-se para tal a EASAVIC (Narciso & Costa, 1996), aplicada a uma amostra de 185 casais heterossexuais, correspondendo a 7 grupos de diferentes fases da vida conjugal.

No tratamento de dados, os testes inferenciais utilizados foram: ANOVA ONE WAY para comparar os grupos de casais em diferentes fases do relacionamento nas dimensões da Satisfação Global, no Amor e no Funcionamento. O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças significativas, foi o LSD (LeastSignificantdifference). O t student para amostras emparelhadas (Paired Sample t test) foi usado para comparar os elementos do casal nas dimensões da escala EASAVIC e para comparar o total do Amor e o total do Funcionamento, em ambos os sexos.

Os resultados confirmam a existência de diferenças, pequenas, mas importantes, quando se comparam géneros e ciclo de vida. A Satisfação Global revelou valores mais elevados antes da parentalidade, e uma variação semelhante em homens e mulheres. Ao longo do casamento, a dimensão Amor, nas mulheres, varia numa maior quantidade de áreas. Em todas as fases do casamento, a satisfação apresenta valores semelhantes entre homens e mulheres, com excepção dos casais sem filhos, onde as mulheres apresentam maior satisfação do que os homens. O Amor tem uma maior influência na Satisfação Global dos Casais do que o Funcionamento.

**Palavras-Chave:** satisfação, conjugalidade, ciclo de vida do casal

## 1. Introdução

O estudo das relações conjugais tem mostrado que sujeitos casados são, regra geral, mais saudáveis e felizes (Vanassche, Swicegood, & Matthijs, 2013). No entanto, embora as pessoas tendam a casar-se, a maior parte das uniões, primeiras ou seguintes, terminam em divórcio, principalmente devido a níveis baixos de satisfação conjugal, ou seja, a uma baixa “avaliação subjectiva global que a pessoa faz da qualidade do seu casamento” (Li & Fung, 2011, p.246), ou de uma relação amorosa de longa duração.

As interações entre parceiros são moduladas por diversas variáveis, que não só intervêm no resultado da relação, mas também no nível de satisfação conjugal (McNulty & Russell, 2010).

Um dos factores que parece influenciar a satisfação conjugal é a fase do ciclo vital em que os parceiros se encontram. A transição para a parentalidade apresenta-se como um período de extrema importância, trazendo consigo várias mudanças na dinâmica do casal e, consequentemente, aumentando o *stress*. De forma geral verifica-se um decréscimo na satisfação conjugal com o aumento do tempo de relação (Karney & Bradbury, 1995), apresentando-se mais elevada nos anos iniciais, diminuindo após um período de 10 a 20 anos e aumentando no período seguinte (Stephen & John Michel Raj, 2014).

Mas os resultados da investigação estão longe de ser unânimes quanto a esta questão e às suas causas. Nos trabalhos desenvolvidos por Karney e Frye (2002), utilizando avaliação retrospectiva, os casais mencionam um decréscimo nos níveis iniciais de satisfação conjugal, mas compensam essas quedas referindo melhorias recentes. Como referem Henry, Berg, Smith, e Florsheim, (2007) algumas teorias defendem que casais com mais anos de união, vão ter sempre níveis mais elevados de satisfação, porque as uniões que não foram satisfatórias terminaram em divórcio. No entanto, a qualidade conjugal é conhecida por aumentar ao longo da relação, muito após o marco temporal onde normalmente casamentos culminaram em separação.

É olhando para o relacionamento amoroso na sua criação permanente que podemos avaliar a maior ou menor satisfação conjugal, cuja natureza individual e pouco objectiva não facilita este trabalho. Pode ser “apenas uma reflexão do quão feliz uma

pessoa é no casamento, ou pode ser uma composição da satisfação com várias facetas da relação conjugal” (Ahmadi, Ashrafi, Kimiaee, & Afzali, 2010, p.1), tal como na definição proposta por Thompson, (1988, p.95), uma “avaliação pessoal e subjectiva da conjugalidade, quer em relação ao amor, quer ao funcionamento conjugal”. Narciso e Costa (1996), estudaram a relação entre a satisfação conjugal geral e a satisfação conjugal em diferentes áreas de vida do casal, assumindo duas dimensões fundamentais. Assim, definiram o Funcionamento Conjugal pela “forma como as relações conjugais e/ou as estabelecidas no hólón familiar se organizam e regulam, bem como as relações com os sistemas familiares e extra-familiares” (p.117). Já o Amor caracteriza-se pelos “sentimentos que cada um nutre pelo outro ou pela relação” (p.117). Na sua classificação, das áreas da vida conjugal o Funcionamento engloba cinco: Funções e Papéis; Comunicação e Conflito; Tempos Livres; Autonomia e Privacidade e Relações Extrafamiliares. No Amor foram também consideradas cinco áreas: Sentimentos e Expressão de Sentimentos; Sexualidade; Características Físicas e Psicológicas; Intimidade Emocional e Continuidade. No estudo das autoras, que parte deste racional conceptual e propõe um instrumento de avaliação - a EASAVIC - a satisfação em áreas relacionadas com a funcionalidade não apresenta uma influência significativa na satisfação conjugal geral.

Na literatura encontrámos resultados nem sempre coincidentes no que diz respeito à influência do género e da fase da vida do casal na satisfação conjugal.

### ***Amor***

O amor tem um papel crucial na manutenção da relação no tempo (Hendrick, Hendrick, & Adler, 1988). É comumente apontado como um bom predictor da satisfação conjugal, principalmente atendendo à diferença entre parceiros reais e ideais, mostrando-se, contudo, mais influenciado pelo sentimento em relação ao parceiro real, assim como o sentimento que neste é percebido (Sternberg & Barnes, 1985). Atendamos a uma revisão, tomando como ponto de partida as cinco áreas consideradas por Narciso e Costa (1996).

### *Sentimento e expressão de sentimentos*

Os sentimentos e a expressão de sentimentos são apontados na literatura como factores chave na manutenção das relações, especialmente na sua ligação com o aumento da satisfação conjugal (Carstensen, Gottman, & Levenson, 1995). A compreensão e validação do cônjuge promove sentimentos de aceitação, valorização e felicidade, melhorando consequentemente a satisfação na díade (Gordon & Baucom, 2009; Sardinha, Falcone, & Ferreira, 2009). Mas expressar sentimentos e necessidades, por si só, não é suficiente para melhorar a satisfação (Sardinha et al., 2009).

Por outro lado, a expressão de afecto negativo e a intensidade do conflito apresentam uma relação inversa com satisfação conjugal (Huston & Vangelisti, 1991), podendo levar ao fracasso das relações amorosas.

O género é apontado como uma variável importante, quando se considera a expressão emocional. Usualmente as mulheres são caracterizadas como o parceiro mais expressivo, manifestando diferentes tipos de emoções com maior facilidade (Rauer & Volling, 2005), assim como apresentando maior preferência pela proximidade emocional e interdependência (Boden, Fisher, & Niehuis, 2010). Nas mulheres, uma boa comunicação, assim como a percepção do parceiro como bom ouvinte e disposto a revelar-se, são preditores significativos de satisfação conjugal (Davis & Oathout, 1987). Por outro lado, a dificuldade masculina em expressar emoções origina um pobre ajustamento conjugal nas mulheres, tal não se verificando perante a mesma dificuldade feminina (Cordova, Gee, & Warren, 2005).

### *Intimidade*

A intimidade emocional está fortemente relacionada com sentimentos de proximidade e ligação, tornando-se uma das bases do amor. Leva a resultados positivos pois cria vínculos significativos e satisfatórios (Greeff & Malherbe, 2001; Laurenceau, Kleinman, Kaczynski, & Carver, 2005), tornando-se importante para o ajustamento e bem-estar da pessoa (Cordova et al., 2005). Embora se trate de uma questão controversa e nem sempre consensual (Pérez & Estrada, 2006; Rauer & Volling, 2005), as fases da intimidade de um casal parecem estar estreitamente relacionadas com o seu ciclo conjugal (Pérez & Estrada, 2006).

As mulheres apresentam uma maior facilidade em expressar e lidar com as emoções (Mirgain & Cordova, 2007; Rauer & Volling, 2005). Por sua vez, a dificuldade masculina em expressar emoções (Cordova et al, 2005) e empatia (Mirgain & Cordova, 2007) leva o sexo a ser o melhor preditor masculino da satisfação conjugal (Lawrence et al., 2008). Contudo, alguns estudos têm mostrado que homens e mulheres não apresentam tantas diferenças quanto se pensava na expressão de emoções (Cordova et al., 2005) e outros não chegaram mesmo a encontrar diferenças de género para a intimidade e a satisfação conjugal (Dandurand & Lafontaine, 2013).

### *Sexualidade*

A satisfação sexual e a intimidade física, por outro lado, permitem atingir o compromisso e a estabilidade necessários num relacionamento, aumentando a sua satisfação (Burke & Young, 2012). Mesmo com significado diferente para homens e mulheres, o sexo e a satisfação sexual são essenciais para o crescimento da relação conjugal (Yeh, Lorenz, Wickrama, Conger & Elder Jr., 2006), pois permitem a aproximação emocional, a auto-revelação e sentimentos de união (Dandurand & Lafontaine, 2013), influenciando positivamente a satisfação e a felicidade (Yeh et al., 2006).

Ao longo da relação podem ser apontados diversos factores que exercem influência na sexualidade, por exemplo a gravidez e o pós-parto. Na entrada para a parentalidade, as mães tendem a apresentar menor satisfação sexual comparativamente com seus companheiros (Nezhad & Goodarzi, 2011). Mais tarde, na meia-idade, valores mais elevados de satisfação sexual estão positivamente relacionados com a qualidade conjugal futura. No entanto, o inverso não é verdadeiro: a qualidade conjugal precoce não é factor predictor da satisfação sexual posterior (Yeh et al., 2006). Por outro lado, nos casamentos de longo prazo, há estudos que apontam, a intimidade emocional, a comunicação e o companheirismo positivamente ligados à satisfação conjugal. A satisfação conjugal e sexual, a comunicação e o conflito são influenciados pela intimidade, comportamentos e atitudes sexuais (McCabe, 1999). Contudo, o aumento da intimidade pode não representar um aumento do desejo sexual. O desejo sexual pode também diminuir com o crescimento psicológico do relacionamento e a dependência dos parceiros (Kingsberg, 2000).



### *Continuidade da Relação*

Projectos e expectativas sobre a continuidade do relacionamento desempenham um papel importante na satisfação dos casais. Todavia, os estudos nesta área mostram resultados nem sempre congruentes. A presença de uma maior preocupação com o futuro da relação aparece associada quer a um decréscimo da satisfação conjugal (Öner, 2000, 2001), quer a valores mais elevados da mesma (Sakalli-Ugurlu, 2003). Öner (2000) distingue entre antecipar e planear o futuro de uma relação - que parece ter um efeito nocivo sobre a satisfação - e a orientação futura em geral - cujo efeito é positivo e leva a um relacionamento mais estável.

As mulheres mostram-se mais orientadas para o futuro do que os homens, dando-lhe mais importância e procurando relacionamentos permanentes, exibindo uma maior preocupação com o futuro da relação e com a família. Tal parece ser justificável por factores socio-educacionais e diferenças nos papéis de género (Öner, 2001; Sakalli-Ugurlu, 2003).

Mesmo sem valor preditivo, os casais recém-casados são mais otimistas em relação ao futuro e às mudanças no relacionamento. No entanto, as mulheres parecem basear a sua previsão em fatores não tão aleatórios como os homens (Lavner, Karney, & Bradbury, 2013).

### *Características Físicas e Psicológicas*

As características físicas são a primeira forma de conhecimento que uma pessoa tem de outra, podendo servir de base à relação. Contudo, a sua influência na satisfação conjugal parece variar com o género. Estudos apontam que os homens dão mais importância à atratividade, enquanto as mulheres o fazem ao *status* e recursos (Li, Bailey, Kenrick, & Linsenmeier, 2002; Li et al., 2013). A satisfação feminina com a atratividade do homem parece diminuir com o aumento da duração do casamento, enquanto a satisfação masculina com atratividade da mulher tende a ser mantida ao longo do tempo (Bailey & Price, 1978).

No trabalho de Mettler, McNulty, Jackson e Karney (2014) homens com companheiras mais atraentes eram mais satisfeitos desde o início da relação e durante

pelo menos os quatro anos seguintes. Por outro lado, as mulheres apresentaram níveis de satisfação relativamente estáveis, independentemente da atractividade dos companheiros. Já o trabalho de McNulty, Neff, e Karney (2008) mostra que ambos os membros do casal têm comportamentos mais positivos quando a as mulheres são mais atraentes que os homens. Em oposição, quando a atractividade masculina é maior, os comportamentos são mais negativos. A atractividade é, assim, um factor relevante para a satisfação conjugal, principalmente quando as esposas são mais atraentes que os seus companheiros, provocando uma maior influência na satisfação masculina e consequentemente sendo um bom predictor desta (McNulty, et al., 2008; Meltzer, et al., 2014).

As características psicológicas como a inteligência e a bondade influenciam igualmente a satisfação conjugal e ambos os géneros lhes dão igual importância (Li et al., 2002).

### ***Funcionamento***

Por funcionamento entendemos a forma de organização, estruturação e ajustamento nas relações amorosas. Incluímos aqui o que se refere ao sistema conjugal e à família, mas também aos sistemas extra-familiares. Vejamos o que a literatura nos mostra.

### ***Funções e Papéis***

A satisfação conjugal é maior quando ambos os parceiros são congruentes nas suas atitudes em relação aos papéis de provedores, e têm também uma divisão mais semelhante e justa das tarefas domésticas (Helms, Walls, Crouter, & McHale, 2010). Actualmente, as mulheres têm uma maior contribuição para as finanças da família e enfrentam mais desafios relacionados com a família e o trabalho. Por outro lado, os maridos apresentaram maior participação no trabalho doméstico (Rogers & Amato, 2000). Não parece ser a divisão do trabalho doméstico em si, mas sim a percepção de justiça nessa divisão, em muito ligada às horas que cada parceiro despende nas tarefas domésticas, que exerce influência na felicidade e satisfação do casal, principalmente para as mulheres, (Ruppanner, 2008). Essa percepção é influenciada por diversos factores, entre os quais os papéis de género. As mudanças no casamento ao longo dos anos têm vindo a conduzir a uma adaptação dos papéis no casamento. Os mais recentes parecem

ser mais igualitários que os mais antigos. No entanto, mulheres que passam mais tempo a trabalhar fora de casa podem sentir menor satisfação, possivelmente porque entre o trabalho e a assistência à casa e aos filhos, têm menor disposição para o parceiro (Leslie & Anderson, 1988).

A divisão do trabalho doméstico altera com o envelhecimento do casal, especialmente durante a reforma, onde o primeiro membro do casal a reformar-se passa a ser o mais responsável pelas tarefas domésticas, quer seja o homem, ou a mulher (Leopold & Skopek, 2016).

### *Tempos Livres*

Os casais tendem a avaliar o tempo que passam juntos como uma questão importante para a manutenção relacionamento (Knowles, 2004) e preservação da alta qualidade da relação (Aron, Norman, Aron, McKenna, & Heyman, 2000). No entanto, os resultados das pesquisas nem sempre têm sido congruentes, tal como observamos nos resultados de Berg, Trost, Schneider e Allison (2001) e Brassard e Lussier (2008), onde o tempo passado em conjunto não influenciou a satisfação, ou influenciou apenas a dos homens.

As mudanças na estrutura dos casamentos, levaram a mudanças na forma como os casais aproveitam o tempo livre, cada vez mais restrito quando ambos os parceiros têm trabalho remunerado e partilham as tarefas domésticas, existindo uma acentuada dificuldade em combinar horários de trabalho e família. Contudo, os casais mais recentes apresentam mais tempo de lazer em conjunto, comparativamente com os casais que se encontravam na mesma fase do casamento há mais de quarenta anos (Voorpostel, Van der Lippe, & Gershuny, 2009, 2010).

Existe um decréscimo no tempo de lazer do casal com filhos (Voorpostel, et al., 2010). Após a parentalidade, as mulheres referem ter menos tempo de lazer que os companheiros, embora reportem as mesmas actividades, o que pode ser justificado pela definição de tempo de lazer que homens e mulheres têm. Para elas o tempo que passam em conjunto com os filhos parece ser visto como um dever. Contudo, o tempo partilhado, mesmo em actividade instrumentais, é percepcionado como um tempo em família, contribuindo para a manutenção da relação e da satisfação com a mesma (Claxton &

Perry-Jenkins, 2008). A satisfação com o tempo partilhado em actividades de lazer irá influenciar a satisfação (Knowles, 2004), e a intimidade conjugal (Voorpostel, et al., 2010). Este aumento poderá dever-se a sentimentos de recompensa ou mesmo à melhoria da comunicação entre o casal (Knowles, 2004).

#### *Autonomia e Privacidade*

Nas relações românticas espera-se que exista reciprocidade entre parceiros e, portanto, é esperado que ambos forneçam mutuamente suporte e autonomia. Numa relação próxima, o apoio à autonomia do parceiro levará a uma maior confiança e partilha emocional entre a díade, estando directamente relacionado com relações positivas e honestas, com maior satisfação e qualidade para ambos (Deci, La Guardia, Moller, Scheiner, & Ryan, 2006).

Quando um casal não partilha semelhanças nos padrões de privacidade, a qualidade conjugal tende a diminuir, fruto de conflitos inerentes à disputa por diferentes níveis de intimidade e ao fracasso em os alcançar (Craddock, 1994).

#### *Comunicação e Conflito*

A satisfação e a estabilidade conjugal estão ainda fortemente relacionadas com a comunicação (Markman, Renick, Floyd, Stanley, & Clements, 1993; Rehman & Holtzworth-Munroe, 2007). As competências comunicacionais positivas e negativas são boas preditoras de satisfação conjugal (Johnson, et al., 2005). A maioria dos estudos apontam interações negativas mais frequentes em casais menos satisfeitos (Hahlweg, Revensof, & Schindlers, 1984; Margolin & Wampold, 1981), enquanto os satisfeitos apresentam capacidades de comunicação mais construtivas (Bertoni & Bodenmann, 2010). Observa-se também que a abordagem adoptada para resolver um conflito parece mais importante do que a sua essência. Os casais mais satisfeitos possuem menos níveis de ofensa, evitamento e violência e maiores níveis de compromisso (Bertoni & Bodenmann, 2010).

Mas existem diferenças de género na abordagem ao conflito, tendendo os homens a utilizar mais a retirada e mulheres a demanda (Gottman & Levenson, 1992). Provavelmente porque, como anotam Faulkner, Davey, e Davey (2005), os homens

parecem desempenhar um papel mais relacionado com a prestação de apoio, e as mulheres um papel mais expressivo e emocional. Na verdade, na investigação, as mulheres têm surgido como emocionalmente mais expressivas e os homens recorrendo usualmente à retirada e mais dependentes da justificação dos factos (Margolin & Wampold, 1981; Walsh, Baucom, Tyler, & Sayers, 1993). Storaasli e Markman (1990), assim como Heyman, Hunt-Martorano, Malik, e Smith Slep, (2009) sugerem que os homens se focam em questões externas à relação e que as suas companheiras mantêm o foco nas questões internas.

A influência do conflito na satisfação conjugal, com o passar da vida, não é consensual. Alguns casais recém-casados que apresentam problemas na gestão de conflitos, têm um declínio de satisfação conjugal ao longo do tempo (Karney & Bradbury, 1995). No entanto, há estudos que não suportam estes dados (Kim, Capaldi, & Crosby, 2007). Por outro lado, o padrão de conflito pode mudar. Com a idade as pessoas tendem a regular as emoções imediatamente após o conflito, transformando conflitos em desentendimentos, onde os argumentos utilizados não são tão negativos (Carstensen et al., 1995; Lenvenson, Carstensen, & Gottman, 1993).

Evitar o conflito, no entanto, também é um comportamento prejudicial a longo prazo (Gottman & Krokoff, 1989).

### *Relações Extra-Familiares*

As relações íntimas não são imunes a forças externas e ao contexto que, ao longo do tempo, exercem pressões (Felmlee, 2001). Família e amigos têm a capacidade de influenciar negativa ou positivamente o relacionamento, através de informações externas, opiniões e sugestões que podem manipular a avaliação que o casal faz da relação, eventualmente originando opiniões negativas ou mesmo a futura rejeição do relacionamento (Agnew, Loving, & Drigotas 2001; Armenta-Hurtarte, Sánchez-Aragón, & Díaz-Loving, 2012).

Nos casais mais auto-reveladores, a rede de amigos pode ser considerada um bom predictor do seu futuro. Alguns dados apontam para os amigos das mulheres terem mais acesso a informações sobre o casal, porque estas tendem a revelar-se mais, descrevendo a relação de forma mais realista e incluindo aspectos positivos e negativos, mais alinhada

com a própria visão dos membros do casal. Quando a rede de suporte possui mais amigos dos homens, há um menor compromisso conjugal (Agnew et al., 2001).

## 2. Objectivo

Dada a disparidade de resultados na literatura revista, pretendemos clarificar a dinâmica da satisfação ao longo da vida conjugal bem como superar algumas fragilidades relacionadas com a constituição das amostras em muitos estudos sobre o casal. Temos também a intenção de estudar períodos cronológicos diferentes, tentando limitar o enviesamento por factores como a idealização dos primeiros anos da relação derivados da avaliação retrospectiva do casamento.

## 3. Desenho de Investigação

Projectámos um estudo exploratório, transversal, comparativo. Definimos como variável de estudo a satisfação conjugal: uma “avaliação pessoal e subjectiva da conjugalidade, quer em relação ao *amor*, quer ao *funcionamento* conjugal” (Thompson, 1988), visando responder às seguintes questões:

1. Qual o grau de satisfação geral apresentado por homens e por mulheres?
  2. De que forma a satisfação conjugal varia dentro de cada género ao longo do ciclo de vida?
  3. De que forma varia a satisfação conjugal entre homens e mulheres em cada fase do ciclo conjugal?
  4. Qual o factor (amor ou funcionamento) de maior satisfação para o casal?
- Como variam os factores amor e funcionamento ao longo do ciclo de vida e em função do género?

## 4. Método

### 4.1. Participantes.

Dos 185 casais participantes, 138 são casados e 47 vivem em coabitação. Para o estudo dos diferentes períodos cronológicos do relacionamento dividiu-se a amostra em grupos, indo ao encontro da literatura clássica referente ao ciclo da família (Carter & McGoldric 1982; Neighbourgh, 1985; Relvas, 2004). No entanto, deparámo-nos com um conjunto de casais que, não se encaixando em nenhum dos outros grupos, formavam por si só um novo, caracterizado por ter filhos adultos ainda a viver em casa. Até porque outros autores sugerem que a presença de filhos adultos acarreta tensões e interfere na interação positiva entre o casal (Umberson, Williams, Powers, Chen, & Campbell, 2005), e, tendo a consciência que esta é uma realidade muito comum na nossa sociedade, resolvemos contemplá-la, no nosso trabalho.

Assim tivemos em conta sete grupos correspondentes a sete etapas de vida.

*Formação do Casal:* Casais que se casaram ou vivem em união de facto há menos de 4 anos (inclusive). Sem filhos do casamento actual ou anterior que morem com o casal. Foram excluídos todos os casais com menos de 4 anos de união com filhos.

*Casais com filhos pequenos:* Casais com filhos com idade até 5 anos, da relação actual, independentemente do número de anos de casamento/união. Não foram incluídos casais com filhos de outros casamentos pois pretende avaliar-se o impacto do nascimento do(s) filho(s) de ambos.

*Casais com filhos em idade escolar:* Casais com filhos com idade compreendida entre os 6 e os 12 anos (inclusive), independentemente dos anos de união. Foram excluídos casais que, embora tenham filhos com esta idade, têm também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união).

*Casais com filhos adolescentes:* Casais cujos filhos têm entre 13 e 19 anos. Foram excluídos casais que, embora tenham filhos com esta idade, têm também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união).

*Casais cujos filhos saíram de casa:* Casais cujos filhos saíram de casa há menos de 4 anos (inclusive). Foram excluídos todos os casais que, embora alguns filhos tenham sido de casa, ainda tenham outros a viver consigo.

*Casais com filhos adultos em casa:* Casais com filhos adultos (idade superior a 23 anos) que ainda habitam em casa. Foram excluídos casais cujos filhos tinham idades compreendidas entre 20 e 23 (frequência universitária, que não considerámos adultos, nem adolescentes).

*Casais na velhice:* Casais sem filhos em casa em que, pelo menos um dos elementos, tem idade igual ou superior a 60 anos. Foram incluídos todos os casais independentemente do número de casamentos e filhos de cada união.

#### **4.2. Caracterização da amostra**

Com a idade dos membros do casal a aumentar ao longo dos diferentes grupos, os homens apresentam uma média etária de 47.6 anos e as mulheres de 45.1 anos.

Em cinco dos sete grupos, os homens são significativamente mais velhos que as mulheres: Formação do casal, Casais com filhos pequenos, Casais com adolescentes, Casais cujos filhos já saíram de casa e Casais com filhos adultos em casa. Em oposição, os Casais com filhos em idade escolar e Casais na velhice não possuem diferenças significativas entre as idades dos membros.

Globalmente, a amostra tem uma escolaridade elevada. Contudo existem diferenças expressivas entre cônjuges em dois dos grupos. Nos Casais com filhos adultos em casa, os homens apresentam uma escolaridade mais elevada que as mulheres (em 42% a escolaridade é mais elevada nos homens, em 46% é semelhante entre géneros e em 12% é mais elevada nas mulheres: Wilcoxon,  $p=0.034$ ). Nos Casais com crianças em idade escolar, as mulheres tendem a apresentar valores de escolaridade mais elevados (54% das mulheres apresentam uma escolaridade mais elevada que os parceiros, 19% dos homens tem uma escolaridade mais elevada que as companheiras, e 27% dos casais apresentam escolaridades semelhantes; Wilcoxon,  $p=0.034$ ).



No que diz respeito ao tipo de união (casamento ou coabitação/união de facto) não se verificaram diferenças significativas relativas à duração da relação. Nos casados observamos que no grupo Casais com filhos pequenos e Casais com filhos em idade escolar o número médio de filhos é mais baixo (entre 1.24 e 1.50) quando comparado com o dos outros grupos (entre 1.96 e 2.36).

### 4.3. Material

*Questionário Sócio-demográfico*, aplicado com o objectivo da recolha de informação sociológica, tal como idade, sexo, habilitações académicas, situação profissional, casamento ou união de facto, anos de união e informação sobre os filhos. Foi com base nesta informação que se procedeu à distribuição da amostra pelos diferentes grupos.

*EASAVIC*, (Narciso & Costa, 1996). Foi utilizada a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal que mede a Satisfação através de uma escala de auto-avaliação sem impor critérios externos. Para além disso permite diferenciar entre áreas fortes e fracas do casal. O estudo psicométrico (análise factorial exploratória – varimax) com 21 casais conduzido por Narciso e Costa (1996) determinou dois factores principais. Um dos factores engloba os itens relacionados com o amor, com um alfa de 0.97, enquanto o outro abrange os itens relacionados com o funcionamento, com um alfa de 0.90.

A escala é composta por 44 itens divididos em diferentes aspectos da vida conjugal que, por sua vez, se agrupam em duas dimensões – Funcionamento e Amor. A dimensão Funcionamento é composta pelas áreas: funcionamento familiar, comunicação e conflito, tempos livres e relações extrafamiliares. As áreas que compõem a dimensão Amor são: sentimentos, expressão de sentimentos, sexualidade, características físicas e psicológicas, intimidade emocional e continuidade. Os itens avaliam com foco no próprio (16 itens) e com foco no outro (14 itens). A EASAVIC é cotada numa escala de seis pontos que vai do “Nada Satisfeito” ao “Completamente Satisfeito”.

#### 4.4. Procedimento

O estudo foi aprovado pelo Comité de Ética do ISPA-IU e pelas instituições onde a amostra foi recolhida. Obteve-se o consentimento informado de todos os participantes, que foram informados das regras de sigilo profissional que envolviam a recolha de dados. Esta foi realizada em diversos serviços públicos e privados de Lisboa e zonas circundantes, utilizando-se um sistema de “bola de neve”, durante 18 meses. Obteve-se uma amostra composta por 596 questionários válidos (298 casais). Deste grupo apenas foram elegíveis 370 questionários (185 casais).

Recorreu-se ao Software Statistical Package for social Sciences (SPSS, versão 22.0), para efectuar o tratamento de dados deste estudo. Os testes inferenciais usados foram:

ANOVA ONE WAY com o objectivo de comparar os grupos de casais em diferentes fases da relação nas dimensões e no total da EASEVIC. O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças significativas, foi o teste LSD (LeastSignificantdifference).

T student para amostras emparelhadas (Paired Sample t test) com o objectivo e comparar os elementos do casal nas dimensões da escala EASAVIC e para comparar o total do Amor e o total do Funcionamento em ambos os sexos.

Foi possível recorrer-se a testes paramétricos dado haver normalidade ou desvios pouco severos à mesma ( $Ske < 2$  e  $Ku < 7$ : Kline 1998) e, no caso da ANOVA OneWay, a existência de homogeneidade de variâncias nos grupos em comparação.

Recorreu-se também a uma medida do tamanho do efeito (Effectsize) o D de Cohen [diferença entre as médias padrão (i.e., dividida pelo desvio-padrão ponderado)]. O tamanho de efeito é uma estatística descritiva que serve como complemento ao teste de significância estatística. Um D de Cohen de 0,20 é considerada uma dimensão de efeito pequena, perto de 0,50 uma dimensão de efeito moderada e acima de 0,80 uma dimensão de efeito elevada. Usou-se esta medida no sentido de averiguar no grupo com menor número de sujeitos ( $n = 8$ ), a dimensão do efeito relativo à diferença entre homens e mulheres nas escalas onde o valor de p, apesar de não significativo, estava no limiar da significância.

## 5. Resultados

### Quadro 1

*Paired Sample t test: Grau de Satisfação da amostra*

	Homens (n=185)	Mulheres (n=185)	T test
Satisfação Conjugal	4.07±1.95	4.22±1.32	t (185)=1.37 p=.171

*Média ± Desvio padrão p ≤ 0,05*

Os valores médios para ambos os parceiros indicam a relação como satisfeita (valor 4 da escala - homens: 4.07 e mulheres: 4.22), sem diferenças significativas entre géneros (p=0,171). Foi também realizada a cotação para cada período do casamento, permitindo verificar que, em todos eles, e em média, homens e mulheres se consideram Satisfeitos, mais uma vez sem diferenças significativas entre géneros.

### Quadro 2

*Anova OneWay: Comparação entre grupos de mulheres em diferentes fases da relação na Escala EASEVIC*

	Formação do Casal/ (n= 30)	Filhos pequenos (n=40)	Filhos em idade escolar (n=26)	Filhos adolescentes (n=38)	Saída dos filhos de casa (n=8)	Velhice (n=18)	Filhos adultos em casa (n=25)	ANOVA OneWay
Amor	Sentimentos e expressão de sentimentos	84,78±13,03	72,14±20,22	75,56±16,88	68,33±17,90	62,50±14,99	73,78±17,45	F(6) =3,08 p = 0,007**
	Sexualidade	81,72±15,80	72,28±18,66	79,33±16,36	68,92±19,54	57,92±16,32	64,52±20,12	F(6) =3,98 p = 0,001***
	Intimidade Emocional	79,80±11,86	70,40±17,51	70,33±16,64	67,06±17,84	59,64±12,82	71,43±16,69	Welch (6) =3,87 p = 0,007**
	Continuidade da relação	83,91±15,21	69,23±22,01	76,00±20,04	66,67±20,33	63,33±25,70	71,79±15,87	F(6) =2,852 p = 0,011*
	Características Físicas e psicológicas	79,65±12,93	66,00±18,37	71,92±15,94	63,57±17,26	58,75±7,44	65,93±15,64	F(6) =3,838 p = 0,001***

	Total Amor	81,97±10,72	70,01±16,76	74,62±15,78	66,91±16,98	60,43±13,27	69,49±13,76	67,06±22,03	Welch(6)=5,365 p = 0,001***
Funcionamento	Funções e papéis	71,17±16,70	57,82±18,97	64,00±17,32	59,31±22,99	50,63±14,45	64,62±15,57	58,13±22,72	F(6) =2,244 p = 0,04*
	Tempos Livres	68,67±21,13	47,69±19,54	52,69±25,07	54,44±21,36	41,25±25,32	56,25±20,54	51,74±28,23	F(6) =3,122 p = 0,006**
	Tempos Livres	68,67±21,13	47,69±19,54	52,69±25,07	54,44±21,36	41,25±25,32	56,25±20,54	51,74±28,23	F(6) =3,122 p = 0,006**
	Comunicação e Conflito	72,13±18,36	59,90±21,08	61,12±17,21	60,97±18,67	53,50±24,28	64,27±16,26	58,67±24,10	F(6) =1,804 p = 0,101
	Relações extra-familiares	72,80±12,75	65,30±15,35	67,04±14,76	62,78±15,08	54,86±14,77	61,00±13,31	61,67±19,46	F(6) =2,517 p = 0,023*
	Total Funcionamento	72,49±14,73	60,04±16,36	63,36±14,22	60,89±16,48	52,05±16,08	63,48±13,88	58,82±21,69	F(6) =2,819 p = 0,012*
Foco	Foco no Casal	72,81±14,19	60,38±15,60	63,70±13,27	60,70±17,45	49,84±17,78	62,61±13,96	58,57±21,22	F(6) =3,257 p = 0,005**
	Foco no Outro	81,23±11,33	68,92±17,35	72,86±13,77	65,67±17,17	58,37±13,37	67,62±12,71	69,25±20,38	F(6) =3,909 p = 0,001***
	Foco no Próprio	80,59±11,26	72,22±15,77	74,78±15,23	68,33±15,01	63,67±11,04	71,69±12,85	70,06±18,66	F(6) =2,661 p = 0,017*
	Total EASEVIC	78,21±11,59	67,17±14,85	70,45±12,82	64,90±15,89	57,29±13,74	67,31±12,58	65,96±19,36	F(6) =3,563 p = 0,002***

Média ±Desvio padrão \*  $p \leq 0,05$ , \*\*  $p \leq 0,01$ , \*\*\*  $p \leq 0,001$

### ***Amor (mulheres)***

A ANOVA ONE WAY revelou a existência de diferenças significativas entre os grupos de mulheres em diferentes fases da relação, no total e em todas dimensões referentes ao amor. Recorreu-se ao teste post-hoc (Least Significant Difference: LSD) para identificar quais os grupos que apresentam diferenças.

Sentimentos/ Expressão de sentimentos (SES), Sexualidade (SEX), Características Físicas e Psicológicas (CFPS) e Total do Amor (Amor): o teste LSD mostrou nas mulheres sem filhos uma satisfação mais elevada nestas dimensões do que os seguintes grupos de mulheres: com filhos pequenos (SES:  $p = 0,004$  SEX =  $0,042$ , CFP:  $p = 0,001$ ; Amor:  $p = 0,003$ ), com filhos adolescentes (SES:  $p = 0,000$ , SEX:  $p = 0,007$ ; CFP:  $p = 0,000$ , Amor:  $p = 0,000$ ), saída dos filhos de casa (SES:  $p = 0,002$ ; SEX:  $p = 0,002$ , CFP:  $p = 0,002$ , Amor:  $p = 0,001$ ), velhice (SES:  $p = 0,042$ , SEX:  $p = 0,003$ , CFP:  $p = 0,008$ , Amor:  $0,001$ ) e mulheres com filhos adultos em casa (SES:  $p = 0,012$ , SEX:  $p = 0,002$ , CFP:  $p = 0,000$ , Amor:  $p = 0,001$ ). As mulheres sem filhos só não diferiram nestas dimensões das mulheres com filhos em idade escolar. No total do amor, há ainda a realçar uma diferença entre as mulheres com filhos em idade escolar e as mulheres com os filhos que já não moram em casa ( $p = 0,03$ ), revelando as primeiras uma satisfação mais elevada na totalidade do amor.

Intimidade: o teste LSD revelou diferenças significativas entre o grupo de mulheres sem filhos e os seguintes grupos de mulheres: com filhos pequenos ( $p = 0,029$ ), com filhos em idade escolar ( $p = 0,047$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,004$ ), cujos filhos já saíram de casa ( $p = 0,005$ ) e com filhos adultos em casa ( $p = 0,013$ ). As mulheres sem filhos revelam uma satisfação mais elevada nesta dimensão do que as mulheres dos outros grupos.

Continuidade: o teste LSD revelou que o grupo de mulheres sem filhos tem uma satisfação mais elevada nesta dimensão, comparativamente com as mulheres com filhos pequenos ( $p = 0,050$ ) e as mulheres com filhos adolescentes ( $p = 0,012$ ).

### **Funcionamento (mulheres)**

Relativamente ao Funcionamento, a ANOVA ONE Way revelou diferenças entre os grupos nas seguintes dimensões: Funções e Papeis, Tempos Livres e Relações Extra Familiares e Total do Funcionamento. O teste de post Hoc LSD revelou para cada uma destas dimensões quais os grupos que apresentam diferenças:

**Tempos Livres:** o grupo de mulheres sem filhos tem uma satisfação significativamente mais elevada com os tempos livres do que as mulheres dos outros grupos ((com filhos pequenos ( $p= 0,000$ ), com filhos em idade escolar ( $p = 0,009$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,01$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,003$ ), velhice ( $p = 0,05$ ) e com filhos adultos em casa ( $p = 0,006$ )).

**Funções e Papéis:** o teste LSD revelou diferenças significativas entre o grupo de mulheres sem filhos e os seguintes grupos de mulheres: com filhos pequenos ( $p= 0,005$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,013$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,009$ ) e com filhos adultos em casa ( $p = 0,014$ ). As mulheres sem filhos revelam uma satisfação mais elevada com esta dimensão do que as mulheres dos outros grupos.

**Relações Extra-familiares:** as mulheres sem filhos têm uma satisfação mais elevada nesta dimensão do que as mulheres dos outros grupos, com excepção das mulheres com filhos em idade escolar (família com filhos pequenos ( $p = 0,043$ ), filhos adolescentes ( $p = 0,008$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,004$ ), velhice ( $p = 0,010$ ) e casal com filhos adultos em casa ( $p = 0,008$ ). Nesta dimensão há ainda a destacar uma diferença entre as mulheres com filhos em idade escolar e as mulheres com os filhos já fora de casa ( $p = 0,03$ ), revelando as primeiras uma satisfação mais elevada.

**Total Funcionamento:** as mulheres sem filhos têm uma satisfação mais elevada no total do funcionamento do que as mulheres dos outros grupos, só não diferindo das mulheres na velhice (família com filhos pequenos ( $p = 0,002$ ), filhos em idade escolar ( $p = 0,04$ ), filhos adolescentes ( $p = 0,004$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,002$ ), casal com filhos adultos em casa ( $p = 0,003$ )).

A ANOVA ONE WAY revelou a existências de diferenças significativas entre os grupos nas dimensões: Foco no casal, Foco no Outro e Foco no Próprio bem como total

da EASAVIC. Recorreu-se uma vez mais ao teste LSD que revelou os seguintes resultados:

### **Focos (mulheres)**

#### **Foco no casal e Foco no Outro**

O grupo de mulheres sem filhos tem uma satisfação significativamente mais elevada, quer no foco no outro, quer no casal, do que as mulheres dos outros grupos (com filhos pequenos ( $p = 0,002$ ), com filhos em idade escolar ( $p = 0,038$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,003$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,001$ ), velhice ( $p = 0,037$ ), e com filhos adultos em casa ( $p = 0,001$ )).

Foco no Próprio: o grupo de mulheres sem filhos tem uma satisfação significativamente mais elevada com o foco no próprio do que as mulheres dos outros grupos, só não diferindo das mulheres com filhos em idade escolar. (com filhos pequenos: ( $p = 0,021$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,001$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,005$ ), velhice ( $p = 0,047$ ) e com filhos adultos em casa ( $p = 0,010$ )).

### **Total EASAVIC (mulheres)**

O grupo de mulheres sem filhos tem uma satisfação significativamente mais elevada no total da EASAVIC do que as mulheres dos outros grupos, só não diferindo das mulheres com filhos em idade escolar (com filhos pequenos ( $p = 0,002$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,000$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,000$ ), velhice ( $p = 0,014$ ) e com filhos adultos em casa ( $p = 0,003$ )).

## Quadro 3

*Anova OneWay: comparação entre grupos de homens em diferentes fases da relação na Escala EASEVIC*

		Formação do Casal (n= 30)	Filhos pequenos (n=40)	Filhos em idade escolar (n=26)	Filhos adolescentes (n=38)	Saída dos filhos de casa (n=8)	Velhice (n=18)	Casal com filhos adultos em casa (n=25)	ANOVA OneWay
AMOR	Sentimentos e expressão sentimentos	83,22±17,34	76,02±14,44	76,80±16,42	68,48±18,35	63,81±16,56	75,21±17,78	73,17±19,01	F(6) = 2,76 p= 0,014*
	Sexualidade	80,89±20,57	70,44±17,66	76,94±16,84	66,94±18,78	60,56±21,63	60,24±18,73	63,79±20,51	F(6) = 3,97 p= 0,001***
	Intimidade Emocional	64,00±14,98	58,57±10,69	60,00±12,55	53,63±16,19	50,20±13,90	58,93±16,31	57,53±14,81	F(6) = 2,01 p= 0,066
	Continuidade da relação	80,44±18,85	72,59±14,62	75,47±17,56	65,93±19,22	66,67±17,46	75,42±14,77	70,14±18,45	F(6) = 2,376 p= 0,031*
	Características Físicas e psicológicas	76,00±17,19	67,57±12,59	75,80±17,47	68,19±17,01	62,14±19,79	67,67±16,79	70,00±17,44	F(6) = 1,787 p= 0,104
	Total Amor	79,51±16,93	71,59±12,72	77,98±21,45	67,37±16,95	63,99±17,12	70,61±15,36	71,03±18,73	F(6) = 2,31 p= 0,036*
Funcionamento	Funções e papéis	71,50±18,62	65,06±15,65	67,59±15,30	65,13±18,31	64,05±15,58	70,27±15,27	68,59±15,96	F(6) = 0,71 p= 0,639
	Tempos Livres	64,67±20,80	52,89±18,66	56,40±19,37	53,33±18,31	44,29±20,60	60,67±18,30	59,13±16,05	F(6) = 2,16 p= 0,048*
	Autonomia e Privacidade	71,67±18,59	63,33±18,99	69,58±15,36	64,17±17,76	65,71±14,98	69,37±15,89	69,57±15,13	F(6) = 1,08 p= 0,374
	Comunicação e Conflito	61,38±15,28	52,87±11,58	57,07±15,12	51,52±17,62	51,43±14,24	53,11±15,86	48,26±15,12	F(6) = 2,24 p= 0,04*
	Relações extra familiares	60,67±14,58	54,12±11,48	54,00±11,04	51,33±15,75	50,00±14,14	58,48±12,75	53,49±11,88	F(6) = 1,904 p= 0,014*
	Total Funcionamento	65,98±15,21	57,66±12,78	60,93±12,35	57,10±14,98	55,10±14,55	62,38±13,70	59,81±11,48	F(6) = 1,733 p= 0,116
Foco	Foco no Casal	72,41±16,75	64,02±12,19	66,70±13,92	61,25±17,48	59,58±16,62	64,79±13,33	60,54±13,88	F(6) = 2,24 p= 0,041*
	Foco no Outro	77,71±17,30	70,00±13,33	72,98±14,20	65,59±17,32	61,84±17,31	67,01±15,92	69,10±15,30	F(6) = 2,35 p= 0,033*
	Foco no Próprio	65,67±13,50	58,82±11,38	62,14±11,05	55,38±13,50	51,84±13,50	59,34±12,77	58,77±11,87	F(6) = 2,66 p= 0,017*





### ***Amor (homens)***

A ANOVA ONE WAY revelou a existência de diferenças significativas entre os grupos de homens nas diversas fases da relação no total do amor e nas seguintes dimensões: Sentimentos e Expressão de Sentimentos, Sexualidade e Continuidade. De seguida, recorreu-se ao teste post- hoc (Least Significant Differences - LSD) para identificar quais os grupos que apresentam diferenças.

Sentimentos e Expressão de Sentimentos (SES) e Continuidade (C): o grupo de homens sem filhos apresenta uma satisfação significativamente mais elevada nestas duas dimensões do que os seguintes grupos de homens: filhos adolescentes (SES ( $p = 0,001$ ), C ( $p = 0,001$ ), saída dos filhos de casa (SES ( $p = 0,005$ ), C ( $p = 0,048$ ), e com filhos adultos em casa (SES ( $p = 0,031$ ), C ( $p = 0,030$ )).

Sexualidade: o grupo de homens sem filhos tem uma satisfação significativamente mais elevada na sexualidade do que os homens dos outros grupos, só não diferindo dos homens com filhos em idade escolar (com filhos pequenos ( $p = 0,024$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,003$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,008$ ), velhice ( $p = 0,000$ ) e com filhos adultos em casa ( $p = 0,001$ ). Na sexualidade há ainda a destacar uma diferença significativa entre os homens com filhos em idade escolar e os grupos de homens com filhos que já saíram de casa ( $p = 0,034$ ) e os homens com filhos adultos em casa ( $p = 0,040$ ), sendo que os que têm filhos em idade escolar têm uma satisfação mais elevada do que os outros dois grupos.

Total do Amor: o grupo de homens sem filhos e o grupo de homens com filhos em idade escolar não diferem entre si na satisfação total com o amor, diferindo ambos dos seguintes grupos: filhos adolescentes ( $p = 0,004$ ,  $p = 0,015$ ) e saída dos filhos de casa ( $p = 0,023$ ,  $p = 0,043$ ), revelando estes últimos uma satisfação mais baixa.

### **Funcionamento (homens)**

Relativamente ao Funcionamento a ANOVA ONE Way revelou diferenças entre os grupos de homens em diferentes fases da relação nas seguintes dimensões: Tempos Livres (TL), Comunicação e Conflito (CC) e Relações Extra-familiares (REF). O teste de post Hoc LSD revelou, para cada uma destas dimensões, quais os grupos que apresentam diferenças:

**Tempos Livres:** o grupo de homens sem filhos apresenta uma satisfação significativamente mais elevada nos tempos livres do que os seguintes grupos de homens: filhos pequenos ( $p = 0,01$ ), filhos adolescentes ( $p = 0,014$ ), saída dos filhos de casa ( $p = 0,007$ ).

**Comunicação e Conflito:** os homens sem filhos apresentam uma satisfação significativamente mais elevada na comunicação e conflito do que os seguintes grupos de homens: com filhos pequenos ( $p = 0,020$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,008$ ), com filhos adultos em casa ( $p = 0,002$ ). De realçar ainda que o grupo com filhos em idade escolar difere do grupo com filhos adultos em casa ( $p = 0,038$ ), revelando estes últimos uma satisfação mais baixa.

**Relações Extra Familiares:** os homens sem filhos apresentam uma satisfação significativamente mais elevada nas relações extra familiares do que os seguintes grupos de homens: com filhos pequenos ( $p = 0,040$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,004$ ), com filhos adultos em casa ( $p = 0,046$ ) e na saída dos filhos de casa ( $p = 0,04$ ).

A ANOVA ONE WAY revelou a existência de diferenças significativas entre os grupos de homens nas dimensões: Foco no Casal, Foco no Outro e Foco no Próprio bem como total da EASEVIC. Recorreu-se uma vez mais ao teste LSD que revelou os seguintes resultados:

### **Focos (homens)**

Foco no casal (FC), Foco no Outro (FO) e Foco no Próprio (FP): os homens sem filhos revelam uma satisfação maior nestes três focos comparativamente com os grupos: filhos pequenos (FC ( $p = 0,021$ ), FO ( $p = 0,04$ ), FP ( $p = 0,024$ ), filhos adolescentes (FC ( $p = 0,003$ ), FO ( $p = 0,002$ ), FP ( $p = 0,001$ ), saída dos filhos de casa (FC ( $p = 0,032$ ), FO ( $p = 0,012$ ), FP ( $p = 0,006$ ) e filhos adultos em casa (FC ( $p = 0,004$ ), FO ( $p = 0,044$ ), FP ( $p = 0,04$ ). Na dimensão Foco no Próprio constata-se ainda uma diferença significativa entre o grupo de homens com filhos em idade escolar e os grupos: filhos adolescentes ( $p = 0,034$ ) e saída dos filhos de casa ( $p = 0,042$ ) revelando estes últimos, médias significativamente mais baixas.

### **Total EASAVIC (homens)**

O grupo de homens sem filhos tem uma satisfação significativamente mais elevada no total da EASAVIC do que os homens dos outros grupos, só não diferindo dos homens com filhos em idade escolar: (com filhos pequenos ( $p = 0,021$ ), com filhos adolescentes ( $p = 0,001$ ),

saída dos filhos de casa ( $p = 0,010$ ), velhice ( $p = 0,045$ ) e com filhos adultos em casa ( $p = 0,014$ ). Estes resultados para o total da EASAVIC são idênticos aos encontrados nas mulheres.

## Quadro 4

*Paired Sample t test: Comparação entre os elementos do casal na EASEVIC*

		Formação do Casal/Casal (n= 30)	Família do filhos pequenos (n=40)	Filhos idade escolar (n=26)	Filhos adolescentes (n=38)	Saída dos filhos de casa (n=8)	Velhice (n=18)	Filhos adultos em casa (n=25)
Sentimentos e expressão de sentimentos	F	84,78±13,03	72,14±20,22	75,56±16,88	68,33±17,90	62,50±14,99	73,78±17,45	72,42±21,58
	M	83,22±17,34	76,02±14,44	76,80±16,42	68,48±18,35	63,81±16,56	75,21±17,78	73,17±19,01
	Paired t test	t = ,469, p = ,642	t = -1,170 p = ,249	t = -,370 p = ,715	t =-,053 p = ,958	t =-,250 p = ,809	t =-,278 p = ,784	t =-145 p = ,886
Sexualidade	F	81,72±15,80	72,28±18,66	79,33±16,36	68,92±19,54	57,92±16,32	64,52±20,12	64,24±24,44
	M	80,89±20,57	70,44±17,66	76,94±16,84	66,94±18,78	60,56±21,63	60,24±18,73	63,79±20,51
	Paired t test	t =,266 p = ,792	t = ,579, p = ,566	t=,741 p = ,465	t =,606 p = ,548	t =-,450 p = ,666	t =,810 p = ,429	t =-,089 p = ,930
Intimidade Emocional	F	79,80±11,86	70,40±17,51	70,33±16,64	67,06±17,84	59,64±12,82	71,43±16,69	67,74±25,15
	M	64,00±14,98	58,57±10,69	60,00±12,55	53,63±16,19	50,20±13,90	58,93±16,31	57,53±14,81
	Paired t test	t =5,510, p = ,000***	t = 4,331, p = ,000***	t =2,923 p = ,007**	t =4,830 p = ,000***	t =2,009 p = ,085	t=2,730 p = ,014*	t =2,040 p = ,050*
Continuidade da relação	F	83,91±15,21	69,23±22,01	76,00±20,04	66,67±20,33	63,33±25,70	71,79±15,87	67,78±24,17
	M	80,44±18,85	72,59±14,62	75,47±17,56	65,93±19,22	66,67±17,46	75,42±14,77	70,14±18,45
	Paired t test	T=,892, p= ,380	t = -,582 p = ,564	t ,125 p = ,901	t =,239 p = ,812	t =-354 p = ,734	t =945 p = ,358	t =-,442 p = ,662
Características Físicas e psicológicas	F	79,65±12,93	66,00±18,37	71,92±15,94	63,57±17,26	58,75±7,44	65,93±15,64	63,12±22,44
	M	76,00±17,19	67,57±12,59	75,80±17,47	68,19±17,01	62,14±19,79	67,67±16,79	70,00±17,44
	Paired t test	t =1,018, p = ,317	t=-,582 p = ,564	t = -1,057 p = ,301	t =-1,454 p = ,154	t =-483 p = ,644	t =-318 p = ,754	t =-1,434 p = ,164
Total Amor	F	81,97±10,72	70,01±16,76	74,62±15,78	66,91±16,98	60,43±13,27	69,49±13,76	67,06±22,03
	M	79,51±16,93	71,59±12,72	77,98±21,45	67,37±16,95	63,99±17,12	70,61±15,36	71,03±18,73
	Paired t test	t =,838 p = ,409	t=-0,580 p = ,565	t = -,839 p = ,409	t =-,171 p = ,865	t =-584 p = ,578	t =-,268 p = ,792	t =,831 p = ,414
Funções e papéis	F	71,17±16,70	57,82±18,97	64,00±17,32	59,31±22,99	50,63±14,45	64,62±15,57	58,13±22,72
	M	71,50±18,62	65,06±15,65	67,59±15,30	65,13±18,31	64,05±15,58	70,27±15,27	68,59±15,96
	Paired t test	t = -,114, p = ,910	t = -2,383 p = ,022*	t =2,759 p = ,255	t =-1,521 p = ,137	t =-2,176 p = ,066	t=-1,426 p = ,172	t =-2,165 p = ,041*
Tempos Livres	F	68,67±21,13	47,69±19,54	52,69±25,07	54,44±21,36	41,25±25,32	56,25±20,54	51,74±28,23
	M	64,67±20,80	52,89±18,66	56,40±19,37	53,33±18,31	44,29±20,60	60,67±18,30	59,13±16,05
	Paired t test	t = ,979, p = ,336	t = -1,308 p = ,199	t =-,782 p = ,441	t =,319 p = ,751	t =-438 p = ,674	t =-681 p = ,505	t =-1,484 p = ,151

Autonomia e Privacidade	F	77,67±18,32	69,50±22,30	71,92±20,98	66,94±19,29	60,00±11,95	71,25±14,50	63,91±25,12
	M	71,67±18,59	63,33±18,99	69,58±15,36	64,17±17,76	65,71±14,98	69,37±15,89	69,57±15,13
	Paired t test	t =1,621, p=,116	t = 1,560 p = ,127	t = ,526 p = 603	t = ,831 p = ,411	t =-956 p =,371	t =,555 p =,586	t =1,054 p =,302
Comunicação e Conflito	F	72,13±18,36	59,90±21,08	61,12±17,21	60,97±18,67	53,50±24,28	64,27±16,26	58,67±24,10
	M	61,38±15,28	52,87±11,58	57,07±15,12	51,52±17,62	51,43±14,24	53,11±15,86	48,26±15,12
	Paired t test	t =3,493, p =,002**	t = 2,405 p = ,021*	t =1,228 p =,231	t =3,271 p = ,002**	t = ,306 p =768	t =2,575 p = ,020*	t =-2,182 p =,039*
Relações extra familiares	F	72,80±12,75	65,30±15,35	67,04±14,76	62,78±15,08	54,86±14,77	61,00±13,31	61,67±19,46
	M	60,67±14,58	54,12±11,48	54,00±11,04	51,33±15,75	50,00±14,14	58,48±12,75	53,49±11,88
	Paired t test	t = 4,355, p = ,000***	t = 4,643 p = ,000***	t =4,366 p = ,000***	t = 5,345 p = ,000***	t =,907 p =394	t =,717 p =,483	t =2,478 p =,021*
Total Funcionamento	F	72,49±14,73	60,04±16,36	63,36±14,22	60,89±16,48	52,05±16,08	63,48±13,88	58,82±21,69
	M	65,98±15,21	57,66±12,78	60,93±12,35	57,10±14,98	55,10±14,55	62,38±13,70	59,81±11,48
	Paired t test	t =2,468, p = ,020*	t = ,948 p =,349	t = ,858 p = ,399	t =1,496 p = ,143	t =-,582 p =,579	t =-,297 p =,770	t =-,234 p =,817
Foco no Casal	F	72,81±14,19	60,38±15,60	63,70±13,27	60,70±17,45	49,84±17,78	62,61±13,96	58,57±21,22
	M	72,41±16,75	64,02±12,19	66,70±13,92	61,25±17,48	59,58±16,62	64,79±13,33	60,54±13,88
	Paired t test	t = ,156, p =,877	t = -1,588 p = ,120	t =-1,106 p =,279	t =-,179 p = ,859	t =-1,741 p =,125	t =-,535 p =,599	t =-,474 p =,640
Foco no Outro	F	81,23±11,33	68,92±17,35	72,86±13,77	65,67±17,17	58,37±13,37	67,62±12,71	69,25±20,38
	M	77,71±17,30	70,00±13,33	72,98±14,20	65,59±17,32	61,84±17,31	67,01±15,92	69,10±15,30
	Paired t test	t =1,160 p =,256	t = -,349 p = ,729	t =-0,040 p = ,969	t ,031 p = ,975	t =-,604 p =,565	t =,149 p =883	t =-,032 p =,975
Foco no Próprio	F	80,59±11,26	72,22±15,77	74,78±15,23	68,33±15,01	63,67±11,04	71,69±12,85	70,06±18,66
	M	65,67±13,50	58,82±11,38	62,14±11,05	55,38±13,50	51,84±13,50	59,34±12,77	58,77±11,87
	Paired t test	t =5,630, p = ,000***	t = 5,345 p = ,000***	t =4,50 p = ,000***	t = 5,981 p = ,000***	t =2,571 p =,037*	t =3,395 p =,003**	t =2,661 p =,014*
Total EASEVIC	F	78,21±11,59	67,17±14,85	70,45±12,82	64,90±15,89	57,29±13,74	67,31±12,58	65,96±19,36
	M	71,93±15,19	64,28±11,26	67,27±12,62	60,74±15,60	57,75±15,61	63,72±12,78	62,80±13,01
	Paired t test	t =2,459, p = ,020*	t = 1,259 p = ,216	t = 1,238 p = ,227	t =1,674 p = ,103	t =-,090 p =,930	t =1,24 p =,320	t =,752 p =,459

Média ±Desvio padrão \*  $p \leq 0,05$ , \*\*  $p \leq 0,01$ , \*\*\* $p \leq 0,001$

### **Amor (entre o casal, por etapa)**

Nas áreas referentes ao amor apenas na Intimidade Emocional se verificaram, em todos os períodos da vida, diferenças entre os elementos do casal. As mulheres obtiveram uma média mais elevada do que os homens. No grupo de casais com filhos que já saíram de casa, a diferença é quase significativa ( $p = 0,08$ ), esta diferença não acusou significância dado o reduzido número de participantes na amostra deste grupo ( $n=8$ ), contudo o D de Cohen é de 1,01 revelando uma dimensão de efeito elevada.

### **Funcionamento (entre o casal, por etapa)**

Funções e Papéis: só nos casais com filhos pequenos e casais com filhos adultos em casa há diferenças significativas entre os parceiros, revelando os homens uma média superior à das mulheres. No grupo de casais com filhos que já saíram de casa, a diferença é quase significativa ( $p = 0,06$ ), sendo o D de Cohen de -1,28, revelando uma dimensão de efeito elevada, mostrando também os homens uma média superior à das mulheres.

Comunicação e Conflito: Apenas nos grupos com filhos em idade escolar e na saída dos filhos de casa não se verificaram diferenças significativas entre os elementos do casal. Nos outros grupos as mulheres revelaram uma média significativamente mais elevada do que os homens.

Relações Extra Familiares: Só nos grupos da saída dos filhos de casa e da velhice não há diferenças entre os elementos do casal. Em todos os outros grupos é superior o grau de satisfação das mulheres.

### **Total Funcionamento (entre o casal, por etapa)**

No total do funcionamento só se revelaram diferenças significativas entre os elementos do casal no grupo casal sem filhos, revelando as mulheres um resultado mais elevado do que os homens.

### **Focos (entre o casal por etapa)**

Em todos os grupos há diferenças entre os elementos do casal, revelando as mulheres uma média de Foco no próprio mais elevada do que os homens.

### Total EASAVIC (entre o casal por etapa)

Apenas no grupo de casais sem filhos há diferenças entre os elementos do casal, revelando as mulheres uma média mais alta do que os homens.

#### Quadro 5

*Paired sample t test: Comparação entre o Total do Amor e Total do Funcionamento nos homens e nas mulheres*

		Amor	Funcionamento	Paired sample t test
Feminino	Formação do Casal (n= 30)	81,97±10,72	72,47±14,73	t(29) = 6,252 p = 0,000***
	Família com filhos pequenos (n=40)	70,02±16,76	60,04±16,36	t(39) = 6,371 p = 0,000***
	Filhos em idade escolar (n=26)	74,633±15,79	63,35±14,22	t(25) = 5,079 p = 0,000***
	Filhos adolescentes (n=38)	66,91±16,98	60,88±16,47	t(37) = 4,874 p = 0,000***
	Saída dos filhos de casa (n=8)	60,42±13,27	52,04±16,08	t(7) = 2,943 p = 0,02*
	Velhice (n=18)	69,49±14,76	63,48±13,88	t(17) = 3,413 p = 0,003**
	Casal com filhos adultos em casa (n=25)	67,06±22,02	58,822±21,69	t(24) = 4,140 p = 0,000***
Masculino	Formação do Casal (n= 30)	79,51±16,93	65,98±15,21	t(29) = 9,541 p = 0,000***
	Família com filhos pequenos (n=40)	71,59±12,72	57,66±12,78	t(29) = 10,778 p = 0,000***
	Filhos em idade escolar (n=26)	77,98±21,45	60,93±12,35	t(25) = 5,003 p = 0,000***
	Filhos adolescentes (n=38)	67,37±16,95	57,10±14,98	t(37) = 8,302 p = 0,000***
	Saída dos filhos de casa (n=8)	63,99±17,12	55,10±14,55	t(7) = 4,632 p = 0,002**
	Velhice (n=18)	70,61±15,36	62,38±13,70	t(17) = 3,902 p = 0,001***
	Casal com filhos adultos em casa (n=25)	67,06±22,02	58,822±21,69	t(24) = 4,179 p = 0,000***

*Média ±Desvio padrão \* p ≤0,05, \*\* p ≤0,01, \*\*\*p ≤0,001*

Em todos os casais, nas diferentes fases da relação, quer nos homens quer nas mulheres, o resultado da satisfação com o amor é mais elevado do que a satisfação com o funcionamento. De realçar que todas as escalas (dimensões e totais) foram convertidas para uma escala de 0-100 de forma a poder comparar-se as escalas entre si (Fórmula usada: (valor-min) / (max-min) x100).



## 6. Discussão

Discutamos inicialmente a variação da Satisfação Conjugal ao longo do ciclo de vida, para homens e para mulheres.

### **Satisfação Global em homens e em mulheres – Total EASAVIC**

Os resultados globais da escala confirmam a transição para a parentalidade como uma fase de enorme importância, acarretando mudanças significativas na vida conjugal.

De facto, a análise dos valores de Satisfação Global (quadro 2 e 3) indica uma satisfação mais elevada antes do nascimento do primeiro filho. Na fase seguinte, ambos os parceiros revelam um decréscimo que não volta a ser recuperado em fases posteriores, com excepção de algumas áreas no período da idade escolar das crianças, onde a satisfação retorna brevemente aos valores iniciais para, de seguida, voltar a baixar e estabilizar. Assim, a expectativa que, após a saída dos filhos, a satisfação conjugal voltasse a aumentar (Gorchoff, John, & Helson, 2008; Umberson et al., 2005) não se confirmou na nossa amostra. Num artigo de revisão, Cowan e Cowan (1995) sugerem que a transição para a parentalidade leva à deterioração do casamento de uma forma que talvez nunca possa ser recuperada.

O aumento do papel parental parece estar relacionado com a diminuição da função de parceiro e amante.

Genericamente, os resultados mostram ainda uma variação da Satisfação Global, semelhante nos homens e nas mulheres.

### **Amor Total e Funcionamento Total em homens e em mulheres**

Globalmente, os valores de Amor e Funcionamento Total são mais elevados nos cônjuges em início de relação, facto especialmente marcado nas mulheres, sugerindo que estas são mais susceptíveis a flutuações ao longo das diferentes etapas do casamento no que respeita ao Amor e ao Funcionamento. É também curioso o facto de, nas mulheres, oscilar o Amor e o Funcionamento, enquanto nos homens apenas a satisfação com o Amor se altera, sugerindo que estes colocam menos em causa o funcionamento da relação, mesmo perante uma menor satisfação com o amor.

## **Dimensões constituintes do Amor e do Funcionamento em homens e em mulheres**

O estudo dos constituintes das áreas Amor e Funcionamento dão uma visão mais fina dos resultados.

### **Áreas do Amor**

Ao longo do casamento, no que respeita aos constituintes do Amor, as mulheres apresentam flutuações num maior número de áreas (cinco) comparativamente com os seus parceiros (três).

Comum a ambos os géneros, apenas três áreas apresentam diferenças significativas - Sexualidade, Sentimentos/Expressão de Sentimentos e Continuidade. Vejamos: em ambos os membros do casal há um decréscimo na satisfação com a Sexualidade após o nascimento do primeiro filho, com excepção dos casais com filhos em idade escolar, cujos valores de satisfação se assemelham aos encontrados na formação do casal. A gravidez leva a várias alterações, físicas, psicológicas, anatómicas e emocionais, que influenciam a sexualidade e são muitas vezes incrementadas por mitos, crenças e tabus socioculturais. Por outro lado, a presença dos filhos leva a uma diminuição do tempo, da disponibilidade, da privacidade e da energia. Estes factores aumentam a tensão entre o casal e nos seus papéis, quer como pais, quer como amantes. Estudos anteriores evidenciaram que, regra geral, as mulheres têm um decréscimo da sexualidade após o período pós-parto (Nezhad & Goodarzi, 2011). O próprio bebé irá preencher algumas necessidades da intimidade materna, por exemplo no que respeita ao toque (Nezhad & Goodarzi, 2011).

Contudo, o desejo sexual entre os parceiros pode também diminuir com o crescimento psicológico da relação ou devido à sexualidade ser encarada como garantida (Kingsberg, 2000). As alterações na satisfação com a sexualidade nas idades mais avançadas podem também ter origem em alterações biológicas e fisiológicas próprias do processo de envelhecimento que, tal como na gravidez, são potenciadas por mitos e crenças, dificultando a adaptação psicológica a estas novas fases da vida.

A Expressão de Sentimentos apresentou diferenças significativas entre grupos etários para ambos os géneros. Se para as mulheres estas diferenças aparecem logo após o nascimento

do primeiro filho, para os seus companheiros são apenas expressivas quando estes atingem a adolescência, prolongando-se até à sua autonomização.

Por outro lado, a Continuidade da relação revelou igualmente diferenças significativas entre períodos da vida para ambos os parceiros. De acordo com Öner, (2000) muitas preocupações com a continuidade podem originar o decréscimo da satisfação. Os nossos resultados confirmam um decréscimo com a satisfação nesta área, manifestando-se mais cedo nas mulheres, logo após o nascimento do primeiro filho. Não nos podemos esquecer que, regra geral, os primeiros anos de casamento são caracterizados por um maior optimismo quanto ao futuro da relação (Lavner et al., 2013).

Algumas das diferenças encontradas, no entanto, não se verificam em ambos os géneros. A amostra feminina apresentou ainda alterações da Satisfação em mais duas áreas ao longo do ciclo de vida: Intimidade Emocional e Características Físicas e Psicológicas.

A Intimidade Emocional é considerada um dos principais factores da qualidade de um casamento, exercendo uma forte influência na satisfação conjugal (Hassebrauck & Fehr, 2002). As mulheres sem filhos têm valores mais elevados de satisfação na Intimidade Emocional que as restantes, com excepção das mulheres do grupo da velhice, não corroborando completamente os estudos anteriores. Se por um lado algumas investigações defendem um nível de intimidade maior até as crianças atingirem a adolescência (Pérez & Estrada, 2006), outros sugerem um declínio gradual da satisfação com a intimidade, com o aumento dos anos de casamento (Rauer & Volling, 2005). As alterações, exclusivamente na amostra feminina, podem sugerir, em consonância com outros trabalhos, uma maior necessidade ou capacidade de discutir questões de cariz íntimo nas mulheres, (Mirgain & Cordova, 2007; Rauer & Volling, 2005), assim como uma maior tendência a expor mais vulnerabilidades (Waldinger, Hause, Schultz, Atten, & Crowell, 2004).

A satisfação com as Características Físicas e Psicológicas apresenta também oscilações significativas unicamente nas mulheres. No nosso estudo a percepção feminina da sua atractividade diminui após a maternidade, com excepção do grupo das mulheres com filhos em idade escolar, revelando que as alterações subjacentes à gravidez podem originar um decréscimo na satisfação da própria com o seu aspecto físico, características e hábitos, assim como o que percebem ser a satisfação do companheiro com o seu aspecto físico, características e hábitos.

## **Áreas do Funcionamento**

Verificam-se diferenças significativas entre fases do ciclo de vida em quatro das áreas constituintes da dimensão Funcionamento. Comum a ambos os parceiros nas Relações Extrafamiliares e Tempos Livres. As mulheres revelaram também diferenças nas Funções e Papéis e os homens na Comunicação e Conflito.

Após o nascimento das crianças, e em todas as fases seguintes, as mulheres apresentaram níveis de satisfação com os Tempos Livres mais baixos. Tal não se verificou para os homens que, em algumas fases (filhos em idade escolar, filhos adultos a viver em casa e na velhice), apresentaram satisfação semelhante às do período da formação do casal. O tempo partilhado tem um importante papel na coesão familiar e os casais sem filhos têm mais tempo para gastar em actividades de lazer do que casais que são pais (Voorpostel et al., 2009). A maioria dos casais com filhos passa tempo em conjunto em actividades instrumentais e não de lazer, ou em actividades em que as crianças possam participar, percepcionando estes períodos como tempo em família (Claxton & Perry-Jenkins, 2008). O tempo em família tende a sobrepor-se ao tempo em casal e estas restrições são sentidas, principalmente nas mulheres (Voorpostel, Van der Lippe & Gershuny, 2010) que estão recorrentemente ligadas ao papel de cuidadoras.

Ao longo do ciclo de vida, as mulheres apresentam também diferenças na área das Funções e Papéis. Os valores traduzem uma maior satisfação com a gestão financeira, tarefas domésticas, decisões e responsabilidades nas mulheres sem filhos quando comparadas com todas as outras, exceptuando as mulheres com crianças em idade escolar e na velhice. Os resultados da nossa amostra, maioritariamente constituída por mulheres com elevados índices de educação e trabalhadoras, parecem validar a ideia que o trabalho a tempo inteiro fora de casa pode também ser um factor de stress que leva à diminuição do seu bem-estar, originando consequentemente conflitos, especialmente para as mulheres que se têm de dividir em múltiplas funções, dentro e fora do lar (Leslie & Anderson, 1988; Rogers & Amato, 2000; Ruppanner, 2008). Poderá a velhice, com a reforma, a dependência crescente e uma progressiva aproximação do fim da vida levar a uma mudança das funções e papéis promovendo a equidade? Sendo esta um factor central nos relacionamentos actuais, é frequentemente considerada preponderante na Satisfação Conjugal (Helms et al., 2010).

No que diz respeito à satisfação na dimensão Comunicação e Conflito, apenas foram encontradas diferenças nos valores masculinos, significativamente mais baixos nos homens com filhos pequenos, filhos adolescentes e cujos filhos saíram de casa, quando comparados com os homens sem filhos. A parentalidade aparece, mais uma vez, relacionada com a diminuição da satisfação, talvez devido ao eventual aumento de divergências bem como da dificuldade na resolução das mesmas. O facto desta alteração ser exclusivamente masculina remete para as diferenças de género na vivência do conflito relacional que retomaremos abaixo.

### **Os Focos**

A distinção entre os diferentes focos permite verificar a quem o sujeito atribui a maior responsabilidade pelos níveis de satisfação retratados.

Depois da maternidade, o foco da satisfação no parceiro e no casal diminui nas mulheres. Por outro lado, também o foco no próprio diminui com a chegada dos filhos. Contudo, há a excepção das mulheres com crianças em idade escolar que atribuem a maior responsabilidade pela sua satisfação global a elas próprias comparativamente com as que ainda não foram mães.

Os homens sem filhos, comparados com os homens dos restantes grupos etários, atribuem os seus níveis de satisfação tanto à sua própria acção, como à da parceira, ou ainda como sendo fruto da relação. Contudo, os homens com filhos em idade escolar acham-se mais responsáveis pela satisfação do casal do que os que têm filhos adolescentes e aqueles cujos filhos já saíram de casa.

Os resultados indicam que só na formação do casal a responsabilidade pela satisfação conjugal é vista por homens e por mulheres como resultado tanto da acção do próprio como do outro, é fruto da relação em si.

### **Comparação entre membros do casal em cada etapa do ciclo conjugal**

A comparação entre géneros (quadro 4) mostrou-nos que, na maioria das áreas da conjugalidade, ambos os parceiros apresentam níveis de satisfação semelhantes no decurso da vida. Contudo, naquelas em se verificaram diferenças, os valores mais altos de satisfação foram, por norma, registados, pelas mulheres.

## **Amor**

Na análise global do Amor verificámos que há discrepâncias entre parceiros e em todos os grupos etários na área da Intimidade Emocional, onde as mulheres se encontram mais satisfeitas que os homens. Esta diferença pode ser entendida à luz de uma maior facilidade feminina na expressão de sentimentos e emoções (Mirgain & Cordova, 2007, Rauer & Volling, 2005), por oposição a uma maior dificuldade masculina (Cordova et al, 2005).

## **Funcionamento**

Na dimensão Funcionamento, entre os elementos do casal foram encontradas diferenças em três áreas: Papéis e Funções, Comunicação e Conflito e Relações Extra-familiares. Quais foram estas diferenças?

A satisfação com os Papéis e as Funções partilhados pelos cônjuges ao longo da vida foram semelhantes, à excepção dos casais com filhos pequenos, com filhos adultos em casa e cujos filhos saíram de casa (diferença quase significativa), onde os homens apresentaram uma maior satisfação. Esta é, nos nossos resultados, a única área da EASAVIC com valores de satisfação mais elevados nos homens, quando comparados com as companheiras. Refere-se às tarefas domésticas, à gestão financeira, às decisões e responsabilidades. Remetendo para a discussão sobre a influência dos papéis de género tradicionais.

A comparação entre os membros do casal mostrou também diferenças significativas na Comunicação e Conflito, onde as mulheres tiveram resultados mais altos em quase todos os períodos do casamento, com excepção dos casais com filhos em idade escolar e casais cujos filhos já saíram de casa, nos quais os valores dos cônjuges foram semelhantes. Pensando que os itens desta área se referem à frequência, qualidade e tema do diálogo, bem como à frequência de conflitos e sua resolução, associamos a divergência encontrada às pesquisas de outros autores que sublinharam factores socio-educacionais condicionando as mulheres para expressar mais emoções e os homens para as suprimir (Margolin & Wampold, 1981; Walsh et al., 1993). Para além de ser difícil comunicar emoções, a expressividade emocional nos homens parece ser importante para a satisfação das mulheres e para o funcionamento conjugal, mais do que o inverso (Cordova et al., 2005). Por outro lado, faz sentido referir aqui o trabalho de Gottman & Krokoff (1989) que sugere uma maior necessidade feminina de envolvimento em conflitos com o parceiro para a manutenção da satisfação conjugal.

Por último, a comparação entre géneros ao longo das várias etapas do casamento revelou diferenças entre os cônjuges na área da Relação Extrafamiliar onde, mais uma vez, as mulheres se encontram mais satisfeitas. A exceção foram os casais cujos filhos saíram de casa e os casais na velhice, em que ambos apresentam o mesmo grau de satisfação, resultado eventualmente da alteração do holon extra-familiar, a família de origem, os amigos e as relações profissionais, nas fases finais da vida.

No total do Funcionamento só nos casais sem filhos houve diferença significativa entre géneros, com as mulheres mais satisfeitas que os homens.

### **Foco**

Quanto ao Foco, os nossos resultados revelaram diferenças entre os elementos do casal em todos os grupos, unicamente para os itens referentes ao Foco no próprio, apresentando as mulheres valores mais elevados do que os homens. Estes resultados sugerem que as mulheres se consideram mais responsáveis pelos níveis de satisfação encontrados em todas as fases do casamento.

Assim, finalmente, os resultados deste estudo sugerem que, para ambos os elementos do casal, a dimensão Amor exerce uma maior influência na Satisfação Global, apresentando em todos os grupos da amostra, valores de satisfação mais elevados que a dimensão Funcionamento (quadro 5).

## **7. Conclusões**

1. A análise da Satisfação Global, revela valores mais elevados antes da parentalidade

Os resultados mostram uma variação da Satisfação Global semelhante nos homens e nas mulheres.

Ao longo do casamento, na dimensão Amor, as mulheres apresentam flutuações num maior número de áreas comparativamente com os homens.

2. Em todas as fases do casamento, as mulheres atribuem a satisfação conjugal mais a si próprias que ao parceiro ou ao casal.

Tomando os resultados globais da Escala, em todas as fases do relacionamento, a Satisfação apresenta valores semelhantes entre homens e mulheres, com exceção dos casais sem filhos onde elas revelam uma média mais alta do que eles.

3. A dimensão Amor exerce uma influência maior que a do Funcionamento na Satisfação Global dos casais.

## 8. Limitações e Estudos Futuros

Por razões clínicas queríamos perceber como funcionam os casais satisfeitos nos diferentes períodos do seu relacionamento. Daí, uma das características da nossa amostra ser o elevado nível de satisfação conjugal. No entanto, esta decisão pode constituir também uma limitação do estudo no que respeita a uma compreensão mais global do casamento.

Para além da avaliação de amostras não satisfeitas, pensamos ser pertinente a reprodução do trabalho com casais em diversas fases de terapia. A comparação dos actuais resultados com os de uma população clínica poderá dar pistas interessantes para a intervenção dos terapeutas conjugais.

Um grupo que se destacou nos nossos resultados e que deverá ser alvo de estudos futuros é o dos casais com filhos em idade escolar, que apresenta quase sistematicamente uma recuperação dos níveis de satisfação - que voltam a decair na fase seguinte do ciclo -, contrariamente à tendência verificada nos outros grupos do estudo.

## 9. Referências

- Agnew, C.R., Loving, T.J., & Drigotas, S.M. (2001). Substituting the forest for the trees: Social networks and the prediction of romantic relationship state and fate. *Journal of personality and Social*, 81 (6), 1042 – 1057. doi: 10.1037//0022-3514.81.6.1042
- Ahmadi, K., Ashrafi, S.M.N., Kimiaee, S.A., & Afzali, M.H (2010). Effect of family problem-solving on marital satisfaction. *Journal of Applied Sciences*, 10 (8), 682-687. doi: 10.3923/jas.2010.682.687



- Armenta-Hurtarte, C., Sánchez-Aragón, R., & Díaz-Loving, R. (2012). De qué manera el contexto afecta la satisfacción con la pareja? *Suma Psicológica*, 19 (2), 51 – 62. doi: 10.14349/sumapsi2012.1230
- Aron, A., Norman, C., Aron, E., McKenna, C., & Heyman, R. (2000). Couples' shared participation in novel and arousing activities and experienced relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (2), 273 – 284. doi: 10.1037//0022-3514.78.2.273
- Bailey, R., & Price, J. (1978). Perceived physical attractiveness in married partners of long and short duration. *The Journal of Psychology*, 99, 155-161. doi: 10.1080/00223980.1978.9921456
- Berg, E.C., Trost, M., Schneider, I.E., & Allison, M.T. (2001). Dyadic exploration of the relationship of leisure satisfaction, leisure time, and gender to relationship satisfaction. *Leisure Sciences*, 23, 32 – 46. doi: 10.1080/01490400150502234
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples. Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15 (3), 175 – 184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Boden, J.S., Fisher, J.L., & Niehuis, S. (2010). Predicting marital adjustment from young adults' initial levels and changes in emotional intimacy over time: A 25-year longitudinal study. *Journal of Adult Development*, 17, 121 – 134. doi: 10.1007/s10804-009-9078-7
- Brassard, A., & Lussier, Y. (2008). Pratique d'activités physiques et de loisirs : facteurs de protection de la satisfaction conjugale. *Revue internationale de psychologie sociale*, 21(3), 41-65. Retirado de <https://www.cairn.info/revue-internationale-de-psychologie-sociale-2008-3-page-41.htm>
- Burke, T.J., & Young, V.J. (2012). Sexual transformations and intimate behaviours in romantic relationships. *Journal of Sex Research*, 49(5), 454 – 463. doi: 10.1080/00224499.2011.569977

- Carstensen, L.L., Gottman, J.M., Levenson, R.W. (1995). Emotional Behaviour in long-term marriage. *Psychology and Aging*, 10(1), 140-149. doi:10.1037/0882-7974.10.1.140
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life-cycle: A framework of family therapy* (2<sup>nd</sup> ed.). Boston: Ally & Bacon
- Claxton, A. & Perry-Jenkins, M. (2008). No fun anymore: Leisure and marital quality across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 70 (1), 28-43. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00459.x
- Cordova, J.V, Gee, C.B., & Warren, L.Z. (2005). Emotional skilfulness in marriage: Intimacy as a mediator of the relationship between emotional skilfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(2), 218 – 235. doi: 10.1521/jscp.24.2.218.62270
- Cowan, C.P., & Cowan, P.A. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: Why they are needed and what they can do. *Family Relations*, 44(4), 412-423.
- Craddock, A.E. (1994). Relationship between marital satisfaction and privacy preferences. *Journal of Comparative Family Studies*, 25 (3), 371 – 380. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=10&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>
- Dandurand, C. & Lafontaine, M.F. (2013). Intimacy and couple satisfaction: The moderating role of romantic attachment. *International Journal of Psychological Studies*, 5(1), 74 – 90. doi: 10.5539/ijps.v5n1p74
- Davis, M.H., & Oathout, H.A. (1987). Maintenance of satisfaction of romantic relationships: Empathy and relational competence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53 (2), 397-410. doi: 10.1037/0022-3514.53.2.397
- Deci, E., La Guardia, J.G., Moller, A.C., Scheiner, M.J., & Ryan, R.M. (2006). On the benefits of giving as well as receiving autonomy support: Mutuality in close friendships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32 (3), 313 – 327. doi: 10.1177/0146167205282148

- Faulkner, R.A., Davey, M., & Davey, A. (2005). Gender-related predictors of change in marital satisfaction and marital conflict. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 61-83. doi: 10.1080/01926180590889211
- Felmlee, D.H. (2001). No couple is an island: A social network perspective on dyadic stability. *Social Forces*, 79(4), 1259 – 1287. doi: 10.1353/sof.2001.0039
- Gorchoff, S.M, John, O.P., & Helson, R. (2008). Contextualizing change in marital satisfaction during middle age. *Psychological Science*, 19(11), 1194-1200. doi: 10.1111/j.1467.9280.2008.02222.x
- Gordon, C.L. & Baucom, D.H. (2009). Examining the individual within the marriage: Personal strengths and relationship satisfaction. *Personal Relationships*, 16, 421 – 435. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01231.x
- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(1), 47-52. doi: 10.1037/0022-006X.57.1.47
- Gottman, J.M., & Levenson, R.W. (1992). Marital processes predictive of later dissolution: Behavior, physiology, and health. *Journal of personality and Social Psychology*, 63(2), 221-233. doi:10.1037/0022-3514.63.2.221
- Greeff, A.P., & Malherbe, H:L. (2001). Intimacy and marital satisfaction in spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 247 – 257. doi: 10.1080/009262301750257100
- Hahlweg, K., Revenstorf, D., & Schindler, L. (1984). Effects of behavioral marital therapy on couples' communication and problem-solving skills. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 52 (4), 553 – 566. doi: 10.1037/0022-006X.52.4.553
- Hassebrauck, M., & Fehr, B. (2002). Dimensions of relationship quality. *Personal Relationships*, 9, 253-270. doi: 10.1111/1475-6811.00017
- Helms, H.M., Walls, J.K., Crouter, A.C., & McHale, S.M. (2010). Provider role attitudes, marital satisfaction, role overload and housework: A dyadic approach. *Journal of Family Psychology*, 24 (5), 568-577. doi: 10.1037/a0020637

- Hendrick, S.S., Hendrick, C., & Adler, N.L. (1988). Romantic relationships: Love, satisfaction, and staying together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (6), 980-988. doi: 10.1037/0022-3514.54.6.980
- Henry, N.J.M., Berg, C.A., Smith, T.W., & Florsheim, P. (2007). Positive and negative characteristics of marital interaction and their association with marital satisfaction in middle-aged and older couples. *Psychology and Aging*, 22(3), 428-441. doi: 10.1037/0882-7974.22.3.428
- Heyman, R., Hunt-Martorano, A., Malik, J. & Smith Slep, A., (2009). Desired change in couples: Gender differences and effects on communication. *Journal of Family Psychology*, 23 (4), 474 – 484. doi: 10.1037/a0015980
- Huston, T.L., & Vangelisti, A.L. (1991). Socio-emotional behaviour and satisfaction in marital relationships: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (5), 721-733. DOI: 10.1037/0022-3514.61.5.721
- Johnson, M.D., Cohan, C.L., Davila, J., Lawrence, E., Rogge, R.D., Karney, B.R., Sullivan, K., & Bradbury, T. (2005). Problem-Solving Skills and Affective Expressions as Predictors of Change in Marital Satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73 (1), 15 – 27. doi: 10.1037/10022-006X.73.1.15
- Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin*, 118(1), 3-34. doi:10.1037/0033-2909.118.1.3
- Karney, B.R., & Frye, N.E. (2002). “But we’ve getting lately”: Comparing prospective and retrospective views of relationship development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(2), 222-238. doi: 10.1037/0022-3514.82.2.222
- Kim, H.K., Capaçdi, D.M., & Crosby, L. (2007). Generalizability of Gottman and Colleagues’ Affective Process Models of Couples’ Relationship Outcomes. *Journal of Marriage and Family*, 69(1), 55-72. doi: 10.1111/j.1741-3737.2006.00343.x

- Kingsberg, S.A. (2000). The psychological impact of aging on sexuality and relationship. *Journal of Women's Health & Gender-Based Medicine*, 9 (1), 33 – 38. doi: 10.1089/152460900318849
- Knowles, S.J. (2004). Marital Satisfaction, shared leisure and leisure satisfaction in married couples with adolescents. Master Dissertation, Faculty of the Graduate College of the Oklahoma State University, Edmond, Oklahoma, USA.
- Laurenceau, J. P., Kleinman, B., Kaczynski, K., & Carver, C. (2010). Assessment of relationship-specific incentive and treat sensitivities: Predicting satisfaction and affect in adult intimate relationship. *Psychological Assessment*, 22 (2). 407 – 419. doi: 10.1037/a0019231
- Lavner, J.A., Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (2013). Newlywed's optimistic forecasts of their marriage: For better or for worse? *Journal of Family Psychology*, 27 (4), 531-540. doi: 10.1037/a0033423
- Lawrence, E., Pederson, A., Bunde, M., Barry, R.A., Brock, R.L., Fazio, E., (...), Dzankovic, S. (2008). Objective ratings of relationship skills across multiple domains as predictors of marital satisfaction trajectories. *Journal of Social and Personal Relations*, 25(3), 445-466. doi: 10.1177/0265407508090868
- Lenvenson, R.W., Carstensen, L.L., & Gottman, J.M. (1993). Long-term marriage: age, gender, and satisfaction. *Psychology and Aging*, 8(2), 301-313. doi:10.1037/0882-7974.8.2.301
- Leopold, T. & Skopek, J. (2016). Retirement and changes in housework: A panel study of dual earner couples, SOEPpapers on Multidisciplinary Panel Data Research, No. 837. <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/137583/1/858201844.pdf>
- Leslie, L.A. & Anderson, E.A. (1988). Men's and women's participation in domestic roles: Impact on quality of life and marital adjustments. *Journal of Family Psychology*, 2 (2), 212 – 226. doi: 10.1037/h0080494
- Li, N.P., Yong, J.C., Tov, W., Sng, O., Fletcher, G.J.O., Valentine, K.A., Jiang, Y.F., & Balliet, D. (2013). Mate preferences do predict attraction and choices in the early stages of mate

- selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(5), 757-776. doi: 10.1037/a0033777
- Li, T. & Fung, H.H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15 (3), 246 – 254. doi: 10.1037/a0024694
- Margolin, G., & Wampold, B. (1981). Sequential analyses of conflict and accord in distressed and nondistressed marital partners. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49(4), 554-567. doi: 10.1037/0022-006X.49.4.554
- Markman, H.J., Renick, M.J., Folyd, F.J., Stanley, S.M., & Clements, M. (1993). Preventing marital distress through communication and conflict management training: A 4- and 5-year follow-up. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61 (1), 70 – 77. doi: 10.1037/0022-006X.61.1.70
- McCabe, M.P. (1999). The interrelationship between intimacy, relationship functioning and sexuality among men and women in committed relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 8(1), 31 – 38. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=23&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>
- McNulty, J.K., & Russell, V.M. (2010). When “negative” behaviours are positive: A contextual analysis of the long-term effects of problem-solving behaviours on changes in relationship satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98 (4), 587 – 604. doi: 10.1037/a0017479
- McNulty, J.K., Neff, L.A., & Karney, B.R. (2008). Beyond initial attraction: physical attractiveness in newlywed marriages. *Journal of Family Psychology*, 22 (1), 135 – 143. doi: 10.1037/0893-3200.22.1.135
- Meltzer, A.L., McNulty, J.K., Jackson, G.L., & Karney, B.R. (2014). Sex differences in the implications of partner physical attractiveness for trajectory of marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(3), 418-428. doi: 10.1037/a0034424
- Mirgain, S.A. & Cordova, J.V. (2007). Emotion skills and marital health: the association between observed and self-reported emotion skills, intimacy, and marital satisfaction.

*Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(9), 983 – 1009.  
doi:10.1521/jscp.2007.26.9.983

Narciso, I. & Costa, M.E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.

Neighbourgh, R.H. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 78 (8), 11 – 15. Retrieved from [http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth\\_ed.pdf](http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth_ed.pdf)

Nezhad, M.Z., & Goodarzi, A.M. (2011). Sexuality, intimacy, and marital satisfaction in Iranian first time parents. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 37, 77-88. doi: 10.1080/0092623X.2011.547336

Öner, B. (2000). Future time orientation and relationships with the opposite sex. *The Journal of Psychology*, 134(3), 306 – 314. doi: 10.1080/00223980009600870

Öner, B. (2001). Factors predicting future time orientation for romantic relationships with the opposite sex. *The Journal of Psychology*, 135 (4), 430 – 438. doi: 10.1080/0022389019603709

Pérez, I. & Estrada, S. (2006). Intimidad y comunicación en cuatro etapas de la vida de pareja: su relación com la satisfacción marital. *Archivos Hispanoamericanos de Sexologia*, 12 (2), 133 – 163. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=28&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>

Rauer, A.J. & Volling, B.L. (2005). The role of husbands' and wives' emotional expressivity in marital relationship. *Sex Roles*, 52(9/10), 577 – 587. doi: 10.1007/s11199-005-3726-6

Rehman, U.S. & Holtzworth-Munroe, A. (2007). A cross-cultural examination of the relation of marital communication behaviour to marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 21 (4), 759-763. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.759

- Relvas, A.P. (2004). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento
- Rogers, S.J. & Amato, P.R. (2000). Have changes in gender relations affected marital quality? *Social Forces*, 79 (2), 731 -753. doi:10.1093/sf/79.2.731
- Ruppanner, L. (2008). Fairness and housework: A cross-national comparison. *Journal of Comparative Family Studies*, 39(4), 509-526. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=30&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>
- Sakalli-Ugurlu, N. (2003). How do romantic relationship satisfaction, gender stereotype, and gender relate to future time orientation in romantic relationships? *The Journal of Psychology*, 137 (3), 294 – 303. doi: 10.1080/00223980309600615
- Sardinha, A., Falcone, E.M.O, & Ferreira, M.C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 25 (3), 395 – 402. doi: 10.1590/S0102-37722009000300013
- Stephen, C., & John Michel Raj, S. (2014). U-shaped curve of marital satisfaction: an Indian scenario. *Research Horizons*, 4, 176-183.
- Sternberg, R.J., & Barnes, M.L. (1985). Real and ideal others in romantic relationships: Is four a crowd? *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(6), 1586-1608. doi:10.1037/0022-3511.49.6.1586
- Storaasli, R., & Markman, H. (1990). Relationship problems in early stages of marriage: A longitudinal investigation. *Journal of Family Psychology*, 4 (1), 80-98. doi: 10.1037/0893-3200.4.1.80
- Thompson, L. (1988). Women, men, and marital quality (Comment). *Journal of Family Psychology*, 2(1), 95-100. doi: 10.1037/h0080478
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D.A., Chen, M.D., & Campbell, A.M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital Quality. *Social Forces*, 84(1), 487-505. doi: 10.1353/sof.2005.0131



- Vanassche, S., Swicegood, G., & Matthijs, K. (2013). Marriage and children as a key to happiness? Cross-national differences in the effect of marital status and children on well-being. *Journal of Happiness Studies*, 14, 501-524. doi: 10.1007/s10902-012-9340-8
- Voorpostel, M., Van der Lippe, T., & Gershuny, J. (2009). Trends in free time with partner: A transformation of intimacy. *Social Indicators Research*, 93, 165-169. doi: 10.1007/s11205-008-9383-8
- Voorpostel, M., Van der Lippe, T., & Gershuny, J. (2010). Spending time together – Changes over four decades in leisure time spent with a spouse. *Journal of Leisure Research*, 42 (2), 243 – 265. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.472.6279&rep=rep1&type=pdf>
- Waldinger, R.J., Hauses, S.T., Schultz, M.S., Atten, J.P., & Crowell, J.A. (2004). Reading others' emotions: The role of intuitive judgments in predicting marital satisfaction, quality and stability. *Journal of Family Psychology*, 18 (1), 58-71. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.58
- Walsh, V., Baucom, D.H., Tyler, S., & Sayers, S.L. (1993). Impact of message valence, focus, expressive style, and gender on communication patterns among maritally distressed couples. *Journal of Family Psychology*, 7 (2), 163-175. doi: 10.1037/0893-3200.7.2.163
- Yeh, H.C., Lorenz, F.O., Wickrama, K.A.S., Conger, R., Elder Jr., G.H. (2006). Relationships among sexual satisfaction, marital quality, and marital instability al midlife. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 339 – 343. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.339

## **Artigo 2 - Comunicação e Gestão de Conflitos em Relações Conjugais ao longo do Ciclo de Vida**

(Artigo submetido para publicação)

José de Abreu-Afonso, Isabel Leal, Vera Proença

Ispa-IU, Lisboa, Portugal

Correspondência: jaa@ispa.pt

**Resumo:** Os terapeutas familiares descobriram a importância de compreender o ciclo vital do casal (Haley, 1984) e os diferentes estádios de transição (Carter e McGoldric, 1982; Relvas, 2004) associados a uma vulnerabilidade específica: formação do casal, casal com filhos pequenos, casal com filhos em idade escolar, casal com adolescentes, casal em ninho vazio e casal na proximidade da morte. A forma como os parceiros gerem as suas inevitáveis diferenças distingue os casais satisfeitos (Markman, 1992). O artigo tem como objectivo estudar a comunicação e a gestão de conflitos nas relações conjugais ao longo do ciclo de vida. Para avaliar a comunicação em casais utilizamos o EGAD, adaptação dos autores (2016) da MADS (Arellano & Markman, 1995). A nossa amostra foi composta por 185 casais heterossexuais divididos em 7 grupos (vivendo juntos há menos de 4 anos; tendo filhos pequenos com idade até 5 anos; com idade escolar entre 6 e 12 anos; com filhos adolescentes entre os 13 e os 19 anos de idade; casais cujos filhos saíram de casa, casais idosos em que um dos membros tem, pelo menos, 60 anos de idade, casais com filhos adultos que vivem em casa (em que os filhos têm, pelo menos, 23 anos)). Os resultados confirmam a existência de diferenças no padrão de comunicação e gestão de conflitos ao longo do ciclo conjugal. As diferenças são particularmente evidentes quando se comparam homens e mulheres ainda sem filhos com os que estão na parentalidade. Também encontramos um maior uso de estratégias de comunicação positivas em casais não casados e na fase da formação do casal. Por outro lado, não foram encontradas diferenças entre os casais no primeiro ou segundo relacionamento.

**Palavras-chave:** comunicação conjugal; gestão do conflito conjugal; conjugalidade; ciclo de vida de casais

## 1. Introdução

A qualidade de uma relação conjugal não é um aspecto estático apresentando oscilações ao longo do tempo de acordo com a quantidade de dimensões positivas e negativas no seu seio (Gottman, 1993). Os relacionamentos passam por várias fases, caracterizadas por crises resultantes de períodos de transição, normalmente associados a eventos de vida (Carter & McGoldrick, 1980; Relvas 2004).

A saúde da relação íntima liga-se à forma como o casal lida com as crises e a padrões de comunicação construtivos ou destrutivos. Esta é comumente apontada como uma forma de resolução de problemas, mas tem um papel igualmente relevante na partilha de pensamentos e sentimentos fora da situação de conflito. Uma comunicação construtiva irá potenciar a qualidade da relação (Bertoni & Bodenman, 2010; Litzinger & Gordon, 2005) assim como fornecer estratégias de *coping* que asseguram a associação directa entre o padrão da relação e a satisfação com a mesma (Wunderer & Schneewind, 2008).

Casais não problemáticos apresentam mecanismos de reparação que previnem respostas negativas. Competências verbais e afectivas são características importantes da comunicação conjugal, e bons preditores dos níveis de satisfação (Johnson et al., 2005). Assim, as capacidades e comportamentos positivos, como a auto-revelação e a aceitação, são fundamentais para gerar no companheiro uma solução positiva para os problemas. As capacidades positivas e os afectos podem sobrepor-se aos efeitos produzidos pelas aptidões negativas (Hahlweg, Revenstorf, & Schindler, 1984).

Neste sentido, uma comunicação construtiva é caracterizada por capacidades como ouvir - de forma a entender e resolver o conflito -, observar - a comunicação não verbal é essencial para encorajar a comunicação verbal -, e falar - os cônjuges devem aceitar o conhecimento e responsabilidade conjunta do que é dito e percebido (Sheras & Koch-Sheras, 2006).

Casais com problemas apresentam frequentemente pobres mecanismos de reparação, originando comportamentos, afectos e sentimentos negativos e de evitamento (Bélanger, Sabourine, Wrigth, 1993; Birchler, Weiss, & Vincent, 1975; Gottman & Levenson, 1992) e, consequentemente, a comunicação desenvolve-se de forma mais negativa (Markman, 1979; Vincent, Friedman, Nugent, & Messerly, 1979; Gottman & Krokoff, 1989; Amato & Preeti,

2003). Adicionalmente, estes casais tendem a dar atribuições mais negativas aos eventos (Holtzworth-Muroe & Jacobson, 1985), iniciando mais facilmente os comportamentos de comunicação negativos. O conflito e o *stress* são usualmente desencadeados por padrões relacionais diferentes entre o par e facilitados por padrões de comunicação negativos, de forma geral, pelo facto de os parceiros assumirem que estes comportamentos são deliberados (Baucom, Epstein, Rankin, & Burnett, 1996).

Contudo, o conflito nem sempre tem uma função destrutiva. Apenas se torna disfuncional quando conjugado simultaneamente com queixas, criticismo, comportamentos defensivos, desprezo e aversão (Gottman, 1993). A aceitação do conflito e dos sentimentos negativos são também importantes para a transformação da comunicação negativa em comunicação positiva. O conflito é assim necessário para a manutenção da relação amorosa (Sheras & Koch-Sheras, 2006).

Diferenças nas dimensões positivas e negativas do casamento aparecem em conformidade com a extensão do mesmo. Na revisão de Bertoni e Bodenmann (2010), sobre a qualidade da relação, sublinha-se que os casais mais novos têm simultaneamente mais características positivas e negativas, enquanto nos casamentos de longa duração existem ligeiramente menos características positivas e ainda menos negativas. Por outro lado, surgem referências que aspectos positivos da felicidade tendem a decrescer com o tempo, enquanto características negativas não parecem aumentar.

De acordo com Storaasli e Markman (1990), antes do casamento o conflito versa, normalmente, temas como a família, ciúmes, amigos e religião. Após o casamento, a quantidade de conflitos sobre temas periféricos decresce, provavelmente porque o casal se torna mais seguro. Contudo, aumentam as discussões cujos temas se relacionam com a relação em si. Encontramos então tópicos como a gestão do tempo, recursos, comunicação, emoções, corpo e preferências (Meza-de-Luna & Romero-Zepeda, 2013), dinheiro, família, falta de afecto e amor, negligência, abuso físico e verbal, crueldade emocional (Levinger, 1966) e sexo (Rehman et al., 2011). As questões relacionadas com as crianças não revelam alterações nas fases iniciais vida dos casais, ou seja, nas fases antes do casamento, início do casamento e início da parentalidade (Storaasli & Markman, 1990).

Os estudos sobre os tópicos de conflito mostram-se, no entanto, contraditórios, com alguns autores defendendo que não é o tópico de discussão que influencia a comunicação

(Sanford, 2003). As emoções negativas associadas a problemas não resolvidos podem criar uma espiral de sentimentos negativos que se expressa negativamente nos esforços para discutir esses problemas (Storaasli & Markman, 1990).

O género é outro factor amplamente estudado na sua relação com a comunicação e o conflito ao longo das diferentes fases da vida conjugal. Tradicionalmente, homens e mulheres desempenham papéis diferentes, mas complementares, não só nas relações antes do casamento, mas em todas as etapas do mesmo. Nos dias de hoje, o casal enfrenta, cada vez mais, novos desafios impostos pela crescente igualdade de género, pela valorização da individualidade (Aboim, 2006) ou mesmo pelas mudanças na concepção de família, o que irá ser determinante na comunicação entre parceiros ao longo da relação.

Outra das variáveis encontrada na literatura sobre a comunicação conjugal é a coabitação. Surge normalmente associada a baixos níveis de satisfação e felicidade (Vanassche, Swicegood, & Matthijs, 2013) fraca dedicação e compromisso masculino (Rhoades, Stanley, & Markman, 2006), níveis elevados de conflito e divórcio, assim como de violência física e uma qualidade comunicacional pobre (Kline et al., 2004). Casais que coabitam antes do casamento mostram níveis mais elevados de *stress*, níveis estes que não decrescem após o casamento e, consequentemente, vão originar uma maior propensão para a separação. A coabitação prévia encontra-se associada a uma reduzida quantidade de interações positivas. Casais que coabitam experienciam mais conflito devido a ciúmes, especialmente por causa das expectativas de exclusividade e de suspeita, assim como sentimentos mais baixos de confiança. Os casais apresentam maior satisfação emocional e física em relações em que não exista ciúme e desconfiança, independentemente do estado civil, mas, regra geral, aqueles em coabitação apresentam menor satisfação emocional (Gatzeva & Paik, 2011). Contudo, este facto também não é consensual na literatura. Alguns autores não encontram qualquer relação entre os anos de coabitação e a maior ou menor tendência para o divórcio (Kline et al., 2004).

Os padrões comunicacionais parecem ainda ser uma variável que distingue o primeiro do segundo casamento. No entanto, também se encontram resultados contraditórios na literatura. Halford, Nicholson e Sanders (2007) sugerem que durante o segundo casamento, os casais tendem a apresentar menos padrões negativos de comunicação, mas mais retirada. Por outro lado, a satisfação conjugal diminui mais rapidamente (Kurdeck, 1991) e os cônjuges tendem a expressar mais abertamente críticas, raiva e irritação (Hetherington, 1993) no segundo

casamento. Mirecki, Brimhall e Bramesfeld (2013), na comparação da realidade actual dos casais em segundas núpcias com aquilo que perceberam nos seus primeiros casamentos revelaram padrões comunicacionais construtivos muito semelhantes, e apenas uma utilização ligeiramente mais elevada do padrão demanda-retirada nos casais em primeira união, mas valores mais significativos de evitação e retenção de emoções negativas e comunicação conjugal. Adicionalmente, os homens parecem ceder mais durante conflitos conjugais do que fizeram nos seus primeiros casamentos (Mirecki, et al., 2013).

## **2. Objectivo**

Temos como objectivo neste trabalho elucidar alguns aspectos menos claros na literatura e transpor pontos frágeis na constituição de muitas das amostras que encontramos. Adicionalmente, procuramos estudar os diferentes períodos cronológicos minimizando o enviesamento de factores como a idealização da avaliação retrospectiva do casamento.

## **3. Desenho da investigação**

Trata-se de um estudo transversal, exploratório, comparativo e correlacional.

Definimos a variável *Comunicação* que, no casal, “é o processo de transferência de informação” (Meza-de-Luna & Romero-Zepeda, 2013, p.95), podendo comportar estratégias mais construtivas ou mais destrutivas, incluindo as aptidões para lidar com o conflito. Procurámos respostas para as seguintes questões:

1. De que forma as estratégias de comunicação e gestão do conflito variam, nos homens e nas mulheres, ao longo do ciclo de vida?
2. De que forma as estratégias de comunicação e gestão do conflito variam de uma primeira para uma segunda relação conjugal?
3. De que forma as estratégias de comunicação e gestão do conflito variam com o estado civil (casamento vs. união de facto)?

## 4. Método

### 4.1. Participantes.

Participaram 370 indivíduos, num total de 185 casais, dos quais 138 são casados e 47 coabitam. A amostra foi agrupada de acordo com a literatura clássica referente ao ciclo da família (Carter & McGoldric 1982; Neighbourgh, 1985; Relvas, 2004). Contudo, o nosso trabalho compreendeu um novo grupo, casais com filhos adultos que ainda vivem com os pais. Trata-se de uma situação, hoje em dia, vulgar na nossa cultura. No trabalho de Umberson, Williams, Powers, Chen e Campbell, (2005), a presença de filhos adultos em casa traduziu-se num período onde o casal apresentou baixos níveis de experiências conjugais positivas. Assim sendo, foram contemplados os seguintes grupos:

*Formação do Casal:* Casais que se casaram ou vivem em união de facto há menos de 4 anos (inclusive). Sem filhos do casamento actual ou anterior que morem com o casal. Foram excluídos todos os casais com menos de 4 anos de união com filhos.

*Casais com filhos pequenos:* Casais com filhos de idade até 5 anos, da relação actual, independentemente do número de anos de casamento/união. Foram excluídos casais com filhos de outros casamentos, pois pretende avaliar-se o impacto do nascimento do(s) filho(s) de ambos.

*Casais com filhos em idade escolar:* Casais com filhos de idade compreendida entre os 6 e os 12 anos (inclusive), independentemente dos anos de união. Foram excluídos casais que embora tenham filhos com esta idade, tenham também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união).

*Casais com filhos adolescentes:* Casais cujos filhos têm entre 13 e 19 anos. Foram excluídos casais que, embora tenham filhos com esta idade, tenham também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união). *Casais com filhos que saíram de casa:* Casais cujos filhos saíram de casa há menos de 4 anos (inclusive). Foram excluídos todos os casais que, embora alguns filhos tenham saído de casa, tenham ainda outros a viver consigo.

*Casais com filhos adultos em casa:* Casais com filhos adultos (idade superior a 23 anos) que ainda habitam em casa. Foram excluídos casais cujos filhos tinham idades compreendidas

entre 20 e 23 (frequência universitária), já que não se podem considerar adultos, nem adolescentes.

*Casais na velhice*: Casais sem filhos em casa, em que pelo menos um dos elementos tem idade igual ou superior a 60 anos. Foram incluídos todos os casais, independentemente do número de casamentos e filhos de cada união.

## 4.2. Caracterização da Amostra

Os quadros que se seguem apresentam a caracterização da amostra.

Quadro 1

### *Caracterização da Amostra*

		N	%
Fase da Relação	Formação do Casal	30	16.2
	Casais com filhos pequenos	40	21.6
	Casais com filhos em idade escolar	26	14.1
	Casais com filhos adolescentes	38	20.5
	Casais com filhos que saíram de casa	8	4.3
	Casais na velhice	18	9.7
	Casais com filhos adultos que ainda vivem em casa	25	13.5
	Total	185	100.0
Tipo de União	Casamento	138	74.6
	Coabitação	47	25.4
	Total	185	100.0
Duração do casamento	< 1 ano	1	0.7
	1-5 anos	12	8.7
	6-10 anos	26	18.8
	11-15 anos	14	10.1
	16-20 anos	21	15.2
	> 20 anos	64	46.4
	Total	138	100.0
Duração da Coabitação	< 1 ano	2	4.3
	1-5 anos	26	55.3
	6-10 anos	8	17.0
	11-15 anos	6	12.8
	16-20 anos	2	4.3
	> 20 anos	3	6.4
	Total	47	100.0
Presença de filhos da relação actual	Sim	150	81.1
	Não	35	18.9
	Total	185	100.0
Número de filhos da presente relação	1 filho	60	40.0
	2 filhos	73	48.7
	3 filhos	14	9.3
	> 3 filhos	3	2.1
	Total	185	100.0

Quadro 2



*Idade, nível educacional e situação profissional*

		Mulheres		Homens	
		N	%	N.	%
Idade	< 30 anos	32	17.3	18	9.7
	30-39 anos	55	29.7	60	32.4
	40-49 anos	49	26.5	43	23.2
	50-59 anos	44	23.8	59	31.9
	69-70 anos	4	2.2	4	2.2
	70-79 anos	1	.5	1	.5
	Total	185	100.0	185	100.0
		Min.= 20	Max.=80	Min.= 19	Max. =82
		Média = 41.87	Desvio padrão = 12.70	Média = 44.50	Desvio Padrão = 2.69
Situação Profissional	Reformado	18	9.7	22	11.9
	Desempregado	4	2.2	6	3.2
	Doméstico	8	4.3	0	0.0
	Estudante	3	1.6	1	0.5
	Empregado por conta própria / Profissional Liberal	11	5.9	30	16.2
	Empregado por conta de outrem	128	69.2	115	62.2
	Empregado por conta própria e por conta de outrem	4	2.2	4	2.2
	Trabalhador-Estudante	1	.5	4	2.2
	Não respondeu	8	4.3	3	1.6
	Total	185	100.0	185	100
Escolaridade	Nível Primário	13	7.0	8	4.3
	Nível Básico	8	4.3	13	7.0
	Nível Secundário Unificado	24	13.0	34	18.4
	Nível Secundário Complementar	50	27.0	49	26.5
	Curso Médio	12	6.5	5	2.7
	Bacharelato	5	2.7	16	8.6
	Licenciatura	60	32.4	52	28.1
	Mestrado	12	6.5	6	3.2
	Doutoramento	0	0.0	1	0.5
	Não respondeu	1	0.5	1	0.5
Total		185	100.0	185	100

Das 9 questões iniciais da MADS (8 das quais não serão exploradas neste artigo), uma delas revelou, para a nossa amostra, valores elevados de satisfação e felicidade global. Uma maior percentagem de homens refere ser feliz ou muito feliz (86.5%) e estar satisfeito ou muito satisfeito (92.4%), comparativamente com as mulheres que apresentam uma percentagem de 80.5% (felicidade) e 89.2% (satisfação). A diferença entre géneros encontra-se no limiar de significância (0.025 e 0.040 respectivamente).

### 4.3. Material

**Questionário Sócio-demográfico:** visou recolher uma quantidade alargada de informação sociológica sobre a amostra, permitindo a sua caracterização e divisão pelos grupos contemplados no estudo.

***Managing Affect and Differences Scale*** - MADS (Arellano & Markman, 1995), adaptada à população portuguesa: EGAD: Escala de Gestão do Afecto e das Diferenças - por Abreu-Afonso e Leal, (2016), que tem como finalidade aceder às competências de comunicação e gestão do conflito de uma forma muito concreta. A escala EGAD é composta por 109 itens que se organizam em 13 sub-escalas: “Expressividade Emocional e Comunicação Positiva”, “Negatividade/Escalada Negativa”, “Clarificação”, “Disponibilidade e Expressão Afectiva”, “Focar/Parar”, “Seleccionar/Validar”, “Retirada”, “Feedback” e “Comunicação Através do Tempo”, sendo a escala de resposta num intervalo de 1 (Discordo Francamente) a 5 (Concordo Francamente).

Esta especificidade é o que distingue a escala de outras que se propõem estudar as mesmas dimensões. O instrumento procura aceder à forma como o casal fala sobre questões problemáticas, o tipo de comunicação específica utilizada e as estratégias de gestão de conflitos, fazendo uma boa diferenciação entre capacidades verbais construtivas e destrutivas.

Para além daqueles 109 itens, a escala possui 9 questões iniciais que fornecem várias informações sobre os casais.

### 4.4. Procedimento

Os dados foram recolhidos em diversos serviços públicos e privados da área metropolitana de Lisboa, através de um sistema de “bola de neve”, durante 18 meses. A amostra inicial foi composta por 596 questionários válidos e correspondia a 298 casais. Contudo, tendo por base os dados demográficos e os grupos definidos, apenas foram elegíveis 185 casais. O trabalho foi aprovado pelo comité de ética do ISPA-IU e foi pedido o consentimento informado a todos os participantes.

O tratamento de dados foi realizado com recurso ao SPSS versão 21.0. A estatística de inferência utilizada foi:

**Teste de Amostras Emparelhadas:** teste paramétrico *t student para amostras dependentes* – Para comparar entre os membros do casal nas dimensões da escada de comunicação e gestão de conflitos. Usámos este teste porque as dimensões têm uma escala quantitativa e são normais (examinadas pelo teste de Shapiro) ou possuem um ligeiro desvio à norma (Skweness <3 and Kurtose <7).

Utilizámos também o *teste não paramétrico de Wilcoxon* para comparar os dois elementos do casal nos itens da MADS com escala qualitativa, tipo ordinal, e o teste não paramétrico McNemar para comparar os dois elementos da díade nos itens dicotómicos da escala.

**Testes para amostras independentes:** *MANOVA* – Este teste não paramétrico foi utilizado para comparar grupos em diferentes fases da relação, nas dimensões de gestão de conflito, pois a normalidade necessária foi atingida ou os desvios de normalidade foram pouco severos nos diferentes grupos, assim como as dimensões possuíam correlacção entre si. Usámos os testes *t student* para amostras independentes para comparar dois grupos nas dimensões de gestão do conflito.

## 5. Resultados

Os quadros 3 e 4 apresentam os resultados da nossa análise em resposta à primeira questão em estudo - De que forma as estratégias de comunicação e gestão do conflito variam, nos homens e nas mulheres, ao longo do ciclo de vida?

Assim, o quadro 3 mostra, para o género feminino, as estratégias de comunicação usadas ao longo do tempo.

## Quadro 3

*MANOVA: Fase da relação vs. Estratégias de Comunicação e Gestão de Conflito (Resultados Significativos) - Género Feminino*

Género Feminino	Grupo	Média	Desvio Padrão	N	MANOVA
Expressividade Emocional / Comunicação Positiva	Formação do Casal	4.0732	.47913	30	F (6) = 4.177 p = 0.001***
	Casais com filhos pequenos	3.6536	.52579	40	
	Casais com filhos em idade escolar	3.6829	.51316	26	
	Casais com filhos adolescentes	3.6681	.71318	38	
	Casais com filhos adultos que saíram de casa	3.0302	.81297	8	
	Casais na velhice	3.6575	.42264	18	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	3.5364	.65663	25	
Clarificar	Formação do Casal	4.1930	.47435	30	F (6) = 2.203 p = 0.045*
	Casais com filhos pequenos	3.9753	.55075	40	
	Casais com filhos em idade escolar	3.9000	.64436	26	
	Casais com filhos adolescentes	3.9189	.48239	38	
	Casais com filhos adultos que saíram de casa	3.8500	.53452	8	
	Casais na velhice	3.8164	.66682	18	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	3.6539	.70439	25	
Disponibilidade/ Expressão Afetiva	Formação do Casal	4.6065	.35925	30	F (6) = 4.284 p = 0.000***
	Casais com filhos pequenos	4.2451	.52797	40	
	Casais com filhos em idade escolar	4.1813	.57768	26	
	Casais com filhos adolescentes	4.2023	.51415	38	
	Casais com filhos adultos que saíram de casa	4.0000	.30619	8	
	Casais na velhice	4.0427	.52725	18	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	4.0071	.57337	25	
Focar / Parar	Formação do Casal	2.9933	.71916	30	F (6) = 2.701 p = 0.016*
	Casais com filhos pequenos	3.1675	.66810	40	
	Casais com filhos em idade escolar	2.9462	.84769	26	
	Casais com filhos adolescentes	3.4316	.74909	38	
	Casais com filhos adultos que saíram de casa	3.6750	.51200	8	
	Casais na velhice	3.3361	.76884	18	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	3.4182	.51773	25	

\* Significante a 0,05; \*\* significante a 0,01; \*\*\* significante a 0,001

Na dimensão Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva, as mulheres sem filhos diferem significativamente das restantes, revelando resultados mais elevados. Contrariamente, o grupo de mulheres cujos filhos saíram de casa apresentam os valores mais baixos, diferindo significativamente de todos os outros grupos.

No que diz respeito à Clarificação, as mulheres sem filhos apresentam valores mais elevados e diferem significativamente das mulheres com filhos adolescentes, com filhos adultos em casa e na velhice. Por sua vez, mulheres com filhos adultos em casa, diferem das mulheres sem filhos, com filhos pequenos e em idade escolar, sendo o grupo com valores mais baixos desta dimensão.

Os valores referentes à Disponibilidade/ Expressão Afectiva mostram que as mulheres sem filhos diferem das restantes, apresentando os resultados mais elevados nesta dimensão.

A dimensão Focar/ Parar apresenta diferenças significativas entre as mulheres sem filhos, que apresentam valores mais baixos que as dos grupos com filhos adolescentes, filhos adultos que saíram de casa e com filhos adultos em casa. As mulheres com filhos em idade escolar diferiram também das mulheres com filhos adolescentes, com filhos adultos que saíram de casa e com filhos adultos em casa e apresentaram os valores mais baixos de todos os grupos.

O quadro 4 mostra, para o género masculino, as estratégias de comunicação usadas ao longo do tempo.

#### Quadro 4

*MANOVA: Fase da relação vs. Gestão de Conflito (Resultados Significativos). Género Masculino*

Género Masculino	Grupo	Média	Desvio Padrão	N	
Expressividade Emocional / Comunicação Positiva	Formação do Casal	4.1066	.49474	30	F (6) = 4,334 p = 0,000***
	Casais com filhos pequenos	3.7537	.41288	40	
	Casais com filhos em idade escolar	3.8183	.41013	26	
	Casais com filhos adolescentes	3.5758	.57454	38	
	Casais com filhos adultos que saíram de casa	3.4866	.49104	8	
	Casais na velhice	3.6834	.51250	18	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	3.5984	.53032	25	
Seleccionar / Validar	Formação do Casal	3.8333	.45275	30	F (6) = 2,185 p = 0,047*
	Casais com filhos pequenos	3.6000	.47860	40	
	Casais com filhos em idade escolar	3.8718	.51706	26	
	Casais com filhos adolescentes	3.6526	.52587	38	
	Casais com filhos adultos que saíram de casa	3.7247	.57614	8	
	Casais na velhice	3.8889	.52394	18	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	3.9333	.28868	25	
Retirada	Formação do Casal	2.3000	.67438	30	
	Casais com filhos pequenos	2.3375	.72647	40	
	Casais com filhos em idade escolar	2.4551	.67587	26	
	Casais com filhos adolescentes	2.4912	.85507	38	

Casais com filhos adultos que saíram de casa	2.7661	.69769	8	F (6) = 2,142 p = 0,051*
Casais na velhice	2.9423	.86060	18	
Casais com filhos adultos a viver em casa	2.6667	.64550	25	

\*Significante a 0,05, \*\* significativa a 0,01, \*\*\* significativa a 0,001

Na Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, os homens sem filhos, tal como acontece com as mulheres, diferem significativamente dos restantes grupos, revelando valores mais elevados.

No que diz respeito à dimensão Seleccionar/Validar, os homens com filhos pequenos diferem dos homens sem filhos, com filhos em idade escolar, com filhos adultos a viver em casa e na velhice. Quando os filhos são pequenos, os homens apresentam valores mais baixos em relação aos outros grupos.

Na dimensão Retirada, os homens na velhice apresentam valores mais elevados, diferindo significativamente de todos os grupos, à excepção dos homens com filhos adultos (quer estes já tenham saído, quer ainda vivam em casa dos pais).

Para responder à segunda questão - De que forma as estratégias de comunicação e gestão do conflito variam de uma primeira para uma segunda relação conjugal? - procedeu-se à comparação entre estes os casais. Os resultados da análise, por género, constam nos quadros 5 e 6.

#### Quadro 5

*T-student: Comparação entre o primeiro e segundo casamento na comunicação e gestão de conflitos (mulheres)*

Género Feminino	Primeiro Casamento/ União	N	Média	Desvio Padrão	t student
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Sim	169	3.7336	.51366	t = -1.929
	Não	16	3.8554	.56663	p = 0.055 <sup>ls</sup>
Negatividade/ Escalada Negativa	Sim	169	2.6783	.66311	t = -0.508
	Não	16	2.5546	.77124	p = 0.612
Clarificação	Sim	169	3.7735	.50575	t = -1.033
	Não	16	3.8313	.58048	p = 0.303
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Sim	169	4.1440	.50875	t = -1.558
	Não	16	4.3560	.53811	p = 0.121
Focar/ Parar	Sim	169	3.1755	.64758	t = -0.878
	Não	16	3.3531	.65865	p = 0.381
Seleccionar/ Validar	Sim	169	3.7609	.47823	t = 0.435
	Não	16	3.8125	.59590	p = 0.664
Retirada	Sim	169	2.5272	.75894	t = 0.507
	Não	16	2.2292	.69622	p = 0.613

Feedback	Sim	169	3.6320	.66514	t = -0.810
	Não	16	3.6250	.90164	p = 0.419
Comunicação através do tempo	Sim	169	3.5979	.70700	t = -0.909
	Não	16	3.7500	.58452	p = 0.364

Is- limiar de significância

Nas mulheres não se encontraram diferenças significativas nas estratégias comunicação e de gestão de conflitos entre a primeira e a segunda relação. Contudo, sublinhe-se a existência de valores no limiar de significância para a Expressividade Emocional/Comunicação Positiva: as que se encontram numa segunda união apresentam valores mais elevados nesta dimensão.

#### Quadro 6

*T-student: Comparação entre o primeiro e segundo casamento na comunicação e gestão de conflitos (homens)*

Género Masculino	Primeiro Casamento/União	N	Média	Desvio Padrão	t student
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Sim	169	3.7336	.51366	t = -0.899
	Não	16	3.8554	.56663	p = 0.370
Negatividade/ Escalada Negativa	Sim	169	2.6783	.66311	t = 0.703
	Não	16	2.5546	.77124	p = 0.483
Clarificação	Sim	169	3.7735	.50575	t = -0.431
	Não	16	3.8313	.58048	p = 0.667
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Sim	169	4.1440	.50875	t = -1.585
	Não	16	4.3560	.53811	p = 0.115
Focar/ Parar	Sim	169	3.1755	.64758	t = -1.047
	Não	16	3.3531	.65865	p = 0.296
Seleccionar/ Validar	Sim	169	3.7609	.47823	t = -0.403
	Não	16	3.8125	.59590	p = 0.687
Retirada	Sim	169	2.5272	.75894	t = 1.511
	Não	16	2.2292	.69622	p = 0.133
Feedback	Sim	169	3.6320	.66514	t = .039
	Não	16	3.6250	.90164	p = 0.969
Comunicação através do tempo	Sim	169	3.5979	.70700	t = -0.833
	Não	16	3.7500	.58452	p = 0.406

Para o género masculino não foram encontradas diferenças significativas na comunicação e na gestão de conflitos, nem no limiar de significância, entre a primeira e segunda relação.

Os quadros 7 e 8 apresentam, respectivamente para o género feminino e masculino, os resultados referentes à terceira questão em estudo - De que forma as estratégias de comunicação e gestão do conflito variam com o estado civil (casamento vs. coabitação)?

### Quadro 7

*T-Student: Comparação entre Casamento e Coabitação na comunicação e gestão de conflitos (Mulheres)*

Género Feminino	Tipo de União	N	Média	Desvio Padrão	t-student Amostras Independentes
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Casamento	138	3.6099	.62567	t = -2.961
	Coabitação	47	3.9107	.52370	p =0.003**
Negatividade/ Escalada Negativa	Casamento	138	2.7023	.65543	t = -0.066
	Coabitação	47	2.7098	.71840	p = 0.947
Clarificação	Casamento	138	3.8645	.59527	t = -2.400
	Coabitação	47	4.0991	.52556	p =0.017*
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Casamento	138	4.1306	.53882	t = -4.228
	Coabitação	47	4.4962	.42200	p =0.000***
Focar/ Parar	Casamento	138	3.2493	.74108	t = 0.469
	Coabitação	47	3.1915	.69527	p =0.640
Seleccionar/ Validar	Casamento	138	3.6312	.64658	t= -1.037
	Coabitação	47	3.7411	.56872	p = 0.301
Retirada	Casamento	138	2.7463	.86597	t = 1.425
	Coabitação	47	2.5319	.96223	p =0.156
Feedback	Casamento	138	3.5620	.65281	t = -0.616
	Coabitação	47	3.6312	.70277	p = 0.539
Comunicação através do tempo	Casamento	138	3.5771	.89779	t = -0.650
	Coabitação	47	3.6755	.89673	p = 0.517

\*Significante a 0,05, \*\* significante a 0,01, \*\*\* significante a 0,001

Existem diferenças significativas entre as mulheres casadas e as que vivem em coabitação nas dimensões Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Clarificação, Disponibilidade/ Expressão Afectiva. As mulheres que vivem em união de facto apresentam valores mais elevados.

### Quadro 8

*T-Student: Comparação entre Casamento e Coabitação na comunicação e gestão de conflitos (Homens)*

Género Masculino	Tipo de União	N	Média	Desvio Padrão	t-student Amostras independentes
Expressão Emocional/ Comunicação Positiva	Casamento	138	3.6826	.51223	t = -2.821
	Coabitação	47	3.9248	.49689	p =0.005**
Negatividade/ Escalada Negativa	Casamento	138	2.6680	.66081	t =0.014
	Coabitação	47	2.6664	.71010	p =0.989
Clarificação	Casamento	138	3.7457	.49522	t = -1.499
	Coabitação	47	3.8747	.54959	p =0.136
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Casamento	138	4.1095	.50555	t = -2.433
	Coabitação	47	4.3176	.50968	p =0.016*
Focar/ Parar	Casamento	138	3.2048	.65596	t = 0.499
	Coabitação	47	3.1500	.63185	p =0.618
Seleccionar/ Validar	Casamento	138	3.7604	.48615	t = -0.240
	Coabitação	47	3.7801	.49771	p =0.811



Retirada	Casamento	138	2.5779	.78030	t = 2.388
	Coabitação	47	2.2766	.63823	p = 0.018*
Feedback	Casamento	138	3.6122	.67397	t = -0.653
	Coabitação	47	3.6879	.72367	p = 0.515
Comunicação através do tempo	Casamento	138	3.6284	.69802	t = 0.577
	Coabitação	47	3.5603	.69975	p = 0.564

\*Significante a 0,05, \*\* significante a 0,01.

Existem diferenças significativas entre os homens casados e os que vivem em coabitação em três dimensões: Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afetiva, e Retirada. Os homens que vivem em coabitação apresentam valores mais elevados na Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afetiva. Por sua vez, os homens casados possuem valores mais elevados na Retirada.

## 6. Discussão

Propusemo-nos inicialmente verificar de que forma as estratégias de comunicação e gestão de conflito variam ao longo do ciclo vital do casal, comparando os elementos do mesmo género ao longo das etapas. Os resultados permitiram confirmar que aquelas estratégias se modificam durante o casamento, o que deverá ocorrer devido à necessidade de adaptação e de fazer face aos desafios e mudanças de períodos específicos da vida conjugal reflectidos nos diferentes grupos da amostra, e/ou ao aumento do conhecimento sobre o outro e sobre as suas formas de comunicar ao longo do tempo, tal como sugerido por outros autores (Parr, Boyle, & Tejada, 2008).

Os nossos resultados mostram maiores transformações nos padrões comunicacionais na fase da transição para a parentalidade e nas fases posteriores à maioridade dos filhos. Vejamos:

No que diz respeito ao género feminino (quadro 3), quatro das nove estratégias consideradas no instrumento, sofrem alterações significativas ao longo dos vários estádios – Expressão Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afetiva, Clarificação e Focar/Parar (duas de comunicação e outras duas de gestão de conflitos).

Os resultados mostram um maior uso de Expressão Emocional/Comunicação Positiva e Disponibilidade/Expressão Afetiva pelas mulheres sem filhos. Assim, parece que o

nascimento do primeiro filho acarreta uma diminuição na expressão e disponibilidade emocional. As mulheres sem filhos apresentaram também um maior recurso à Clarificação quando comparadas com as mulheres com filhos adolescentes, filhos adultos em casa, e na velhice.

Mulheres sem filhos e com filhos em idade escolar utilizam menos a estratégia Focar/Parar, comparativamente com as que têm filhos adolescentes e filhos que saíram de casa ou que têm filhos adultos ainda a viver em casa. Deste modo, acções como discutir um tema de cada vez e/ou parar uma discussão porque o conflito escalou, adiando-a para mais tarde, são estratégias mais usadas pelas mulheres em fases mais avançadas do ciclo de vida, já com filhos mais velhos, a partir da sua adolescência.

Os resultados masculinos (quadro 4) apresentam alterações em apenas três estratégias ao longo do tempo (uma de comunicação e duas de gestão de conflitos – Expressão Emocional/ Comunicação Positiva, Validar/ Seleccionar e Retirada).

Homens sem filhos utilizam mais Expressão Emocional/Comunicação Positiva quando comparados com os dos outros grupos. Por outro lado, homens com filhos pequenos utilizam menos Seleccionar/ Validar do que os homens dos restantes grupos com excepção da etapa correspondente à saída dos filhos de casa.

Para esta questão, confirmámos haver uma alteração nas estratégias de comunicação e manejo do conflito, no contexto das transformações verificadas no sistema conjugal na entrada para a parentalidade, nomeadamente a necessidade de integração de um novo membro, o acumular de tarefas - parentais, domésticas, profissionais - e a inevitabilidade de realinhar a relação, quer com o parceiro quer com a família alargada. Assim, os nossos resultados parecem sugerir que o aparecimento das crianças tem um impacto menos positivo na comunicação da díade. Homens e mulheres vão procurar forma de resolver os dilemas internos e interpessoais, que surgem na transição para a parentalidade, com que se depararam (Levy-Shiff, 1994), sendo que, no caso dos nossos sujeitos observamos um decréscimo na utilização de algumas estratégias construtivas. Diminui em ambos a expressão de emoções, que inclui manifestar valor, elogiar ou confortar e, no caso das mulheres, diminui também a quantidade de amor e afecto que é expressa relativamente ao parceiro.

Após o nascimento dos filhos a mulher irá, provavelmente, diminuir a sua disponibilidade para o companheiro. Alguns estudos sugerem que este tipo de resultados pode ser a tradução de um aumento de trabalho para a mulher, acentuando a disparidade dos papéis de género, o que pode dar origem a sentimentos negativos direccionados ao companheiro (Belsky, Lang, & Huston, 1986). Alguns trabalhos citados por Levy-Shiff (1994) apontam ainda que as alterações na comunicação feminina podem estar relacionadas com o incumprimento das expectativas em relação ao comportamento e à ajuda do parceiro, levando a efeitos negativos na comunicação. Antes do casamento, podem existir expectativas idealizadas, posteriormente incumpridas (Bonds-Raacke et al., 2001). Por outro lado, com a formação da díade mãe-bebé, o pai poderá sentir-se relegado para segundo plano (Levy-Shiff, 1994), quer na sua função de marido, quer na sua função de pai o que pode fazê-lo sentir-se menos confortável com a expressão de emoções à parceira.

Em termos da vivência do casal, estas alterações são muito relevantes pois estamos a falar de estratégias que expressam o grau de conforto com sentimentos e emoções que se poderia esperar crescerem com a convivência, o maior conhecimento e a partilha de intimidade, acontecendo, aparentemente, o inverso.

Belsky et al., (1986), revendo a literatura, sugerem que na etapa do nascimento dos filhos há um aumento do conflito. A análise dos nossos resultados não permite afirmar que existe um acréscimo de conflito com a chegada dos filhos, mas podemos dizer que há alterações significativas nesta fase da vida, a avaliar pelo uso das estratégias de gestão de conflito medidas pelo nosso instrumento. A Clarificação, nas mulheres, decresce com a parentalidade, enquanto o Selecionar/ Validar (homens) e o Focar/Parar (mulheres), apesar de oscilarem, decrescem também. Assim, na nossa amostra, podemos confirmar um empobrecimento nas estratégias de comunicação positivas.

A análise do comportamento feminino ao longo do casamento permite-nos ainda verificar nas mulheres cujos filhos saíram de casa, comparadas com os restantes grupos, um menor recurso da estratégia Expressão Emocional/ Comunicação Positiva, sugerindo que para elas a saída dos filhos de casa tem impacto na comunicação com o parceiro. De facto, já depois da maioridade dos filhos, o casal volta a ser confrontado com outras necessidades de adaptação, quer a entrada e saída de elementos da família e o realinhamento das relações, quer ao nível pessoal, com a reforma, a mudança de papéis, e mesmo o processo de envelhecimento cada vez

mais evidente. Todas estas alterações, coincidentes com o reaprender a viver a dois, convergem para mudanças nos padrões comunicacionais. Tal como aconteceu com a chegada dos filhos, à sua saída há um decréscimo da expressão de sentimentos, emoções e pensamentos, assim como da discussão clara dos mesmos, e um maior uso de comportamentos que envolvem parar a discussão, concordando em adiá-la ao mesmo tempo que se procura discutir um tema de cada vez.

Por seu lado os resultados mostram ainda, nos homens do grupo mais velho, um aumento da Retirada. Neste grupo, o afastamento físico e emocional das discussões apresenta-se como a forma preferencial de lidar com as diferenças. Os resultados de Duba, Hughey, Lara e Burke (2012), sugerem que os casais na velhice, apesar de a relação ter perdurado no tempo, apresentam decepções e insatisfações, nomeadamente na resolução de conflitos, apontando para uma inabilidade em discutir tópicos sensíveis. Outros autores sublinham que com aumento da idade, as pessoas tendem a usar estratégias que limitam a experiência de afectos negativos, mesmo durante o conflito (Carstensen, Gottman, & Levenson, 1995). O aumento da Retirada, por parte dos homens da nossa amostra, pode, pois, traduzir a fuga a estes afectos negativos ou à inabilidade de discutir tópicos sensíveis.

A nossa segunda questão contemplava as diferenças nas estratégias de comunicação e gestão do conflito presentes nas primeiras e nas segundas uniões (quadro 5). Neste estudo não se verificam diferenças significativas, em nenhum dos géneros, do primeiro para o segundo casamento. Contudo, na segunda união, as mulheres parecem utilizar ligeiramente mais a Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva.

Por último procurámos averiguar de que forma as estratégias de comunicação variam com o estado civil - Casamento vs. Coabitação (quadro 6). Nos resultados de outros autores (Kline et al., 2004), a interacção dos casais que viveram em união de facto é mais negativa, de menor qualidade e com maior tendência para rupturas. Os nossos resultados também apresentam diferenças significativas entre estes grupos, mas, contrariamente ao que seria de esperar, ambos os parceiros em união de facto tendem a utilizar mais vezes estratégias que envolvem a expressão de afectos e emoções. Foram ainda encontradas diferenças nos valores masculinos de Retirada, sendo que os homens casados utilizam mais frequentemente esta estratégia. Note-se que, ao contrário de outros trabalhos que contemplaram casais que viveram em coabitação antes de se casar e cujas informações foram recolhidas após o casamento (Kline

et al., 2004, Rhoades, Stanley, Markman, & Allen, 2015), a nossa amostra incluiu um conjunto de casais que vive presentemente em união de facto, o que pode ter influenciado a diferença entre aqueles resultados e os nossos.

A nossa investigação sugere que há alterações no manejo da comunicação e do conflito, pelos membros do casal, associadas aos ciclos de mudança consequentes crises ao longo da vida. Estas alterações são sobretudo evidentes quando, ao comparar as mulheres entre si, se verifica um maior uso de Expressão Emocional/Comunicação Positiva e Disponibilidade/Expressão Afectiva por parte do grupo sem filhos, o mesmo acontecendo quando se comparam os homens entre si.

Não se verificam diferenças significativas entre o primeiro e o segundo casamento, no que diz respeito à utilização de estratégias de comunicação e gestão de conflito.

Homens e mulheres em união de facto tendem a utilizar mais vezes estratégias que envolvem a expressão de afectos e emoções do que os casados.

Sublinhe-se que nas flutuações que acontecem, mesmo quando baixam as estratégias de comunicação positiva, tanto nos homens como nas mulheres, não aumentam as negativas. Releve-se ainda que, quando nas oscilações que ocorrem aumentam estratégias de gestão de conflito, estas são também de cariz positivo. A excepção é o aumento da Retirada nos homens idosos, cuja interpretação, como vimos acima pode ser ambígua.

Tendo em conta o nível de satisfação elevado da nossa amostra, estas alterações deverão ser adaptativas. Isto faz destes dados um objecto de estudo interessante para os terapeutas de casal.

Por outro lado, esta característica da nossa amostra é o elevado nível de satisfação global, o que poderá constituir uma limitação do estudo no que respeita a uma compreensão mais abrangente do casamento, sobretudo dos casais insatisfeitos.

## 7. Referências

- Aboim, S. (2006). Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social, XLI* (180), 801-825. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218722486G7qLJ6ju3Yw99KV9.pdf>
- Abreu Afonso, J & Leal, I., (2016). Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995), *Mosaico*, 65, 131-151
- Amato, P.R. & Prevetti, D. (2003). People's reasons for divorcing: Gender, social class, the life course, and adjustment. *Journal of Family Issues*, 24(5), 602-626. doi: 10.1177/092513X03254507
- Arellano, C., & Markman, H. (1995). The managing affect and differences scale (MADS): A self-report measure assessing conflict management in couples. *Journal of Family Psychology*, 9 (3), 319 – 334. doi: 10.1037/0893-3200.9.3.319
- Baucom, D.H., Epstein, N., Rankin, L.A., & Burnett, C.K. (1996). Assessing relationship standarts: The inventory of specific relationship standards. *Journal of Family Psychology*, 10(1), 72-88. doi: 10.1037/0893-3200.10.1.72
- Bélanger, C., Sabourin, & Wright, J. (1993). Les développements récents dans l'étude de la communication et de la détresse maritale: Évolution ou révolution? *Psychologie Canadienne*, 34(1), 3-25. doi: 10.1037/H0078801
- Belsky, J., Lang, M., & Huston, T.L. (1986). Sex typing and division of labor as determinants of marital change across the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 517-522. doi:10.1037//00223514.50.3.517
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples. Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15 (3), 175 – 184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Birchler, G.R., Weiss, R.L. & Vincent, J.P. (1975). Multimethod analysis of social reinforcement exchange between distressed and nondistressed spouse and strange

- dyads. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31(2), 349-360. doi:10.1037/h0076280
- Bonds-Raccke, J.M., Bearden, E.S., Carrier, N.J., Anderson, E.M., & Nicks, S.D. (2001) Engaging distortions: Are we idealizing marriage? *The Journal of Psychology*, 135(2), 179-184. doi: 10.1080/00223980109603689
- Carstensen, L.L., Gottman, J.M., Levenson, R.W. (1995). Emotional Behaviour in long-term marriage. *Psychology and Aging*, 10(1), 140-149. doi:10.1037/0882-7974.10.1.140
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). The changing family life-cycle: A framework of family therapy (2nd ed.). Boston: Ally & Bacon
- Duba, J.D., Hughey, A.W., Lara, T., & Burke, M.G. (2012). Areas of marital dissatisfaction among long-term couples. *Adultspan Journal*, 11(1), 39-54. doi: 10.1002/j.2161-0029.2012.00004.x
- Gatzeva, M., & Paik, A. (2011). Emotional and physical satisfaction in non-cohabiting, cohabiting and marital relationships: The importance of jealous conflict. *Journal of Sex Research*, 48(1), 29-42. doi: 10.1080/0022440903370602
- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(1), 47-52. doi: 10.1037/0022-006X.57.1.47
- Gottman, J.M. (1993). A theory of marital dissolution and stability. *Journal of Family Psychology*, 7 (1), 57-75. doi: 10.1037/0893-3200.7.1.57
- Gottman, J.M., & Levenson, R.W. (1992). Marital processes predictive of later dissolution: Behavior, physiology, and health. *Journal of personality and Social Psychology*, 63(2), 221-233. doi:10.1037/0022-3514.63.2.221
- Hahlweg, K., Revenstorf, D., & Schindler, L. (1984). Effects of behavioral marital therapy on couples' communication and problem-solving skills. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 52 (4), 553 – 566. doi: 10.1037/0022-006X.52.4.553
- Haley, J. (1984). *Un Thérapeute hors du Commun, Milton Erickson*. Paris, France: ÉPI.

- Halford, K., Nicholson, J., Sanders, M. (2007). Couples communication in stepfamilies. *Family Process*, 46, 471- 483. doi: 10.1111/j.1545-5300.2007.00226.x
- Hetherington, E.M. (1993). An overview of the Virginia longitudinal study of divorce and remarriage with a focus on early adolescence. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 39-56. doi: 10.1037/0893-3200.7.1.39
- Holtzworth-Munroe, A., & Jacobson, N.S. (1985). Casual attributions of married couples: When do they search for causes? What do they conclude when they do? *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(6), 1398-1412. doi:10.1037/0022-3514.48.6.1398
- Johnson, M.D., Cohan, C.L., Davila, J., Lawrence, E., Rogge, R.D., Karney, B.R., Sullivan, K., & Bradbury, T. (2005). Problem-solving skills and affective expression as predictors of change in marital satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73 (1), 15 – 27. doi: 10.1037/10022-006X.73.1.15
- Kline, G.H., Stanley, S.M., Markman, H.J., Olmos-Gallo, P.A., Peters, M.St., Whitton, S.W., & Prado, L.M. (2004). Timing is everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for marital outcomes. *Journal of Family Psychology*, 18 (2), 311-318. doi: 10.1037/0893-3200.18.2.311
- Kurdeck, L.A. (1991). Predictors of increases in marital distress in newlywed couples: a 3-year prospective longitudinal study. *Developmental Psychology*, 27(4), 627-636. doi: 10.1037/0012-1649.27.4.627
- Levinger, G. (1966). Source of marital dissatisfaction among applicants of divorce. *American Journal of Orthopsychiatry*, 36(5), 803 – 807. doi: 10.1111/j.1939-0025.1966.tb02407.x
- Levy-Shiff, R. (1994). Individual and contextual correlates of marital change across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 30(4), 591-601. DOI:10.1037/00121649.30.4.591
- Litzinger, S. & Gordon, K.C. (2005). Exploring Relationships among communication, sexual satisfaction and marital satisfaction. *Journal of sex and marital therapy*, 31, 409 – 424. doi: 10.1080/0092623059100 6719



- Markman, H.J. (1979). Applications of a behaviour model of marriage in predicting relationship satisfaction of couples planning marriage. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47 (4), 210-217. doi: 10.1037/0022-006X.47.4.210
- Markman, H.J. (1992). Marital and family psychology: Burning issues. *Journal of Family Psychology*, 5 (3/4), 264 – 275. doi: 10.1037/0893 – 3200.5.3-4.264
- Meza-de-Luna, M.E., & Romero-Zepeda, H. (2013). Areas of conflict in the intimate couple. *Trames*, 17 (1), 87-100. doi: 10.3176/tr.2013.1.04
- Mirecki, R.M., Brimhall, A.S., & Bramesfeld, K.D. (2013). Communion during conflict: Differences between individuals in first and second marriage. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(3), 1997-213. doi:10.1080/10502556.2013.773798
- Neighbourgh, R.H. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 78 (8), 11 – 15. Retrieved from [http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth\\_ed.pdf](http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth_ed.pdf)
- Parr, P., Boyle, R., & Tejada, L., (2008). I said, you said: A communication exercise for couples. *Contemporary Family Therapy*, 30, 167-173. doi: 10.1007/s1059-008-9062-6
- Rehman, U.S., Janssen, E., Newhouse, S., Heiman, J., Holtzworth-Munroe, Fallis, E., & Rafaeli, E. (2011). Marital satisfaction and communication behaviours during sexual and nonsexual conflict discussions in newlywed couples: A pilot study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37, 94-103. doi: 10.1080/0092623X.2011.547352
- Relvas, A.P. (2004). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento
- Rhoades, G.K., Stanley, S.M., & Markman, H.J. (2006). Pre-engagement cohabitation and gender asymmetry in marital commitment. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 553-560. doi: 10.1037/0893-3200.20.4.553
- Sanford, K. (2003). Problem-solving conversations in marriage: Does it matter what topics couples discuss? *Personal Relationship*, 10, 97 – 112. doi: 10.1111/1475-6811.00038

- Sheras, P.L., & Koch-Sheras, P. (2006). Communication. In P.L. Sheras & P. Koch-Sheras. *Couple power therapy: Building commitment, cooperation, communication and community in relationships*. (pp. 119 - 150). American Psychological Therapy
- Storaasli, R., & Markman, H. (1990). Relationship problems in early stages of marriage: A longitudinal investigation. *Journal of Family Psychology*, 4 (1), 80-98. doi: 10.1037/0893-3200.4.1.80
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D.A., Chen, M.D., & Campbell, A.M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital Quality. *Social Forces*, 84(1), 487-505. doi: 10.1353/sof.2005.0131
- Vanassche, S., Swicegood, G., & Matthijs, K. (2013). Marriage and children as a key to happiness? Cross-national differences in the effect of marital status and children on well-being. *Journal of Happiness Studies*, 14, 501-524. doi: 10.1007/s10902-012-9340-8
- Vincent, J.P., Friedman, L.C., Nugent, J. & Messerly, L. (1979). Demand characteristics in observations of marital interactions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47(3), 557-566. doi: 10.1037/0022-006X.47.3.557
- Wunderer, E., & Schneewind, K.A. (2008). The relationship between marital standards, dyadic coping and marital satisfaction. *European Journal of Social Psychology*, 38, 462 – 476. doi: 10.1002/ejsp.405

### **Artigo 3 - Comunicação e Gestão de Conflitos no Ciclo de Vida do Casal: as Diferenças de Género**

(Artigo submetido para publicação)

José de Abreu-Afonso, Isabel Leal, Vera Proença

Ispa-IU, Lisboa, Portugal

Correspondência: jaa@ispa.pt

**Resumo:** A comunicação e a gestão de conflitos são cruciais no sucesso dos relacionamentos. A literatura revela associações entre seus padrões e satisfação conjugal. Ao longo da vida, o casal passa por períodos de *stress*, correspondendo aos estádios do ciclo conjugal, onde sua capacidade de lidar com as diferenças é experimentada. Por outro lado, o género tem sido identificado como um fator diferenciador na maneira de comunicar e gerir conflitos conjugais. Neste artigo, exploramos a satisfação conjugal e o género. Para avaliar a comunicação em casais utilizamos o EGAD, adaptação dos autores (2016) da MADS (Arellano & Markman, 1995). A nossa amostra foi composta por 185 casais heterossexuais divididos em 7 grupos (vivendo juntos há menos de 4 anos; tendo filhos pequenos com idade até 5 anos; com idade escolar entre 6 e 12 anos; com filhos adolescentes entre os 13 e os 19 anos de idade; casais cujos filhos saíram de casa, casais idosos em que um dos membros tem, pelo menos, 60 anos de idade, casais com filhos adultos que vivem em casa (em que os filhos têm, pelo menos, 23 anos)). Globalmente, homens e mulheres apresentaram padrões semelhantes de comunicação, mostrando diferenças significativas em apenas 3 das 9 estratégias de comunicação e gestão de conflitos consideradas. Estudando cada um dos sete estágios do ciclo do casal, em quatro deles houve diferenças significativas entre homens e mulheres, pelo menos no uso de uma estratégia de comunicação ou gestão de conflitos. As mulheres apresentaram diferenças na comunicação desde os primeiros estádios do casamento. O uso de estratégias de comunicação positiva está directamente ligado à satisfação conjugal.

**Palavras-chave:** satisfação conjugal; comunicação conjugal; gestão de conflitos conjugais; conjugalidade; casal, ciclo de vida

## 1. Introdução

### *Comunicação, conflito e satisfação*

Sendo facilmente influenciada por múltiplas outras variáveis, a comunicação é um factor crucial nas relações conjugais (Sheras & Koch-Sheras, 2006) e, associada à capacidade de lidar com o conflito, tem considerável impacto na satisfação do casal (Bélanger, Sabourine, & Wright, 1993; Boyd & Roach, 1977; Gottman & Krokoff, 1989; Johnson et al., 2005; Lavner, Karney, & Bradbury, 2016; Markman, Stanley, Floyd, Hahlweg, & Blumberg, 1991).

Ainda que todos os casais enfrentem dificuldades semelhantes, os casais com problemas tendem a experienciar conflitos com maior frequência (Birchler, Weiss, & Vicent, 1975). Alguns autores defendem que o conflito não emerge das diferenças individuais, mas sim da forma como o casal lida com essas diferenças pois, mesmo possuindo padrões relacionais distintos, os casais podem ser satisfeitos, dependendo isto do modo como o conflito é resolvido (Baucom, Epstein, Rankin, & Brunett, 1996).

A comunicação está fortemente associada à satisfação conjugal (Boyd & Roach, 1977). Aliás, é possível confirmar na literatura a existência de diferentes padrões comunicacionais, levando à definição de dois grupos distintos. Num extremo, encontram-se os casais cuja comunicação é mais construtiva, apresentando estilos positivos e procurando evitar padrões negativos de resolução das diferenças. No extremo oposto, existem aqueles com padrões mais destrutivos e, usualmente, estilos de resolução de conflito negativos, recorrendo muitas vezes à retirada (Houts, Barnett-Walker, Paley, & Cox, 2008). De um modo geral, os casais satisfeitos possuem padrões de comunicação construtivos, enquanto os casais com problemas apresentam tipos de comunicação mais destrutivos, especialmente relacionados com níveis elevados de ofensa e problemas não resolvidos (Bertoni & Bodenmann, 2010; Sanford, 2003). As questões não resolvidas originam um aumento dos sentimentos negativos que, por sua vez, amplificam os padrões de comunicação destrutivos e, conseqüentemente, fazem decrescer a intimidade entre o casal (Storaasli & Markman, 1990). A literatura de especialidade considera a existência de três estilos de resolução de conflitos: 1) estilo cooperativo (negociação, compromisso e resolução de problemas construtiva), 2) estilo competitivo (ofensa, violência e coerção) e, 3) evitamento do conflito. Um estilo cooperativo alto produz valores elevados de satisfação conjugal (Bertoni & Bodenmann, 2010). Por outro lado, esta tende a diminuir na presença de um estilo, uma vez que uma comunicação negativa e/ou uma fraca capacidade comunicacional

conduzem a um decréscimo na satisfação (Ahmadi, Ashrafi, Kimiaee, & Afzali, 2010; Veldorale-Brogan, Bradford, & Vail, 2010). Assim, as competências comunicacionais positivas e negativas são boas preditoras de satisfação conjugal (Johnson et al., 2005). Por outro lado, um estilo de comunicação negativo pode influenciar pensamentos de separação (Stanley, Markman, & Whitton, 2002). Assim, a expressão clara de sentimentos e opiniões de qualquer um dos membros do casal não tem impacto na resposta mais ou menos negativa do parceiro (Walsh, Baucom, Tyler, & Sayers, 1993).

O significado dado ao conflito conjugal é influenciado por diferentes aspectos como, entre outros, o contexto e a fase de desenvolvimento do ciclo de vida (Markman, Leber, Cordova, & Peters, 1995), o género (Eldridge, Sevier, Jones, Atkins, & Christensen, 2007; Heyman, Hunt-Martorano, Malik, & Smith Slep, 2009; Walsh et al., 1993), a presença ou ausência de filhos (Twenge, Campbell, & Foster, 2003), ou mesmo a partilha de situações quotidianas (Driver & Gottman, 2004).

### ***Género***

Embora tenhamos encontrado alguns dados contraditórios, o género tem sido apontado como tendo implicações na comunicação e na gestão do conflito conjugal, assim como nas suas consequências.

A percepção que as mulheres têm dos padrões de comunicação parece ter uma maior influência na satisfação conjugal (Faulkner, Davey, & Davey, 2005). Mulheres em casais sem problemas expressam mais comportamentos positivos e menos negativos quando comparadas com os seus companheiros (Chi, Epstein, Fang, Lam, & Li, 2013). Por sua vez, quando um casal enfrenta problemas, as mulheres apresentam padrões de comunicação e reciprocidade mais negativos (Bradbury & Fincham, 1992; Walsh et al., 1993).

Uma fraca capacidade de resolução de conflitos feminina está directamente relacionada com atribuições menos adaptativas. No entanto, quando os homens se deparam com comportamentos evitantes das suas companheiras, a sua reciprocidade negativa tende a decrescer e os comportamentos positivos a aumentar (Bradbury & Fincham, 1992).

A dificuldade percebida do tópico de conflito é também crucial pois exerce efeitos directos na satisfação e, através desta, vai influenciar os padrões comunicacionais (Sanford,

2003). Tanto homens como mulheres apresentam uma comunicação mais negativa quando os problemas são sentidos pelos homens como mais difíceis (Williamson, Hanna, Lavner, Bradbury & Karney, 2013; Storaasli & Markman, 1990). Heyman et al., (2009) sugerem que, nas discussões, os homens tendem a focar-se em questões externas à relação e que as suas companheiras mantêm o foco nas questões mais internas.

A comunicação negativa e destrutiva encontra-se, ainda, estreitamente ligada com padrões de demanda e retirada (Caughlin & Huston, 2002) que aparecem frequentemente relacionados com as relações disfuncionais (Christensen & Shenk, 1991; Eldridge, et al. 2007; Stanley et al., 2002). A retirada parece estar directamente ligada a estratégias de conflito negativas e negatividade, assim como a dificuldades de resolução dos conflitos (Goeke-Morey, Cummings, & Papp, 2007). Os parceiros que demonstram querer maior proximidade e mudança na relação, normalmente as mulheres, tendem a apresentar mais comportamentos de demanda; enquanto os parceiros que procuram uma maior autonomia e poucas mudanças, usualmente os homens, apresentam uma conduta caracterizada pela retirada (Eldridge et al., 2007; Gottman & Krokoff, 1989; Margolin & Wampold, 1981). Por outro lado, membros de casais problemáticos podem ter padrões comportamentais masculinos e femininos semelhantes de demanda-retirada, mostrando, contudo, menos receptividade à mudança (Eldridge et al., 2007). No entanto, a associação entre padrões de demanda/retirada e a vontade de mudança não é sempre verificada (Christensen & Heavey, 1990), sugerindo a existência de outras variáveis mediadoras, durante o conflito, que irão influenciar os padrões de demanda-retirada, tais como a importância dada por cada um ao assunto.

### ***A ideia da separação***

Em geral, interacções negativas estão positivamente relacionadas com pensamentos de divórcio e apresentam uma relação negativa com o aumento da qualidade relacional, especialmente nos homens (Stanley et al., 2002). De facto, sendo um aspecto central no conflito conjugal, a comunicação pode levar à dissolução do casal (Markman, Floyd, & Dickson-Markman, 1983) e, neste sentido, é provável que o divórcio ocorra quando se desenvolvem interacções e padrões de comunicação negativos (Karney & Bradbury, 1995) que podem escalar ao longo do tempo, agravando-se (Gottman & Levenson, 1992).

### ***Outros factores que influenciam a comunicação e a satisfação conjugal***

A presença de filhos aparece frequentemente nos estudos sobre a conjugalidade e, tal como em muitos outros tópicos, não encontramos consenso na literatura. Se por um lado os filhos são indicados como um dos mais difíceis e frequentes temas de discussão (Williamson et al., 2013), outros trabalhos apontam para baixos níveis de intensidade da discussão, mostrando existir coesão entre os pais quando as questões envolvem os filhos (Storaasli & Markman, 1990). Contudo, estes são usualmente vistos como um factor de decréscimo na satisfação em ambos os membros do casal, sendo este mais acentuado quanto maior o número de filhos. Comparando casais com e sem filhos, as mulheres com filhos de idade inferior a dois anos apresentam uma maior diminuição da satisfação, comparativamente com os seus cônjuges e com ambos os membros dos casais com filhos mais velhos (Twenge et al., 2003).

Outro factor que encontramos na literatura influenciando a relação conjugal é a qualidade do tempo passado com o parceiro. Independentemente da actividade partilhada, os casais tendem a avaliar o tempo que passam juntos como uma questão importante no que diz respeito a manutenção do relacionamento (Aron, Norman, Aron, McKenna, & Heyan, 2000). O trabalho de Driver e Gottman (2004) sublinha que as situações quotidianas são muito importantes na resolução do conflito devido à influência que têm no afecto positivo. Se o quotidiano é caracterizado por momentos positivos, estes vão aumentar a afeição e humor presente durante os conflitos. Actualmente, os parceiros passam mais tempo em actividades conjuntas do que há quatro décadas atrás, aproximando os cônjuges e aumentando a intimidade do casal (Voorpostel, Van der Lippe, & Gershuny, 2010).

## **2. Objectivo**

Pretendemos clarificar a relação entre a comunicação e gestão de conflitos do casal e um conjunto de variáveis que se evidenciam quer na clínica, quer na literatura - o papel do género, a existência de filhos, a ideia da separação, a qualidade do tempo passado a dois -, bem como a relação da comunicação e gestão do conflito com a satisfação e a felicidade conjugal. Tentámos assim esclarecer alguns aspectos menos claros na literatura bem como transpor pontos frágeis na constituição das muitas das amostras que encontrámos. Por outro lado,

procurámos estudar os diferentes períodos cronológicos, minimizando o enviesamento de factores como a avaliação do casamento em retrospectiva.

### 3. Desenho da Investigação

Definimos a variável *Comunicação* que, no casal “é o processo de transferência de informação” (Meza-de-Luna & Romero-Zepeda, 2013, p.95), podendo comportar estratégias mais construtivas ou mais destrutivas, incluindo as aptidões para lidar com conflito. Definimos ainda *Satisfação Conjugal*: “Avaliação subjectiva global e pessoal sobre a qualidade do seu casamento” (Li & Fung, 2011, p. 246), e, *Felicidade Conjugal*: “Julgamento feito pelos cônjuges que indica a sensação de bem-estar ou satisfação que ele ou ela experimenta no relacionamento conjugal ” (Fincham, 2009, p. 594)

Com estas variáveis, procedemos a um estudo transversal, exploratório, comparativo e correlacional. Procurámos resposta para as seguintes questões:

5. De que forma as estratégias de comunicação e gestão do conflito variam com o género?
6. De que forma as estratégias de comunicação variam entre géneros dentro de cada etapa do relacionamento conjugal?
7. De que forma as estratégias de comunicação variam com a Satisfação e a Felicidade?
8. As estratégias de comunicação variam com a existência de filhos no casal?
9. De que forma as estratégias de comunicação se relacionam com a ideia de terminar a relação?
10. De que forma as estratégias de comunicação se relacionam com a satisfação com o tempo partilhado com o cônjuge?
11. De que forma as estratégias de comunicação se relacionam com a satisfação com o tempo de divertimento a dois?



## 4. Método

### 4.1. Participantes.

A amostra é constituída por 370 participantes, 185 casais, dos quais 138 casados e 47 em união de facto. Na formação dos grupos em estudo foram utilizadas as referências da literatura clássica sobre ciclo da família (Carter & McGoldrick 1982; Neighbourgh, 1985; Relvas, 2004). Um novo grupo, casais, com filhos adultos que ainda vivem com os pais, foi incluído no nosso estudo. Umberson, Williams, Powers, Chen, e Campbell, (2005) sugerem que a presença de filhos adultos acarreta tensões e interfere na interação positiva entre a díade. Fez-nos assim sentido reunir estes casais, que eram um número significativo, num grupo específico.

*Formação do Casal:* Casais que se casaram ou vivem em união de facto há menos de 4 anos (inclusive). Sem filhos do casamento actual ou anterior que morem com o casal. Foram excluídos todos os casais com menos de 4 anos de união com filhos.

*Casais com filhos pequenos:* Casais com filhos de idade até 5 anos, da relação actual, independentemente do número de anos de casamento/união. Foram excluídos casais com filhos de outros casamentos, pois pretende avaliar-se o impacto do nascimento do(s) filho(s) de ambos.

*Casais com filhos em idade escolar:* Casais com filhos de idade compreendida entre os 6 e os 12 anos (inclusive), independentemente dos anos de união. Foram excluídos casais que embora tenham filhos com esta idade, tenham também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união).

*Casais com filhos adolescentes:* Casais cujos filhos têm entre 13 e 19 anos. Foram excluídos casais que embora tenham filhos com esta idade, tenham também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união).

*Casais com filhos que saíram de casa:* Casais cujos filhos saíram de casa há menos de 4 anos (inclusive). Foram excluídos todos os casais em que embora alguns filhos tenham saído de casa, tenham ainda outros a viver consigo.

*Casais com filhos adultos em casa:* Casais com filhos adultos (idade superior a 23 anos) que ainda habitam em casa. Foram excluídos casais cujos filhos tinham idades compreendidas

entre 20 e 23 (frequência universitária), já que não se podem considerar adultos, nem adolescentes.

*Casais na velhice*: Casais sem filhos em casa, em que pelo menos um dos elementos tem idade igual ou superior a 60 anos. Foram incluídos todos os casais, independentemente do número de casamentos e filhos de cada união.

## 4.2. Caracterização da Amostra

Os quadros que se seguem apresentam a caracterização da amostra.

Quadro 1

### *Caracterização da Amostra*

		N	%
Fase da Relação	Formação do Casal	30	16.2
	Casais com filhos pequenos	40	21.6
	Casais com filhos em idade escolar	26	14.1
	Casais com filhos adolescentes	38	20.5
	Casais com filhos que saíram de casa	8	4.3
	Casais na velhice	18	9.7
	Casais com filhos adultos que ainda vivem em casa	25	13.5
	Total	185	100.0
Tipo de União	Casamento	138	74.6
	Coabitação	47	25.4
	Total	185	100.0
Duração do casamento	< 1 ano	1	0.7
	1-5 anos	12	8.7
	6-10 anos	26	18.8
	11-15 anos	14	10.1
	16-20 anos	21	15.2
	> 20 anos	64	46.4
	Total	138	100.0
Duração da Coabitação	< 1 ano	2	4.3
	1-5 anos	26	55.3
	6-10 anos	8	17.0
	11-15 anos	6	12.8
	16-20 anos	2	4.3
	> 20 anos	3	6.4
	Total	47	100.0
Presença de filhos da relação actual	Sim	150	81.1
	Não	35	18.9
	Total	185	100.0
Número de filhos da presente relação	1 filho	60	40.0
	2 filhos	73	48.7
	3 filhos	14	9.3
	> 3 filhos	3	2.1
	Total	185	100.0

## Quadro 2

*Idade, nível educacional e situação profissional*

		Mulheres		Homens	
		N	%	N.	%
Idade	< 30 anos	32	17.3	18	9.7
	30-39 anos	55	29.7	60	32.4
	40-49 anos	49	26.5	43	23.2
	50-59 anos	44	23.8	59	31.9
	60-69 anos	4	2.2	4	2.2
	70-79 anos	1	.5	1	.5
	Total	185	100.0	185	100.0
		Min.= 20	Max.=80	Min.= 19	Max. =82
		Média = 41.87	Desvio padrão = 12.70	Média = 44.50	Desvio Padrão = 2.69
Situação Profissional	Reformado	18	9.7	22	11.9
	Desempregado	4	2.2	6	3.2
	Doméstico	8	4.3	0	0.0
	Estudante	3	1.6	1	0.5
	Empregado por conta própria / Profissional Liberal	11	5.9	30	16.2
	Empregado por conta de outrem	128	69.2	115	62.2
	Empregado por conta própria e por conta de outrem	4	2.2	4	2.2
	Trabalhador-Estudante	1	.5	4	2.2
	Não respondeu	8	4.3	3	1.6
	Total	185	100.0	185	100
Escolaridade	Nível Primário	13	7.0	8	4.3
	Nível Básico	8	4.3	13	7.0
	Nível Secundário Unificado	24	13.0	34	18.4
	Nível Secundário Complementar	50	27.0	49	26.5
	Curso Médio	12	6.5	5	2.7
	Bacharelato	5	2.7	16	8.6
	Licenciatura	60	32.4	52	28.1
	Mestrado	12	6.5	6	3.2
	Doutoramento	0	0.0	1	0.5
	Não respondeu	1	0.5	1	0.5
Total		185	100.0	185	100

Os 185 casais distribuem-se pelos grupos da seguinte forma: Formação do casal (16.2%), Casais com filhos pequenos (21.6%), Casais com filhos em idade escolar (14.1%), Casais com filhos adolescentes (20.5%), Casais com filhos adultos que saíram de casa (4.3%), Casais com filhos adultos a viver em casa (13.5%) e Casais na velhice (9.7%). A maioria é casada (74.6%), havendo apenas 25.4% a viver em coabitação. A maioria dos casais a viver em coabitação encontra-se junto há um período compreendido entre um e cinco anos (55.3%),

enquanto a média dos casais casados aponta para uma união de mais de 16 anos (61.3%). A maioria dos casais tem filhos (81.1%) e desses, a maioria tem uma a duas crianças (88.7%).

A maioria da amostra, feminina e masculina, tem entre 30 e 59 anos (80% e 87.5%), e apresenta níveis de escolaridade secundária ou superior (75.6% e 70.1%). Em ambos os géneros prevalece o trabalho por conta de outrem (69.2% e 62.2%), com 16.2% dos homens a trabalhar por conta própria.

### **4.3. Material**

*Questionário Sócio-demográfico:* visou recolher uma quantidade alargada de informação sociológica sobre a amostra, permitindo a sua caracterização e divisão pelos grupos contemplados no estudo.

*Managing Affect and Differences Scale* - MADS (Arellano & Markman, 1995), adaptada à população portuguesa: EGAD: Escala de Gestão do Afecto e das Diferenças - por Abreu-Afonso e Leal, (2016), que tem como finalidade aceder às competências de comunicação e gestão do conflito de uma forma muito concreta. A escala EGAD é composta por 109 itens que se organizam em 13 sub-escalas: “Expressividade Emocional e Comunicação Positiva”, “Negatividade/Escalada Negativa”, “Clarificação”, “Disponibilidade e Expressão Afectiva”, “Focar/Parar”, “Seleccionar/Validar”, “Retirada”, “Feedback” e “Comunicação Através do Tempo”, sendo a escala de resposta num intervalo de 1 (Discordo Francamente) a 5 (Concordo Francamente).

Esta especificidade é o que distingue a escala de outras que se propõem estudar as mesmas dimensões. O instrumento procura aceder à forma como o casal fala sobre questões problemáticas, o tipo de comunicação específica utilizada e as estratégias de gestão de conflitos, fazendo uma boa diferenciação entre capacidades verbais construtivas e destrutivas.

Para além daqueles 109 itens, a escala possui 9 questões iniciais que fornecem várias informações sobre os casais.

### **4.4. Procedimento**

Os dados foram recolhidos em diversos serviços públicos e privados da área metropolitana de Lisboa, através de um sistema de “bola de neve”, durante 18 meses. A amostra

inicial foi composta por 596 questionários válidos e correspondia a 298 casais. Contudo, tendo por base os dados demográficos e os grupos definidos, apenas foram elegíveis 185 casais. O trabalho foi aprovado pelo comité de ética do ISPA-IU e foi pedido o consentimento informado a todos os participantes.

O tratamento de dados foi realizado com recurso ao SPSS versão 21.0. A estatística de inferência utilizada foi:

**Teste de Amostras Emparelhadas:** teste paramétrico *t student* para amostras dependentes. Para comparar entre os membros do casal nas dimensões da escada de comunicação e gestão de conflitos usámos este teste porque as dimensões têm uma escala quantitativa e são normais (examinadas pelo teste de Shapiro) ou possuem um ligeiro desvio à norma (Skweness <3 and Kurtose <7).

Utilizamos o teste não paramétrico de Wilcoxon para comparar os dois elementos do casal nos itens da MADS com escala qualitativa, tipo ordinal, e o teste não paramétrico McNemar para comparar os dois elementos da díade nos itens dicotómicos da escala.

**Testes para amostras independentes: MANOVA** – Este teste não paramétrico foi utilizado para comparar grupos em diferentes fases da relação, nas dimensões de gestão de conflito, pois a normalidade necessária foi atingida ou os desvios de normalidade foram pouco severos nos diferentes grupos, assim como as dimensões possuíam correlação entre si. Usámos os testes *t student* para amostras independentes para comparar dois grupos nas dimensões de estão do conflito.

**Medidas de Associação:** O Coeficiente de *Correlação de Spearman* foi utilizado para relacionar as dimensões de gestão do conflito (escala quantitativa) com as questões iniciais da MADS (escala ordinal).

## 5. Resultados

Começamos por analisar as respostas dos casais às nove questões iniciais da MADS.

Quadro 3

*Análise das questões preliminares da MADS*

		Mulher		Homem		Inferência Estatística
		N	%	N.	%	
1- Qual o grau de Felicidade da sua relação?	Muito infeliz	3	1.6	1	.5	Wilxocon =-2,240 p = 0.025*
	Infeliz	2	1.1	1	.5	
	Um pouco infeliz	6	3.2	1	.5	
	Nem feliz, nem infeliz	11	5.9	10	5.4	
	Um pouco feliz	14	7.6	12	6.5	
	Feliz	97	52,4	97	52.4	
	Muito feliz	52	28.1	63	34.1	
2 – Alguma vez desejou não estar nesta relação?	Frequentemente	3	1.6	1	.5	Wilxocon = -4.539 p = 0.000***
	Ocasionalmente	35	18.9	15	8.1	
	Raramente	67	36.2	55	29.7	
	Nunca	78	41.6	112	60.5	
	Não respondeu	2	1.6	2	1.1	
3 – Qual o grau de satisfação com a sua relação?	Muito insatisfeito	0	0.0	2	1.1	Wilxocon =-2.057 p =0.040*
	Insatisfeito	6	3.2	4	2.2	
	Nem satisfeito, nem insatisfeito	14	7.6	6	3.2	
	Satisfeito	106	57,3	98	53.0	
	Muito Satisfeito	59	31.9	75	40.5	
4- Pensa como seria estar com alguém diferentes do/a seu/sua parceiro/a?	Frequentemente	2	1.1	4	2.2	Wilxocon = -0.238 p =0.812
	Ocasionalmente	30	16.2	17	9.2	
	Raramente	61	33.0	79	42.7	
	Nunca	90	48.6	83	44.9	
	Não respondeu	2	1.1	2	1.1	
5 – Até que ponto está satisfeito com o que se diverte com o seu parceiro?	Muito insatisfeito	1	.5	3	1.6	Wilxocon =-0.993 p =0.321
	Insatisfeito	9	4.9	9	4.9	
	Nem satisfeito, nem insatisfeito	32	17.3	15	8.1	
	Satisfeito	95	51.4	105	56.8	
	Muito Satisfeito	47	25.4	51	27.6	
	Não respondeu	1	.5	2	1.1	
6 – Até que ponto está satisfeito com o tempo que passam a sós como casal?	Muito Insatisfeito	4	2.2	4	2.2	Wilxocon = -1.007 p =0.314
	Insatisfeito	20	10.8	11	5.9	
	Nem insatisfeito, nem satisfeito	27	14.6	23	12.4	
	Satisfeito	95	51.4	108	58.4	
	Muito Satisfeito	38	20.5	37	20.0	
	Não respondeu	1	.5	2	1.1	
7 – Já fez terapia de casal?	Sim	2	1.1	1	.5	McNemar test p = 1.00
	Não	182	98.4	182	98.4	
	Não respondeu	1	.5	2	1.1	
8 – Alguma vez lhe passou pela cabeça terminar a sua relação?	Sim	67	36.2	41	22.2	McNemar test p=0.001***
	Não	116	62.7	142	76.8	
	Não respondeu	2	1.1	2	1.1	
9 – Passa-lhe pela cabeça a ideia de	Sim	18	9.7	10	5.4	McNemar test p = 0.210
	Não	164	88.6	173	93.5	
	Não respondeu	3	1.6	2	1.1	

---

terminar a sua  
relação?

---

\*\*\* Significante a 0,001 \* significativo 0,05

Existe uma maior percentagem de homens que referem ser felizes ou muito felizes (86.5%) e estar satisfeitos ou muito satisfeitos (92.4%), comparativamente com as mulheres que apresentam uma percentagem de 80.5% (felicidade) e 89.2% (satisfação). A diferença entre géneros é estatisticamente significativa (0.025 e 0.040 respectivamente).

Nas mulheres existe uma maior percentagem que refere ter frequentemente desejado não estar na presente relação (20.5%), enquanto nos homens a percentagem ronda os 8.6%, com diferença significativa entre géneros ( $p=0.000$ ). Por outro lado, em ambos os géneros existe uma minoria da amostra que pensa como seria estar numa relação com outra pessoa (17.3% - mulheres; 11.4% - homens). A maioria da amostra revela satisfação com o divertimento que tem com o companheiro (76.8% - mulheres; 84.4% - homens), sem diferenças significativas entre géneros.

Em ambos os géneros, a maioria da amostra revelou estar satisfeita com o tempo passado a sós em casal (71.0% - mulheres; 78.4% - homens), sem diferenças significativas entre géneros. A amostra feminina apresentou uma maior percentagem de elementos que colocaram a hipótese de terminar a relação (36.2%), enquanto nos homens se verificou uma percentagem de 22.2%, com diferença significativa entre géneros ( $p=0.001$ ). Actualmente, a maioria da amostra, de ambos os géneros, não pensa em terminar a relação (86.6% - mulheres; 93.5% homens). Apenas dois casais frequentaram sessões de terapia conjugal.

O Quadro 4, apresenta os resultados relativos à primeira questão em estudo:

#### Quadro 4

*T-Student: Comparação entre géneros na comunicação e gestão de conflito*

		Média	N	Desvio Padrão	t student Amostras dependentes
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Feminino	3.6863	185	.61423	t = -1.320 p = 0.188
	Masculino	3.7441	185	.51794	
Negatividade/ Escalada Negativa	Feminino	2.7042	185	.66999	t = 0.669 p = 0.504
	Masculino	2.6676	185	.67170	
Clarificação	Feminino	3.9241	185	.58598	t = 2.806 p = 0.006**
	Masculino	3.7785	185	.51115	
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Feminino	4.2235	185	.53494	t = 1.362

	Masculino	4.1624	185	.51332	p = 0.175
Focar/ Parar	Feminino	3.2346	185	.72829	t = 0.732
	Masculino	3.1909	185	.64866	p = 0.465
Seleccionar/ Validar	Feminino	3.6591	185	.62805	t = -2.113
	Masculino	3.7654	185	.48783	p = 0.036*
Retirada	Feminino	2.6918	185	.89363	t = 2.409
	Masculino	2.5014	185	.75662	p = 0.017*
Feedback	Feminino	3.5796	185	.66459	t = -0.856
	Masculino	3.6314	185	.68573	p = 0.393
Comunicação através do tempo	Feminino	3.6021	185	.89611	t = -0.125
	Masculino	3.6111	185	.69719	p = 0.901

\*Significante a 0,05, \*\* significante para 0,01

Foram encontradas diferenças significativas entre géneros nas dimensões: Clarificar, Seleccionar/Validar e Retirada. As mulheres apresentaram valores mais elevados em Clarificar e Retirada, enquanto os homens apresentaram valores mais elevados na dimensão Seleccionar/Validar.

Com recurso aos testes t-student para amostras independentes e aos testes não paramétricos Wilcoxon e McNemar, procedeu-se à comparação dos membros do casal nas diferentes dimensões que compõem a escala.

No grupo dos casais sem filhos (formação do casal) verifica-se uma diferença significativa, para  $p < 0,05$  [ $t(29) = 2,103$ ,  $p = 0,044$ ] entre os cônjuges, na disponibilidade/expressão afectiva, revelando as mulheres uma média superior (4,60) à dos homens (4,38), sendo o D de Cohen de 0,56, o que indica uma dimensão do efeito moderada .

No grupo de casais com filhos pequenos não existem diferenças significativas entre o casal, havendo contudo uma dimensão onde se regista um resultado no limiar da significância: Clarificação [ $t(39) = 1,955$ ,  $p = 0,058$ ]. As mulheres deste grupo revelam uma média mais elevada (3,98) do que os homens (3,77), sendo o D de Cohen de 0,45, o que indica uma dimensão de efeito pequena, embora próxima de um efeito moderado.

No grupo dos casais com filhos em idade escolar verifica-se uma diferença significativa, para  $p < 0,05$  [ $t(29) = 2,103$ ,  $p = 0,044$ ] entre o casal, na dimensão seleccionar/validar, revelando os homens uma média superior (3,87) à das mulheres (3,53), sendo o D de Cohen de 0,72, o que indica uma dimensão do efeito moderada.



No grupo dos casais com filhos adolescentes verifica-se uma diferença significativa, para  $p < 0,05$  [ $t(37) = 2,238$ ,  $p = 0,031$ ] entre o casal, na dimensão Focar/parar, revelando as mulheres uma média superior (3,43) à dos homens (3,12), sendo o D de Cohen de 0,50, o que indica uma dimensão do efeito moderada.

O t de student para amostras relacionadas não revelou a existência de uma diferença significativa entre os casais do grupo: Saída dos filhos de casa (filhos adultos). Contudo, como este grupo tem uma dimensão muito reduzida, ( $n=8$ ) fomos, para as dimensões com níveis de significância mais baixos, calcular o D de Cohen, para determinar a dimensão do efeito (indicador que não é influenciado pelo tamanho da amostra). Na expressividade a dimensão do efeito é de 0,79, aproximando-se de uma dimensão de efeito elevada, revelando as mulheres uma média mais baixa (3,03) do que os homens (3,49). Na clarificação a dimensão do efeito é moderada (D de Cohen de 0,76), revelando as mulheres uma média mais elevada (3,85).

No grupo de casais na velhice não há diferenças significativas para  $p < 0,05$  entre o casal. A subescala com um valor de significância mais baixo é a “selecionar/validar” ( $p = 0,260$ ), sendo a dimensão do efeito (D de Cohen) de 0,45, que traduz uma dimensão de efeito pequena. As restantes são, portanto, ainda mais baixas.

No grupo dos casais com filhos adultos em casa verifica-se uma diferença significativa, para  $p < 0,05$  [ $t(37) = 2,238$ ,  $p = 0,031$ ] entre o casal, na dimensão seleccionar/validar, revelando os homens uma média superior (3,93) à das mulheres (3,66), sendo o D de Cohen de 0,70 o que indica uma dimensão do efeito moderada.

Nos quadros 5 e 6 constam os resultados referentes à relação entre as estratégias de comunicação e gestão de conflito com a satisfação e a felicidade, para ambos os géneros.

#### Quadro 5

##### *Correlação de Spearman: Satisfação com a relação Vs Gestão de conflito*

		3 - Qual o seu grau de satisfação com a sua relação? (Feminino)	1 - Qual o grau de satisfação da sua relação? (Masculino)
Expressividade emocional/Comunicação positiva - Feminino	Pearson Correlation	,658**	,493**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Negatividade/Escalada Negativa - Feminino	Pearson Correlation	-,528**	-,423**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000

	N	185	185
Clarificação - Feminino	Pearson Correlation	,319**	,263**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Disponibilidade/Expressão Afectiva - Feminino	Pearson Correlation	,599**	,478**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Focar/Parar - Feminino	Pearson Correlation	,109	,071
	Sig. (2-tailed)	,141	,338
	N	185	185
Selecionar/Validar - Feminino	Pearson Correlation	,274**	,248**
	Sig. (2-tailed)	,000	,001
	N	185	185
Retirada - Feminino	Pearson Correlation	-,294**	-,271**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Feedback- Feminino	Pearson Correlation	,398**	,322**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Comunicação através do tempo – Feminino	Pearson Correlation	,160*	,245**
	Sig. (2-tailed)	,031	,001
	N	185	185

\*\* Correlação significativa a 0.01 level (2-tailed).

\* Correlação significativa a 0.05 level (2-tailed).

Os resultados são idênticos em ambos os géneros. Homens ou mulheresl não apresentam correlação entre a dimensão Focar/ Parar e a Satisfação Conjugal.

No entanto, a Satisfação apresenta correlação positiva significativa com as seguintes dimensões:

**Correlações Positivas Fortes:** "Expressividade Emocional/Comunicação Positiva" (Rho Feminina = 0.658, Rho Masculina = 0.493), "Disponibilidade/Expressão Afectiva" (Rho Feminina = 0.599, Rho Masculina = 0.478).

**Correlações Positivas Fracas:** "Clarificação" (Rho Feminina = 0.319, Rho Masculina = 0.263), "Selecionar/Validar" (Rho Feminina = 0.274, Rho Masculina = 0.248), "Feedback" (Rho Feminina = 0.398; Rho Masculina = 0.322), "Comunicação através do tempo" (Rho Feminina = 0.160, Rho Masculina = 0.245).

A Satisfação apresenta correlações negativas com as seguintes dimensões:

**Correlações Negativas Fortes:** “Negatividade/Escalada Negativa” (Rho Feminino = -0.528; Rho Masculino = -0.423).

**Correlações Negativas Fracas:** “Retirada” (Rho Feminino = -0.294; Rho Masculino = -0.271).

Em suma, para ambos os géneros, as dimensões com correlação mais forte com a Satisfação são: Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afetiva e Negatividade/Escalada Negativa. Os casais mais satisfeitos são os que utilizam mais estratégias como Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afetiva e menos Negatividade/Escalada Negativa.

#### Quadro 6

##### *Correlações de Spearman: Felicidade Vs Comunicação e Gestão de conflitos*

		Qual o grau de Felicidade com a sua relação? (Mulheres)	Qual o grau de Felicidade com a sua relação? (Homens)
Expressividade emocional/Comunicação positiva	Spearman's rho	,396***	,466***
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Negatividade/Escalada Negativa	Spearman's rho	-,402***	-,352***
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Clarificação	Spearman's rho	,242***	,181*
	Sig. (2-tailed)	,001	,014
	N	185	185
Disponibilidade/Expressão Afetiva	Spearman's rho	,386***	,477***
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Focar/Parar	Spearman's rho	,053	,091
	Sig. (2-tailed)	,472	,217
	N	185	185
Selecionar/Validar	Spearman's rho	,197**	,301***
	Sig. (2-tailed)	,007	,000
	N	185	185
Retirada	Spearman's rho	-,175*	-,331***
	Sig. (2-tailed)	,018	,000
	N	185	185
Feedback	Spearman's rho	,334***	,324***
	Sig. (2-tailed)	,000	,000
	N	185	185
Comunicação através do tempo	Spearman's rho	,197**	,242**
	Sig. (2-tailed)	,008	,001
	N	185	185

\*\*\*Correlação significativa a 0.001 (2-tailed); \*\*Correlação significativa a 0.01 (2-tailed); \*Correlação significativa a 0.05 (2-tailed).

Não existe, para homens ou mulheres, correlação significativa entre a Felicidade e a dimensão focar/parar. Contudo, a Felicidade apresenta correlação positiva significativa com as seguintes dimensões:

**Correlações Positivas Fortes:** Expressividade Emocional/Comunicação Positiva (Rho Feminina = 0.396, Rho Masculina = 0.466), Disponibilidade/Expressão Afectiva (Rho Feminina = 0.386, Rho Masculina = 0.477)

**Correlações Positivas Fracas:** Clarificação (Rho Feminina = 0.242, Rho Masculina = 0.181) Comunicação através do tempo (Rho Feminino = 0.197, Rho Masculino = 0.242), Feedback (Rho Feminino = 0.334, Rho Masculino = 0.324), Selecionar/Validar (Rho Feminino = 0.197, Rho Masculino = 0.301).

Por outro lado, a Felicidade tem correlação negativa significativa com as seguintes dimensões:

**Correlações Negativas Altas:** Negatividade (Rho Feminina = -0.402; Rho Masculina = -0.352)

**Correlações Negativas Fracas:** Retirada (Rho Feminina = -0.175, Rho Masculina = -0.331.)

Em síntese, a Felicidade, para ambos os géneros, possui correlações mais fortes com a Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afectiva e Negatividade/ Escalada Negativa. Desta forma, quanto mais elevados os valores de Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afectiva e mais baixos os valores de Negatividade/ Escalada Negativa, mais feliz será o casal.

Para responder à quarta questão colocada, procedeu-se à comparação entre casais com filhos e casais sem filhos. Os resultados femininos e masculinos são apresentados nos quadros 7 e 8.

## Quadro 7

*T-Student: Comparação entre casais com filhos e casais sem filhos na comunicação e gestão do conflito (mulheres)*

Género Feminino	Filhos	N	Média	Desvio Padrão	t student Amostras Independentes
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Sim	150	3.6151	.61107	t = -3.354
	Não	35	3.9915	.53583	p = 0.001**
Escalada Negativa	Sim	150	2.7396	.64803	t = 1.494
	Não	35	2.5524	.74812	p = 0.137
Clarificação	Sim	150	3.8797	.59832	t = -2.154
	Não	35	4.1144	.49337	p = 0.033*
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Sim	150	4.1490	.53930	t = -4.086
	Não	35	4.5429	.38020	p = 0.000***
Focar/Parar	Sim	150	3.2827	.71864	t = 1.871
	Não	35	3.0286	.74383	p = 0.063 <sup>ls</sup>
Seleccionar/ Validar	Sim	150	3.6396	.63827	t = -0.876
	Não	35	3.7429	.58346	p = 0.382
Retirada	Sim	150	2.7333	.88719	t = 1.308
	Não	35	2.5143	.91231	p = 0.193
Feedback	Sim	150	3.5515	.66661	t = -1.192
	Não	35	3.7000	.65154	p = 0.235
Comunicação através do tempo	Sim	150	3.5576	.90672	t = -1.402
	Não	35	3.7929	.83465	p = 0.162

\*Significante a 0,05, \*\* significante a 0,01, \*\*\* significante a 0,001

As mulheres sem filhos apresentam valores significativamente mais elevados na Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afectiva e Clarificação. Os resultados apontam para valores no limiar de significância na dimensão Focar/Parar, onde os mais elevados são apresentados pelas mulheres com filhos.

## Quadro 8

*T-Student: Comparação entre casais com filhos e casais sem filhos na gestão do conflito (homens)*

Género Masculino	Filhos	N	Média	Desvio Padrão	t student Amostras dependentes
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Sim	150	3.6844	.48670	t = -3.333
	Não	35	3.9999	.57498	p = 0.001***
Negatividade /Escalada Negativa	Sim	150	2.6831	.65955	t = 0.649
	Não	35	2.6011	.72785	p = 0.517
Clarificação	Sim	150	3.7382	.49695	t = -2.247
	Não	35	3.9514	.54199	p = 0.026*
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Sim	150	4.1218	.49670	t = -2.250
	Não	35	4.3362	.55356	p = 0.026*
Focar/ Parar	Sim	150	3.1751	.65528	t = -0.685
	Não	35	3.2586	.62409	p = 0.495
Seleccionar/ Validar	Sim	150	3.7506	.48834	t = -.850
	Não	35	3.8286	.48757	p = 0.396
Retirada	Sim	150	2.5295	.75781	t = 1.046

	Não	35	2.3810	.75035	p = 0.297
Feedback	Sim	150	3.5988	.67530	t = -1.344
	Não	35	3.7714	.72207	p = 0.181
Comunicação através do tempo	Sim	150	3.5965	.69305	t = -0.590
	Não	35	3.6738	.72151	p = 0.556

\*Significante a 0,05, \*\*\* significante a 0,001

Analogamente, também os homens sem filhos apresentam valores significativamente mais elevados nas dimensões Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva, Disponibilidade/ Expressão Afectiva e Clarificação.

Nos quadros 9 e 10 encontram-se os resultados femininos e masculinos para a nossa quinta questão.

#### Quadro 9

*T- student: Comparação entre quem já desejou, ou não, terminar a relação na estão do conflito (Mulheres)*

Género Feminino	Alguma vez desejou terminar a relação?	N	Média	Desvio Padrão	t student Amostras independentes
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Sim	18	3.1777	.77386	t = -3.853
	Não	164	3.7470	.57315	p = 0.000***
Negatividade /Escalada Negativa	Sim	18	3.4691	.69755	t = 5.529
	Não	164	2.6152	.61356	p = 0.000***
Clarificação	Sim	18	3.8659	.53668	t = -0.441
	Não	164	3.9307	.59734	p = 0.659
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Sim	18	3.8417	.62232	t = -3.321
	Não	164	4.2719	.51004	p = 0.001***
Focar/ Parar	Sim	18	3.0889	.72994	t = -0.935
	Não	164	3.2580	.72811	p = 0.351
Seleccionar/ Validar	Sim	18	3.4074	.46520	t = -1.833
	Não	164	3.6927	.64128	p = 0.068
Retirada	Sim	18	2.9815	.95296	t = 1.473
	Não	164	2.6544	.88819	p = 0.143
Feedback	Sim	18	3.0093	.77221	t = -4.018
	Não	164	3.6487	.62570	p = 0.000***
Comunicação através do tempo	Sim	18	3.1574	.83865	t = -2.288
	Não	164	3.6609	.89107	p = 0.023*

\*Significante a 0,05, \*\*\* significante a 0,001

As mulheres que pensaram em terminar a actual relação têm resultados mais baixos na Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afectiva, Feedback e Comunicação através do tempo. Contrariamente, apresentam valores mais elevados de Negatividade/Escalada Negativa.

Quadro 10

*T- student: Comparação entre quem já desejou, ou não, terminar a relação na estão do conflito (Homens)*

Género Masculino	Alguma vez desejou terminar a relação?	N	Média	Desvio Padrão	t student Amostras independentes
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Sim	10	3.1501	.70965	t = -3.847 p = 0.000***
	Não	173	3.7783	.48879	
Negatividade /Escalada Negativa	Sim	10	3.0743	.44953	t = 1.996 p = .047*
	Não	173	2.6406	.67771	
Clarificação	Sim	10	3.6100	.46296	t = -1.068 p = 0.287
	Não	173	3.7884	.51623	
Disponibilidade/ Expressão Afectiva	Sim	10	3.8262	.60382	t = -2.145 p = 0.033*
	Não	173	4.1826	.50563	
Focar/ Parar	Sim	10	3.3400	.42216	t = 0.743 p = 0.458
	Não	173	3.1822	.66289	
Seleccionar/ Validar	Sim	10	3.3667	.48305	t = -2.680 p = 0.008**
	Não	173	3.7869	.48201	
Retirada	Sim	10	2.9000	.81725	t = 1.716 p = 0.088
	Não	173	2.4776	.75332	
Feedback	Sim	10	2.8667	.84911	t = -3.783 p = 0.000***
	Não	173	3.6811	.65069	
Comunicação através do tempo	Sim	10	3.0250	.86160	t = -2.760 p = .006**
	Não	173	3.6426	.67771	

\*Significante a 0,05, \*\* significante a 0,01, \*\*\* significante a 0,001

No que diz respeito ao género masculino, os indivíduos da amostra que já pensaram em terminar a relação, apresentaram valores mais altos de Negatividade/Escalada Negativa e valores mais baixos de Expressividade Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afectiva, Seleccionar/Validar, Feedback e Comunicação através do tempo.

O quadro 11 apresenta os resultados encontrados para a sexta questão

Quadro 11

*Correlação de Sperman: Satisfação com o tempo que passa sozinho com o parceiro VS gestão de conflitos*

		Grau de Satisfação com o tempo passado a sós com o parceiro	
		Mulheres	Homens
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Spearman's rho	0.486***	0.464***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Negatividade/Escalada Negativa	Spearman's rho	-0.374***	-0.378***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000

	N	184	183
Clarificação	Spearman's rho	0.263***	0.252***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.001
	N	184	183
Disponibilidade/Expressão Afectiva	Spearman's rho	0.445***	0.433***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Focar/Parar	Spearman's rho	0.215**	0.160*
	Sig. (2-tailed)	0.003	0.030
	N	184	183
Seleccionar/ Validar	Spearman's rho	0.382***	0.350***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Retirada	Spearman's rho	-0.194**	-0.116
	Sig. (2-tailed)	0.008	0.118
	N	184	183
Feedback	Spearman's rho	0.390***	0.299***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Comunicação através do tempo	Spearman's rho	0.153*	0.207**
	Sig. (2-tailed)	0.038	0.005
	N	184	183

\*\*\*Correlação significativa a 0.001 (2-tailed); \*\*Correlação significativa a 0.01 (2-tailed); \*Correlação significativa a 0.05 (2-tailed).

Em ambos os géneros, a Expressividade Emocional/Comunicação Positiva (Rho feminina: 0.486, Rho masculina: 0.464) e a Disponibilidade/Expressão Afectiva (Rho feminina: 0.445, Rho masculina: 0.433) apresentaram correlações positivas e forte com a satisfação com o tempo passado a sós com o parceiro. Por outro lado, foram encontradas correlações negativas, também para ambos os géneros, com a Negatividade/Escalada Negativa (Rho Feminino = 0.374, Rho masculino = 0.378).

O quadro 12 apresenta os resultados para a nossa sétima questão.

#### Quadro 12

*Correlação de Spearman: Satisfação com o divertimento com o parceiro Vs Comunicação e Gestão de Conflitos*

		Grau de Satisfação com o divertimento com o parceiro	
		Mulheres	Homens
Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva	Spearman's rho	0.616***	0.552***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Negatividade/Escalada Negativa	Spearman's rho	-0.430***	-0.355***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183



Clarificação	Spearman's rho	0.347***	0.374***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Disponibilidade/Expressão Afectiva	Spearman's rho	0.599***	0.494***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Focar/Parar	Spearman's rho	0.058	0.040
	Sig. (2-tailed)	0.436	0.587
	N	184	183
Seleccionar/ Validar	Spearman's rho	0.334***	0.333***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Retirada	Spearman's rho	-0.347***	-0.204**
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.006
	N	184	183
Feedback	Spearman's rho	0.343***	0.375***
	Sig. (2-tailed)	0.000	0.000
	N	184	183
Comunicação através do tempo	Spearman's rho	0.212**	0.232**
	Sig. (2-tailed)	0.004	0.002
	N	184	183

\*\*\*Correlação significativa a 0.001; \*\* Correlação significativa a 0.01; \* Correlação significativa a 0.05

Em ambos os membros do casal todas as dimensões da escala, com excepção do Focar/Parar, estão correlacionadas significativamente com a satisfação com o divertimento em casal. As dimensões com correlações positivas mais altas são a Expressividade Emocional/Comunicação Positiva (Rho feminino: 0.616, Rho masculino: 0.552) e Disponibilidade/Expressão Afectiva (Rho feminino: 0.599, Rho masculino: 0.494). Por sua vez, as correlações negativas mais fortes foram encontradas nas dimensões Negatividade/ Escalada Negativa (Rho feminino: 0.430, Rho masculino: 0.355).

## 6. Discussão

No nosso estudo confirmámos diferenças de género na utilização de estratégias de comunicação e gestão de conflito ao longo da vida, bem como noutros aspectos da vida conjugal.

Nas questões preliminares da escala (quadro 3) verificámos, sem excepção, uma perspectiva masculina do casamento mais positiva. Estatisticamente significativa no que respeita a alguma vez ter desejado não estar na actual relação, ou ter querido terminá-la. Os homens apresentam também, valores, quer de satisfação, quer de felicidade, significativamente

mais elevados que as mulheres. Tendo em conta o trabalho de outros investigadores, estes resultados poderão espelhar eventuais maiores benefícios do casamento para o género masculino. Outros estudos citados por Levenson, Carstensen e Gottman, (1993) já revelaram que, globalmente, os homens tendem a referir maiores níveis de satisfação que as suas parceiras, assim como menos problemas de saúde mental (Levenson et al., 1993; Levenson, Carstensen & Gottman, 1994). De acordo com Levenson et al., (1994) as mulheres apresentam benefícios ao nível da saúde mental e física quando se encontram em bons casamentos, enquanto os homens beneficiam do casamento independentemente da sua qualidade.

### *1- De que forma as estratégias de comunicação variam com o género?*

De forma a melhor compreender a diferença entre géneros, optámos primeiramente por analisar o modo como homens e mulheres usam as diferentes estratégias de comunicação e gestão de conflito, sem atender à sua diferenciação por etapa do relacionamento (quadro 4). Os resultados mostraram diferenças significativas na utilização de apenas três estratégias: Seleccionar/validar, Clarificação e Retirada. Assim, embora apresentem padrões de comunicação globalmente semelhantes, existem diferenças de género que devem ser tidas em conta no trabalho clínico com os casais. Enquanto eles, numa situação de conflito optam preferencialmente por controlar a mensagem da parceira através do uso de comportamentos de revisão, elas escolhem discutir claramente sentimentos e pensamentos ou retirar-se. De notar que a presença deste afastamento físico e emocional das discussões implícito na Retirada contraria o que seria esperado, pois é normalmente uma estratégia associada ao género masculino, por oposição às mulheres emocionalmente mais expressivas (Margolin & Wampold, 1981).

### *2 - De que forma as estratégias de comunicação variam entre géneros dentro de cada etapa?*

Uma leitura global dos resultados desta análise permite ainda verificar que, na maioria das nove estratégias, homens e mulheres apresentam valores semelhantes, sugerindo poucas diferenças nos padrões comunicacionais do casal ao longo da vida.

Contudo, naquelas estratégias de comunicação e gestão de conflito em que há diferenças, as mulheres apresentam alterações a partir de fases mais precoces do relacionamento.

A análise das diferenças de género em cada fase do ciclo conjugal mostra que, em quatro das sete etapas consideradas no estudo, pelo menos uma estratégia apresenta diferenças significativas entre os membros do casal. Estes resultados tiveram como excepção os casais com filhos pequenos, os casais cujos filhos já saíram de casa e os casais na velhice, onde não foram encontradas diferenças significativas. Contudo algumas destas etapas – casais com filhos pequenos e cujos filhos já saíram de casa – apresentaram diferenças moderadas quando estudado a dimensão do efeito.

Vejamos em pormenor: das sete fases consideradas no estudo há diferenças masculino/feminino significativas nas respostas dos casais sem filhos, com filhos em idade escolar, filhos adolescentes e filhos adultos em casa.

Nos casais sem filhos, a única diferença significativa entre géneros encontra-se na Disponibilidade/ Expressão Afectiva, com valores mais elevados para as mulheres. Na fase inicial da relação, evidencia-se uma maior disponibilidade emocional nos relacionamentos, bem como uma maior procura por intimidade emocional e afectiva por parte das mulheres, indo ao encontro da literatura (Carstensen, Gottman, & Levenson 1995; Margolin & Wampold, 1981; Walsh et al., 1993). Anotemos, neste sentido, que na nossa amostra, (artigo 3) esta é a fase em que o valor da Disponibilidade/Expressão Afectiva dos homens é mais elevada, sublinhando diferenças apriorísticas de género no modo de comunicar, independentes da fase do relacionamento.

Quando as crianças atingem a idade escolar, os homens parecem utilizar com mais frequência a estratégia Seleccionar/ Validar, aumentando o controlo da sua reacção à mensagem da parceira, apresentando mais comportamentos de revisão. Esta é a primeira etapa em que se verifica, na amostra masculina, comparada com a feminina, o maior recurso a qualquer das estratégias estudadas. No nosso trabalho (artigo 3), quando se compararam as estratégias utilizadas pelos homens nas diferentes etapas, verificou-se que na fase imediatamente anterior, casais com filhos pequenos, os valores de Seleccionar/Validar, são significativamente mais baixos, sugerindo que estamos realmente perante um aumento do uso de mais comportamentos de revisão por parte dos homens quando os filhos entram na escola. Curiosamente este aumento dá-se numa estratégia de gestão de conflito, colocando-se a hipótese de uma maior necessidade masculina em gerir situações cujo foco poderá estar na educação da criança, aliados às pressões sociais paradoxais e às primeiras dificuldades sexuais que surgem nesta fase da vida.

Durante a adolescência dos filhos, as mulheres apresentam uma maior frequência de Focar/ Parar. Nesta fase da vida, o casal repensa uma série de questões familiares. Alteram-se os papéis parentais para permitir ao adolescente movimentar-se dentro e fora do sistema familiar. Enfrentam-se ainda conflitos inerentes ao fecho do ciclo reprodutivo, perda da juventude, aumento da independência dos filhos, questões de carreira e dependência progressiva dos pais. Todas estas mudanças trazem consigo pressões sobre a relação conjugal que podem levar à necessidade, expressa nesta mudança estratégica, de parar ou conter a escalada das discussões concordando em continuar mais tarde e focando-se num só tema. Nos resultados da primeira parte deste trabalho (artigo 3), relativos às diferenças entre etapas dentro do mesmo género, foi possível verificar que na etapa imediatamente anterior a esta, casais com filhos em idade escolar, as mulheres apresentam valores significativamente mais baixos de Focar/Parar, mostrando que existe um efectivo aumento desta estratégia positiva, de gestão de conflito, coincidente com a adolescência dos filhos.

Nos casais cujos filhos adultos permanecem em casa, apenas nos homens se verifica um maior uso de Seleccionar/ Validar, controlando a sua reacção à mensagem das mulheres, escutando-as mais, expressando valor na perspectiva da parceira, seleccionando ou excluindo respostas de defesa, o que pode ser resultado da sua percepção de um aumento da tensão entre o casal.

Sem diferenças significativas, mas, quando estudando a dimensão do efeito, apresentaram uma diferença moderada entre as médias, aparecem os casais com filhos pequenos, e os casais cujos filhos saíram de casa. Vejamos:

Nos casais com filhos pequenos surgiu uma diferença moderada, em que as mulheres apresentam um valor mais elevado na Clarificação. Estes resultados sugerem que as mulheres com filhos pequenos tendem a procurar esclarecer e discutir sentimentos e pensamentos de forma clara, construtiva, de modo simples, mais do que os seus parceiros.

A saída dos filhos de casa é também uma fase importante para o casal. Não se trata já do conflito inerente ao nascimento e crescimento da criança, e ao amadurecimento do sistema familiar, mas à necessidade de fazer renascer e reaprender a relação a dois. A relação entre pais e filhos passa a ser de adulto a adulto e não mais de adulto a criança. Ocorrem saídas, mas também entradas no sistema familiar, sendo inevitável o realinhamento das relações de modo a incluir os novos membros e as categorias de parentesco que emergem: integrar novas famílias

alargadas, ser avós. Embora na nossa amostra exista um número reduzido de elementos neste grupo, o estudo da dimensão do efeito aponta para uma frequência maior na utilização de estratégias como Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva e Clarificação, pelas mulheres, mostrando uma maior procura de intimidade emocional e expressão de afectos, repetindo-se o padrão encontrado no início da relação e de quando os filhos são pequenos.

Na velhice não existem diferenças entre homens e mulheres no que respeita à comunicação e gestão de conflito.

### 3 - *De que forma as estratégias de comunicação variam com a Satisfação e a Felicidade?*

Os nossos resultados (quadros 5 e 6) confirmam estudos anteriores, que apontam para a existência de uma relação entre a comunicação e a satisfação (Bertoni & Bodenman, 2010; Boyd & Roach, 1977; Litzinger & Gordon, 2005; Rehman & Holtzworth, 2007). A maioria das estratégias de comunicação e gestão de conflitos avaliadas estão relacionadas com a satisfação e felicidade conjugal, com excepção de Focar/ Parar.

Assim, os casais com níveis mais elevados de satisfação e felicidade utilizam mais estratégias como a Expressividade Emocional/Comunicação Positiva e Disponibilidade / Expressão Afectiva, sugerindo que a expressão de afectos positivos e emoções (estratégias construtivas) é crucial para o aumento da satisfação conjugal. Por outro lado, estratégias ligadas à expressão de sentimentos e emoções negativas – Negatividade e Escalada Negativa (estratégias destrutivas) e a Retirada – estão relacionadas com a diminuição dos níveis de satisfação e felicidade.

### 4 - *As estratégias de comunicação variam com a existência de filhos?*

Na comparação entre casais com e sem filhos (sem se atender ao momento do ciclo de vida em que se encontram – quadros 7 e 8), estratégias como Expressão Emocional/ Comunicação Positiva, Clarificação e Disponibilidade/ Expressão Afectiva, apresentam diferenças significativas que apontam para um decréscimo no seu uso com a parentalidade. Estes resultados vão no sentido dos encontrados, quando analisámos as estratégias de comunicação e gestão de conflito ao longo das diferentes etapas do casamento (artigo 3). A existência ou não de filhos parece ter uma influência determinante na comunicação conjugal.

O seu nascimento implica transformações a que o casal terá que adaptar-se, acarretando consequentemente tensões que vão afectar o padrão de comunicação conjugal. Assinale-se que se verifica um decréscimo na utilização das estratégias construtivas acima referidas, mas não é verificado aumento de qualquer das estratégias negativas.

5 - *De que forma as estratégias de comunicação se encontram ligadas com a ideia de terminar a relação?*

Tal como esperado, as estratégias de comunicação e gestão de conflito construtivas são menos utilizadas pelos casais que em algum ponto do seu relacionamento pensaram em terminá-lo (quadros 9 e 10). Verificou-se também um valor mais elevado na Negatividade/Escalada Negativa nestes casais, indo ao encontro de trabalhos anteriores que apontavam a negatividade como um factor de risco (Markman, Rhoades, Stanley, Ragan, & Whitton, 2010). Sentimentos e comportamentos negativos e destrutivos levam à diminuição da satisfação conjugal e, consequentemente ao aparecimento da ideia de terminar a relação.

6/7 - *De que forma as estratégias de comunicação se relacionam com a satisfação com o tempo partilhado e com o tempo de divertimento com o cônjuge?*

Verificámos que as estratégias construtivas, assim como os afectos e emoções positivas, aparecem associados com os níveis de satisfação com o tempo passado a sós com o parceiro e com o tempo de divertimento em casal (quadros 11 e 12). Por outro lado, tal com esperado, a Negatividade/ Escalada Negativa apresenta uma relação inversa com a satisfação nestas áreas. Os nossos resultados confirmam que a satisfação conjugal é influenciada não só pela forma como o casal lida com o conflito (Markman, 1992), mas também pela quantidade e qualidade do tempo partilhado (Williams, 1979).

A perspectiva feminina dos relacionamentos é, genericamente, mais negativa que a masculina.

Globalmente homens e mulheres apresentam padrões de comunicação semelhantes, aparecendo diferenças em apenas 3 das 9 estratégias de comunicação considerados no estudo.

Considerando cada uma das sete etapas do ciclo conjugal, em quatro delas, pelo menos uma estratégia de comunicação ou gestão de conflito apresenta diferenças significativas entre homens e mulheres.

Nas estratégias em que se verificam mudanças ao longo do ciclo conjugal, as mulheres apresentam alterações a partir de fases mais precoces do relacionamento.

O uso de estratégias positivas ou negativas de comunicação está respectivamente ligado com o maior ou menor grau de satisfação e felicidade dos casais.

Há um menor uso de estratégias de comunicação positiva nos casais com filhos.

Há uma maior presença de atitudes e sentimentos negativos e de um padrão de mensagem negativa, seguida sucessivamente de outras, nos casais que, em algum ponto do seu relacionamento, pensaram em terminá-lo.

A satisfação com o tempo passado a sós com o parceiro e com o tempo de divertimento em casal reflecte-se no uso de estratégias construtivas, assim como nos afectos e emoções positivas.

Globalmente, podemos também concluir que nestes casais, casais felizes, mesmo quando se verifica um decréscimo na utilização das estratégias construtivas, não há um correspondente aumento de estratégias destrutivas, o que provavelmente os ajudará a passar pelos desafios do ciclo de vida superando as crises.

Uma das limitações do nosso estudo decorre da opção por uma amostra de casais satisfeitos e muito satisfeitos bem como da escolha nas variáveis comparadas. Para além de reproduzir o estudo com uma população clínica e de casais com baixos índices de satisfação, seria interessante, na sequência do estudo publicado por Lavner et al. (2016), ainda não conclusivo, aprofundar se a comunicação do casal prediz, de facto, a satisfação conjugal, ou se a satisfação conjugal prediz uma boa comunicação.

## 7. Referências

- Abreu-Afonso, J. & Leal, I. (2016) Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995). *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 65, 131-151
- Ahmadi, K., Ashrafi, S.M.N., Kimiaee, S.A., & Afzali, M.H. (2010). Effect of family problem-solving on marital satisfaction. *Journal of Applied Sciences*, 10 (8), 682-687. doi: 10.3923/jas.2010.682.687
- Arellano, C., & Markman, H. (1995). The managing affect and differences scale (MADS): A self-report measure assessing conflict management in couples. *Journal of Family Psychology*, 9 (3), 319 – 334. doi: 10.1037/0893-3200.9.3.319
- Aron, A., Norman, C., Aron, E., McKenna, C., & Heyman, R. (2000). Couples' shared participation in novel and arousing activities and experienced relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (2), 273 – 284. doi: 10.1037//0022-3514.78.2.273
- Baucom, D.H., Epstein, N., Rankin, L.A., & Burnett, C.K. (1996). Assessing relationship standarts: The inventory of specific relationship standards. *Journal of Family Psychology*, 10(1), 72-88. doi: 10.1037/0893-3200.10.1.72
- Bélanger, C., Sabourin, & Wright, J. (1993). Les développements récents dans l'étude de la communication et de la détresse maritale: Évolution ou révolution? *Psychologie Canadienne*, 34 (1), 3-25. doi: 10.1037/H0078801
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples. Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15 (3), 175 – 184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Birchler, G., Weiss, R., & Vicent, J. (1975). Multimethod analysis of social reinforcement exchange between martially distressed and nondistressed spouse and stranger dyads. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31(2), 349-360. doi: 10.1037/h0076280



- Boyd, L.A. & Roach, A. J. (1977). Interpersonal communication skills differentiating more satisfying from less satisfying marital relationship. *Journal of Counselling Psychology*, 24 (6), 540-542. doi: 10.1037/0022-0167.24.6.540
- Bradbury, T.N., & Fincham, F.D. (1992). Attributions and behaviour in marital interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63 (4), 613-628. doi: 10.1037/0022-3514.63.4.613
- Carstensen, L.L., Gottman, J.M., Levenson, R.W. (1995). Emotional Behaviour in long-term marriage. *Psychology and Aging*, 10(1), 140-149. doi:10.1037/0882-7974.10.1.140
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life-cycle: A framework of family therapy* (2<sup>nd</sup> ed.). Boston: Ally & Bacon
- Caughlin, J.P., & Huston, T.L. (2002). A contextual analysis of the association between demand-withdraw and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 9 (2002), 95–119. doi: 10.1111/1475-6811.00007
- Chi, P., Epstein, N., Fang, X., Lam, D.O.B., & Li, X. (2013). Similarity of relationship standards, couple communication patterns, and marital satisfaction among Chinese couples. *Journal of Family Psychology*, 27 (5). 806 – 816. doi: 10.1037/a0034113
- Christensen, A. & Shenk, J., L. (1991). Communication, conflict and psychological distance in nondistressed, clinic and distressed couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59 (3), 458 – 463. doi: 10.1037/0022-006X.59.3.458
- Christensen, A., & Heavey, C. L. (1990). Gender and social structure in the demand/withdraw pattern of marital conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(1), 73–81. doi: 10.1037/0022-3514.59.1.73
- Driver, J. & Gottman, J.M. (2004). Daily marital interactions and positive affect during marital conflict among newlywed couples. *Family Process*, 43 (3), 301 – 314. doi: 10.1111/j.1545-5300-2004-00024.x
- Eldridge, K., Sevier, M., Jones, J., Atkins, D., & Christensen, A. (2007). Demand-Withdrawal communication in severely distressed, moderately distressed, and nondistressed couples:

- Rigidity and polarity during relationship and personal problem discussions. *Journal of Family Psychology*, 21 (2), 218 – 226. doi: 10.1037/0893-3200.21.218
- Faulkner, R.A., Davey, M., & Davey, A. (2005). Gender-related predictors of change in marital satisfaction and marital conflict. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 61-83. doi: 10.1080/01926180590889211
- Fincham, F.D. (2009). Marital happiness. *The Encyclopedia of Positive Psychology*. Vol. 2 (p. 594-599). New York: John Wiley
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., & Papp, L. M. (2007). Children and marital conflict resolution: Implications for emotional security and adjustment. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 744–753. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.744
- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(1), 47-52. doi: 10.1037/0022-006X.57.1.47
- Gottman, J.M., & Levenson, R.W. (1992). Marital processes predictive of later dissolution: Behavior, physiology, and health. *Journal of personality and Social Psychology*, 63(2), 221-233. doi:10.1037/0022-3514.63.2.221
- Heyman, R., Hunt-Martorano, A., Malik, J. & Smith Slep, A., (2009). Desired change in couples: Gender differences and effects on communication. *Journal of Family Psychology*, 23 (4), 474 – 484. doi: 10.1037/a0015980
- Houts, R.M., Barnett-Walker, K.C., Paley, B., & Cox, M.J. (2008). Patterns of couple interaction during the transition to parenthood. *Personal Relationships*, 15, 103-122. doi:10.1111/j.1475-6811.2007.00187.x
- Johnson, M.D., Cohan, C.L., Davila, J., Lawrence, E., Rogge, R.D., Karney, B.R., Sullivan, K., & Bradbury, T. (2005). Problem-solving skills and affective expression as predictors of change in marital satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73 (1), 15 – 27. doi: 10.1037/10022-006X.73.1.15

- Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin*, 118(1), 3-34. doi:10.1037/0033-2909.118.1.3
- Lavner, J., Karney, B., & Bradbury, T. (2016). Does couples' communication predict marital satisfaction, or does marital satisfaction predict communication? *Journal of Marriage and Family*, 78(3), 680-694. doi: 10.1111/jomf.12301
- Levenson, R.W., Carstensen, L.L., & Gottman, J.M. (1993). Long-term marriage: age, gender, and satisfaction. *Psychology and Aging*, 8(2), 301-313. doi:10.1037/0882-7974.8.2.301
- Levenson, R.W., Carstensen, L.L., & Gottman, J.M. (1994). The influence of age and gender on affect, physiology, and their interrelations: A study of long-term marriages. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(1), 56-68. doi:10.1037/0022-3514.6.7.1.56
- Li, T. & Fung, H.H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15 (3), 246 – 254. doi: 10.1037/a0024694
- Litzinger, S. & Gordon, K.C. (2005). Exploring Relationships among communication, sexual satisfaction and marital satisfaction. *Journal of sex and marital therapy*, 31, 409 – 424. doi: 10.1080/0092623059100 6719
- Margolin, G., & Wampold, B. (1981). Sequential analyses of conflict and accord in distressed and nondistressed marital partners. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Vol 49(4), 554-567. doi: 10.1037/0022-006X.49.4.554
- Markman, H. J., Floyd, F. J., & Dickson-Markman, F. (1983). Toward a model for the prediction and prevention of marital and family distress and dissolution. In S. Duck (Ed.), *Personal relationships 4: Dissolving personal relationships*. London: Academic Press.
- Markman, H.J. (1992). Marital and family psychology: Burning issues. *Journal of Family Psychology*, 5 (3/4), 264 – 275. doi: 10.1037/0893 – 3200.5.3-4.264
- Markman, H.J., Leber, D.L., Cordova, A.D., & Peters, M.St. (1995). Behavioral Observation and family psychology – Strange bedfellows or happy marriage?: Comment on Alexander

et al. (1995). *Journal of Family Psychology*, 9 (4), 371-379. doi: 10.1037/0893-3200.9.4.371

Markman, H.J., Rhoades, G.K., Stanley, S.M., Ragan, E.P., & Whitton, S.W. (2010). The premarital communication roots of marital distress and divorce: The first five years of marriage. *Journal of Family Psychology*, 24 (3), 289 – 298. doi: 10.1037/a0019481

Markman, H.J., Stanley, S.M., Floyd, F.J., Hahlweg, K., & Blumberg, S. (1991). Prevention of divorce and marital distress, In Larry E. Beutler & Marjorie Crago (Eds.), *Psychotherapy research: An international review of programmatic studies* (pp.115 – 122). Washington, American Psychological Association

Meza-de-Luna, M.E., & Romero-Zepeda, H. (2013). Areas of conflict in the intimate couple. *Trames*, 17 (1), 87-100. doi: 10.3176/tr.2013.1.04

Neighbourgh, R.H. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 78 (8), 11 – 15. Retrieved from [http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth\\_ed.pdf](http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth_ed.pdf)

Rehman, U.S. & Holtzworth-Munroe, A. (2007). A cross-cultural examination of the relation of marital communication behaviour to marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 21 (4), 759-763. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.759

Relvas, A.P. (2004). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento

Sanford, K. (2003). Problem-solving conversations in marriage: Does it matter what topics couples discuss?. *Personal Relationship*, 10, 97 – 112. doi: 10.1111/1475-6811.00038

Sheras, P.L., & Koch-Sheras, P. (2006). Communication. In P.L. Sheras & P. Koch-Sheras. *Couple power therapy: Building commitment, cooperation, communication and community in relationships*. (pp. 119 - 150). American Psychological Therapy

Stanley, S., Markman, H., & Whitton, S. (2002). Communication, conflict and commitment: Insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family Process*, 41 (4). doi: 10.1111/j.1545-5300.2002.00659.x

- Storaasli, R., & Markman, H. (1990). Relationship problems in early stages of marriage: A longitudinal investigation. *Journal of Family Psychology*, 4 (1), 80-98. doi: 10.1037/0893-3200.4.1.80
- Twenge, J.M., Campbell, W.K., & Foster, C.A. (2003). Parenthood and marital satisfaction: A meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, 65, 574-583. doi: 10.1111/j.1741-3737.2003.00574.x
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D.A., Chen, M.D., & Campbell, A.M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital Quality. *Social Forces*, 84(1), 487-505. doi: 10.1353/sof.2005.0131
- Veldorale-Brogan, A., Bradford, K., & Vail, A. (2010). Marital virtues and their relationship to individual functioning, communication, and relationship adjustment. *The Journal of Positive Psychology*, 5 (4), 281-293. doi: 10.1080/17439760.2010.498617
- Voorpostel, M., Van der Lippe, T., & Gershuny, J. (2010). Spending time together – Changes over four decades in leisure time spent with a spouse. *Journal of Leisure Research*, 42 (2), 243 – 265. Retrieved from [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Fwww.atususers.umd.edu%2Fwip2%2Fpapers\\_i2007%2FVoorpostel.pdf&ei=S8K\\_VJqvF8flUuG6hIAG&usg=AFQjCNFYgKlmVA47ZE9zceqpHR07UqEEag&sig2=-NYf4iaVdoEdOHGbv5vDQ&bvm=bv.83829542,d.bGQ](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Fwww.atususers.umd.edu%2Fwip2%2Fpapers_i2007%2FVoorpostel.pdf&ei=S8K_VJqvF8flUuG6hIAG&usg=AFQjCNFYgKlmVA47ZE9zceqpHR07UqEEag&sig2=-NYf4iaVdoEdOHGbv5vDQ&bvm=bv.83829542,d.bGQ)
- Walsh, V., Baucom, D.H., Tyler, S., & Sayers, S.L. (1993). Impact of message valence, focus, expressive style, and gender on communication patterns among maritally distressed couples. *Journal of Family Psychology*, 7 (2), 163-175. doi: 10.1037/0893-3200.7.2.163
- Williams, A.M. (1979). The quantity and quality of marital interaction related to marital satisfaction: A behavioural analysis. *Journal of Applied Behaviour Analysis*, 12 (4), 665 – 678. doi: 10.1901/jaba.1979.12-665
- Williamson, H.C, Hanna, M.A., Lavner, J.A., Bradbury, T.N., & Karney, B.R. (2013). Discussion topic and observed behaviour in couples' problem-solving conversations: Do problem severity and topic choice matter? *Journal of Family Psychology*, 27(2), 330-335. doi:10.1037/a0031534

## **Artigo 4 - Motivation for Conjuality in Couples Life Cycle and its relation to Happiness and Satisfaction**

Artigo publicado em 2015 na *Psychology*, 6(11), 1394 - 1412. doi:10.4236/psych.2015.611136

José de Abreu-Afonso, Isabel Leal, Vera Proença

Ispa-IU, Lisboa, Portugal

Email: joseabreuafonso@netcabo.pt

**Abstract:** The present research intended to study the motivation in couples along the life cycle and its relation to happiness and satisfaction. 185 heterosexual couples, separated into seven groups, participated in this study. Motivation was assessed using MS Motivation Scale (Rempel, Holmes & Zanna, 1985; Portuguese version by Abreu-Afonso & Leal 2009), a Unique Index Scale for Assessment of Marital Global Satisfaction and a Unique Index Scale for Assessment of Happiness. We concluded that, although during marriage cycle men and women's motivation does not suffer large fluctuations, there is a decrease in women's intrinsic motivations both personal and perceived. However, small differences can be reported when comparing both genders within each group. For marital satisfaction, perceived motivation is as important as personal motivation, but only in what concerns intrinsic motives. In a general overview, happiness seems to be a broader concept since the results of this variable are less complex than those concerning satisfaction.

**Keywords:** Motivation; Satisfaction; Happiness; Conjuality

### **1. Introduction**

During marriage, couples are often subjected to contradictory forces, which lead them to seek for help to deal with crises that may arise. Family therapists have realized the essentiality of contextualizing those crises in the couples' life cycle, assuming that the transition phases are the most vulnerable (Haley, 1984). In couples life we can consider various stages, characterized and refined by different authors (Carter & McGoldric, 1982; Neighbourgh, 1985; Relvas,

2004), each of them requiring the accomplishment of certain developmental tasks, and associated with some specific risks.

The present work aims to study motivation on those different stages of marriage and its relation with couples satisfaction and happiness. For such, it is important to review how marriage evolve and how motivation can be influenced.

### **1.1. Couple life cycle**

When new couples are formed, some problems can be raised, from the bonding process to the relation with the family of origin, or even with the deidealization of the spouse. When those tasks are not correctly achieved, latent incompatibilities may be revealed. Most of the separations occur at this stage.

The birth of a child brings complex changes to the couple, transforming it into a family, with the emergence of the first triangle. The romantic relationship is relegated to a second plane, emerging conflicts with the education of children. Paradoxical social pressures are felt and the first sexual difficulties appear. In general, the accomplishing of this stage will lead to the strengthening of the bond between the spouses.

However, if conflicts are not resolved, they can increase when children reach adolescence. This new stage will coexist with the existential crisis of the couple, probably between 40 and 50 years-old, and the need to evaluate life and redefine its meaning. They also have to deal with their own parents' aging. All those predicaments may lead to the ending of chronically poor relationships.

Another important period is the departure of children and the readaptation of living together as a couple. In this phase, couples face their parents' death, and generally, retirement takes place, with eventual loss of prestige. The need to find another meaning for life becomes stronger. Depression and psychosomatic complaints are common when the couple is unable to support each other and create new goals (Waldemar, 1998). Another nodal point is the closeness of death of either spouse.

Failure or difficulty in accomplishing the tasks that each stage demands can create couple instability or discomfort, lower marital satisfaction and, often, motivates disruption.

## **1.2. Motivation and the Self-Determination Theory**

When studying couples, researchers have often considered one or more dimensions seeking to establish relationships between them. One widely studied variable that has shown to be vital to comprehend and assist couples seeking for help and that arouse in several studies is motivation (Aimé, Sabourin, & Valois, 2000; Aron, Norman, Aron, McKenna, & Heyman, 2000; Bernstein, 1990; Blais, Sabourine, Boucher, & Vallerand, 1990; Deci & Ryan, 1985, 2000, 2008; DeHart, Pelham, Fiedorowicz, Carvalho, & Gabriel, 2011; Gable & Impett, 2012; Gaine & La Guardia, 2009; Impett, Gable, & Pelau, 2005; Impett et al., 2010; Knee, Lonsbary, Canevello, & Patrick, 2005; Knee, Patrick, Vietor, Nanayakkara, & Neighbors, 2002; Kogan, Impett, Oveis, Hui, Gordon, & Keltner, 2010; La Guardia & Patrick, 2008; Murray, 2005; Patrick, Knee, Lonsbary, & Canevello, 2007; Remple, et al., 1985; Seligman, Fazio, & Zanna, 1980; Vallerand, 2000).

Motivation is what moves people to act, think and develop. It can be defined as “a dispositional tendency or as a context-specific orientation” (Gaine & Guardia, 2009, p.184).

The approach to motivation has expanded rapidly, exceeding the scope of biology, defended by trends like behaviourism and psychoanalysis. Many perspectives were developed, some pointing the person as the centre of her own motivation, others focused on external rewards and their role in motivation (Mayer, Faber & Xu, 2007). This is undoubtedly a preview of the current concepts of intrinsic and extrinsic motivation, currently influencing much of research in this area.

Our work takes into account Deci and Ryan’s Self Determination Theory (SDT) (1985, 2000, 2008; Ryan & Deci, 2000), that support the existence of different types of motivation. Despite other theories that defend motivation as a unitary concept that varied in amount, Deci and Ryan (2000) have suggested that the style of motivation is a more important issue.

Self-determined motivation has the aim to provide a person the capability to have intentional behaviours. However, to achieve a self-determined motivation, people have to pursue the fulfilment of three basic psychological needs. The higher the level of fulfilment of those needs, the more self-determined is the motivation (Patrick et al., 2007; Vallerand, 2000). Therefore, the psychological needs - competence, relatedness and autonomy - can be defined as “innate psychological nutriment that are essential for ongoing psychological growth,



integrity and well-being” (Deci & Ryan, 2000, p.229). Competence is the predisposition to influence environment obtaining positive outcomes. Relatedness refers to the need to connect with others (Ryan, Kuhn et al., 1997, as cited in Deci & Ryan, 2000). Autonomy is a sense of integration and freedom of the self (Deci & Ryan, 2000). When those needs are not fulfilled, people often engage in alternative paths, as defensive or self-protective processes like developing substitute motives, non-autonomous styles and rigid behaviour patterns. However, substitute motives do not fulfil the psychological needs; instead, they provide a substitute fulfilment (Deci & Ryan, 2000). Therefore, a more self-determined motivation is a more intrinsic motivation, whereas a less self-determined motivation is a more extrinsic motivation, being controlled by extrinsic reasons.

Kasser and Ryan (1993, 1996, as cited in Ryan & Deci, 2000) have distinguished between intrinsic and extrinsic goals. Intrinsic goals are enablers of psychological needs fulfilment (Baumeister & Leary, 1995, as cited in Sheldon, Ryan, Deci, & Kasser 2004) being beneficial in numerous contexts and supportive of autonomy and competence in the pursuing an activity that, by itself, is pleasurable. The intrinsically motivated activities are spontaneous and come from people’s inner interest (Story, Hart, Stansson, & Mahoney, 2009), having therefore an internal locus of causality (Heider, 1958, as cite in Deci & Ryan, 2000). People have to feel competent and self-determined, to be intrinsically motivated. Nevertheless, we do not always engage in actions that we like and, in those cases, people seem to be motivated by external motives (La Guardia & Patrick, 2008). Extrinsic goals usually appear from a lack of basic needs fulfilment and seem to be intimately related with negative feelings and behaviours (Kasser & Ryan, 2001, as cited in Sheldon et al, 2004). When external reward is inserted into an intrinsic motivated activity, locus of causality will shift from internal to external. Extrinsic rewards can induce a serious risk of reducing intrinsic motivation (Deci, Koestner, & Ryan, 1999), because people no longer feel the activity as spontaneous, causing a decrease of the level of autonomy by giving value to the goal itself (Aron, Aron, & Norman, 2002; Deci & Ryan, 1983, 2000, 2008).

Human beings have a natural tendency to dedicate more time and interest in actions chosen by them, as well as for integration, assimilating objectives, values and behaviours consistent with a sense of self (Bernstein, 1990; Patrick, Knee, Lonsbary, & Canevello, 2007) accommodating them as their own, in a process denominated internalization (Deci & Ryan, 2000, 2008). For Deci and Ryan (2008), the focus of internalization shifts from the classical

differentiation intrinsic/extrinsic to autonomous/controlled. Therefore, people present a more autonomous motivation when pursuing intrinsic goals, whereas, in the presence of extrinsic goals the motivation is more controlled. The authors also suggested the existence of *amotivation*, related with a lack of intent to behave, due to an absence of efficacy or control and with negative outcomes (Deci & Ryan, 2000). Different types of regulation – external regulation, introjection, identification, and integration – are located in a continuum that goes from more controlled aiming a specific external reward to less controlled and more spontaneous and pleasurable form of motivation (Deci et al., 1999a, as cited in Deci & Ryan, 2000; Deci & Ryan, 2008).

### **1.3. Motivation in Close Relationships.**

Close relationships have a very important function in people's lives, influencing how a person thinks, feels and acts (Andersen, Reznik & Mazella, 1996, Baldwin, Carrel, & Lopez, 1990, Mikulincer, 1998, as cited in Gable & Impett, 2012). Motivation will have a large influence on the establishment and maintenance of those relationships, the choice of the partner, the quality of everyday relational behaviours and in the understanding of marital satisfaction (Aimé et al., 2000; Bernstein, 1990; Blais, et al., 1990; Deci & Ryan, 2000, 2008; Gaine & La Guardia, 2009; Impett et al., 2005; Impett et al., 2010; Knee et al., 2002; Kogan, et al., 2010; Patrick et al., 2007; Rempel et al., 1985). Marital satisfaction can be defined as “people's global subjective evaluation about the quality of their marriage” (Li & Fung, 2011, p.246). Therefore, the style of motivation that each partner presents on engaging and maintaining a relationship is important to realize the quality of the marital bond (Gain & LaGuardia, 2009).

Different types of motivation are associated with important and various behavioural, cognitive and affective consequences (Deci & Ryan, 1985; Vallerand, 2000). Self-determined motivation, lead to more adaptive behaviours and eventually greater positive affective reactions. It is, therefore, reasonable that this interpretation can be applied to the maintenance of relationships, affecting the relational behaviours (Blais, et al., 1990).

Engaging in a relationship can be motivated by intrinsic rewards, directly mediated by the relationship or by the partner, such as the pleasure of day-to-day couple's activities, or by extrinsic rewards, receiving from others outside the relationship, but mediated by involvement with the partner (social status, social connections and business, etc.), (Rempel et al., 1985).

Kogan et al., (2010) found that when people are motivated to respond to the other person's needs, without expecting benefits in return, the sacrifice is felt like intrinsically rewarded. A relationship is more likely to endure and be satisfactory when the motivation is more intrinsic (Rempel et al, 1985). Extrinsic motivations presumably will weaken the character of intrinsic motives and, consequently, reduce feelings of love for the partner (Seligman et al., 1980). Despite the fact that external motivations may undermine the relationship, extrinsic motives can be perceived by the subject in light of specific feelings, and interpreted as intrinsic (Rempel et al., 1985). Blais et al., (1990) have demonstrated that extrinsic motivation is not necessarily bad for the quality of relationships, depending on the nature of the self-determined extrinsic motivation.

Several authors (Blais et al., 1990; Knee et al., 2005; Patrick et al., 2007) advocate that intrinsic and autonomous reasons for being in a relationship will provide a more adaptive behaviours, mainly with regard to dealing with conflict, such as engaging in active coping strategies. Therefore, a more autonomous motivation is synonymous of more positive outcomes, higher level of satisfaction and more positive relationships (Bernstein, 1990; Deci & Ryan, 2000, 2008), leading to the growth of the relationship.

As said before, marital relationship is a process of interdependence, therefore is conceptually relevant to take into account the styles of motivation of each partner and their mutual influence. It is not only important our personal motivation, as well as, the partners' motivation that we perceive. Couples who perceive behaviour to correspond to what they expected, experience greater relational happiness (La Guardia & Patrick, 2008). These perceptions will facilitate the recognition of different levels of convergence and divergence between couples' functioning. Both partners may have different emotional experiences, since both have individual differences mediating the perception the same behaviour. The quality of the relationship can be more affected by the perception of the behaviour, than by the concrete behaviour (Blais et al., 1990). The studies of DeHart et al., (2011) suggested that there is a link between our self-perception and the perception that we have from what other perceive of us. However, the authors argue that the way we evaluate the other, influences our own perception of ourselves. Blais et al., (1990) showed that both partners' motivational style predicted personal feelings of satisfaction with the relationship, through their impact on perceptions of the couple's adaptive behaviour. Aimé et al., (2000) found that couples composed by individuals with congruent and self-determined motivation presented high levels of satisfaction.

The same authors suggested that congruent and self-determined motivated couples, when compared with no congruent motivated couples, or congruent but little self-determined motivated couples, have higher satisfaction. Over time, couples tend to change from a more self-determined and congruent style, to a more incongruent and less self-determined, leading marital satisfaction to decrease significantly.

The establishing and rooting of trust relies deeper on beliefs about the partners' motivation, influencing feelings of confidence and the success of the relationship. Faith in the relationship is related with the perception that the partner is intrinsically motivated. However, these feelings may be weakened by the attribution of extrinsic motives (Rempel et al, 1985). Peoples' will to engage in various tasks in their relationships is a predictor of their commitment, satisfaction, intimacy and vitality within the relationship (Gaine & La Guardia, 2009). Aron, et al. (2000), also suggested that sharing novel and arousing activities would increase the relationship's quality.

Women appear as a key role in romantic relationships, having a large responsibility in relationship satisfaction and motivation. Women's motivational style is the only predictor of women's satisfaction and it is also a good predictor of men's satisfaction, playing a great role in the development and maintenance of the quality of the relationships (Blais et al., 1990). For various reasons, women seem to rely less exclusively than men on the romantic implications of intrinsic assignment (Rempel et al., 1985). Feelings of love in women appear to be connected with instrumental motivations, as well as with intrinsic motivations.

## **2. The Present Study**

Our study is part of a larger project, examining different aspects of couples' dynamics during life. In what concerns motivation, the reviewed literature and previous researches have shown some trends and similarities. There is a clear association between the style of motivation and the quality of the marital relationship (Bernstein, 1990; Blais, et al., 1990; Deci & Ryan, 2000, 2008; Knee, et al., 2002; Kogan, et al., 2010; Patrick et al., 2007; Rempel et al., 1985). Some authors emphasize the influence of variables such as the expected behaviour (Blais et al., 1990; Bradbury & Fincham, 1987; Marman, 1979, Miller et al, 1986; Schaefer & Burnett, 1987 as cited in Blais et al 1990), the role played by women in the relationship (Blais et al., 1990), or the congruence of motivation styles (Aimé et al., 2000).

However, and despite the overall production on the topic of motivation, there have been few studies investigating family processes across the life cycle, which is essential for a more sophisticated understanding of the marital relationship. This shortage suggests a direction that the present study seeks to overcome. We still hope that this research may eventually shed light on aspects that were far less clear in previous research, notably by overcoming fragilities in many other studies related with the constitution of the samples.

Another of our goals is to try to overcome a limitation of many previous studies that investigated chronological periods, being subject to various biases, such as the idealization of the first years of married life, when evaluated retrospectively.

Therefore, we have defined the variables used in this study: motivation styles, marital satisfaction, marital happiness, gender and time of marital relationship.

We will investigate the evolution of the intrinsic and extrinsic motivational factors along marriage, namely in the nodal points of crisis / change in the couple life cycle, as well as gender differences in what concerns the relation between marital satisfaction and happiness and motivation style. More specifically an exploratory, comparative and correlational study between different stages of the couple's life and between genders will be held, to enable to respond to the following questions:

1. Is the motivation that leads a couple to stay together throughout life always the same? How are personal motivation (intrinsic and extrinsic) and the perceived motivation (intrinsic and extrinsic) varying over the life cycle, considering the subjects' gender?
2. How does satisfaction varies over time and between genders? How do the changes in the lifelong motivation style influence satisfaction in both genders? How does the perceived partner's motivation (intrinsic and extrinsic) influences satisfaction in men and women? Which style of motivation is related to higher satisfaction?
3. How does happiness varies over time and between genders? How does motivation relate to happiness? What kind of motivation is related to greater happiness? Are there changes in different stages of the life cycle and between genders? How does change of lifelong motivation influences the perception of happiness?

### 3. Method

#### 3.1. Participants

This is a convenience sample, collected in schools, businesses, health centres, community centres, etc., through a "snowball" sampling. We wanted to cover a large sample - in Lisbon and its surrounding area. The participants are 370 individuals, 185 couples, 138 married and 47 cohabiting. The groups were made based on family cycle literature (Carter & Mc Goldric, 1982; Neighbourgh, 1985; Relvas, 2004). However, a new group was taken into account. We came across several couples that still had their adult children living in with them. This raised a question about the effect in the couple, which is expected to be in a different stage. Therefore, we decided to separate this specific group taking into account:

**1 - The new couples/Couples without children:** married or living together up to 4 years (inclusive), having no children from current or previous marriage living with them. All couples with more than 5 years of marriage and couples with less than 4 years of marriage were excluded.

**2 - Couples with young children:** Couples with children from the current relationship with age up to 5 years, regardless of the number of years of marriage / cohabitation. Couples with children from other marriages were not included because we intend to evaluate the impact of the birth of a child of both.

**3 - Couples with school-age children:** Couples with children aged between 6 and 12 years (inclusive), regardless of years of marriage. Couples with children at this age who also have older children from the current marriage or another living with them were excluded.

**4 - Couples with adolescents:** Couples whose children are between 13 and 19 years old. Couples with children at this age, but also with older children from current and previous marriages living with them were excluded.

**5- Couples whose children have left home:** Couples whose all children have left home less than four years inclusive.

**6- Couples with adult children staying at home:** Couples with older children (over age 23) who still live at home. We excluded couples whose children were aged between 20 and 23 (university attendance, cannot be considered adults or adolescents)

**7-Couples in Old Age:** Couples without children at home and at least one member of the couple is aged 60 years or older. All couples were included regardless of the number of marriages and children from each marriage.

Participants presented significant differences in age among all groups, in women and men [ $F(6) = 158.893$ ,  $p = 0.000$ ,  $F(6) = 85.262$ ,  $p = 0.000$ ]: the age of the couples is higher along the different phases. In the five groups, men are significantly older than women: New couples (difference of 3.5 years,  $t(29) = -3.796$ ,  $p = 0.000$ ), couples with young children (difference of 3, 67,  $t(39) = -4.783$ ,  $p = 0.000$ ), couples with adolescents (difference 2.60,  $t(37) = -4.374$ ,  $p = 0.000$ ), couples whose children have left home (difference 3.5,  $t(29) = -3.796$ ,  $p = 0.001$ ), and couples with adult children staying at home (difference 2.08,  $t(24) = -3.436$ ,  $p = 0.002$ ). In the groups: couples with school age children (difference of 1.69  $t(25) = -1.541$ ,  $p = 0.136$ ) and couples in Old Age (difference 0.66,  $t(17) = 0.809$ ,  $p = 0.430$ ) the differences are not statistically significant.

Schooling is high in both sexes and a large percentage of subjects in all groups have secondary and college education. However, there are noteworthy differences between men and women in two groups: the Couples with adult children staying at home, schooling is higher for fathers than mothers (in 42% of the couples, fathers have higher education than mothers; in 46 % schooling is identical and only in 12% of the couples mothers have a higher education than fathers: Wilcoxon,  $p = 0.034$ ), whereas in the group of Couples with school-age children are mothers who have a higher education (54% of mothers have higher schooling, 19% of fathers have higher schooling and in 27% of cases it is identical Wilcoxon  $p = 0.034$ ). Comparing the seven groups in what concerns schooling, we observe significant differences in the education of women from the group Couples without children and the last three groups (Couples whose children have left home, Couples in old age and Couples with adult children staying at home) with these ones less educated than women without children.

In what concerns the duration of the relationship in couples living together and married ones, in each group, there are no significant differences. Looking at the results in married couples we observed that in the groups Couples with young children and Couples with school age children the average number of children is lower (between 1.24 and 1.50) than in other groups in which the average ranges between 1.96 and 2.36.

### 3.2. Procedure

The study was approved by the ethics committee of ISPA. The questionnaires were distributed and delivered in several services in the Lisbon metropolitan area. All data was collected through a “snowball” system, taking 18 months to compose a sample of 596 valid questionnaires (298 couples). From this initial group, 185 couples were selected for the present study. All the participants in the study provided their informed consent.

### 3.3. Measures

**Sociodemographic Data.** The Sociodemographic Questionnaire assessed a variety of variables providing sociological information about the sample and allowed the definition of our groups.

**Marital Satisfaction.** Satisfaction was measured using a Unique Index Scale for Assessment of Marital Global Satisfaction. Participants were asked to respond to a unique question – How satisfied are you with your relationship? – in a 5-point scale going from Very Unsatisfied to Very Satisfied.

**Marital Happiness.** Happiness was assessed using a Unique Index Scale for Assessment of Happiness. Participants were asked to respond to a unique question – How happy is your relationship? – in a 5-point scale going from Very unhappy to Very happy.

**Motivation.** Motivation was assessed using MS Motivation Scale (Rempel, Holmes & Zanna, 1985) - (Portuguese version translated and adapted by “athor” 2009). The present scale has 24 items answered in a 9-point scale that goes from nothing to completely. The participant has to respond twice from two different perspectives: first, a personal perspective that allows assessing personal motivation; second from his/her perspective of the spouse/partner’s motivations, allowing to assess perceived motivation. The scales are divided in two factors: extrinsic and intrinsic motivation; allowing to assess four factors for each participant: intrinsic personal motivation, intrinsic perceived motivation, extrinsic personal motivation and extrinsic perceived motivation.



#### 4. Results

In order to compare the seven groups' responses to the two items regarding the degree of happiness and satisfaction with the relationship, we used the Kruskal-Wallis test. These two questions also worked as an intra-group comparison, assessing within each of the seven groups if there were significant differences between the elements of the couple, resorting to the nonparametric Wilcoxon test.

To compare the seven groups in the intrinsic motivation variable (personal and partner reasons) it was possible the use of a parametric test (Anova One Way) given that the variables in study are quantitative and the different groups have normal distributions or no severe deviations in these variables. Furthermore, the variances were homogenous. For intra group comparison (female vs. male) within each of the seven groups, we used the parametric Student's T-test for dependent samples.

Table 1

*Degree of happiness with the relationship: results for the seven groups and both genders*

1 - What is the degree of happiness in your relationship?		Very unhappy	Unhappy	Somewhat unhappy	Neither happy nor unhappy	Somewhat happy	Happy	Very happy
New Couples	Fem	3.3%(1)	0% (0)	0% (0)	10%(3)	3.3%(1)	36.7%(11)	46.7%(14)
	Male	0% (0)	0% (0)	0% (0)	0% (0)	10% (3)	36.7%(11)	53.3%(16)
Couples with small children	Fem	2.5%(1)	0% (0)	2.5% (1)	5.0% (2)	7.5% (3)	57.5%(22)	25.0%(10)
	Male	0%(0)	0%(0)	0%(0)	5.0%(2)	7.5%(3)	57.5%(23)	30.0%(12)
Couples with school age children	Fem	0% (0)	0% (0)	3.8% (1)	0% (0)	7.7% (2)	57.7% (15)	30.8% (8)
	Male	0% (0)	0% (0)	0% (0)	3.8% (1)	3.8% (1)	53.8% (14)	38.5% (10)
Couples with adolescent children	Fem	2.6%(1)	2.6%(1)	2.6% (1)	5.3% (2)	13.2%(5)	50%(19)	23.7%(9)
	Male	0.0%(0)	2.6%(1)	0.0%(0)	13.2%(5)	5.3% (2)	55.3%(21)	23.7%(9)
Couples whose children have left home	Fem	0% (0)	0% (0)	25% (2)	0% (0)	0% (0)	75% (6)	0% (0)
	Male	0% (0)	0% (0)	12.5%(1)	12.5%(1)	0% (0)	62.5%(5)	12.5%(1)
Couples in old age	Fem	0% (0)	0% (0)	5.6% (1)	0% (0)	0% (0)	72.2% (11)	22.2% (4)
	Male	5.6% (1)	0% (0)	0% (0)	0% (0)	5.6% (1)	50.0% (9)	38.9% (7)
Couples with adult children staying at home	Fem	0% (0)	4.2% (1)	0% (0)	16.7% (4)	12.5% (3)	37.5% (9)	29.2% (7)
	Male	3.4% (2)	1.7% (1)	0% (0)	0% (0)	8.0% (2)	56.0% (14)	32.0% (8)
Total	Fem	1.6% (3)	1.1% (2)	3.2% (6)	5.9% (11)	7.6% (14)	52.4% (97)	28.1% (52)
	Male	0.5% (1)	0.5% (1)	0.5% (1)	5.4% (10)	6.5% (12)	52.4% (97)	34.1% (63)

The Kruskal-Wallis test did not reveal significant differences among the seven groups in the degree of happiness of women ( $X^2 = 7.786$ ,  $df = 6$ ,  $Sig = 0.254$ ) and the degree of happiness of men ( $X^2 = 10.369$ ,  $df = 6$ ,  $Sig = 0.110$ ). In general, the responses are focused on: "Happy" or "Very Happy." After this intergroup analysis, an intra-group analysis was carried out, exploring in each of the seven groups if there were significant differences between the degree of happiness of men and women.

Table 2

*Degree of happiness with the relationship: comparison between women and men*

	Happiness Male Fem	< Male Fem	Happiness Male Fem	> Male Fem	Happiness Male Fem	= Male Fem	Wilcoxon
New Couple (n=30)	23.33% (7)		33.33% (10)		43.33% (13)		$Z = -1.375$ , $p = 0.169$
Couples with small children (n=40)	15% (6)		20% (8)		65% (26)		$Z = -1.101$ , $p = 0.271$
Couples with school age children (n=26)	7.69% (2)		23.07% (6)		69.23% (18)		$Z = -1.027$ , $p = 0.305$
Couples with Adolescent children (n=38)	28.95% (11)		31.58% (12)		39.47% (15)		$Z = -0.202$ , $p = 0.840$
Couples whose children have left home (n=8)	25% (2)		37.5% (3)		37.5% (3)		$Z = -0.412$ , $p = 0.680$
Couples in old age (n=18)	11.11% (2)		27.77% (5)		61.11% (11)		$Z = -0.344$ , $p = 0.731$
Couples with adult children staying at home (n=25)	12% (3)		44% (11)		44% (11)		$Z = -2.012$ , $p = 0.040^*$
Total (n=185)	17.83% (33)		29.73% (55)		52.43% (97)		$Z = -2.240$ , $p = 0.025^*$

\*Significant at  $p < 0.05$

There are in only one of the seven groups (Couples with adult children staying at home), significant differences in the degree of happiness between men and women, with a higher degree of happiness in men. In a large percentage of couples from this group, men are happier than women (44%), with 44% of couples with an identical happiness and only 12% of couples in which women are happier than the men.

Table 3

*Degree of satisfaction with the relationship: results for the seven groups and both genders*

		3 - What is your level of satisfaction with your relationship?				
		Very Unsatisfied	Very Unsatisfied	Very Unsatisfied	Very Unsatisfied	Very Unsatisfied
New Couples	Fem	0% (0)	0% (0)	6.7% (2)	26.7% (8)	66.7% (20)
	Male	0% (0)	0% (0)	3.3% (1)	33.3% (10)	63.3% (19)
Couples with small children	Fem	0% (0)	2.5% (1)	5.0% (2)	67.5% (27)	25% (10)
	Male	0% (0)	0% (0)	5.0% (2)	52.5% (21)	42.5% (17)

			3 - What is your level of satisfaction with your relationship?				
			Very Unsatisfied	Very Unsatisfied	Very Unsatisfied	Very Unsatisfied	Very Unsatisfied
Couples with school age children	Fem		0% (0)	7.7%(2)	0%(0)	57.7%(15)	34.6%(9)
	Male		0% (0)	3.8%(1)	0%(0)	57.7%(15)	38.5%(10)
Couples with Adolescent children	Fem		0% (0)	2.6% (1)	7.9%(3)	60.5%(23)	28.9% (11)
	Male		2.6% (1)	2.6% (1)	2.6%(1)	55.3%(21)	36.8% (14)
Couples whose children have left home	Fem		0% (0)	12.5%(1)	12.5% (1)	75% (6)	0% (0)
	Male		0% (0)	12.5%(1)	12.5% (1)	62.5% (5)	12.5% (1)
Couples in old age	Fem		0% (0)	0% (0)	5.6% (1)	77.8% (14)	16.7% (3)
	Male		5.6% (1)	0% (0)	0% (0)	55.6% (10)	38.9% (7)
Couples with adult children staying at home	Fem		0% (0)	4% (1)	20% (5)	52% (13)	24% (6)
	Male		0% (0)	4% (1)	4% (1)	64% (16)	28% (7)
Total	Fem		0% (0)	0% (0)	7.6% (14)	57.1% (105)	32.1% (59)
	Male		1.1% (2)	2.2% (4)	3.2% (6)	53.0% (98)	40.5% (75)

The Kruskal-Wallis test revealed significant differences among the seven groups in the degree of satisfaction of women ( $X^2 = 21.395$ ,  $df = 6$ ,  $Sig = 0.002$ ) and detected a difference in the threshold of significance between the groups in the degree of men's satisfaction ( $X^2 = 12.303$ ,  $df = 6$ ,  $Sig = 0.056$ ). We resorted to various Mann-Whitney test to compare each pair of groups and detect which groups differ significantly. Regarding satisfaction among women, we found that those from New Couples (without children) reveal a significantly higher satisfaction than women from all the other groups (sigs between 0.027 and 0.001). Significant differences were detected between the women from the group Couples whose children have left home and women from the groups Couples with young children ( $sig = 0.047$ ) and Couples with school-age children ( $sig = 0.039$ ), showing that women who no longer have children at home have a lower satisfaction than women in the other two groups.

Regarding the satisfaction of men, we detected significant differences between the men from the group New Couples and men from the groups: Couple with adolescents ( $sig = 0.005$ ), Couples whose children have left home ( $sig = 0.006$ ) and Couples with adult children staying at home ( $sig = 0.010$ ), revealing that childless men present a higher satisfaction than the others. There is a significant difference between men from Couples with young children and from Couples whose children have left home ( $sig = 0.043$ ), these last revealing a lower satisfaction.

We made an intra-group analysis, asserting within each group if there are significant differences between the degree of satisfaction of men and women.

Table 4

*Degree of satisfaction with the relationship: Comparison between female and male*

	Satisfaction Male < Fem	Satisfaction Male > Fem	Satisfaction male = Fem	Wilcoxon
New Couples (n=30)	16.66% (5)	16.66% (5)	66.66% (20)	Z =-0.00 , p = 1.00
Couples with young children (n=40)	10% (4)	30% (12)	60% (24)	Z =-2.065, p = 0.039*
Couples with school age children (n=26)	11.54% (3)	19.23% (5)	69.23% (18)	Z =-0.722 , p = 0.470
Couples with adolescent children (n=38)	23.68% (9)	31.58% (12)	44.74% (17)	Z =-0.399 , p = 0.735
Couples whose children have left home (n=8)	25% (2)	37.5% (3)	37.5% (3)	Z =-0.276 , p = 0.783
Couples in old age (n=18)	11.11% (2)	33.33% (6)	55.55% (10)	Z =-0.905 , p = 0.366
Couples with adult children still sating at home (n=25)	12% (3)	32% (8)	56% (14)	Z =-1.184 , p = 0.236
Total (n=185)	15.13% (28)	27.57% (51)	57.29% (106)	Z =-2.057, p = 0.040*

\*Significant to  $p < 0.05$ 

The existence of significant differences in satisfaction between men and women was observed only in the group Couples with young children, with the higher degree of satisfaction in men: in a large percentage of couples from this group men are happier than women (44%), with 44% of couples with identical levels of happiness, and only 12% of couples in which the woman is happier than the man.

Table 5

*Intrinsic motivation personal reasons: Comparison between the seven groups*

		N	Mean	Std. Deviation	ONEWAY ANOVA
Intrinsic Motivation - Personal reasons (females)	New Couples	30	79.40	11.40	F(6) = 2.984 Sig = 0.008**
	Couples with young children	40	70.39	15.37	
	Couples with school age children	26	70.20	18.11	
	Couples with adolescent children	38	70.35	18.14	
	Couples whose children have left home	8	57.20	19.83	
	Couples in old age	18	68.32	15.92	
	Couples with adult children still staying at home	25	62.62	23.37	
	Total	185	69.99	17.89	
Intrinsic Motivation - Personal reasons (males)	New Couples	30	76.61	14.49	F(6) = 1.450 Sig = 0.198
	Couples with young children	40	71.99	14.07	
	Couples with school age children	26	73.57	15.57	

	N	Mean	Std. Deviation	ONEWAY ANOVA
Couples with adolescent children	38	69.00	19.34	
Couples whose children have left home	8	63.45	16.75	
Couples in old age	18	67.71	10.99	
Couples with adult children still staying at home	25	68.76	14.13	
Total	185	71.12	15.57	

\*\* sig  $\leq$  0.01

The Anova One Way test detected significant differences for sig  $\leq$  0.01 between the groups concerning intrinsic motivation in women, and did not reveal significant differences in the intrinsic motivation in men. We used a post-hoc test (LSD) in order to detect which groups of women differed in intrinsic motivation. This test revealed that the group of women from New Couples differs significantly from all other revealing higher intrinsic motivation (sig values between 0.05 and 0.001).

Table 6  
Intrinsic motivation partner's reasons: Comparison between the seven groups

	N	Mean	Std. Deviation	ONEWAY ANOVA
Intrinsic Motivation Partner's Motives (females)	New Couples	30	73.50	9.81
	Couples with young children	40	66.07	15.25
	Couples with school age children	26	62.43	15.11
	Couples with adolescent children	38	61.93	17.59
	Couples whose children have left Home	8	51.90	10.79
	Couples in old age	18	62.15	17.04
	Couples with adult children still staying at home	25	60.47	19.91
	Total	185	64.16	16.31
Intrinsic Motivation Partner's Motives (males)	New Couples	30	75.83	15.26
	Couples with young children	40	69.23	14.72
	Couples with school age children	26	72.00	16.28
	Couples with adolescents children	38	66.93	17.84
	Couples whose children have left Home	8	61.31	17.36
	Couples in old age	18	70.71	17.13
	Couples with adult children still staying at home	25	69.50	14.15
	Total	185	70.06	16.09

F (6) = 3.115  
Sig = 0.006\*\*

F (6) = 1.386  
Sig = 0.223

The Anova One Way test detected significant differences between groups for sig  $\leq$  0.01 in women's perceived motivation of their partner. There were no significant differences in the

perceived motivation in their wives. We used once again the post-hoc test (LSD) in order to detect which groups of women differed regarding the partner's perceived motivation. It revealed that women from New Couples differ significantly from all the others, perceiving a higher intrinsic motivation in partners (sig values between 0.043 and 0.001).

Table 7  
Intrinsic motivation personal reasons: Female vs. Male

		Intrinsic Motivation Personal Motives (Female)	Intrinsic Motivation Personal Motives (Male)	Paired Sample t test
New Couples	Mean	79.40	76.61	t(29) = 1.013
	Std. Deviation	11.40	14.49	sig = 0.320
Couples with young children	Mean	70.39	71.99	t(39) = -0.61.
	Std. Deviation	15.37	14.07	sig = 0.543
Couples with school age children	Mean	70.20	73.57	t(25) = -1.262
	Std. Deviation	18.11	15.57	sig = 0.219
Couples with adolescent children	Mean	70.35	69.00	t(37) = 0.45.
	Std. Deviation	18.14	19.34	sig = 0.653
Couples whose children have left home	Mean	57.20	63.45	t(7) = -0.686.
	Std. Deviation	19.83	16.75	sig = 0.515
Couples in old age	Mean	68.32	67.71	t(17) = 0.152
	Std. Deviation	15.92	10.99	sig = 0.881
Couples with adult children still staying at home	Mean	62.62	68.76	t(24) = -1.352
	Std. Deviation	23.37	14.13	sig = 0.189
Total	Mean	70.01	71.66	t(184) = -0.869
	Std. Deviation	18.29	15.93	sig = 0.386

Student's T-test for dependent samples did not show, for sig for <0.05, the existence of significant differences in the intrinsic motivation between men and women in the different study groups.

Table 8  
Intrinsic motivation partner's motives: female vs. male

		Intrinsic Motivation - Personal Motives (Female)	Intrinsic Motivation - Personal Motives (Male)	Paired Sample t test
New Couples	Mean	73.50	75.83	t(29) = -0.937
	Std. Deviation	9.81	15.26	sig = 0.356
Couples with young children	Mean	66.07	69.23	t(39) = -1.116
	Std. Deviation	15.25	14.72	sig = 0.271
Couples with school age children	Mean	62.43	72.00	t(25) = -3.204.
	Std. Deviation	15.11	16.28	sig = 0.004**
Couples with adolescent children	Mean	61.93	66.93	t(37) = -1.949
	Std. Deviation	17.59	17.84	sig = 0.059
Couples whose children have left home	Mean	51.90	61.31	T(7) = -1.990
	Std. Deviation	10.79	17.36	sig = 0.087
Couples in old age	Mean	62.15	70.71	t(17) = -1.839

		Intrinsic Motivation - Personal Motives (Female)	Intrinsic Motivation - Personal Motives (Male)	Paired Sample t test
	Std. Deviation	17.04	17.13	sig = 0.083
Couples with adult children	Mean	60.47	69.50	t(24) = -2.971
still staying at home	Std. Deviation	19.91	14.15	sig = 0.007**
Total	Mean	64.62	70.61	t(184) = -2.025
	Std. Deviation	16.63	16.39	sig = 0.04*

Student's T-test for dependent samples revealed the existence of significant differences between men and women in the perceived partners' motivation in two of the groups. In the group Couples with school age children and in the group Couples with adult children still staying at home the perceived motivation in partner by men is higher than the perceived motivation by woman in their partners.

Table 9

*Extrinsic motivation personal motives: comparisons between the seven groups*

		N	Mean	Std. Deviation	ONEWAY ANOVA
Extrinsic motivation – Personal reasons (Females)	New couples/Couples without children	30	32,194	20,267	F(6) = 1,965 , Sig = 0,073
	Couples with young children	40	26,989	16,682	
	Couples with school age children	26	32,740	18,201	
	Couples with adolescent children	38	41,019	22,192	
	Couples whose children have left home	8	35,312	13,911	
	Couples in old age	18	39,790	19,739	
	Couples with adult children staying at home	25	36,182	23,734	
	New couples/Couples without children	30	38,203	23,298	
Extrinsic motivation – Personal reasons (Males)	Couples with young children	40	40,423	21,603	F(6) = 0,440 Sig = 0,852
	Couples with school age children	26	42,719	20,999	
	Couples with adolescent children	38	40,972	22,615	
	Couples whose children have left home	8	47,413	16,759	
	Couples in old age	18	40,216	17,322	
	Couples with adult children staying at home	25	35,772	21,433	
	New couples/Couples without children	30	32,194	20,267	
	Couples with young children	40	26,989	16,682	

The Anova One Way test did not show, for sig for  $<0.05$ , the existence of significant differences in the extrinsic motivation between men and women in the different study groups.

Table 10

*Extrinsic motivation partners motives: comparison between the seven groups*

		N	Mean	Std. Deviation	ONEWAY ANOVA
Extrinsic Motivation - Partners Reasons (Female)	New couples/Couples without children	30	32,361	19,845	F (6) = 0,668 Sig = 0,675
	Couples with young children	40	30,906	17,985	
	Couples with school age children	26	34,935	19,837	
	Couples with adolescent children	38	39,050	21,070	
	Couples whose children have left home	8	37,944	14,737	
	Couples in old age	18	35,080	18,630	
	Couples with adult children staying at home	25	33,509	22,459	
	New couples/Couples without children	30	44,720	25,076	
Extrinsic Motivation - Partners Reasons (Male)	Couples with young children	40	40,104	23,971	F (6) = 0,592 Sig = 0,736
	Couples with school age children	26	49,082	21,204	
	Couples with adolescent children	38	45,963	20,240	
	Couples whose children have left home	8	39,915	8,332	
	Couples in old age	18	46,917	14,893	
	Couples with adult children staying at home	25	46,917	14,893	
	New couples/Couples without children	30	32,361	19,845	
	Couples with young children	40	30,906	17,985	

The Anova One Way test did not detect the existence of significant differences for  $\text{sig} \leq 0.05$  between groups on grounds of extrinsic motivation partner, perceived by women and men.

Table 11

*Extrinsic motivation persolan motives – Female vs. Male*

		Extrinsic Motivation – Personal Motives (Female)	Extrinsic Motivation – Personal Motives (Male)	Paired Sample t test
New Couples	Mean	32,194	38,203	$t(29) = -1,399$ , sig = 0,172
	Std. Deviation	20,266	23,298	
Couples with young children	Mean	26,989	40,423	$t(39) = -2,964$ , sig = 0,005*
	Std. Deviation	16,682	21,603	
Couples with school age children	Mean	32,740	42,719	$t(25) = -2,209$ , sig = 0,037*
	Std. Deviation	18,201	20,999	
Couples with adolescent children	Mean	41,019	40,972	$t(37) = 0,011$ , sig = 0,991
	Std. Deviation	22,192	22,615	
Couples whose children have left home	Mean	35,311	47,413	$t(7) = -1,724$ , sig = 0,128
	Std. Deviation	13,910	16,759	
Couples in old age	Mean	39,790	40,216	$t(17) = -0,065$ , sig = 0,949



		Extrinsic Motivation – Personal Motives (Female)	Extrinsic Motivation – Personal Motives (Male)	Paired Sample t test
	Std. Deviation	19,739	17,322	
Couples with adult children still staying at home	Mean	32,194	38,203	t(24) = 0,090 , sig = 0,929
	Std. Deviation	20,266	23,298	
Total	Mean	26,989	40,423	t(29) = -1,399, sig = 0,172
	Std. Deviation	16,682	21,603	

The t Student test for dependent samples showed significant differences sig for <0.05 in extrinsic motivation- personal motives in the groups Couples with young children and Couples with school age children. In those groups men presented higher extrinsic personal motivation when compared with women.

Table 12

*Extrinsic motivation partner motives – female vs. male*

		Extrinsic Motivation – Partners Motives (Females)	Extrinsic Motivation – Partners Motives (Males)	Paired Sample t test
New Couples	Mean	32,361	44,722	t(29) = -2,203 , Sig = 0,036*
	Std. Deviation	19,845	25,076	
Couples with young children	Mean	30,906	40,104	t(39) = -2,065 , Sig = 0,046*
	Std. Deviation	17,985	23,971	
Couples with school age children	Mean	34,935	49,082	t(25) = -3,477, Sig = 0,002**
	Std. Deviation	19,837	21,204	
Couples with adolescent children	Mean	39,057	45,963	t(37) = -1,927 , Sig = 0,06
	Std. Deviation	21,071	20,240	
Couples whose children have left home	Mean	37,944	39,915	t(7) = -0,373 , Sig = 0,720
	Std. Deviation	14,737	0,332	
Couples in old age	Mean	35,083	46,917	t(17) = -2,235 , Sig = 0,039*
	Std. Deviation	18,632	14,893	
Couples with adult children still staying at home	Mean	33,509	44,151	t(39) = -1,883 , Sig = 0,072
	Std. Deviation	22,459	23,024	
Total	Mean	34,340	44,501	t(58) = -3,449, Sig = 0,001***
	Std. Deviation	18,677	24,374	

The t Student test for dependent samples showed, in all groups except for couples whose children have left home, the existence of significant or nearly significant differences for sig <0.05 between men and women, the extrinsic motivation perceived in partner. Extrinsic motivation perceived in partner is higher in males than in females.

Table 13

*Spearman correlation: Motivation vs. Satisfaction - Females*

	Females			
	Intrinsic Motivation Correlation – Personal Motives Vs. Satisfaction	Extrinsic Motivation Correlation – Personal Motives Vs. Satisfaction	Intrinsic Motivation Correlation – Partners Motives Vs. Satisfaction	Extrinsic Motivation Correlation – Partners Motives Vs. Satisfaction
New couples/Couples without children	R = 0,610 p=0,000*** N=30	R = 0,083 p=0,663 N=30	R = 0,586 p=0,001*** N=30	R = 0,130 p=0,494 N=30
Couples with young children	R = 0,600 p=0,000*** N=40	R = 0,216 p= 0,181 N=40	R = 0,454 p=0,003** N=40	R = -0,035 p=0,494 N=40
Couples with school age children	R = 0,705 p=0,000*** N=26	R = 0,335 p=0,094 N=26	R = 0,485 p=0,012* N=	R = 0,302 p=0,134 N=26
Couples with adolescent children	R = 0,641 p=0,000*** N=38	R = 0,329 p=0,040* N=38	R = 0,663 p= 0,000*** N=38	R = 0,265 p=0,107 N=38
Couples whose children have left home	R = 0,655 p=0,07 N=8	R = 0,502 p=0,205 N=8	R = -0,156 p=0,712 N=8	R = -0,655 p=0,078 N=8
Couples in old age	R = 0,302 p=0,223 N=18	R = 0,100 p=0,693 N=18	R = 0,550 p=0,018* N=18	R = 0,03 p=0,897 N=18
Couples with adult children staying at home	R = 0,673 p=0,000*** N=25	R = 0,468 p=0,018* N=25	R = 0,606 p= 0,001*** N=25	R = 0,186 p=0,374 N=25

In females, it has been found a positive correlation with magnitude greater than 0.50, significant or nearly significant, between intrinsic motivation- personal motives and satisfaction, in all groups except the couples in old age. The intrinsic motivation partner's motives, is also positively correlated, above 0.50, with satisfaction in all groups except in couples who have adult children who have left home. As for extrinsic motivation- partner's motives, there was not a significant correlation with satisfaction in any group. In extrinsic motivation-personal motives, there is a significant positive correlation with satisfaction (although less than 0.50 magnitude) in only two groups: couples with adolescents and couples with adult children still staying at home.

Table 14

*Spearman correlation: Motivation vs. Satisfaction - Males*

	Males			
	Intrinsic Motivation Correlation – Personal Motives Vs. Satisfaction	Extrinsic Motivation Correlation – Personal Motives Vs. Satisfaction	Intrinsic Motivation Correlation – Partners Motives Vs. Satisfaction	Extrinsic Motivation Correlation – Partners Motives Vs. Satisfaction
New couples/Couples without children	R = 0,549 p=0,002** N=30	R = 0,329 p=0,076 N=30	R = 0,468 p=0,009** N=30	R = 0,197 p=0,296 N=30
Couples with young children	R = 0,497 p=0,001*** N=40	R = 0,203 p= 0,209 N=40	R = 0,354 p=0,025* N=40	R = 0,244 p=0,128 N=40
Couples with school age children	R = 0,600 p=0,001*** N=26	R = 0,070 p=0,734 N=26	R = 0,626 p=0,001*** N=26	R = 0,152 p=0,459 N=26
Couples with adolescent children	R = 0,717 p=0,000*** N=38	R = 0,202 p=0,223 N=38	R = 0,605 p=0,000*** N=38	R = 0,04 p=0,810 N=38
Couples whose children have left home	R = 0,873 p=0,005** N=8	R = 0,288 p=0,489 N=8	R = 0,873 p=0,005** N=8	R = -0,521 p=0,185 N=8
Couples in old age	R = 0,406 p=0,095 N=18	R = 0,009 p=0,971 N=18	R = 0,559 p=0,016* N=18	R = 0,205 p=0,415 N=18
Couples with adult children at home	R = 0,566 p=0,003** N=25	R = 0,241 p=0,247 N=25	R = 0,422 p=0,035* N=25	R = 0,058 p=0,784 N=25

In males, we also found a positive correlation with a magnitude above 0.50, significant or nearly significant, between intrinsic motivation-personal motives and satisfaction. This was true in all groups except the couples in old age. The intrinsic motivation-partner's motives are also positively correlated, above 0.50, with satisfaction in all groups except couples who have adult children who have left home where the correlation is significant although weaker (below 0.50).

As for extrinsic motivation, either for personal or partner's motives there was no significant correlation with satisfaction in any of the groups.

Table 15

*Spearman correlation: Motivation vs. Happiness - Females*

	Females			
	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness
New couples/Couples without children	R = 0,479 p=0,007** N=30	R =0,338 p=0,068 N=30	R = 0,453 p=0,012* N=30	R = 0,169 p=0,080 N=30
Couples with young children	R = 0,535 p=0,000*** N=40	R = 0,243 p=0,131 N=40	R = 0,453 p=0,003** N=40	R =-0,075 p=0,647 N=40
Couples with school age children	R = 0,552 p=0,003** N=26	R =0,651 p=0,000*** N=26	R =0,473 p=0,015* N=26	R =0,468 p=0,016* N=26
Couples with adolescent children	R =0,560 p=0,000*** N=38	R = 0,363 p=0,025* N=38	R =0,598 p=0,000*** N=38	R =0,282 p=0,086 N=38
Couples whose children have left home	R = 0,630 p=0,094 N=8	R = 0,507 p=0,200 N=8	R =-0,126 p=0,766 N=8	R =-0,630 p= 0,09 N=8
Couples in old age	R =0,261 p=0,296 N=18	R =0,038 p=0,882 N=18	R = 0,499 p=0,035* N=18	R =0,011 p=0,967 N=18
Couples with adult children staying at home	R = 0,636 p=0,001*** N=25	R =0,423 p=0,035 N=25	R =0,504 p=0,010** N=25	R = 0,128 p=0,541 N=25

In females, it was found a positive correlation with magnitude above or close to 0.50, significant between intrinsic motivation-personal motives and happiness in all groups with the exception of couples whose children have left home and in old age. The intrinsic motivation-partner's motives also correlates positively (with correlations between 0.453 and 0.598) with happiness in all groups except for couples who have adult children who have left home.

As for extrinsic motivation-personal motives, there is a significant positive correlation above 0.50 with happiness only in the group with children of school age. In the group with teenagers, correlation is also significant although weak.

In extrinsic motivation-partner's motives, only the group with children of school age reveals a correlation with happiness.

Table 16  
*Spearman correlation: Motivation vs. Happiness - Males*

	Males			
	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness	Intrinsic Motivation – Correlation – Personal Motives Vs. Happiness
New Couples/Couples without children	R =0,419 p=0,021* N=30	R = 0,226 p=0,229 N=30	R =0,456 p=0,011* N=30	R =0,112 p=0,557 N=30
Couples with young children	R = 0,558 p=0,000*** N=40	R = 0,233 p=0,149 N=40	R = 0,399 p=0,011* N=40	R =0,171 p=0,291 N=40
Couples with school age children	R =0,654 p=0,000*** N=26	R =0,223 p=0,274 N=26	R =0,719 p=0,000*** N=26	R =-0,014 p=0,948 N=26
Couples with adolescent children	R =0,646 p=0,000*** N=38	R = 0,145 p=0,384 N=38	R = 0,569 p=0,000*** N=	R =-0,025 p=0,882 N=38
Couples whose children have left home	R =0,873 p=0,005** N=8	R =0,288 p=0,489 N=8	R =0,873 p=0,005** N=8	R =-0,521 p=0,185 N=8
Couples in old age	R =0,300 p=0,227 N=8	R =-0,044 p=0,864 N=8	R =0,306 p=0,217 N=8	R =-0,105 p=0,678 N=8
Couples with adult children staying at home	R =0,456 p=0,02* N=25	R =0,163 p=0,438 N=25	R =0,497 p=0,012* N=25	R =0,120 p=0,569 N=25

In males, it was found a significant positive correlation with magnitude between 0.42 and 0.87, between intrinsic motivation-personal motives and happiness in all groups with the exception of couples in old age. The intrinsic motivation-partner's motives is also positively correlated with happiness, between 0.39 and 0.873, in all groups with the exception of couples in old age.

As for extrinsic motivation, for both personal and partner's motives, there was not a significant correlation with happiness in any group.

## 5. Discussion

One of our aims was to study the motivation attending marriage life cycle. When looking at our sample, we came across interesting differences. Despite the fact that the generality of the

sample presented higher levels of schooling, when an inner-gender analysis is made, women in the older groups (Couples whose children have left home, Couples in old age and Couples with adult children staying at home) presented lower qualifications. This shows a change in women's roles in the Portuguese society, since the 50's/60's when men were still seen as the family financial providers, in a more consistent manner, while women were educated in a more traditional sense, having the role of household keeper and mother. Nowadays, there is a higher tendency for both parents to have higher schooling levels and financial stability aiming at the improvement of couple's life. Women spend more years studying and more time working outside the home, decreasing the time for the family. Therefore, parenthood tends to be delayed and the number of children tends to be lower. According with Rogers and Amato (2000), recent marriages have a more equity features than older marriages.

Analysing the results concerning the development of motivation along life cycle, we can see that globally men's intrinsic and extrinsic motivation, both personal and perceived, tends to be unchangeable. In women, only intrinsic motivation, both personal and perceived, experience alterations decreasing after childbirth. Children appear to be a decreasing factor of intrinsic motivation for the mothers, possibly because the birth of a child is an important aspect in couple's life; the new family member will introduce important changes in the family system, especially for mothers.

A specific comparison between genders within each stage showed several differences worthy of note. Men's motivation towards the relationship presented a more extrinsic base in the first years of parenthood, maybe due to the changes created in the dyadic system by the birth of the first child, causing women to be less available to the husband, as well as presenting less erotic investment. On the other hand, with the growth of the family, extrinsic factors, like the role of family provider, or the concern with economic investments or even with a professional career may rise and influence the men's extrinsic motivation. The fact that men perceived their wives more extrinsically motivated in the first stages of marriage, seems to reflect the men's own motivation in those periods, influencing the way they perceive their spouses motivation, probably due to their ambivalence and struggles with the increasing of his role and responsibility towards the now enlarged family (Carter & McGoldrick, 1989). Once more, men in old age couples showed also an increasing in perception of spouse's extrinsic values maybe due to changes that occur in this stage of life resulting from the aging process.

Contrary to women, men presented less congruence between perceived and personal motivation. These results do not meet those by Rempel et al. (1985), which defended congruence between personal and perceived motivation, highlighting that our personal motivation influences the way we perceive our partner's motivation. As expected, wives personal and perceived motivation was congruent in all groups, since the women's own motivation style is the only predictor of her perceived motivation (Leslie & Anderson, 1988).

In what concern marital satisfaction, the majority of the sample had satisfactory values between satisfied and very satisfied for both genders. However, marital satisfaction is a complex variable when considering men and women across the different stages. It is important to underline that both genders presented a decrease in satisfaction after childbirth.

Globally marital satisfaction appears to be mostly influenced by intrinsic motivation, either personal and perceived; however, some exceptions can be identified. In couples with adolescent children, besides being related with intrinsic motivation, women's satisfaction showed a significant influence of extrinsic personal motives. These data suggest a need to cope with difficulties of the stage, increasing the importance of personal extrinsic motivation to maintain the levels of satisfaction. In older couples, besides extrinsic motivation, intrinsic personal motives are not important for marital satisfaction, for both partners. Therefore, these results raise the hypothesis that the progressive dependence feature of this stage of life, will lead to a decreasing of the relation between marital satisfaction and intrinsic motivation.

The analyses of the data related with happiness, revealed that globally the sample presented levels lying between happy and very happy for both genders. However, men and women presented a decrease in happiness after childbirth. A more accurate analysis of gender within the different groups showed that only when adult children are still at home men are happier than women.

For the majority of the groups and in both genders, happiness is mainly influenced by intrinsic motivation, both personal and perceived. Our results are, therefore, congruent with the idea that people are happier the more intrinsic and autonomous their motivation is (Sheldon et al., 2004). However, some exceptions can be pointed. For women, the importance of external motives suffer an increase when children reach school age and adolescence. Despite the importance of all motivation styles, the results reflect a rising of the value of extrinsic motive to compensate a decrease of importance of intrinsic motivation, possibly related with the

increase of cost (financial, of time and psychological) inherent to those stages of life. Old age couples show a decreasing in the relation between happiness and motivation, maybe related with the crises and features of the life's stage: decrease of the autonomy, increase of loneliness and loss of significant others, changes in status and stability.

## 6. Conclusion

During the marriage cycle, men and women's motivations do not suffer large fluctuations, considering only a decrease in women's intrinsic motivation both personal and perceived. However, as we saw, small differences can be reported when comparing both genders within each group, mainly an increasing of men's extrinsic personal and perceived motivation especially in the first three stages of marriage.

For marital satisfaction, perceived motivation is as important as personal motivation, but only in what concerns intrinsic motives. Extrinsic motivation, both personal and perceived, have insignificant influence over marital satisfaction. Women exhibit a higher variation in the relation between satisfaction and motivation, especially in long-term marriages. In men, only intrinsic motivation is related with marital satisfaction, not showing many variations across the marriage course. Thus, in long-term couples marital satisfaction is not influenced in the same way by motivation as in the early years, suggesting changes across marriage life cycle. Extrinsic factors seem not to have the same effect in women than in men, especially when children are adolescents or adults living home. The crises triggered by the departure of the children and the empty nest will also lead to the decreasing of intrinsic factors influence on satisfaction.

Regarding happiness, the data show that for both men and women marital happiness, perceived and personal motivation are important, but only in what concerns intrinsic motives. Extrinsic motivation, both personal and perceived, have almost no influence over marital happiness, taking part only in two stages of the marriage course. However, when compared with men, women exhibit more inconstant standards across the marriage, being the only gender whose happiness is related with intrinsic motivation in some point in the marriage. Extrinsic motives appear to have a determined role in wives' happiness after children start school and across adolescence. In men, only intrinsic motivation is related to marital happiness, not showing many variations across marriage course. Nonetheless, an increase of the relation between happiness and motivation can be pointed until adulthood is reached. If the adult children stay at home, the relation happiness-satisfaction will present similar levels to those



exhibited in the early years of marriage. But, when children leave home, a progressive decreasing is evident, primarily in the mothers and as the couple gets older also in the fathers. In a general overview, happiness seems to be a broader concept since the results of this variable are less complex than those concerning satisfaction. However, a simplistic reading of the results, allows to see that in our first two stages of marriage (Couples without children and Couples with young children) satisfaction and happiness are only influenced by intrinsic motivation. On the other hand, extrinsic motivation showed a higher importance in happiness when children reach school age and adolescence. For satisfaction, extrinsic motives are only important to couples with adolescent children and for couples with adult children at home. A decrease in the importance of extrinsic and intrinsic motivation in satisfaction and happiness can be seen in the latest years of marriage.

One of the most interesting groups contemplated in our study was couples with adult children still living at home, to our knowledge few investigations have address this issue. For that reason and being an increasingly frequent situation this new stage of couples' life seems to be important to develop in future research.

However, our results raised other questions, which are as well important and interesting to develop in future studies. For once, it will be interesting to understand if perceived and personal motivations are congruent in all stages of the marriage life and between genders.

## 7. References

- Abreu-Afonso, J. & Leal, I., (2009). Escala de Motivação: adaptação e validação da Motivation Scale (M.S.) de Rempel, Holmes & Zanna. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 2009, vol. 10, nº2. 249-266. <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/1092>
- Aimé, A., Sabourim, S., & Valois, P. (2000). L'appariement des styles de motivation et l'evolution de la satisfaction conjugale. *Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 32(3),178-186. doi: 10.1037/h0087114
- Aron, A., Aron., E., & Norman, C. (2002). Self-expansion model of motivation and cognition in close relationships and beyond. In G. J. O. Flecher & M. S. Clark (Eds.), *Blackwell Handbook of Social Psychology: Interpersonal Process*. (pp.478 – 502). United Kingdom:

Blackwell Publishers.

Aron, A., Norman, C., Aron, E., McKenna, C., & Heyman, R. (2000). Couples' shared participation in novel and arousing activities and experienced relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (2), 273 – 284. doi: 10.1037//0022-3514.78.2.273

Bernstein, D., (1990). Of carrots and sticks: a review of Deci and Ryan's intrinsic motivation and self-determination in human behaviour. *Journal of the Experimental Analysis of Behaviour*, 54 (3), 323 – 332. doi: 10.190/jeab.1990.54-323

Blais, M., Sabourin, S., Boucher, C. & Vallerand, R. (1990). Toward a motivational model of couple happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (5), 1021-1031. doi: 10.1037/0022-3514.59.5.1021

Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life-cycle: A framework to family therapy* (2nd ed.). Boston: Ally & Bacon

Deci, E.L. & Ryan, R.M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behaviour*. New York: Plenum

Deci, E., & Ryan, R., (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and self-determination of behaviour. *Psychological Inquiry*, 11 (4), 227-268. doi: 10.1207/S15327965PLI1104\_01

Deci, E.L. & Ryan, R.M. (2008). Facilitating Optimal Motivation and Psychological Well-Being Across Life's Domains. *Canadian Psychology*, 49, (1) 14 – 23. doi: 10.1037/0708-5591.49.1.14

Deci, E.L., Koestner, R. & Ryan, R.M. (1999). A meta-analytic review of experiments examining the effects of extrinsic rewards on intrinsic motivation. *Psychological Bulletin*, 125(6), 627-6. doi : 10.1037/0033-2909.117.3.497

DeHart, T., Pelham, B., Fiedorowicz, L., Carvallo, M., & Gabriel, S. (2011). Including others in the implicit self: Implicit evaluation of significant others. *Self and Identity*, 10, 127 – 135. doi: 10.1080/15298861003687880

Gable, S. & Impett, E. (2012). Approach and avoidance motives and close relationships.

*Social and Personality Compass*, 6 (1), 95 – 108. doi: 10.1111/j.1751.9004.2011.00405.x

Gainé, G. & La Guardia, J. (2009). The unique contributions of motivations to maintain a relationship and motivations toward relational activities to relationship well-being. *Motivation & Emotion*, 33, 184-202. doi: 10.1007/s11031-009-9120-x

Haley, J. (1984). *Un Thérapeute hors du commun*, Milton Erickson. Paris: ÉPI.

Impett, E., Gable, S. & Peplau, A. (2005). Giving up and giving in: The cost and benefits of daily sacrifice in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89 (3), 327 – 344. doi: 10.1037/0022-3514.89.3.327

Impett, E., Gordon, A., Kogan, A., Oveis, C., Gable, S. & Keltner, D. (2010). Moving toward more perfect unions: daily and long-term consequences of approach and avoidance goals in romantic relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99 (6), 948 – 963. doi: 10.1037/a0020271

Knee, R., Patrick, H., Vietor, N., Nanayakkara, A. & Neighbors, C. (2002). Self-determination as growth motivation in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (5), 609 – 619. doi: 10.1177/0146167202288005

Kogan, A., Impett, E., Oveis, C., Hui, B., Gordon, A. & Keltner, D. (2010). When gives feels good: The intrinsic benefits of sacrifice in romantic relationships for the communally motivated. *Psychological Science*, 21 (12), 1918 – 1924. doi: 10.1177/0956797610388815

La Guardia, J. & Patrick, H., (2008). Self-determination theory as a fundamental theory of close relationships. *Canadian Psychology*, 49 (3), 201-209. doi: 10.1037/a0012760

Leslie, L.A. & Anderson, E.A. (1988). Men's and women's participation in domestic roles: Impact on quality of life and marital adjustments. *Journal of Family Psychology*, 2 (2), 212 – 226. doi: 10.1037/h0080494

Li, T., & Fung, H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15(3), 246-254. doi: 10.1037/a0024694

Mayer, J. D., Faber, M. A. & Xu, X. (2007). Seventy-five years of motivation measures (1930–2005): A descriptive analysis. *Motivation and Emotion*, 31(2), 83–103. doi:

10.1007/s11031-007-9060-2

Murray, S., (2005). Regulating the risk of closeness: A relationship-specific sense of felt security. *Current Directions in Psychological Science*, 14 (2), 74-78. doi: 10.1111/j.0963-7214.2005.00338.x

Neighbourgh, R.H. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 78 (8), 11 – 15. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1289511/>

Patrick, H., Knee, C.R., Lonsbary, C., & Canevello, A. (2007) The Role of Need Fulfillment in Relationship Functioning and Well-Being: A Self-Determination Theory Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (3), 434–457. doi: 10.1037/0022-3514.92.3.434

Relvas, A.P. (2004). *O ciclo vital da família – Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento

Rempel, J.K., Holmes J.G., & Zanna, M.P. (1985). Trust in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1) 95–112. doi: 10.1037/0022-3514.49.1.95

Rogers, S.J. & Amato, P.R. (2000). Have changes in gender relations affected marital quality? *Social Forces*, 79 (2), 731 -753. doi: 10.1093/sf/79.2.731

Ryan, R.M. & Deci, E. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-67. doi: 10.1006/ceps1999.1020

Seligman, C., Fazio, R.H., & Zanna, M.P. (1980). Effects of Salience of Extrinsic Rewards on Liking and Loving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, (3) 453-460. doi: 10.1037/0022-3514.38.3.453

Sheldon, K., Ryan, R., Deci, E. & Kasser, T. (2004). The independent effect of goal contents and motives on well-being: It's both what you pursue and why you pursue it. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30 (4), 475-486. doi: 10.1177/01467203261883

Story, P.A., Hart, J.W., Stasson, M.F., & Mahoney, J.M. (2009). Using a two-factor theory of achievement motivation to examine performance-based outcomes and self-regulatory

processes. *Personality and Individual Differences*, 46, 391–395. doi: 10.1016/j.paid.2008.10.023

Vallerand, R. (2000). Deci and Ryan's self-determination theory: A view from the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. *Psychological Inquiry*, 11 (4), 312-318. <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=df5fe432-d677-41f8-8481-f14917ae7c67%40sessionmgr4004&hid=4104>

Waldemar, J.O.C. (1998). Terapia de Casal. In: Cordoli, A.V. (1998). *Psicoterapias - Abordagens Actuais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

## **Artigo 5 - Coesão, Adaptabilidade e Género ao longo do Ciclo Conjugal**

(Artigo submetido para publicação)

José de Abreu-Afonso, Isabel Leal, Vera Proença

Ispa-IU, Lisboa, Portugal

Correspondência: jaa@ispa.pt

**Resumo:** A Coesão e a Adaptabilidade são duas dimensões chave nas relações conjugais, sendo útil o conhecimento detalhado do seu funcionamento no ciclo vital do casal. O objectivo deste artigo é avaliar a coesão e a adaptabilidade ao longo do tempo da relação conjugal, para o que foi utilizada a versão de casal da escala FACES – III, (Adaptability and Cohesion Evaluation Scale) de D.H. Olson, J. Portner e Y. Lavee (1985), adaptada e validada para a população portuguesa, por Abreu-Afonso e Leal, (2016).

A amostra foi composta por 185 casais heterossexuais que, atendendo às suas características sócio-demográficas e à literatura sobre a família, foram classificados em 7 grupos (que vivem juntos pelo menos há 4 anos, com crianças pequenas até aos 5 anos, com crianças em idade escolar entre os 6 e os 12 anos, com filhos adolescentes entre 13 e 19 anos, com filhos que já saíram de casa, casais em que um dos membros tem pelo menos 60 anos de idade, e casais com filhos adultos (23 anos ou mais, que vivem em casa).

Os dados foram tratados com uma ANOVA ONE WAY para comparar os grupos de casais em diferentes fases do relacionamento na coesão e adaptabilidade. O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças significativas, foi o teste LSD (LeastSignificantdifference). O t student para amostras emparelhadas foi usado no sentido de comparar os elementos do casal na coesão e adaptabilidade (real e ideal) e na discrepância entre o real e o ideal em cada uma das dimensões. O teste t de student para amostras independentes foi usado com o objectivo de comparar os casados e os que vivem em união de facto na coesão e adaptabilidade (real e ideal) bem como na discrepância entre o real e o ideal. Recorreu-se também a uma medida do tamanho do efeito (Effect Size) - D de Cohen.

Os resultados mostraram semelhanças entre géneros na percepção da Coesão e Adaptabilidade verificando-se, no entanto, um desejo feminino de maior adaptabilidade. Na formação do casal as mulheres apresentam uma Coesão Ideal maior que as mulheres de algumas das outras fases do ciclo conjugal e o inverso passa-se com as mulheres na velhice. Ao longo do ciclo de vida, ao comparar entre géneros a união de facto com o casamento, verificámos que os homens em união de facto têm uma maior coesão e adaptabilidade, e as mulheres apresentam também maior coesão.

**Key-Words:** coesão; adaptabilidade; conjugalidade; ciclo de vida

## 1. Introdução

Nas últimas décadas têm sido desenvolvidas várias teorias que visam explicar o funcionamento familiar, paralelamente à expansão da terapia conjugal. Assistiu-se igualmente ao desenvolvimento de instrumentos clínicos que procuram identificar forças, estratégias, requisitos e mudanças neste sistema. Esta possibilidade de acção recíproca entre a investigação e a clínica tem sido fundamental para o desenvolvimento e afinação da clínica familiar e conjugal. Uma característica importante de tais modelos teóricos e instrumentos é a capacidade de diferenciar famílias que necessitam de terapia. O Modelo Circumplexo (Olson, 1985) tem-se mostrado um bom discriminador de casos não clínicos (Drumm, Carr, & Fritzgerald, 2000), permitindo planear a intervenção com um foco nas dimensões de maior *stress* no sistema familiar.

### *O Modelo Circumplexo*

O Modelo Circumplexo postula que o funcionamento familiar pode ser definido recorrendo a duas dimensões - Coesão e Adaptabilidade, onde a Comunicação detém um papel facilitador. Baseado na teoria sistémica, traduz-se numa escala de auto-preenchimento (FACES) ou num instrumento de observação (CRS) (Olson, Russell, & Sprenkle, 1983; Olson, Sprenkle, & Russell, 1979). A Coesão e a Adaptabilidade são apresentadas como dois eixos, nos quais as famílias se vão localizar, permitindo determinar o seu tipo de funcionamento (Cole & Jordan, 1989).

Em 1991, Olson assumiu uma versão conceptual tridimensional do modelo circumplexo, que se adaptava melhor à linearidade do FACES III. Deste modo, valores elevados de coesão e flexibilidade refletem sistemas familiares equilibrados, enquanto valores baixos representam sistemas familiares disfuncionais. Dos 16 tipos de sistemas familiares encontrados, quatro serão disfuncionais (extremos): Caótico-Desprendido, Caótico-Enredado, Rígido-Desprendido e Rígido-Enredado; outros quatro serão equilibrados: Flexível-Separado, Flexível-Conectado, Estruturado-Separado, e Estruturado-Conectado; sendo os restantes considerados de meio-termo (Olson, 1999).

A Coesão deve apresentar um balanceamento entre a proximidade familiar e a autonomia individual, e a Adaptabilidade entre a mudança e a estabilidade (Noller & Shum, 1990). O modelo tem assim uma natureza dinâmica onde as mudanças são consideradas benéficas para a manutenção e melhoria do funcionamento familiar. Alterações na Coesão e na Adaptabilidade são factores chave para lidar com o *stress* e com todas as mudanças inerentes ao ciclo de vida da família (Olson & Gorall, 2003). Perante situações de *stress*, os sistemas equilibrados tendem a alterar-se, adaptando-se à situação, enquanto que os sistemas disfuncionais se mantêm presos aos padrões extremos, aumentando os níveis de *stress* (Olson, 1999).

A escala FACES III avalia a forma como a pessoa percepção a sua família no presente momento (família real) e como gostaria que esta fosse (família ideal). A diferença entre ambas irá mediar os níveis de satisfação encontrados no sistema conjugal, bem como permitir desenhar as alterações necessárias à família (Maynard & Olson, 1987). A versão familiar foi desenvolvida antes da versão de casal. Contudo, a diferença reside apenas nos dois itens referentes à negociação que substituem os dois alusivos à disciplina (Noller & Shum, 1990).

### ***Coesão***

A Coesão pode ser definida como um factor de suporte. De acordo com Olson (2000, p. 145) é a “ligação emocional que os casais e os membros da família têm uns com os outros”. Esta dimensão avalia a relação proximidade-distância entre os membros da família, caracterizando-a de acordo com quatro dimensões: Desprendido (coesão muito baixa), Separado (coesão baixa a média), Conectado (coesão média a alta) e Enredado (coesão muito alta). Os níveis extremos são considerados disfuncionais principalmente em relações de longa duração, contrariamente aos níveis centrais que são tidos como os mais vantajosos.



A Coesão inclui itens que visam medir o vínculo emocional, o suporte, os limites familiares, o tempo partilhado, os amigos e os interesses recreativos. Uma Coesão elevada é caracterizada por calor relacional, *nurturance*, partilha, intimidade física (afecto) e consistência (Green & Werner, 1996). O tempo partilhado é importante para o desenvolvimento familiar. Contudo, uma família muito unida não irá usufruir de suporte social e/ou espaço privado, focando-se especialmente no interior do sistema (Olson, 2000), mostrando uma menor independência e níveis mais elevados de intromissão. Por outro lado, a falta de partilha é sinónimo de um compromisso e vínculo insuficientes que impede o casal de desenvolver uma ligação de proximidade emocional, levando ao afastamento progressivo da díade por falta de suporte. A insatisfação conjugal está relacionada com níveis mais baixos de coesão familiar (Henderson, Sayger, & Horne, 2003), que podem levar a problemas psicológicos na infância e na idade adulta (Henderson et al., 2003; Shek, 2002).

Valores de Coesão moderados possibilitam que o casal e a família encontrem o equilíbrio entre a separação e a união, de acordo com as exigências da situação vivida sendo, consequentemente, mais funcionais (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

### ***Adaptabilidade***

A Adaptabilidade é um factor estrutural, definido como “quantidade de mudanças na liderança, nos papéis e nas regras do relacionamento” (Olson & Gorall, 2003, p. 519). Esta dimensão oscila entre a estabilidade e a mudança num contínuo de quatro categorias: Rígida (capacidade de mudança muito baixa), Estruturada (capacidade de mudança de baixa a média), Flexível (capacidade de mudança de média a alta) e Caótica (capacidade de mudança muito alta). Mais uma vez os níveis extremos estão relacionados com um pobre funcionamento familiar, enquanto as dimensões centrais com um funcionamento optimizado.

A mudança e a estabilidade são factores essenciais na dinâmica familiar, embora muitas famílias mantenham uma estrutura rígida ao longo do tempo (Olson, 2000).

### ***Comunicação***

A comunicação é uma dimensão facilitadora de alterações - quer na Coesão, quer na Adaptabilidade - nas diferentes situações que o casal enfrenta ao longo da vida (Olson & Gorall, 2003). As famílias com um funcionamento mais equilibrado apresentam uma comunicação

mais positiva que, por seu turno, irá ajudar a manter esse próprio equilíbrio. Uma comunicação pobre não fomenta alterações no funcionamento conjugal, fazendo com que as famílias se mantenham nos níveis mais extremos (Olson, 2000).

### ***Coesão, Adaptabilidade e Comunicação: Impacto no casal e na família***

De acordo com o Modelo Circumplexo, a família provê o indivíduo de sentido de Coesão e união, assim como com um arquétipo de Adaptabilidade, ilustrando papéis, comportamentos, estruturas e regras (Olson et al., 1979). É também através da família que se tem o primeiro contacto com um modelo de rede de comunicação. Os afectos partilhados influenciam a qualidade do vínculo emocional, determinando assim, o bem-estar e o ajustamento a novas situações. Desta forma, o bem-estar emocional das famílias está fortemente relacionado com a satisfação com o vínculo e com a Coesão (Vandeleur, Jeanpretre, Perz, & Schoebi, 2009).

As maiores mudanças nos sistemas familiares ocorrem provavelmente durante momentos de crise. Numa revisão realizada por Kouneski (2000), é possível verificar que também nas crises acidentais (abuso de substâncias, desempregos, diabetes infantil, cancro, ...) a coesão e especialmente a adaptabilidade, possuem um papel determinante no funcionamento familiar e conjugal. Sistemas mais rígidos são caracterizados por um menor número de estratégias de *coping* e tendem a ampliar a sua rigidez quando sujeitos a *stress*. Uma melhoria na comunicação pode promover mudanças ao nível do sistema familiar.

Nas famílias em equilíbrio pode observar-se uma maior liberdade e, consequentemente, uma maior oscilação entre as diferentes dimensões, de acordo com as necessidades da situação vivenciada, resultando num funcionamento mais adequado e experienciando em simultâneo independência e proximidade. Embora tipicamente estas famílias se situem nas dimensões centrais elas podem, no entanto, experienciar comportamentos característicos dos extremos, se a situação assim o exigir (Barnes & Olson, 1985; Olson & Gorall, 2003). As famílias em equilíbrio são também caracterizadas por estratégias de comunicação mais eficazes (Barnes & Olson, 1985), tais como, maior apoio, afecto positivo e partilha de informação (Rodick, Hedggler, & Hanson 1986). Os padrões mais extremos podem auxiliar em algumas situações, mas são prejudiciais quando a família se fixa neles. Contudo, podem ser funcionais para algumas famílias, nomeadamente as que pertencem a certos grupos étnicos (Olson, 2000).

### *Satisfação na família e no casal, ciclo de vida e gênero*

A análise da estrutura familiar requer o estudo das características, papéis e relações de todos os membros, assim como dos diferentes estádios do ciclo da família (Gómez-Clavelina et al., 1999). A satisfação com o vínculo familiar pode ser definida como “a medida em que a necessidade de Coesão e proximidade na relação familiar é satisfatória” (Vandeleur et al., 2009, p. 1206). A Coesão e a Adaptabilidade, apesar da sua importância, funcionam de formas diferentes nas relações a longo termo (Kouneski, 2000). Valores altos de Coesão facilitam o casal quando este enfrenta períodos de difícil ajustamento. Por outro lado, casais felizes e satisfeitos apresentam níveis equilibrados de Adaptabilidade (James & Hunsley, 1995). Geralmente, a relação é percebida como mais coesa pelas mulheres, provavelmente porque elas tendem a procurar relações com maior proximidade.

Os casais pertencentes a classes socioeconômicas mais elevadas descrevem as suas relações como mais mutáveis (Noller & Shum, 1990). A versatilidade da relação é uma particularidade dos relacionamentos com menos de cinco anos, onde a adaptabilidade é mais flexível, provavelmente devido aos ajustamentos necessários nos primeiros anos da relação, ou à rigidez que tende a ser desenvolvida com a maior duração do casamento (Noller & Shum, 1990). Contudo, os estudos sobre adaptabilidade no ciclo de vida apresentam incongruências. Alguns referem que casais com relacionamentos mais duradouros apresentam níveis mais elevados de satisfação. Casais com relações recentes e casais com relacionamentos mais antigos apresentam níveis de Coesão semelhantes, mas os casais mais velhos evidenciam uma maior Adaptabilidade (Mathis & Tanner, 1991).

A revisão de literatura sobre a Coesão e Adaptabilidade mostrou algumas tendências e semelhanças. A necessidade de alterar os níveis da Coesão e da Adaptabilidade de acordo com as diferentes etapas da relação evidencia-se nos momentos de crise (Olson, 2000; Peleg-Popko & Dar, 2001; Olson & Gorall, 2003). Casais e famílias com níveis extremos são mais disfuncionais, quando comparados com os de nível equilibrado, que por sua vez apresentam padrões de comunicação mais positivos e uma maior satisfação, o que ajuda a manter a harmonia (Carvalho, Freitas, Leuschner, & Olson, 2014; Olson, 1985, Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003). Ocorrem também diferenças de gênero quanto à Coesão e Adaptabilidade percebida e desejada (Baiocco, Cacioppo, Laaghi, & Tafá, 2013).

## 2. Objectivo

Este trabalho visa uma melhor compreensão da relação conjugal ao longo do tempo, indo estudar os processos de coesão e de adaptabilidade conjugal tendo em linha de conta o ciclo de vida e o género. Esperamos também conseguir esclarecer alguns aspectos menos claros da literatura, assim como ultrapassar fragilidades das amostras de alguns estudos, bem como enviesamentos resultantes, por exemplo, da idealização dos primeiros anos de casamento, quando avaliado em retrospectiva.

## 3. Desenho da Investigação

Trata-se de um estudo exploratório, transversal, comparativo entre os diferentes estádios de vida do casal e entre géneros, desenhado para responder às seguintes questões:

1. *Como varia a Coesão e a Adaptabilidade conjugal em homens e mulheres?*
2. *Quais as diferenças e semelhanças entre os géneros?*
3. *Como variam, nos homens e nas mulheres, ao longo do ciclo de vida, a Coesão e a Adaptabilidade conjugal?*
4. *Quais as diferenças e semelhanças entre os cônjuges na coesão e adaptabilidade real e ideal, ao longo dos diferentes estádios do casamento?*
5. *Existem diferenças na Coesão e na Adaptabilidade entre os casais casados que os casais em união de facto?*

## 4. Método

### 4.1. Participantes

Participaram no estudo 370 pessoas (185 casais). A sua classificação em grupos respeitou a literatura clássica sobre o ciclo de família (Carter & McGoldric, 1982; Neighbourgh, 1985; Relvas, 2004). Contudo, a nossa amostra incluía um grande número de casais cujos filhos adultos ainda viviam na casa dos pais, pelo que decidimos considerá-los num grupo específico, apoiados pela literatura que refere esta situação como de vulnerabilidade para a relação do casal (Umberson, Williams, Powers, Chen, & Campbell, 2005). Assim, considerámos:

*Formação do Casal:* Casais que se casaram ou vivem em união de facto há menos de 4 anos (inclusive). Sem filhos do casamento actual ou anterior que morem com o casal. Foram excluídos todos os casais com menos de 4 anos de união com filhos.

*Casais com filhos pequenos:* Casais com filhos com idade até 5 anos, da relação actual, independentemente do número de anos de casamento/união. Não foram incluídos casais com filhos de outros casamentos pois pretende avaliar-se o impacto do nascimento do(s) filho(s) de ambos.

*Casais com filhos em idade escolar:* Casais com filhos com idade compreendida entre os 6 e os 12 anos (inclusive), independentemente dos anos de união. Foram excluídos casais que, embora tenham filhos com esta idade, têm também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união).

*Casais com filhos adolescentes:* Casais cujos filhos têm entre 13 e 19 anos. Foram excluídos casais que, embora tenham filhos com esta idade, têm também filhos mais velhos (da união actual ou de outra união).

*Casais cujos filhos saíram de casa:* Casais cujos filhos saíram de casa há menos de 4 anos (inclusive). Foram excluídos todos os casais que, embora alguns filhos tenham saído de casa, ainda tenham outros a viver consigo.

*Casais com filhos adultos em casa:* Casais com filhos adultos (idade superior a 23 anos) que ainda habitam em casa. Foram excluídos casais cujos filhos tinham idades compreendidas entre 20 e 23 (frequência universitária, que não considerámos nem adultos, nem adolescentes).

*Casais na velhice:* Casais sem filhos em casa em que, pelo menos um dos elementos, tem idade igual ou superior a 60 anos. Foram incluídos todos os casais independentemente do número de casamentos e filhos de cada união.

## **4.2. Caracterização da Amostra**

Os quadros que se seguem caracterizam a amostra.

## Quadro 1

*Caracterização da amostra*

		N	%
Etapa da relação	Formação do Casal	30	16.2
	Casais com filhos pequenos	40	21.6
	Casais com filhos em idade escolar	26	14.1
	Casais com filhos adolescentes	38	20.5
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	4.3
	Casais na velhice	18	9.7
	Casais cujos filhos adultos vivem em casa	25	13.5
	Total	185	100.0
Tipo de união	Casamento	138	74.6
	União de facto	47	25.4
	Total	185	100.0
Duração do casamento	< 1 ano	1	0.7
	1-5 anos	12	8.7
	6-10 anos	26	18.8
	11-15 anos	14	10.1
	16-20 anos	21	15.2
	> 20 anos	64	46.4
	Total	138	100.0
Duração da União de Facto	< 1 ano	2	4.3
	1-5 anos	26	55.3
	6-10 anos	8	17.0
	11-15 anos	6	12.8
	16-20 anos	2	4.3
	> 20 anos	3	6.4
	Total	47	100.0
Filhos da presente relação	Sim	150	81.1
	Não	35	18.9
	Total	185	100.0
Nº de filhos da presente relação	1 filho	60	40.0
	2 filhos	73	48.7
	3 filhos	14	9.3
	> 3 filhos	3	2.1
	Total	185	100.0

## Quadro 2

*Caracterização da amostra*

		Feminino		Masculino	
		N	%	N.	%
Idade	< 30 anos	32	17.3	18	9.7
	30-39 anos	55	29.7	60	32.4
	40-49 anos	49	26.5	43	23.2
	50-59 anos	44	23.8	59	31.9
	60-69 anos	4	2.2	4	2.2
	70-79 anos	1	.5	1	.5
	Total	185	100.0	185	100.0

		Min.= 20 Média = 41.87	Max.=80 Desvio Padrão = 12.70	Min.= 19 Média = 44.50	Max. =82 Desvio Padrão = 2.69
Situação Profissional	Reformado/ Inativo	18	9.7	22	11.9
	Desempregado	4	2.2	6	3.2
	Doméstica	8	4.3	0	0.0
	Estudante	3	1.6	1	0.5
	Profissional liberal	11	5.9	30	16.2
	Empregado por conta de outrem	128	69.2	115	62.2
	Empregado por conta própria e para outros	4	2.2	4	2.2
	Trabalhador estudante	1	.5	4	2.2
	Não respondeu	8	4.3	3	1.6
	Total	185	100.0	185	100
Escolaridade	Educação Primária	13	7.0	8	4.3
	Educação Básica	8	4.3	13	7.0
	Educação Secundária Unificada	24	13.0	34	18.4
	Educação Secundária Complementar	50	27.0	49	26.5
	Curso Médio	12	6.5	5	2.7
	Bacharelato	5	2.7	16	8.6
	Licenciatura	60	32.4	52	28.1
	Mestrado	12	6.5	6	3.2
	Doutoramento	0	0.0	1	0.5
	Não respondeu	1	0.5	1	0.5
Total		185	100.0	185	100

### 4.3. Material

**Questionário Sócio-demográfico:** com o objectivo da recolha de informação sociológica que permitiu a distribuição da amostra pelos diferentes grupos.

**FACES-III** (Olson, Portner & Lavee, 1985), versão Portuguesa adaptada por Abreu-Afonso e Leal, (2016). Foi utilizada para a recolha de informação referente à Coesão e Adaptabilidade dos casais. A escala é composta por vinte itens, dez pertencentes à dimensão Coesão – Vínculo Emocional (3 itens), Apoio (1 item), Fronteiras Familiares (2 itens), Tempo Livre e Amigos (2 itens) e Interesses e Atividades Recreativas (2 itens) e dez pertencentes à dimensão Adaptabilidade – Liderança e Controlo (4 itens), Negociação (2 itens) e Papéis e Regras (4 itens). A FACES-III é cotada numa escala tipo Likert de cinco pontos, indo de “Quase Nunca” até “Quase Sempre”.

No estudo de validação de Abreu-Afonso e Leal (2016) foi utilizada uma amostra de 464 participantes, 232 casais (165 casados e 67 em união de facto). Os resultados da análise factorial através do método KMO, usando uma rotação oblíqua, foram muito semelhantes aos de Olson et al. (1985), resultando numa estrutura de dois factores: Coesão e Adaptabilidade. No que diz respeito à consistência interna, o estudo revelou um Alfa de Cronbach de 0.87 para o total da escala, de 0.89 para a Coesão e 0.70 para a Adaptabilidade.

#### **4.4. Procedimento**

Os questionários foram reunidos num período correspondente a 18 meses em diferentes serviços da área metropolitana de Lisboa. Trata-se de uma amostra de conveniência, recolhida com recurso ao sistema de “bola de neve”. A amostra inicial contemplou 596 questionários válidos (298 casais). Do grupo inicial apenas 185 casais (dos quais 138 casados e 47 em união de facto) apresentaram as propriedades necessárias para participar no estudo, que foi aprovado pelo comité de ética do ISPA. Todos os participantes forneceram o seu consentimento informado.

Utilizou-se uma ANOVA ONE WAY para comparar os grupos de casais, em diferentes fases do relacionamento na Coesão e Adaptabilidade (real e ideal). Esta análise foi feita para os elementos do casal em separado. O teste Post Hoc usado, quando a ANOVA detectou diferenças significativas, foi o teste LSD (LeastSignificantDifference). O t student para amostras emparelhadas (Paired Sample t test) foi usado no sentido de comparar os elementos do casal na Coesão e Adaptabilidade (real e ideal) e na discrepância entre o real e o ideal em cada uma das dimensões. O teste t de student para amostras independentes (independent sample t teste) foi usado com o objectivo de comparar os casados e os que vivem em união de facto na Coesão e Adaptabilidade (real e ideal), bem como na discrepância entre o real e o ideal. Recorreu-se também a uma medida do tamanho do efeito (*Effect size*): *D de Cohen* [diferença entre as médias standardizada (i.e., dividida pelo desvio-padrão ponderado).]



## 5. Resultados

Os quadros 3, 4 e 5 apresentam os resultados da nossa análise na resposta às primeiras questões em estudo: *Como varia a Coesão e a Adaptabilidade conjugal em homens e mulheres? Quais as diferenças e semelhanças entre os géneros?*

Quadro 3

*Comparação entre géneros para a Coesão e Adaptabilidade*

		Média	N	Desvio Padrão	Paired Sample t Test
Coesão (Real)	Feminina	41,1413	185	7,30463	t (184) = 1,668
	Masculina	40,2626	185	6,10076	p = 0,097ls, DCohen = 0,18
Coesão (Ideal)	Feminina	44,6520	185	4,22184	t (184) = 1,706
	Masculina	43,8919	185	5,84859	p = 0,090ls DCohen = 0,18
Adaptabilidade (Real)	Feminina	33,8964	185	6,54353	t (184) = 0,390
	Masculina	33,6778	185	5,94047	p = 0,697 DCohen = 0,04
Adaptabilidade (Ideal)	Feminina	40,1715	185	6,23572	t (184) = 3,444
	Masculina	38,1678	185	6,14737	p = 0,001*** DCohen = 0,38

A análise da diferença da Coesão e Adaptabilidade entre homens e mulheres, o teste *t de student* para amostras dependentes (*paired sample t test*) revelou diferenças significantes para  $p \leq 0.001$ , para Adaptabilidade Ideal, onde os valores médios foram mais elevados no género feminino (40.17) comparativamente com o masculino (38.17), no entanto com um efeito de dimensão pequeno (D-Cohen =0.39). Não foram encontradas diferenças significativas para Adaptabilidade Real.

No que diz respeito aos valores de Coesão, foram encontradas diferenças no limiar de significância para os valores Reais ( $p=0.097$ ) e Ideais ( $p=0.090$ ), onde as mulheres voltam a apresentar uma média mais elevada.

Quadro 4

*Comparação entre os valores Reais e Ideais de Coesão e Adaptabilidade para os homens e as mulheres*

		Média	N	Desvio Padrão	Paired Sample t Test
Feminino	Coesão (Real)	41,1413	185	7,30463	t (184) = 6,876
	Coesão (Ideal)	44,6520	185	4,22184	p = 0,000*** D Cohen = -0,72
	Adaptabilidade (Real)	33,8964	185	6,54353	t (184) = -11,928
	Adaptabilidade (Ideal)	40,1715	185	6,23572	p = 0,000*** D Cohen = -1,24
	Coesão (Real)	40,2626	185	6,10076	t (184) = -8,019
	Coesão (Ideal)	43,8919	185	5,84859	p = 0,000*** D Cohen = -0,83

Masculino	Adaptabilidade (Real)	33,6778	185	5,94047	$t(184) = -9,980$ $p = 0,000***$ $D\text{Cohen} = -1,04$
	Adaptabilidade (Ideal)	38,1678	185	6,14737	

Encontraram-se diferenças significativas em ambos os géneros para  $p \leq 0.001$ , entre a percepção real e ideal da relação, quer no que diz respeito à Coesão, quer à Adaptabilidade. Contudo, a dimensão efeito encontrada para a Coesão é moderada, enquanto que para a Adaptabilidade é alta.

#### Quadro 5

*Comparação da discrepância na percepção ideal e real da Coesão e Adaptabilidade para ambos os géneros*

		Média	N	Desvio Padrão	Paired Sample t test
Coesão	Coesão: Discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	3,5107	185	6,94468	$t(184) = -0,209$ $p = 0,835$ $D\text{Cohen} = -0,02$
	Coesão: Discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	3,6293	185	6,16300	
Adaptabilidade	Adaptabilidade: Discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	6,2751	185	7,15553	$t(184) = 3,028$ $p = 0,003**$ $D\text{Cohen} = 0,32$
	Adaptabilidade: Discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	4,4900	185	6,11928	

A análise da discrepância na percepção ideal e real entre os membros do casal, não revelou diferenças significativas para a Coesão. A Adaptabilidade apresentou diferenças significativas entre géneros, com valores mais elevados de discrepância para o género feminino. Contudo, a dimensão efeito é pequena.

Os quadros 6, 7 e 8, comparando as diferentes fases da relação e analisando por género, respondem à terceira questão: *Quais as diferenças e semelhanças, entre os cônjuges, na coesão e adaptabilidade real e ideal, ao longo dos diferentes estádios do casamento?*

#### Quadro 6

*Estádios da Relação vs. Adaptabilidade e Coesão – Valores Femininos*

		N	Média	Desvio Padrão	ANOVA ONE WAY
Feminino	Coesão (Real) Formação do Casal	30	44,1667	4,11124	$F(6) = 1,781$ $p = 0,105$
	Casais com filhos pequenos	40	40,9389	6,66505	
	Casais com filhos em idade escolar	26	40,3803	6,45977	
	Casais com filhos adolescentes	38	41,6491	9,34885	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	37,1250	10,24608	
	Casais na velhice	18	41,4568	6,36335	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	38,9123	7,46862	
	Total	185	41,1413	7,30463	
Adaptabilidade	Formação do Casal	30	36,2852	6,61169	$F(6) = 1,826$

(Real)	Casais com filhos pequenos	40	33,1722	6,39498	p = 0,096
	Casais com filhos em idade escolar	26	34,3034	3,80637	
	Casais com filhos adolescentes	38	35,0249	6,77579	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	32,1250	8,27108	
	Casais na velhice	18	32,9815	6,05113	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	31,2759	7,62891	
	Total	185	33,8964	6,54353	
Coesão (Ideal)	Formação do Casal	30	46,4384	3,35437	F (6) = 2,752 p = 0,014*
	Casais com filhos pequenos	40	45,4024	3,87487	
	Casais com filhos em idade escolar	26	43,4642	4,66105	
	Casais com filhos adolescentes	38	44,9634	3,92043	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	44,1389	4,41208	
	Casais na velhice	18	42,2191	5,47174	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	43,9855	3,72094	
Adaptabilidade (Ideal)	Total	185	44,6520	4,22184	F (6) = 1,674 p = 0,130
	Formação do Casal	30	41,5316	6,54362	
	Casais com filhos pequenos	40	41,3876	5,76510	
	Casais com filhos em idade escolar	26	37,9126	5,40881	
	Casais com filhos adolescentes	38	41,0886	4,72444	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	40,2083	5,54330	
	Casais na velhice	18	38,3858	10,54761	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	38,8226	4,87728	
	Total	185	40,1715	6,23572	

A nossa segunda questão propunha, inicialmente, estudar a variação da Coesão e da Adaptabilidade nas diferentes fases da relação, por género. Para o sexo feminino, o teste ANOVA ONE WAY apenas revelou diferenças significativas entre estádios na percepção da Coesão Ideal. Através do teste Post-hoc LSD (Least Significant Difference), verificou-se que as mulheres sem filhos (Formação do Casal) diferem das mulheres com filhos em idade escolar ( $p=0.008$ ), mulheres na velhice ( $p=0.001$ ) e mulheres com filhos adultos a viver em casa ( $p=0.029$ ). Assim, a ausência de filhos traduz-se em valores de Coesão Ideal mais elevados. Foram também reveladas diferenças entre as mulheres na velhice e as mulheres com filhos adolescentes ( $p=0.021$ ) e mulheres com filhos pequenos ( $p=0.007$ ). Neste caso, as mulheres mais velhas apresentaram valores mais baixos de Coesão Ideal.

#### Quadro 7

##### *Estádios da Relação vs. Adaptabilidade e Coesão – Valores Masculinos*

Masculino	N	Média	Desvio Padrão	ANOVA ONE WAY
Coesão (Real)	Formação do Casal	30	42,9111	F (6) = 1,446 p = 0,199
	Casais com filhos pequenos	40	39,9944	
	Casais com filhos em idade escolar	26	40,5256	
	Casais com filhos adolescentes	38	38,8822	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	38,7828	
	Casais na velhice	18	40,5787	

	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	39,5838	5,78858	
	Total	185	40,2626	6,10076	
Adaptabilidade (Real)	Formação do Casal	30	35,4481	5,19672	
	Casais com filhos pequenos	40	33,4917	5,86990	
	Casais com filhos em idade escolar	26	35,9872	5,32771	
	Casais com filhos adolescentes	38	33,2784	7,06906	F (6) = 1,991 p = 0,069
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	31,2097	5,50089	
	Casais na velhice	18	32,3448	3,71364	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	31,8060	6,30141	
	Total	185	33,6778	5,94047	
Coesão (Ideal)	Formação do Casal	30	46,0113	4,23484	
	Casais com filhos pequenos	40	44,8903	7,72092	
	Casais com filhos em idade escolar	26	44,2735	5,47057	
	Casais com filhos adolescentes	38	42,8863	5,80534	F (6) = 1,642 p = 0,138
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	42,2365	4,55336	
	Casais na velhice	18	42,7055	5,13427	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	42,2668	4,70098	
	Total	185	43,8919	5,84859	
Adaptabilidade (Ideal)	Formação do Casal	30	40,1260	5,35016	
	Casais com filhos pequenos	40	39,3000	5,80981	
	Casais com filhos em idade escolar	26	39,5983	6,14348	
	Casais com filhos adolescentes	38	37,5440	6,29502	F (6) = 3,006 p = 0,008**
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	36,5904	7,09345	
	Casais na velhice	18	37,7731	5,81255	
	Casais com filhos adultos a viver em casa	25	34,2556	5,88394	
	Total	185	38,1678	6,14737	

No que diz respeito aos valores masculinos, o teste ANOVA ONE WAY revelou diferenças significativas entre estádios na Adaptabilidade Ideal masculina. Com recurso ao test LSD (Least Significant Difference), verificou-se que os homens com filhos adultos em casa apresentaram diferenças significativas relativamente aos homens sem filhos ( $p=0.000$ ), homens com filhos pequenos ( $p=0.001$ ), homens com filhos em idade escolar ( $p=0.002$ ) e homens com filhos adolescentes ( $p=0.033$ ). Os homens cujos filhos adultos ainda vivem em casa, apresentaram valores de Adaptabilidade Ideal mais baixos que os dos grupos supracitados.

#### Quadro 8

*Etapas de relação vs. Discrepância - Feminina e Masculina - entre a percepção real e ideal da Coesão e Adaptabilidade*

		N	Média	Desvio Padrão	ANOVA ONE WAY
Coesão: Discrepância (Real) - (Ideal) Feminino	Formação do Casal	30	2,2717	3,17332	
	Casais com filhos pequenos	40	4,4635	6,49102	
	Casais com filhos em idade escolar	26	3,0838	5,79629	
	Casais com filhos adolescentes	38	3,3142	9,50308	F (6) = 1,341 p = 0,241
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	7,0139	9,76775	
	Casais na velhice	18	,7623	5,03682	
	Casais com filhos adultos a vive rem casa	25	5,0732	7,28758	
	Total	185	3,5107	6,94468	
	Formação do Casal	30	5,2465	5,71028	

Adaptabilidade: Discrepância (Real) - (Ideal) Feminino	Casais com filhos pequenos	40	8,2154	6,56330	F (6) =1,485 p =0,186
	Casais com filhos em idade escolar	26	3,6092	5,12782	
	Casais com filhos adolescentes	38	6,0638	6,45487	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	8,0833	5,86014	
	Casais na velhice	18	5,4043	9,88712	
	Casais com filhos adultos a viver casa	25	7,5468	9,67216	
	Total	185	6,2751	7,15553	
Coesão: Discrepância (Real) - (Ideal) Masculino	Formação do Casal	30	3,1002	3,70559	F (6) =0,613 p =0,720
	Casais com filhos pequenos	40	4,8958	8,78468	
	Casais com filhos em idade escolar	26	3,7479	4,55350	
	Casais com filhos adolescentes	38	4,0040	6,74090	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	3,4537	5,97315	
	Casais na velhice	18	2,1268	4,15390	
	Casais com filhos adultos a viver casa	25	2,6830	5,38782	
	Total	185	3,6293	6,16300	
Adaptabilidade: Discrepância (Real) - (Ideal) Masculino	Formação do Casal	30	4,6779	5,50889	F (6) =0,973 p =0,445
	Casais com filhos pequenos	40	5,8083	6,35820	
	Casais com filhos em idade escolar	26	3,6111	5,99417	
	Casais com filhos adolescentes	38	4,2656	6,27844	
	Casais cujos filhos já saíram de casa	8	5,3807	5,74274	
	Casais na velhice	18	5,4284	6,00569	
	Casais com filhos adultos a viver casa	25	2,4496	6,49885	
	Total	185	4,4900	6,11928	

A análise das discrepâncias, em todas as etapas de relação, não encontrou diferenças significativas entre os valores reais e ideais para a Coesão e Adaptabilidade nas diferentes etapas da relação, quer entre os diferentes grupos de homens, quer de mulheres.

Para uma compreensão mais fina dos resultados fomos, a seguir, comparar os membros do casal em cada etapa da relação. Os resultados constam do quadro seguinte.

#### Quadro 9

##### *Coesão e Adaptabilidade - Comparação entre géneros para cada grupo*

Grupo		Feminino	Masculino	Paired Sample t test
Formação do Casal (n=30)	Coesão (Real)	44,17±4,11	42,91±5,17	t (29) = -1,476 1, p = 0,151, DCohen = 0,39
	Adaptabilidade (Real)	36,29±6,61	35,45±5,19	t (29) = 0,740, p = 0,465, DCohen = 0,20
	Coesão (Ideal)	46,44±3,35	46,01±4,23	t (29) = 0,507 1, p = 0,616, DCohen = 0,13
	Adaptabilidade (Ideal)	41,53±6,54	40,13±5,35	t (29) = 0,986, p = 0,332, DCohen = 0,26
Casais com filhos pequenos (n=40)	Coesão (Real)	40,94±6,67	39,99±6,01	t (39) = 0,795, p = 0,431, DCohen = 0,18
	Adaptabilidade (Real)	33,17±6,39	33,49±5,87	t (39) = -0,264, p = 0,793, DCohen = -0,06
	Coesão (Ideal)	45,40±3,87	44,89±7,72	t (39) = 0,436, p = 0,666, DCohen = 0,11
	Adaptabilidade (Ideal)	41,39±5,76	39,30±5,81	t (39) = 1,979, p = 0,055, DCohen = 0,48

Casais com filhos em idade escolar (n=26)	Coesão (Real)	40,38±6,46	40,53±5,54	t (25) = -0,161, p = 0,873, DCohen = -0,06
	Adaptabilidade (Real)	34,30±3,81	35,99±5,33	t (25) = -1,693, p = 0,103, DCohen = -0,46
	Coesão (Ideal)	43,46±4,66	44,27±5,47	t (25) = -0,890, p = 0,382, DCohen = -0,25
	Adaptabilidade (Ideal)	37,91±5,40	39,59±6,14	t (25) = -1,109, p = 0,278, DCohen = -0,29
Casais com filhos adolescentes (n=38)	Coesão (Real)	41,65±9,35	38,88±7,34	t (37) = 1,835, p = 0,075, DCohen = 0,43
	Adaptabilidade (Real)	35,02±6,77	33,28±7,06	t (37) = 1,254, p = 0,218, DCohen = 0,29
	Coesão (Ideal)	44,96±3,92	42,88±5,80	t (37) = 1,956, p = 0,058, DCohen = 0,46
	Adaptabilidade (Ideal)	41,08±4,72	37,54±6,29	t (37) = 2,842, p = 0,007**, DCohen = 0,66
Casais cujos filhos já saíram de casa (n=8)	Coesão (Real)	37,12±10,25	38,78±5,73	t (7) = -0,442, p = 0,672, DCohen = -0,23
	Adaptabilidade (Real)	32,12±8,27	31,21±5,50	t (7) = 0,285, p = 0,784, DCohen = 0,15
	Coesão (Ideal)	44,14±4,41	42,24±4,55	t (7) = 0,825, p = 0,436, DCohen = 0,41
	Adaptabilidade (Ideal)	40,21±5,54	36,59±7,09	t (7) = 1,920, p = 0,096, DCohen = 1,00
Casais na velhice (n=18)	Coesão (Real)	41,46±6,36	40,58±5,68	t (17) = 0,618, p = 0,545, DCohen = 0,21
	Adaptabilidade (Real)	32,98±6,05	32,34±3,71	t (17) = 0,421, p = 0,679, DCohen = 0,15
	Coesão (Ideal)	42,22±5,41	42,70±5,13	t (17) = -0,351, p = 0,730, DCohen = -0,12
	Adaptabilidade (Ideal)	38,38±10,55	37,77±5,81	t (17) = 0,234, p = 0,818, DCohen = 0,08
Casais com filhos adultos em casa (n=25)	Coesão (Real)	41,14±7,30	40,26±6,10	t (184) = 1,668, p = 0,097, DCohen = 0,18
	Adaptabilidade (Real)	33,89±6,54	33,68±5,94	t (184) = 0,390, p = 0,697, DCohen = 0,03
	Coesão (Ideal)	43,98±3,72	42,27±4,70	t (24) = 1,510, p = 0,144, DCohen = 0,43
	Adaptabilidade (Ideal)	38,82±4,88	34,26±5,88	t (25) = 3,043, p = 0,006**, DCohen = 0,86

Os resultados mostram diferenças significativas entre os membros do casal para a Adaptabilidade Ideal: Casais com filhos pequenos [t (39) = 1,979, p = 0,055, DCohen = 0,48], Casais com filhos adolescentes [t (37) = 2,842, p = 0,007\*\*, DCohen = 0,66], Casais cujos filhos já saíram de casa [t (7) = 1,920, p = 0,096, DCohen = 1,00] e Casais cujos filhos, adultos, ainda vivem em casa [t (25) = 3,043, p = 0,006\*\*, DCohen = 0,86]. As mulheres revelaram valores mais elevados de Adaptabilidade Ideal.

#### Quadro 10

*Comparação entre gêneros, da discrepância entre os valores reais e ideias da Coesão e Adaptabilidade, em cada grupo*

Grupo	Média	N	Desvio Padrão	Paired Sample t test
-------	-------	---	---------------	----------------------

Formação do Casal	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	2,2717	30	3,17332	t (29) = -1,764 p = 0,088
	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	3,1002	30	3,70559	DCohen = -0,47
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	5,2465	30	5,71028	t (29) = 0,549 p = 0,588
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	4,6779	30	5,50889	DCohen = 0,14
Casais com filhos pequenos	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	4,4635	40	6,49102	t (39) = -0,292 p = 0,772
	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	4,8958	40	8,78468	DCohen = -0,07
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	8,2154	40	6,56330	t (39) = -1,951 p = 0,058
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	5,8083	40	6,35820	DCohen = 0,44
Casais com filhos em idade escolar	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	3,0838	26	5,79629	t (25) = -0,640 p = 0,528
	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	3,7479	26	4,55350	DCohen = -0,18
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	3,6092	26	5,12782	t (25) = -0,001 p = 0,999
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	3,6111	26	5,99417	DCohen = 0,00
Casais com filhos adolescentes	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	3,3142	38	9,50308	t (37) = -0,447 p = 0,657
	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	4,0040	38	6,74090	DCohen = -0,11
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	6,0638	38	6,45487	t (37) = 1,428 p = 0,162
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	4,2656	38	6,27844	DCohen = 0,35
Casais cujos filhos já saíram de casa	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	7,0139	8	9,76775	t (7) = 0,880 p = 0,408
	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	3,4537	8	5,97315	DCohen = 0,45
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	8,0833	8	5,86014	t (7) = 0,943 p = 0,377
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	5,3807	8	5,74274	DCohen = 0,47
Casais na velhice	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	,7623	18	5,03682	t (17) = -1,190 p = 0,251
	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	2,1268	18	4,15390	DCohen = -0,46
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	5,4043	18	9,88712	t (17) = -0,10 p = 0,992
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	5,4284	18	6,00569	DCohen = 0,00
Casais com filhos adultos a viver em casa	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	5,0732	25	7,28758	t (24) = 1,440 p = 0,163
	Coesão: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	2,6830	25	5,38782	DCohen = 0,41
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Feminina	7,5468	25	9,67216	t (24) = 2,500 p = 0,020*
	Adaptabilidade: discrepância (Real) - (Ideal) Masculina	2,4496	25	6,49885	DCohen = 0,73

Na comparação da discrepância Real-Ideal na Coesão e Adaptabilidade entre géneros, em cada grupo, foram encontradas diferenças significativas na Adaptabilidade no grupo de Casais com filhos adultos em casa, onde as mulheres apresentaram valores mais elevados (7.55) comparativamente com os cônjuges (2.44), com uma dimensão efeito moderada-alta (D-Cohen =0.73).

Embora estatisticamente pouco significativos, outros resultados merecem referência por se encontrarem no limiar de significância e/ou revelam uma dimensão efeito quase moderada. Assim, nos casais em formação, a discrepância Real-Ideal na Coesão é mais elevada nos homens (3.10) comparativamente com as mulheres (2.27) – ( $p=0.088$ , DCohen =-0.47). Nos Casais com filhos pequenos a discrepância Real-Ideal feminina (8.21) a Adaptabilidade é maior que a masculina (5.80) – ( $p=0.058$ , DCohen =0.44). Nos Casais com a saída dos filhos de casa, as mulheres apresentam uma discrepância Real-Ideal mais elevada quer na Coesão (F:7.01, M:3.45,  $p=0.408$ , DCohen =0.45), quer na Adaptabilidade (F:8.08, M:5.38,  $p=0.377$ , DCohen =0.47). No grupo de Casais mais velhos a discrepância Real-Ideal na Coesão é mais elevada nos homens (F:0.76, M:2.13,  $p=0.251$ , D Cohen=-0.46).

Finalmente, procurávamos saber se: *Existem diferenças significativas na Coesão e na Adaptabilidade entre os casais casados e os casais em união de facto*. Os resultados foram os seguintes:

Quadro 11

*Diferenças na Coesão e Adaptabilidade entre parceiros casados e em união de facto*

	Tipo de Relacionamento	N	Média	Desvio Padrão	Amostras Independentes t test
Feminino	Coesão (Real)	União de facto	48 42,9375	5,49432	t (183) = 2,347 p = 0,021* D Cohen = 0,34
		Casamento	137 40,5120	7,76013	
	Coesão (Ideal)	União de facto	48 46,1583	3,63577	t (183) = 2,931 p = 0,004** D Cohen =0,49
		Casamento	137 44,1242	4,29710	
	Adaptabilidade (Real)	União de facto	48 34,5926	6,32602	t (183) = 0,856 p = 0,393 D Cohen =0,14
		Casamento	137 33,6525	6,62336	
	Adaptabilidade (Ideal)	União de facto	48 41,2420	6,35302	t (183) = 1,386 p = 0,168 D Cohen =0,23
		Casamento	137 39,7964	6,17362	
Masculino	Coesão (Real)	União de facto	48 41,8819	4,82041	t (183) = 2,470 p = 0,015* D Cohen =0,36
		Casamento	137 39,6952	6,40902	
	Coesão (Ideal)	União de facto	48 46,2177	6,02250	t (183) = 3,286 p = 0,001*** D Cohen =0,55
		Casamento	137 43,0770	5,58264	



Adaptabilidade (Real)	União de facto	48	35,4514	5,37232	t (183) = 2,436 p = 0,016* D Cohen =0,41
	Casamento	137	33,0564	6,02251	
Adaptabilidade (Ideal)	União de facto	48	40,1899	5,32349	t (183) = 2,693 p = 0,008** D Cohen =0,45
	Casamento	137	37,4593	6,27577	

Os resultados mostram valores de Coesão e Adaptabilidade mais elevados para os homens que vivem em união de facto comparativamente com os casados, com uma dimensão efeito (D Cohen) a variar entre 0.36 e 0.55.

Para o género feminino apenas foram encontradas diferenças na Coesão Real e Ideal, sendo que as mulheres que vivem em união de facto apresentam resultados mais elevados em ambas (Coesão Real - D Cohen 0.34 e Coesão Ideal – D Cohen 0.49)

#### Quadro 12

*Casamento Vs União de facto: Discrepâncias entre a relação real e ideal para a Coesão e Adaptabilidade*

	Tipo de Relação	N	Média	Desvio Padrão	Amostras Independentes t test
Coesão: Discrepância (Real)-(Ideal) Feminino	União de facto	48	3,2208	5,37180	t (183) = -0,335 p = 0,738
	Casamento	137	3,6123	7,43223	D Cohen = -0,06
Adaptabilidade: Discrepância (Real)-(Ideal) Feminino	União de facto	48	6,6494	6,48942	t (183) = 0,420 p = 0,675
	Casamento	137	6,1439	7,39272	D Cohen =0,07
Coesão: Discrepância (Real)-(Ideal) Masculino	União de facto	48	4,3358	6,53937	t (183) = 0,923 p = 0,357
	Casamento	137	3,3818	6,03091	D Cohen =0,16
Adaptabilidade: Discrepância (Real)-(Ideal) Masculino	União de facto	48	4,7385	5,23981	t (183) = 0,326 p = 0,745
	Casamento	137	4,4029	6,41435	D Cohen =0,05

Os valores mais elevados foram encontrados para as escalas Ideais (Coesão e Adaptabilidade), em ambos os tipos de relacionamento. Contudo, a discrepância mais elevada foi verificada na escala de Adaptabilidade (D Cohen entre -0.98 e -1.45).

## 6. Discussão

*Como varia a Coesão e a Adaptabilidade conjugal nos homens e nas mulheres.*

A comparação entre valores reais e ideais de Coesão e Adaptabilidade (quadro 4), quer nos homens, quer nas mulheres, revelou diferenças significativas para ambas as dimensões em estudo. Tanto eles como elas idealizam relações com maior coesão e adaptabilidade, sendo a diferença maior para a adaptabilidade.

*Quais as diferenças e semelhanças entre os géneros?*

A comparação entre a amostra masculina e feminina (quadro 3) permite verificar que homens e mulheres apresentam padrões de coesão e adaptabilidade semelhantes. Na verdade, apenas se encontram diferenças estatisticamente significativas entre géneros nos valores de Adaptabilidade Ideal, sendo estes mais elevados das mulheres. Estes resultados são corroborados pelo estudo das discrepâncias (quadro 5). Os resultados sugerem que as mulheres desejam mais flexibilidade e mudança em aspectos relativos à liderança, controlo, disciplina, papéis e regras.

*Como variam, nos homens e nas mulheres, ao longo do ciclo de vida, a Coesão e a Adaptabilidade conjugal?*

Na análise em cada género das transformações na Coesão e Adaptabilidade, os resultados mostraram que, ao longo do tempo de vida, as diferenças entre as mulheres (quadro 6) dizem apenas respeito à Coesão Ideal, que no período da “Formação do Casal” apresenta valores mais elevados que os dos outros grupos da amostra feminina. Tal pode ser resultado da idealização característica desta fase da vida em que o casal inicia uma relação e projecta o seu futuro, ou da necessidade, nesta fase, de se criar um sistema conjugal consistente e coeso que faça frente aos desafios do início da vida a dois. Contrariamente, os valores mais baixos de Coesão Ideal foram reportados pelas mulheres dos casais mais velhos, os “Casais na Velhice”. Estes valores são, eventualmente, resultado de um percurso construído e partilhado, que alcançou o nível de Coesão adequado e permitiu resolver as várias crises conjugais enfrentadas.

Para os homens (quadro 7), apenas se encontraram diferenças na Adaptabilidade Ideal, onde os valores mais baixos foram registados nos homens com filhos adultos a viver em casa. De acordo com Umberson et al., (2005), filhos adultos em casa podem interferir negativamente na relação dos pais, pois estes poderão passar menos tempo de qualidade em casal.

*Quais as diferenças e semelhanças, entre os cônjuges, na coesão e adaptabilidade real e ideal, em cada um dos diferentes estádios do casamento?*

A comparação entre géneros no interior de cada estágio (quadro 9), por seu lado, apresentou diferenças em algumas etapas da vida conjugal, mas apenas para a Adaptabilidade

Ideal. Adaptabilidade é definida por Olson e Gorall (2003) como “a quantidade de mudanças na liderança, nos papéis e nas regras do relacionamento” (p. 19). Estes resultados, espelhando o desejo de maior adaptabilidade, especialmente nas mulheres com filhos, sugerem a ideia de que os papéis desempenhados no casal podem, nos dias de hoje, ser muito semelhante ao encontrado nos casamentos ditos tradicionais, onde as questões relacionadas com os filhos são maioritariamente da responsabilidade feminina. Falamos de fases de casamento que correspondem ao nascimento do primeiro filho, à adolescência e ao ninho vazio. As profundas mudanças na equação familiar introduzidas pelos filhos, que vão sendo diferentes à medida que estes crescem, podem representar um acréscimo das responsabilidades femininas, aumentando consequentemente a disparidade dos papéis de género na relação (Belsky, Lang, & Huston, 1986), o que pode estar na origem da idealização de uma relação com maior Adaptabilidade.

Por outro lado, esta idealização é também expressa pelas mulheres com filhos adultos em casa, onde a questão dos papéis e a das regras de relacionamento no triângulo podem ser um desafio. É apenas nesta fase que se verificam diferenças nas discrepâncias Ideal-Real da Adaptabilidade (quadro 10), onde, mais uma vez, as mulheres apresentam valores significativamente mais elevados.

Com excepção das etapas com filhos em idade escolar e na adolescência, todas as outras mostraram valores no limiar de significância ou com dimensão efeito quase moderada, em pelo menos uma das variáveis (Coesão ou Adaptabilidade). Estes resultados sugerem a existência de diferenças mais pequenas entre os valores Reais e Ideais, em pelo menos um dos membros do casal.

*Existem diferenças na Coesão e na Adaptabilidade entre os casais casados que os casais em união de facto?*

Comparando os dois tipos de união (quadro 11) verificámos que nos homens em união de facto há maiores níveis de Coesão e Adaptabilidade Real e Ideal que nos homens casados. As mulheres em união de facto apresentam apenas maior Coesão, Real e Ideal, quando comparadas com as casadas. Estes resultados parecem contrariar a tendência dos resultados de outros estudos que caracterizam a interacção dos casais em união de facto como mais negativa, de menor qualidade e com maior tendência para rupturas (Kline et al., 2004).

Ambos os tipos de união revelam discrepâncias semelhantes entre valores reais e ideais para os conceitos em estudo.

Em suma o nosso trabalho revelou que:

- A percepção dos homens e das mulheres no que respeita à Coesão e à Adaptabilidade das suas relações reais é semelhante.

Ao idealizar as relações as mulheres, mais do que os homens, desejam uma adaptabilidade maior nas relações amorosas.

Ao comparar as relações reais com as idealizadas, observam-se diferenças nas duas dimensões, mas maiores para Adaptabilidade, em ambos os géneros.

Estas discrepâncias na Adaptabilidade Real-Ideal são mais marcadas nas mulheres.

- Ao comparar as mulheres entre si ao longo da vida, só há diferenças na Coesão Ideal. Na “Formação do Casal” têm uma maior Coesão Ideal do que quando têm filhos em idade escolar, filhos adultos em casa ou na velhice. As mulheres na “Velhice” apresentam uma Coesão Ideal mais baixa que as mulheres com filhos pequenos e adolescentes.

Ao comparar os homens entre si ao longo do ciclo vital, só há diferenças na Adaptabilidade Ideal, que é menor com os filhos adultos em casa quando da formação do casal, dos filhos pequenos, dos filhos em idade escolar e dos filhos adolescentes.

- Avaliando as fases do casamento e comparando em cada uma as mulheres com os homens, elas idealizam uma Adaptabilidade mais alta do que eles quando têm filhos pequenos, adolescentes, adultos em casa ou que já saíram de casa.

Quando têm filhos adultos em casa, comparadas com os cônjuges, elas têm maior discrepância entre a Adaptabilidade Real e Ideal.

- Há maior Coesão em ambos os parceiros e também maior Adaptabilidade nos homens em união de facto que nos casados.

Na nossa amostra, composta por casais com elevados índices de satisfação conjugal, não se verificaram grandes diferenças nas variáveis em estudo sendo que, ainda assim, a Adaptabilidade parece ser a que mais atenção merece na avaliação dos casais uma vez que é aquela que mais diferenças vai apresentando nas diversas comparações e correlações

efectuadas. As mulheres desejam-na mais e ela aparece diferenciada em algumas etapas do ciclo conjugal, ou na comparação de géneros.

Os resultados do estudo devem ser lidos à luz das suas limitações nomeadamente a diversidade de outras variáveis que influenciam todo o sistema familiar, que as nossas opções de investigação excluíram.

Apesar de responder, ou pelo menos esclarecer algumas das questões colocadas inicialmente, o nosso trabalho levanta, sobretudo, um conjunto de perguntas que seria interessante aprofundar futuramente de modo mais focalizados. Existe, por exemplo, a necessidade de clarificar o efeito da presença de filhos adultos em casa, onde se verificam diferenças nos valores de coesão e adaptabilidade e respectivas discrepâncias, nomeadamente em comparação com outras etapas.

Será ainda útil - tendo em conta a utilidade terapêutica genérica que pretendemos para este projecto de investigação - comparar actuais resultados com os de uma população clínica e, neste contexto, ser pertinente a reprodução do estudo com casais em diversas fases de terapia, avaliando a eficácia da intervenção na alteração das forças e da estrutura do relacionamento conjugal, ao longo do processo terapêutico.

## 7. Referências

- Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2016). Faces III: Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa. *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 63, 92-107
- Baiocco, R., Cacioppo, M., Laaghi, F, & Tafà, M. (2013). Factorial and construct validity of FACES IV among Italian adolescents. *Journal of Child & Family Studies*, 23.962-970. doi: 10.1007/s10826-012-9658-1
- Barnes, H.L., & Olson, D.H. (1985). Parent-Adolescent Communication and the Circumplex Model. *Child Development*, 56, 438-447. doi: 10.2307/1129732

- Belsky, J., Lang, M., & Huston, T.L. (1986). Sex typing and division of labor as determinants of marital change across the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 517-522. doi:10.1037//00223514.50.3.517
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life-cycle: A framework of family therapy* (2<sup>nd</sup> ed.). Boston: Ally & Bacon
- Carvalho, J.C, Freitas, P.P, Leuschner, A., & Olson, D.H. (2014). Healthy Functioning in families with a schizophrenic parent. *Journal of Family Psychotherapy*, 25, 1-11. doi: 10.1080/08975353.2014.881685
- Cole, D.A., & Jordan, A.E. (1989). Assessment of cohesion and adaptability in component family dyads: A question of convergent and discriminant validity. *Journal of Counselling Psychology*, 36(4), 456-463. doi: 10.1037/0022-0167.36.4.456
- Drumm, M., Carr, A., & Fitzgerald, M. (2000). The Beavers, McMasyer and Circumplex clinical rating scales: a study of their sensitivity, specificity and discriminant validity. *Journal of Family Therapy*, 22, 225-238. doi:10.1111/1467-6427.00148
- Gómez-Clavelina, F.J.; Irigoyen-Coria, A., Ponce-Rosas E.R., Mazón-Ramírez, J.J; Dickinson-Bannack, M.E.,; Sánchez-González, M.E., Fernández-Ortega, M.A. (1999), Versión al español y adaptación transcultural de FACES III (Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales). *Archivos en Medicina Familiar*, 1(3), 73-79. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=12&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>
- Green, R. J., & Werner, P. D. (1996). Intrusiveness and closeness-caregiving: Rethinking the concept of family “enmeshment”. *Family Process*, 35, 115 – 136. doi: 10.1111/j.1545-5300.1996.00115.x
- Henderson, A.D., Sayger, T.V., & Horne, A.M. (2003). Mothers and sons: A look at the relationship between child behavior problems, marital satisfaction, maternal depression, and family cohesion. *The Family Journal: Counseling and therapy for couples and family*, 11, 33-41. doi: 10.1177/1066480702238469

- James, S. & Hunsley, J. (1995). The marital adaptability and cohesion evaluation scale III: Is the relation with marital adjustment linear or curvilinear? *Journal of Family Psychology*, 9(4), 458-462. doi: 10.1037/0893-3200.9.4.458
- Kline, G.H., Stanley, S.M., Markman, H.J., Olmos-Gallo, P.A., Peters, M.St., Whitton, S.W., & Prado, L.M. (2004). Timing is everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for marital outcomes. *Journal of Family Psychology*, 18 (2), 311-318. doi: 10.1037/0893-3200.18.2.311
- Kouneski, E.F. (2000). *The family circumplex model, FACES II and FACES III: Overview of research and applications*, St. Paul, MN: University of Minnesota, Twin Cities
- Mathis, R. D., & Tanner, Z. (1991). Cohesion, adaptability, and satisfaction of family systems in later life. *Family Therapy*, 18, 47-60.
- Maynard, P.E., & Olson, D.H. (1987). Circumplex model of family systems: A treatment tool in family process. *Journal of Counselling and Development*, 65, 502 – 504. doi: 10.1002/j.1556-6676.1987.tb00766.x
- Neighbourgh, R.H. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 78 (8), 11 – 15. Retrieved from [http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth\\_ed.pdf](http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth_ed.pdf)
- Noller, P. & Shum, D. (1990). The couple version of FACES-III: Validity and Reliability. *Journal of Family Psychology*, 3(4), 440-451. doi:10.1037/h0080548
- Olson, D. H., Russell, C. S., & Sprenkle, D. H. (1983). Circumplex model VI: Theoretical update. *Family Process*, 22, 69-83. doi: 10.1111/j.1545-5300.1983.00069.x
- Olson, D. H., Sprenkle, D. H., & Russell, C. S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18, 3-28. doi: 10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x
- Olson, D.H. (1999). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy: Empirical Approaches to Family Assessment*, 22, 144-167.

- Olson, D.H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167. doi: 10.1111/1467-6427.00144
- Olson, D.H., & Gorall, D.M. (2003). Circumplex model of marital of family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3rd ed., pp. 514-547). New York, NY: Guilford
- Olson, D.H., Portner, J. & Lavee, Y. (1985). *Faces III*. Family Social Science- University of Minnesota. St. Paul, Minnesota: United States
- Peleg-Popko, O., & Dar, R. (2001). Marital quality, family patterns, and children's fears and social anxiety. *Contemporary Family Therapy*, 23 (4), 465- 487. doi: 10.1023/A:1013057129790
- Relvas, A.P. (2004). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento
- Rodick, J. D., Henggler, S. W., & Hanson, C. L. (1986). An evaluation of Family Adaptability Cohesion Evaluation Scales (FACES) and the Circumplex model. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 14, 77-87. doi: 10.1007/BF00917223
- Shek, D.T.L. (2002). Family Functioning and Psychological Well-Being, School Adjustment, and Problem Behavior in Chinese Adolescents with and without Economic Disadvantage. *The Journal of Genetic Psychology*, 163(4), 497-502. doi: 10.1080/00221320209598698
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D.A., Chen, M.D., & Campbell, A.M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital Quality. *Social Forces*, 84(1), 487-505. doi: 10.1353/sof.2005.0131
- Vandeleur, C.L., Jeanpretre, N., Perez, M., & Schoebi, D. (2009). Cohesion, satisfaction with family bonds, and emotional well-being in families with adolescents. *Journal of Marriage and Family*, 71, 1205-1219. doi: 10.1111/j.1741-3737.2009.0066.x



## VIII - Síntese e Discussão Geral de Relação Conjugal ao Longo do Ciclo de Vida: Satisfação, Comunicação, Motivação, Coesão e Adaptabilidade

### 1. Introdução e Objectivos Globais da Investigação

Alguns casais superam de um modo saudável os períodos de crise que marcam a transição entre as etapas da vida conjugal. A partir do seu estudo sistemático pretendíamos perceber os factores que funcionam como promotores dessa resiliência. Assim, em cônjuges que apresentavam elevados índices de satisfação conjugal fomos estudar as características da relação, o modo como gerem os afectos e as divergências, bem como os aspectos motivacionais envolvidos no casamento. Investigámos ainda os factores que constituem as suas “áreas de força” e “áreas de fragilidade”, as diferenças de género, e as relações existentes entre a satisfação, a comunicação, a motivação, a adaptabilidade e a coesão ao longo da vida.

Nos vários artigos produzidos, avaliámos amostras cujos participantes variaram entre os 464 (**artigo A3**), - 448 (**artigo A1**), 444 (**artigo A4**), 436 (**artigo A2**) - e os 370 (**artigos 1,2,3,4,5**). Os artigos A1, A2, A3 e A4 foram de validação de instrumentos. Nos artigos 1,2,3,4,5, trabalhou-se uma amostra constituída por 185 casais em 7 fases distintas do ciclo vital. Optámos por esta divisão da amostra em grupos porque, apesar da grande produção sobre o tema conjugal, encontrámos poucos estudos sobre os *processos do casal ao longo do ciclo de vida*, que são essenciais para uma compreensão mais sofisticada do relacionamento a dois. Esta escassez foi assim um dos factores que sugeriu a direcção da nossa investigação.

Por outro lado, parecia ser necessário explorar *aspectos pouco claros* em pesquisas anteriores à nossa. Muitos dos trabalhos que revimos apresentavam *resultados contraditórios*, por exemplo, quanto ao efeito do género, a influência da coabitação ou a existência de casamentos anteriores e outros factores cruciais para a *validade interna* dos estudos, tais como a longevidade do casamento ou a presença/ausência de filhos (Bélanger, Sabourin, & Wright, 1993). As *características da amostra*, como o número de sujeitos ou a sua homogeneidade e heterogeneidade - logo o seu método de selecção - são ainda aspectos muito importantes a ter em conta nas investigações. Algo que também almejávamos prendia-se com a tentativa de ultrapassar uma limitação de muitos trabalhos anteriores que investigaram diferentes *períodos cronológicos*, mas que estiveram sujeitos a vários vieses, como a idealização dos primeiros anos de vida conjugal, quando avaliados retrospectivamente.

Tomámos como variáveis independentes, transversais a todos os estudos, o *género* e o *estádio do ciclo vital do casal*, de acordo com a literatura clássica (Carter & McGoldric, 1982; Neighbourgh, 1985; Relvas, 2004). Acrescentámos um grupo que surgiu com grande expressão no processo de recolha de dados e que foi estudado na sua especificidade por outros autores (Umberson, Williams, Powers, Chen & Campbell, 2005). Assim, considerámos a formação do casal, o casal com filhos pequenos, o casal com filhos em idade escolar, o casal com filhos adolescentes, o casal com filhos que saíram de casa, o casal na velhice, acrescentando a estes grupos, o dos casais com filhos adultos em casa. Pontualmente foram usadas outras variáveis como o tipo ou a ordem da união.

Definimos um conjunto de variáveis: a **Satisfação** conjugal: uma “avaliação pessoal e subjectiva da conjugalidade, quer em relação ao *amor*, quer ao *funcionamento* conjugal” (Thompson, 1988, p.95); a **Felicidade** Conjugal, “julgamento feito pelos cônjuges que indica a sensação de bem-estar ou satisfação que ele ou ela experimenta no relacionamento conjugal” (Fincham, 2009, p.594); a **Comunicação**, que no casal “é o processo de transferência de informação” (Meza-de-Luna & Romero-Zepeda, 2013, p.95), podendo comportar estratégias mais construtivas ou mais destrutivas, incluindo as aptidões para lidar com conflito; a **Motivação**, aquilo que move o indivíduo para agir, pensar e desenvolver-se, sendo em grande parte função de variáveis sócio-culturais que influenciam o que as pessoas fazem, mas também o modo como se sentem quando agem, podendo ser intrínseca - um conjunto de recompensas directamente mediadas pela relação com o parceiro - ou extrínseca - se estiver relacionada com recompensas recebidas dos outros, fora da relação, mas mediadas pelo envolvimento com o parceiro (Deci & Ryan, 1985, 2000, 2008; Ryan & Deci, 2000); a **Coesão**, isto é, a ligação emocional que os membros de uma família têm entre si, medida por variáveis como o vínculo emocional, as fronteiras, as alianças, o tempo, o espaço, os amigos, a tomada de decisões, os interesses e a recreação (Olson, Portner, & Lavee, 1985); a **Adaptabilidade**, capacidade de mudança na estrutura de poder e nos papéis na relação, bem como nas regras da mesma, em resposta a situações de *stress* desenvolvimental ou situacional, descrita e medida pelo poder (que inclui assertividade, controlo e disciplina), estilos de negociação, e papéis e regras na relação (Olson et al., 1985).

## 2. Estudos de validação

Para cumprir os objectivos enunciados, era necessário adaptar e validar instrumentos que servissem esse fim e que, simultaneamente, dotassem os clínicos do casal e os

investigadores portugueses de meios de avaliação adaptados e validados para a nossa população. Genericamente, do ponto de vista clínico, interessavam-nos ferramentas que orientassem e monitorizassem a evolução das intervenções em áreas particulares que já tivessem sido identificadas por esses mesmos instrumentos na fase de avaliação dos casais, colmatando as eventuais desvantagens da mera observação pelo clínico, complementando-a - utilidade esta, quiçá, maior para terapeutas conjugais em início de carreira.

Nesse sentido, escolhemos os instrumentos que nos pareciam mais úteis, tendo em conta os aspectos que mediam: Comunicação e Gestão do Conflito (**artigo A1**), Coesão e Adaptabilidade (**artigo A3**) e Motivação (**artigo A2**), factores que se sabe associados aos níveis de satisfação e felicidade conjugal. Outro dos instrumentos adaptados e validados, que acabou por não ser utilizado nos estudos empíricos, media o Amor (**artigo A4**).

Vejamos sumariamente o enquadramento e a descrição desta etapa da nossa investigação:

A maioria dos inventários de auto-resposta para avaliar a *comunicação* e a *habilidade para gerir conflitos* entre o casal centra-se na comunicação em geral e não em competências particulares, o que limita o seu interesse terapêutico (Arellano & Markman, 1995). A MADS (Arellano & Markman, 1995) / EGAD (Abreu-Afonso & Leal, 2016) (**artigo A1**), por outro lado, sublinha a comunicação e competências específicas, focando-se igualmente em capacidades concretas de manejo de situações de conflito. Diferencia ainda competências positivas e negativas. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. A *validade* de constructo foi estudada através de análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. Na nossa população, a análise factorial não confirmou os 12 factores da escala original, chegando-se a uma estrutura final de 9 factores a saber: Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva; Negatividade/Escalada Negativa; Clarificar; Disponibilidade e Expressão Afectiva; Focar/Parar; Seleccionar/ Validar; Retirada; Feedback; Comunicação Através do Tempo.

O Modelo Circumplexo - Olson et al., (1985), concretizado na FACES III (Olson et al., 1985), (Abreu-Afonso & Leal, 2016) (**artigo A3**) postula que o funcionamento familiar pode ser definido recorrendo a duas dimensões - *coesão* e *adaptabilidade*, onde a *comunicação* detém um papel facilitador. Estes três conceitos revelaram-se a partir do estudo de mais de cinquenta

outos, elaborados para caracterizar a dinâmica conjugal e familiar. A escala avalia a forma como a pessoa percebe o seu casamento no presente momento (casal real) e como gostaria que este fosse (casal ideal). Obtivemos na nossa validação uma estrutura factorial com 2 factores, coincidente com a original. O nosso disponibiliza a clínicos e investigadores um instrumento de grande utilidade já que os seus dados revelam a discrepância entre o casal percebido e o casal idealizado, isto é, uma medida do inverso da satisfação conjugal. Adicionalmente, nos casais em processo terapêutico, as respostas à relação ideal mostram caminhos para o trabalho clínico, no sentido das preferências dos indivíduos, apontando a direcção da mudança (Maynard & Olson, 1987). Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. Quanto à *validade*, a análise factorial pelo método KMO foi de 0,915, possibilitando o recurso a análises factoriais confirmatórias de componentes principais com rotação oblíqua. Obtivemos uma estrutura factorial com 2 factores, Coesão e Adaptabilidade, coincidente com a encontrada pelo autor. No que respeita à *consistência interna* o estudo revelou bons Alphas de Cronbach de 0,87 para a escala total, 0,89 para a “Coesão” e 0,70 para a “Adaptabilidade”.

Rempel, Holmes e Zanna (1985), estudaram a *motivação* para a conjugalidade e criaram um instrumento de medida, a M.S./E.M. (Abreu-Afonso & Leal, 2009) (**artigo A2**). A motivação tem uma enorme influência no estabelecimento e manutenção das relações, na escolha do parceiro, na qualidade relacional do dia-a-dia e na compreensão da satisfação conjugal (Aimé, Sabourim, & Valois, 2000; Bernstein, 1990; Blais, Sabourin, Boucher, & Vallerand, 1990; Deci & Ryan, 2000, 2008; Gaine & La Guardia, 2009; Impett, Gable, & Peplau, 2005; Impett et al., 2010; Knee, Patrick, Vietor, Nanayakkara, & Neighbors, 2002; Kogan, et al., 2010; Patrick, Knee, Lonsbary, & Canevello, 2007; Rempel et al, 1985). Blais et al. (1990) esquematizam o modelo de motivação no casal da seguinte forma: O estilo individual de motivação do sujeito para manter a ligação influencia o seu comportamento na relação íntima; os comportamentos relacionais de ambos os parceiros influenciam a percepção dos comportamentos adaptativos do casal; estas percepções individuais têm por sua vez um impacto na felicidade com a relação. A percepção dos parceiros de que estão envolvidos na relação porque ela vale por si é necessária para que sentimentos de amor ocorram, de acordo com Kelley (1979), citado por Rempel e colaboradores (1985), que também observaram que o amor e a satisfação se correlacionam positivamente com a motivação intrínseca. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. Quanto à *validade*, a análise factorial pelo método KMO foi de 0,954 para a sub-escala de motivos pessoais e 0,952

para a escala de motivos do parceiro, permitindo o recurso a análises factoriais confirmatórias de componentes principais com rotação oblíqua, que não confirmaram uma estrutura tripartida. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. Os Alphas dos 2 factores e dos totais das escalas foram superiores aos encontrados pelos autores da escala na sua estrutura factorial tripartida. Obtivemos assim uma escala final constituída por duas sub-escalas: sub-escala de motivação intrínseca e sub-escala de motivação extrínseca.

O interesse pelas relações próximas arrastou o aumento da investigação sobre o amor romântico. Desenvolveram-se as teorizações e surgiram vários instrumentos de medida. K. E. Davis (1996) criou o Relationship Rating Form (RRF) para medir a amizade, as relações românticas e o amor. A noção de *amor* aqui usada deriva de um corpo empírico e conceptual radicado na Psicologia Descritiva. Entende-se o amor como um conceito prototípico na sua natureza. A construção do instrumento sustenta-se num caso paradigmático ou ideal que foi desenvolvido incorporando todos os aspectos relevantes que um caso real de amor deve ter. Para a amostra do estudo de adaptação e validação para a população portuguesa (Abreu-Afonso & Leal, 2017), a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. A *validade* de constructo foi estudada através de análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. A análise factorial para a nossa população não confirmou a estrutura original. Chegámos a uma estrutura final também de sete factores, mas não coincidente com a encontrada por Davis em 1996. Designámos os factores encontrados por: 1-Sucesso e Satisfação Geral; 2-Desilusão Amorosa; 3- Cuidado Mútuo; 4-Compromisso; 5-Fascinação; 6-Conhecimento; 7- Coerção. No factor 1 incluímos as seguintes sub-escalas: *Respeito/Auto-Estima; Comunicação Honesta e Íntima; Erotismo/Desejo; Satisfação; Manutenção; Aceitação*. No factor 2 considerámos as sub-escalas de *Desconfiança/Desapontamento; Desrespeito/Deslealdade; Tensão/Ambivalência*. No factor 3 tivemos em conta as sub-escalas de *Auxílio; Defesa; Dar o Máximo*. O factor 4 integra as sub-escalas de *Prazer; Confiança; Exclusividade e Projecção no futuro*.

### 3. Estudos empíricos

Fomos, de seguida, por meio de cinco estudos empíricos, que incluíam uma revisão teórica e uma aplicação das escalas anteriores, investigar a evolução daqueles factores ao longo do casamento, nomeadamente nos pontos nodais de crise/mudança no ciclo de vida do casal, bem como diferenças de género, o tipo de união ou a ordem da mesma (**artigos 1, 4 e 5**) e, em

dois dos artigos, a presença/ausência de filhos, o tempo partilhado e o tempo de divertimento a dois, e ainda a ideia de terminar a relação (**artigos 2 e 3**).

### 3.1. Questões e Resultados dos Estudos Empíricos

A nossa amostra tinha características muito específicas, avaliadas nalgumas questões prévias dos instrumentos, nomeadamente nos **artigos 3 e 4**. Assim, e indo ao encontro do nosso objectivo inicial de estudar casais satisfeitos, confirmámos estas características, obtendo-se na maioria dos participantes, quando respondem a um índice único de satisfação conjugal, valores entre o satisfeito e o muito satisfeito para ambos os sexos (**artigos 3 e 4**). No entanto, a satisfação conjugal mostrou-se mais complexa quando se consideraram homens e mulheres nas diferentes etapas da vida e na sua interacção com outras variáveis, como veremos nas páginas seguintes. Por um lado, em certas questões, a perspectiva masculina do casamento revelou-se mais positiva que a feminina. Encontrámos valores masculinos significativamente mais baixos no desejo de não estar na relação actual ou mesmo na vontade de terminá-la (**artigo 3**). Por outro, quando os participantes respondem de forma detalhada, numa escala de 44 item que medem a satisfação conjugal em diferentes áreas, os resultados revelam a complexidade desta variável e da sua expressão e variação nos homens e nas mulheres ao longo do ciclo de vida (**artigo 1**).

Globalmente, o nosso trabalho levantava um grande conjunto de interrogações que tentaremos, a partir de agora sintetizar em seis questões mais transversais. Algumas das questões originais estudavam o comportamento das variáveis, separadamente, nos homens e nas mulheres.

Consideremos então:

1. *Como varia a Satisfação, a Comunicação e a Gestão de Conflitos, a Coesão e Adaptabilidade Conjugal, de acordo com o género?*

Comparando géneros, independentemente da fase da relação surgem similitudes e, simultaneamente, algumas diferenças de género.

Atendendo a Satisfação Conjugal Global, quando esta resulta do somatório dos resultados obtidos por área da vida conjugal, esta mostrou-se semelhante nos homens e nas mulheres. Os valores médios para ambos os parceiros indicam a relação como satisfeita, sem diferenças significativas (**artigo 1**). Curiosamente, ao responder a um índice único de satisfação e de felicidade conjugal (**artigos 2 e 3**), surge uma maior percentagem de homens que referem ser felizes ou muito felizes (86.5%) e estar satisfeitos ou muito satisfeitos (92.4%), comparativamente com as mulheres que apresentam uma percentagem de 80.5% (felicidade) e 89.2% (satisfação). A diferença entre géneros é estatisticamente significativa (0.025 e 0.040 respectivamente). Os homens apresentam também, valores quer de satisfação, quer de felicidade, significativamente mais elevados que as mulheres.

Nas estratégias de Comunicação e Gestão de Conflito, verificámos diferenças significativas na utilização de apenas três das nove estratégias estudadas - Clarificação, Retirada e Seleccionar/ Validar. Enquanto, os homens parecem utilizar mais a estratégia Seleccionar/ Validar, as mulheres apresentaram valores significativamente mais elevados nas dimensões Clarificação, e Retirada. Curiosamente, as diferenças verificam-se todas nas estratégias de gestão de conflito (**artigo 3**).

No que respeita à Coesão e Adaptabilidade, os resultados mostram semelhanças entre os homens e as mulheres. Na verdade, apenas se encontram diferenças estatisticamente significativas nos valores Ideais de Adaptabilidade, mais elevados nas mulheres que nos homens (**artigo 5**).

Do interesse em perceber a evolução destas dimensões ao longo da vida, quer nos homens, quer nas mulheres, decorre nossa segunda questão:

*2. Como varia, nos homens e nas mulheres, ao longo do ciclo de vida, a Satisfação, a Comunicação e a Gestão de Conflitos, a Motivação para a conjugalidade, a Coesão e a Adaptabilidade conjugal?*

A análise dos valores de *Satisfação Global* na nossa amostra (**artigo 1**) indica uma satisfação mais elevada antes do nascimento do primeiro filho. Na fase seguinte, ambos os

parceiros revelam um decréscimo que não volta a ser recuperado em fases posteriores, com excepção de algumas áreas, no período da idade escolar das crianças, onde a satisfação retorna brevemente aos valores iniciais para, de seguida, voltar a baixar e a estabilizar.

Olhando para os resultados das dimensões da Satisfação - Amor e Funcionamento - verificámos:

Na dimensão *Amor*, as mulheres dos casais sem filhos apresentam valores mais elevados que a maioria das dos restantes grupos, exceptuando as mulheres com filhos em idade escolar onde os valores totais de Amor foram, mais uma vez, semelhantes aos apresentados na formação do casal. Também no *Funcionamento*, as mulheres dos casais sem filhos, apresentam valores mais elevados de satisfação, mas desta vez com excepção das mulheres na velhice.

No género masculino, verificaram-se nos homens sem filhos ou com filhos em idade escolar valores de *Amor* semelhantes, que são por sua vez mais elevados que os apresentados pelos homens com filhos adolescentes e cujos filhos já saíram de casa. No que diz respeito aos valores totais de *Funcionamento*, não foram encontradas diferenças significativas entre os homens nas diferentes etapas do casamento.

Globalmente, os valores de *Amor e Funcionamento Total* são mais elevados nos cônjuges em início de relação, para ambos os géneros, facto especialmente marcado nas mulheres.

Detalhando a análise e observando as dimensões constituintes do Amor e do Funcionamento obtemos uma visão mais fina dos resultados.

### ***Dimensões do Amor***

Ao longo do casamento, e no que respeita aos constituintes do Amor, as mulheres apresentam flutuações em todas as cinco áreas enquanto os seus parceiros as apresentam em apenas três. Vejamos:



Verifica-se, em homens e em mulheres, um decréscimo na satisfação com a *Sexualidade* após o nascimento do primeiro filho, com exceção dos casais com filhos em idade escolar, cujos valores de satisfação se assemelham aos encontrados na formação do casal. Os homens com filhos em idade escolar apresentam uma maior satisfação com a sexualidade comparativamente com os homens cujos filhos já saíram de casa ou com filhos adultos em casa.

A *Expressão de Sentimentos* apresentou diferenças significativas entre grupos etários para ambos os géneros. Se para as mulheres estas diferenças aparecem logo após o nascimento do primeiro filho, para os seus companheiros são apenas significativas quando estes atingem a adolescência, prolongando-se até à sua maioridade.

Por outro lado, a *Continuidade* da relação revelou igualmente diferenças significativas entre períodos da vida para ambos os parceiros. Os nossos resultados confirmam um decréscimo com a satisfação nesta área, manifestando-se mais cedo nas mulheres, logo após o nascimento do primeiro filho.

Como referimos, a amostra feminina apresentou, ao longo do ciclo conjugal, alterações na Satisfação em mais duas áreas: Características Físicas e Psicológicas e Intimidade Emocional. No que respeita às *Características Físicas e Psicológicas*, no nosso estudo, a percepção das mulheres da sua atractividade diminui após a maternidade, com exceção do grupo das mulheres com filhos em idade escolar. Os nossos resultados mostraram ainda que as mulheres sem filhos têm valores mais elevados de satisfação na *Intimidade Emocional* que as restantes, à exceção das mulheres do grupo da velhice.

### ***Dimensões do Funcionamento***

Verificou-se a existência de diferenças significativas em quatro das cinco áreas constituintes da dimensão Funcionamento. Comum a ambos os parceiros, foram encontradas diferenças entre fases da vida para as Relações Extrafamiliares e Tempos Livres. As mulheres revelaram também diferenças nas Funções e Papéis, e os homens na Comunicação e Conflito.

Tanto as mulheres como os homens sem filhos apresentaram uma maior satisfação com as *Relações Extrafamiliares*. As relações estabelecidas com a família de origem, amigos e as

ligações profissionais dos parceiros, são melhores antes no nascimento do primeiro filho. Excepção encontrada para os casais que têm filhos em idade escolar e os casais na velhice.

Nos nossos resultados, após o nascimento das crianças e em todas as fases seguintes, as mulheres apresentaram níveis de satisfação com os *Tempos Livres Partilhados* mais baixos. Tal não se verificou para os homens que, em algumas fases (com filhos em idade escolar, com filhos adultos a viver em casa e na velhice) apresentaram satisfação semelhante às do período da formação do casal.

Ao longo do ciclo conjugal, as mulheres apresentam também diferenças na área das *Funções e Papéis*. Os valores traduzem uma maior satisfação com a gestão financeira, tarefas domésticas, decisões e responsabilidades nas mulheres sem filhos quando comparadas com todas as outras exceptuando as mulheres com crianças em idade escolar e na velhice.

No que diz respeito à satisfação na dimensão *Comunicação e Conflito*, apenas foram encontradas diferenças nos valores masculinos, sendo estes significativamente mais baixos nos homens com filhos pequenos, filhos adolescentes e cujos filhos saíram de casa, comparativamente com os homens sem filhos

### ***Os Focos***

A distinção entre os diferentes focos da satisfação (**artigo 1**) permite-nos verificar a quem o sujeito atribui a maior responsabilidade pelos níveis de satisfação retratados. Desta forma, os resultados sugerem que, na formação do casal, a responsabilidade pela satisfação conjugal é vista por ambos os parceiros como resultado tanto da acção do próprio, como do outro, fruto da relação em si. Por outro lado, as mulheres com crianças em idade escolar atribuem a maior responsabilidade pela sua satisfação global a elas próprias quando comparadas com as que ainda não foram mães.

Já os homens sem filhos atribuem mais os seus níveis de satisfação quer à sua própria acção, como à da parceira, como fruto da relação, quando comparados com os homens dos restantes grupos etários. Contudo, os homens com filhos em idade escolar acham-se mais responsáveis pela satisfação do casal do que os que têm filhos adolescentes e aqueles cujos filhos já saíram de casa.

Nos resultados do estudo da *Comunicação e Gestão de Conflitos*, a comparação entre participantes do mesmo género permitiu confirmar que as estratégias usadas nestas áreas se modificam durante o casamento (**artigo 2**). Observámos maiores transformações nos padrões comunicacionais na fase da transição para a parentalidade e nas fases posteriores à maioridade dos filhos. Vejamos:

No que diz respeito ao género feminino, quatro das nove estratégias consideradas na EGAD (duas de comunicação e duas de gestão de conflito), sofrem alterações significativas ao longo dos vários estádios – Expressão Emocional/Comunicação Positiva, Disponibilidade/Expressão Afectiva, Clarificação e Focar/Parar. Os resultados mostram um maior uso de *Expressão Emocional/Comunicação Positiva* e *Disponibilidade/Expressão Afectiva* pelas mulheres sem filhos. Estas recorrem também mais à *Clarificação* quando comparadas às mulheres com filhos adolescentes, filhos adultos em casa, e na velhice. Por outro lado, as mulheres com filhos adultos em casa apresentam uma menor utilização da *Clarificação* em comparação com os três primeiros estádios da relação. Mulheres sem filhos e com filhos em idade escolar utilizam menos a estratégia *Focar/Parar*, comparativamente com as que têm filhos adolescentes e filhos que saíram de casa ou as que têm filhos adultos que ainda vivem em casa. A análise do comportamento feminino ao logo do casamento permite-nos ainda verificar nas mulheres cujos filhos saíram de casa, comparadas com os restantes grupos, um menor recurso à estratégia *Expressão Emocional/ Comunicação Positiva*.

Os resultados masculinos apresentam alterações em apenas três estratégias ao longo do tempo (uma de comunicação e duas de gestão de conflito – Expressão Emocional/ Comunicação Positiva, Validar/ Seleccionar e Retirada). Homens sem filhos utilizam mais *Expressão Emocional/Comunicação Positiva* quando comparados com os outros. Por outro lado, homens com filhos pequenos utilizam menos *Seleccionar/ Validar* com excepção da etapa correspondente à saída dos filhos de casa. Os resultados mostram ainda, nos homens dos grupos mais velhos (filhos adultos em casa e que já saíram de casa e velhice), um aumento da *Retirada*.

Reportando agora aos resultados do estudo da *Motivação* (**artigo 4**) podemos ver que, durante o ciclo do casamento, as motivações masculinas e femininas não sofrem grandes flutuações. Globalmente, a motivação intrínseca e extrínseca dos homens, tanto pessoal quanto percebida, tende a ser imutável. Nas mulheres, apenas a motivação intrínseca, tanto pessoal como percebida, apresenta alterações, diminuindo após a maternidade.

Já na análise por género das transformações na *Coesão e Adaptabilidade* no ciclo vital (**artigo 5**), os resultados mostraram que, ao longo do tempo, as mulheres diferem entre si significativamente apenas no que diz respeito à Coesão Ideal, a qual é mais elevada “Formação do Casal” que nos outros grupos da amostra. Contrariamente, os valores mais baixos de Coesão Ideal foram reportados pelas mulheres mais velhas, as dos “Casais na Velhice”. Para o género masculino apenas se encontraram diferenças na Adaptabilidade Ideal, onde os valores mais baixos foram registados nos homens com filhos adultos a viver em casa. A comparação entre valores reais e ideais em cada género revelou diferenças significativas para ambos os conceitos em estudo. Os valores mostram que tanto os homens como as mulheres idealizam relações com maior Coesão e Adaptabilidade que as sentidas na relação concreta, sendo a discrepância maior para a adaptabilidade.

Na questão seguinte, procurámos comparar homens e mulheres em cada fase da vida, de forma a verificar eventuais divergências específicas de cada período do casamento.

### *3. Quais as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres, na Satisfação Conjugal, na Comunicação e Gestão de Conflitos, na Motivação e na Coesão e Adaptabilidade em cada fase do ciclo conjugal?*

A comparação entre géneros mostrou-nos que, ao longo da vida, na maioria das áreas da conjugalidade, os parceiros têm níveis de *Satisfação* semelhantes. Contudo, naquelas em se verificaram discrepâncias, os valores mais altos de satisfação foram, por norma, registados, pelas mulheres (**artigo 1**).

A análise dos resultados referentes às dimensões *Amor e Funcionamento Total* mostrou que não há diferenças significativas entre géneros no ciclo conjugal no que respeita às seguintes áreas do Amor: *Sentimentos e Expressão de Sentimentos*, *Sexualidade*, *Características Físicas e Psicológicas* e *Continuidade da Relação*. Há, por outro lado, diferenças entre parceiros e em todos os grupos etários na área da *Intimidade Emocional*, onde as mulheres se encontram mais satisfeitas que os homens.

Na dimensão *Funcionamento* verificámos que entre os elementos do casal, não há diferenças significativas ao longo do ciclo conjugal no que respeita à *Autonomia e Privacidade*

e aos *Tempos Livres*. Foram encontradas diferenças em três áreas: *Papéis e Funções*, *Comunicação e Conflito* e *Relações Extra-familiares*. Quais foram estas diferenças?

Nos casais com filhos pequenos, com filhos adultos em casa e cujos filhos saíram de casa (diferença quase significativa), os homens apresentaram uma maior satisfação com os *Papéis e as Funções* partilhados pelos cônjuges.

A comparação entre os membros do casal mostrou também diferenças significativas na *Comunicação e Conflito*, onde as mulheres tiveram resultados mais altos em quase todos os períodos do casamento, com exceção dos casais com filhos em idade escolar e casais cujos filhos já saíram de casa, nos quais os valores dos cônjuges foram semelhantes

Por último encontraram-se diferenças entre os cônjuges na área da *Relação Extra-familiar* onde, mais uma vez, as mulheres se encontram mais satisfeitas. A exceção foram os casais cujos filhos saíram de casa e os casais na velhice nos quais ambos apresentam o mesmo grau de satisfação

No total do *Funcionamento* só nos casais sem filhos houve diferença significativa entre géneros, com as mulheres mais satisfeitas que os homens.

Quanto ao *Foco*, os nossos resultados revelaram diferenças entre os elementos do casal em todos os grupos, unicamente para os itens referentes ao Foco no próprio, apresentando as mulheres valores mais elevados do que os homens.

Os resultados do estudo da Satisfação ao longo da vida sugerem que, para ambos os elementos do casal, a dimensão Amor exerce uma maior influência na Satisfação Global, apresentando em todos os grupos da amostra valores de satisfação mais elevados que a dimensão Funcionamento.

Na análise da *Comunicação e Gestão de Conflitos* (**artigo 2**), verificou-se que, na maioria das nove estratégias, homens e mulheres apresentam valores semelhantes, sugerindo poucas divergências nos padrões comunicacionais do casal ao longo da vida. Contudo, naquelas estratégias de comunicação e gestão de conflito em que há diferenças, as mulheres apresentam alterações a partir de fases mais precoces do relacionamento.

A análise das diferenças de género em cada fase do ciclo mostra que, em quatro das sete etapas consideradas no estudo, pelo menos uma das nove estratégias estudadas apresenta diferenças significativas entre os membros do casal. Assim, há diferenças entre respostas masculinas e femininas nos casais sem filhos, com filhos em idade escolar, filhos adolescentes e filhos adultos em casa. Quando estudado o efeito moderador, os casais com filhos pequenos e cujos filhos já saíram de casa também apresentaram diferenças.

Já nos casais sem filhos, a única diferença significativa apareceu na *Disponibilidade/ Expressão Afetiva*, com valores mais elevados para as mulheres.

Quando as crianças atingem a idade escolar, os homens parecem utilizar com mais frequência a estratégia *Seleccionar/ Validar* aumentando o controlo da sua reacção à mensagem da parceira, apresentando mais comportamentos de revisão. Esta é a primeira etapa em que se verifica, na amostra masculina, ao compará-la com a feminina, o maior recurso a uma das estratégias estudadas.

Durante a adolescência dos filhos, as mulheres apresentam uma maior frequência de *Focar/ Parar*.

Nos casais cujos filhos em idade adulta que permanecem em casa, apenas nos homens se verifica um maior uso de *Seleccionar/ Validar*.

Nos casais com filhos pequenos, o efeito moderador mostra uma diferença moderada, na qual as mulheres apresentam um valor mais elevado na *Clarificação*.

Embora na nossa amostra exista um número reduzido de casais cujos filhos já saíram de casa, o estudo da dimensão do efeito aponta para uma frequência maior na utilização de estratégias como *Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva* e *Clarificação*, pelas mulheres.

No estudo da *Motivação* (**artigo 4**), a comparação entre géneros dentro de cada estágio mostrou diferenças dignas de nota. A motivação dos homens (pessoal e percebida) apresentou uma base mais *extrínseca* nos primeiros anos de paternidade. Os homens dos casais na velhice também mostraram uma crescente percepção de valores extrínsecos das esposas.

Ao contrário das mulheres, os homens apresentaram menos congruência entre a motivação percebida e pessoal.

A investigação da *Coesão e Adaptabilidade* (**artigo 5**), na comparação entre géneros no interior de cada estágio, apresentou diferenças apenas para a *Adaptabilidade Ideal*, com valores mais elevados para as mulheres com filhos (excepção dos casais com filhos em idade escolar). Falamos de fases que correspondem ao nascimento do primeiro filho, à adolescência, à fase do ninho vazio e ao grupo que tem filhos adultos em casa.

Na comparação entre géneros das discrepâncias real-ideal da *Coesão* ao longo das várias fases da relação, verificam-se diferenças: a amostra feminina apresenta valores superiores aos da masculina, mas apenas quando os filhos saem de casa. Por outro lado, foram encontradas discrepâncias com valores mais elevados para os homens no grupo de formação do casal e casais de velhice. Para a *Adaptabilidade*, os valores mais altos de discrepância foram encontrados nos casais com filhos pequenos, cujos filhos saíram de casa e com os filhos adultos que vivem em casa.

As mulheres cujos filhos já saíram de casa apresentam maiores diferenças significativas entre a relação Real e Ideal tanto para a *Coesão* como para *Adaptabilidade*, quando comparadas com os cônjuges.

#### 4. *Existem diferenças na Comunicação e Gestão de Conflitos, na Coesão e na Adaptabilidade, entre os casais casados que os casais em união de facto?*

Os nossos resultados para a *Comunicação e Gestão de Conflitos* (**artigo 2**) mostraram diferenças significativas entre os dois tipos de união, mas, contrariamente ao que seria de esperar, ambos os parceiros em união de facto tendem a utilizar mais vezes estratégias que envolvem a expressão de afectos e emoções. Foram ainda encontradas diferenças nos valores masculinos de Retirada, onde os resultados mostram que os homens casados utilizam mais frequentemente esta estratégia.

Verificámos também (**artigo 5**) que nos homens em coabitação há maiores níveis de *Coesão e Adaptabilidade* Real e Ideal que nos homens casados. As mulheres em coabitação

apresentam apenas maior Coesão, Real e Ideal, quando comparadas às casadas. Ambos os tipos de união revelam discrepâncias semelhantes entre valores reais e ideais nestas variáveis.

Algumas outras questões originais ligavam as variáveis em estudo - o Amor e o Funcionamento conjugal, a Comunicação e Gestão de Conflitos, a Motivação, a Coesão e a Adaptabilidade - com a Satisfação e a Felicidade conjugal.

*5. De que forma a Satisfação e a Felicidade conjugal dos homens e mulheres variam ao longo do ciclo vital e são influenciadas pelo Amor e o Funcionamento conjugal, a Comunicação e Gestão de Conflitos, a Motivação, a Coesão e a Adaptabilidade?*

Na *Satisfação Global* dos casais, a dimensão *Amor* (Sentimentos e Expressão de Sentimentos; Sexualidade; Características Físicas e Psicológicas; Intimidade Emocional e Continuidade) exerce uma influência maior que o *Funcionamento* (Funções e Papéis; Comunicação e Conflito; Tempos Livres; Autonomia e Privacidade e Relações Extrafamiliares) (**artigo 1**).

Verificámos também que, nas estratégias de *Comunicação e manejo do Conflito* os casais com níveis mais elevados de satisfação e felicidade utilizam mais estratégias como a *Expressividade Emocional/Comunicação Positiva* e *Disponibilidade / Expressão Afectiva*, sugerindo, que a expressão de afectos positivos e emoções (estratégias construtivas) é crucial para o aumento da satisfação conjugal. Por outro lado, estratégias ligadas à expressão de sentimentos e emoções negativas – *Negatividade* e *Escalada Negativa* (estratégias destrutivas) e a *Retirada* – estão relacionadas com a diminuição dos níveis de satisfação e felicidade (**artigo 2**).

Na sua relação com a *Motivação*, e numa perspectiva global, a satisfação conjugal parece ser influenciada principalmente pela *motivação intrínseca*, tanto pessoal como percebida. No entanto, algumas excepções podem ser identificadas. Nos casais com filhos adolescentes, além da relação com a motivação intrínseca, a satisfação das mulheres mostrou uma influência significativa de motivos pessoais extrínsecos. Nos casais mais velhos, para além de motivação extrínseca (pessoal e percebida), também os motivos intrínsecos pessoais parecem desempenhar um papel menos importante para a satisfação conjugal, em ambos os parceiros (**artigo 4**).



A análise dos dados relacionados com a felicidade, no mesmo artigo, revelou que a amostra se situa entre feliz e muito feliz em ambos os géneros. No entanto, à semelhança do que acontece com a satisfação, homens e mulheres apresentaram uma diminuição da felicidade com o nascimento do primeiro filho. Uma análise comparativa entre géneros dentro dos diferentes grupos mostrou que apenas quando os filhos adultos ainda estão em casa os homens são mais felizes do que as mulheres.

Para a maioria dos grupos e em ambos os géneros, a felicidade é influenciada principalmente pela *motivação intrínseca*, tanto pessoal quanto percebida. No entanto, algumas exceções podem ser apontadas. Para as mulheres, a importância de motivos externos sofre um aumento quando as crianças atingem a idade escolar e a adolescência. Os casais mais velhos mostram uma diminuição na relação entre a felicidade e motivação, exceção para as mulheres, nas quais, embora se verifique este decréscimo, se mantém a relação entre a felicidade e a motivação intrínseca percebida (**artigo 4**).

6. Outras questões, finalmente, comparavam *primeira e segunda relação conjugal, casais com e sem filhos, o tempo partilhado e o tempo de divertimento com o cônjuge*, ligando estas questões com as *estratégias de comunicação no casal*.

Não se verificam diferenças significativas, em nenhum dos géneros, entre as estratégias de *Comunicação e Gestão do Conflito* presentes nas primeiras e segundas uniões. Contudo, na segunda união, as mulheres parecem utilizar ligeiramente mais a *Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva* (**artigo 3**).

Na comparação entre casais com e sem filhos - sem se atender ao momento do ciclo de vida em que se encontram, estratégias como *Expressão Emocional/ Comunicação Positiva, Clarificação* e *Disponibilidade/ Expressão Afectiva*, apresentam diferenças significativas que apontam para um decréscimo no seu uso com a parentalidade. Estes resultados vão no sentido dos encontrados quando analisámos as estratégias de Comunicação e Gestão de Conflito ao longo das diferentes etapas do casamento (**artigo 2**).

Tal como esperado, as estratégias de comunicação e gestão de conflito construtivas são menos utilizadas pelos casais que em algum ponto do seu relacionamento pensaram em terminá-

lo. Verificou-se também um valor mais elevado na Negatividade/Escalada Negativa nestes casais.

Verificámos que as estratégias construtivas, assim como os afectos e emoções positivas, aparecem associados com os níveis de satisfação com o tempo passado a sós com o parceiro e com o tempo de divertimento em casal. Por outro lado, tal com esperado, a Negatividade/Escalada Negativa apresenta uma relação inversa com a satisfação nestas áreas (**artigo 3**).

### 3.2. Discussão

Do nosso estudo resultam algumas questões que merecem ser sublinhadas.

Na avaliação dos resultados *globais por género*, a *Motivação*, a *Coesão* e a *Adaptabilidade*, a *Satisfação*, a *Comunicação* e as *Estratégias de Gestão de Conflitos* são semelhantes entre os membros do casal, diferindo apenas em alguns aspectos, em cuja maioria as mulheres se destacam com valores mais altos (**artigos 1,2,3,4,5**). Tanto os homens como as mulheres expressam valores de coesão e adaptabilidade ideal mais elevados que os sentidos como reais. Contudo, existe um maior desejo feminino de *adaptabilidade* - flexibilidade e mudança - no que respeita à liderança, controlo, disciplina, papéis e regras na relação (**artigo 5**).

Nos padrões de *comunicação*, dentro da semelhança global entre géneros, algumas diferenças devem ser tidas em conta: enquanto eles, numa situação de conflito, optam preferencialmente por controlar a mensagem da parceira através do uso de comportamentos de revisão, elas escolhem discutir claramente sentimentos e pensamentos ou retirar-se (**artigo 2**). De notar que a presença deste afastamento físico e emocional das discussões implícito na Retirada contraria o que seria esperado, pois é normalmente uma estratégia associada ao género masculino, por oposição às mulheres emocionalmente mais expressivas (Margolin & Wampold, 1981).

A avaliação das etapas do casamento envolveu a comparação intra-género e inter-género.

No primeiro caso, a *comparação entre homens* e a *comparação entre mulheres*, o primeiro ponto a realçar são os resultados do grupo formação do casal no qual tanto os homens

como as mulheres registaram valores mais elevados em todas as variáveis (**artigos 1,2,3,4,5**) estudadas, decrescendo com a transição para a parentalidade, sem se verificar uma recuperação significativa nas fases posteriores. Quer o conjunto dos homens quer o das mulheres, apresentam flutuações na *Satisfação* no decorrer do ciclo de vida (**artigo 1**). Verificou-se, no entanto, um decréscimo mais acentuado no grupo feminino. Além de se verificar em mais áreas do amor e do funcionamento, este decréscimo dá-se logo a partir do nascimento do primeiro filho. Já nos homens as mudanças são em menos áreas e não apresentam um marco temporal tão evidente.

A passagem para a parentalidade confirma-se como uma fase de grandes desafios para a saúde conjugal. A gravidez produz alterações, anatómicas, físicas, psicológicas e emocionais que influenciam diferentes áreas, processo muitas vezes incrementado por mitos, crenças e tabus socioculturais. Referimo-nos, tendo em conta os resultados de ambos os géneros, da Satisfação com a sexualidade, expressão de sentimentos, continuidade da relação, relações extra-familiares, tempos livres. Acresce para os homens a satisfação com a comunicação e conflito e nas mulheres com a intimidade emocional, características físicas e psicológicas, as funções e papéis no seio do casal.

O aumento do papel parental parece estar relacionado com a diminuição da função de parceiro e amante. A presença dos filhos acarreta uma diminuição do tempo, da disponibilidade, da privacidade e da energia. Assim, todas as alterações subjacentes a este período, podem originar quer um decréscimo na satisfação das mulheres com o seu aspecto físico, características e hábitos, quer com o que percebem ser a satisfação dos companheiros com o seu aspecto físico, características e hábitos. Consequentemente, aumentaria a tensão entre os cônjuges e nos seus papéis, quer como casal romântico, quer como pais. Estudos anteriores, aliás, evidenciaram que regra geral as mulheres têm um decréscimo da sexualidade depois do período pós-parto, em que o próprio bebé irá preencher algumas necessidades da intimidade materna, por exemplo no que respeita ao toque (Nezhad & Goodarzi, 2011).

Também o tempo partilhado tem um importante papel na família e os casais sem filhos têm mais tempo para gastar em actividades de lazer do que casais que são pais (Voorpostel, Van der Lippe, & Gershuny, 2009). Verificamos que quer os homens quer as mulheres sofrem este impacto. O tempo em família tende a sobrepôr-se ao tempo em casal e estas restrições são habitualmente mais sentidas, pelas mulheres (Voorpostel, Van der Lippe, & Gershuny, 2010)

recorrentemente ligadas ao papel de cuidadoras e que, além deste papel, hoje em dia, as desempenham simultaneamente com o de co-provedoras. O trabalho a tempo inteiro fora de casa pode também ser um factor de stress que leva à diminuição do bem-estar originando consequentemente conflitos, especialmente para as mulheres que se têm de dividir em múltiplas funções, dentro e fora do lar (Belsky, Lang, & Huston, 1986; Leslie & Anderson, 1988; Rogers & Amato, 2000; Ruppanner, 2008). Existe uma maior necessidade ou capacidade feminina de discutir questões de cariz íntimo, comparativamente aos seus companheiros (Mirgain & Cordova, 2007; Rauer & Volling, 2005), assim como uma maior tendência a expor mais vulnerabilidades (Waldinger, Hause, Schultz, Atten, & Crowell, 2004), o que pode ajudar a compreender porque nos homens diminui a satisfação na área da comunicação e conflito.

O facto da ideia da continuidade da relação ser abalada nos dois géneros neste período de passagem para a parentalidade, recorda-nos que, regra geral, os primeiros anos de casamento são caracterizados por um maior optimismo quanto ao futuro da relação (Lavner, Karney, & Bradbury, 2013).

Assim, a expectativa sustentada por algumas investigações, que, após a saída dos filhos, a **satisfação conjugal** voltasse a aumentar (Gorchoff, John, & Helson, 2008; Umberson et al., 2005) não se confirmou na nossa amostra. Os nossos resultados apontam mais no sentido do artigo de revisão de Cowan e Cowan (1995) que, após a análise de alguns trabalhos, tinham já sugerido que a transição para a parentalidade leva à deterioração do casamento de uma forma que talvez nunca possa ser recuperada.

Continuando a comparação dos homens entre si e das mulheres entre elas, verificamos que também as estratégias de Comunicação e Gestão de Conflito (**artigo 2**) sofrem alterações ao longo do ciclo conjugal. As maiores transformações ocorrem, também, no período do nascimento dos filhos, e ainda após a maioridade destes. Na continuidade dos resultados no estudo da Satisfação, mais uma vez, sublinha-se a existência de maiores flutuações femininas que masculinas, sugerindo que as mulheres sofrem um maior impacto com o nascimento do primeiro filho. Os resultados reforçam a ideia desta transição como uma fase que requer especial atenção. O aparecimento das crianças no seio conjugal obriga homens e mulheres a procurar forma de resolver os dilemas internos e interpessoais com que se depararam (Levy-Shiff, 1994) sendo que, no nosso estudo, observamos um decréscimo na utilização de algumas estratégias construtivas. Não podemos afirmar que existe um acréscimo de conflito na relação

com a chegada dos filhos, mas podemos dizer que há alterações significativas na comunicação, nesta fase da vida. A avaliar pelo uso de estratégias de gestão de conflito medidas pelo nosso instrumento, a Clarificação, nas mulheres, decresce com a parentalidade, enquanto o Selecionar/ Validar (homens) e o Focar/Parar (mulheres) apesar de oscilarem, decrescem também. Assim, na nossa amostra, podemos confirmar um empobrecimento nas estratégias de comunicação positivas.

Verificamos igualmente que, depois da emancipação dos filhos, o casal volta a ser confrontado com outras necessidades de adaptação. Trata-se da entrada e saída de elementos da família, do realinhamento das relações, da proximidade da reforma, da mudança de papéis e mesmo do processo de envelhecimento cada vez mais evidente. Todas estas alterações, coincidentes com o reaprender a viver a dois, convergem para mudanças nos padrões comunicacionais. Tal como aconteceu com a chegada dos filhos, à sua saída há um decréscimo da expressão de sentimentos, emoções e pensamentos, assim como da discussão clara dos mesmos, e um maior uso de comportamentos que envolvem parar a discussão, concordando em adiá-la ao mesmo tempo que se procura discutir um tema de cada vez. Os resultados de Duba, Hughey, Lara e Burke (2012) sugerem que os casais na velhice, apesar de a relação ter perdurado no tempo, apresentam decepções e insatisfações, nomeadamente na resolução de conflitos, apontando para uma inabilidade em discutir tópicos sensíveis. Outros autores sublinham que, com aumento da idade, as pessoas tendem a usar estratégias que limitam a experiência de afectos negativos, mesmo durante o conflito (Carstensen, Gottman, & Levenson, 1995). O aumento da Retirada, por parte dos homens mais velhos comparativamente com os mais novos pode, pois, traduzir a fuga a estes afectos negativos ou à inabilidade de discutir tópicos sensíveis.

Os valores mais elevados de *Coesão Ideal* feminina no período da “Formação do Casal” podem ser resultado desta fase da vida em que o casal inicia uma relação e projecta o seu futuro. Por sua vez, os valores mais baixos apresentados pelos “Casais na Velhice” são, eventualmente, resultado de uma história de vida conjunta construída e partilhada, alcançado níveis de Coesão razoáveis na resolução das várias crises conjugais enfrentadas. Contrariamente às suas esposas, nos homens apenas se verificou diferenças na Adaptabilidade Ideal, onde os valores mais baixos foram registados nos homens com filhos adultos a viver em casa (**artigo 5**).

Finalmente, no estudo da *Motivação* para a conjugalidade, ao longo do ciclo de vida (**artigo 4**), os homens não mostram alterações significativa, mas nas mulheres assiste-se a uma diminuição a motivação intrínseca pessoal e percebida após a maternidade. Mais uma vez se confirma a delicadeza deste período na vida dos casais.

Olhando agora para a comparação entre homens e mulheres, em cada etapa da vida, a análise das concordâncias e discordâncias de género voltou a confirmar que, na generalidade, existe consonância, nas várias áreas da *Satisfação* conjugal (**artigo 1**). Verificam-se, contudo, algumas discrepâncias interessantes: *Intimidade Emocional*, *Comunicação e Conflito*, *Relações Extra-Familiares* e *Funções e Papeis*, são as áreas onde se encontraram diferenças de género em quase todas as etapas. Sublinhe-se que estas diferenças são maioritariamente em áreas do funcionamento conjugal, sendo que, na sua maioria, apontam para valores femininos mais elevados. A única excepção são os valores masculinos mais altos em *Funções e Papéis*, o que remete provavelmente para influência dos papéis de género tradicionais na relação entre os homens e as mulheres, tal como explorámos nos parágrafos anteriores aquando da discussão dos resultados masculinos e femininos, enfatizando as discrepâncias que podem persistir numa sociedade supostamente igualitária.

Entretanto realçamos as mulheres constantemente mais satisfeitas com a intimidade emocional do que os cônjuges, talvez por uma maior facilidade feminina na expressão de sentimentos e emoções (Mirgain & Cordova, 2007; Rauer & Volling, 2005), em oposição a uma maior dificuldade masculina (Cordova, Gee, & Warren, 2005). Assim como uma maior necessidade feminina de envolvimento em conflitos com o parceiro para a manutenção da satisfação conjugal (Gottman & Krokoff, 1989)

Os resultados relativos ao Foco levam-nos ainda a sugerir que as mulheres se consideram mais responsáveis pelos níveis de satisfação encontrados em cada uma fase estudada sublinhando a importância (que não se confunde com responsabilidade) das mulheres no bem-estar conjugal.

No estudo sobre a *Comunicação e Gestão de Conflitos* (**artigo 3**), ao encontrarmos diferenças, - significativas ou no efeito moderador - entre os membros do casal em todas as etapas, em pelo menos uma das estratégias estudadas, confirmámos a necessidade do sujeito em se adaptar e fazer face aos desafios e às mudanças em períodos específicos da vida conjugal reflectidos nos diferentes grupos da amostra, e/ou ao aumento do conhecimento sobre o outro

e sobre as suas formas de comunicar ao longo do tempo, tal como sugerido por outros autores (Parr, Boyle, & Tejada, 2008).

Entretanto, o nascimento do primeiro filho, o crescimento da família, as mudanças criadas no sistema diádico e, por outro lado, factores, como o papel de provedor da família, a preocupação com investimentos económicos ou mesmo com a carreira profissional, (típicas desta fase da vida), parecem aumentar e influenciar a motivação pessoal masculina (artigo 4), quer pessoal quer percebida, que aumentam no sentido extrínseco. Estamos aqui, mais uma vez na hipotética influência dos papéis de género tradicionais, influenciando, desta feita, os homens. Por outro lado, o facto de eles perceberem as suas parceiras mais extrinsecamente motivadas nas primeiras etapas do casamento e na velhice parece reflectir a sua própria motivação nesses períodos, provavelmente devido à sua ambivalência e lutas com o aumento de seu papel e responsabilidade para a família agora ampliada (Carter & McGoldrick, 1989) e, mais tarde, devido às mudanças que ocorrem nesta fase da vida, resultantes do processo de envelhecimento.

Ao longo das etapas da vida, os homens mostram-se menos congruentes que as suas esposas. Estes resultados não vão ao encontro dos de Rempel et al. (1985), que defendeu a congruência entre motivação pessoal e percebida, destacando que a motivação pessoal influencia a maneira como percebe a motivação do parceiro.

Pelo contrário, a motivação pessoal e percebida das mulheres foi congruente em todos os grupos, uma vez que o próprio estilo de motivação feminino é o único preditor de sua motivação percebida (Leslie & Anderson, 1988).

No estudo das divergências no seio do casal sobre a *Coesão e Adaptabilidade* (**artigo 5**) verificou-se uma maior idealização feminina, em quase todas as etapas em que os filhos estão presentes (com excepção dos casais com filhos em idade escolar), da adaptabilidade conjugal. Tal como temos vindo a argumentar, a presença de um terceiro implica profundas mudanças na equação familiar, nomeadamente um acréscimo das responsabilidades femininas, aumentando consequentemente a disparidade dos papéis de género na relação (Belsky, Lang, & Huston, 1986), o que pode explicar a origem da idealização de uma relação com maior Adaptabilidade. Por outro lado, esta idealização é também expressada pelas mulheres com filhos adultos em casa, onde a questão dos papéis e a das regras de relacionamento pode ser um desafio.

Embora existam diferenças nas discrepâncias Ideal-Real da Coesão e Adaptabilidade, ao longo do ciclo conjugal, consideramo-las fruto das mudanças inerentes às diferentes etapas, não existindo um momento a destacar. Realçamos talvez o único estágio que apresenta diferenças significativas em ambas as áreas. Assim, quando comparadas com os cônjuges, as mulheres cujos filhos já saíram de casa mostram maiores diferenças entre a relação Real e Ideal tanto para a Coesão como para Adaptabilidade, sugerindo um maior impacto do “ninho vazio” nas mulheres, com a necessidade de reinvestimento na relação a dois, sublinhada pela ausência do terceiro

A nossa investigação deu ainda resposta a outras questões de interesse. Ao contrário dos resultados de outros autores (Gatzeva & Paik, 2011; Kline et al., 2004; Rhoades, Stanley, & Markman, 2006; Vanassche, Swicegood, & Matthijs, 2013), a nossa amostra de casais em *união de facto* apresentou interações mais positivas e de maior qualidade, com mais expressividade emocional e menos retirada (**artigo 2**), assim como valores de adaptabilidade e coesão mais elevados (**artigo 5**).

Nas diferenças nas estratégias de comunicação e gestão do conflito presentes *nas primeiras e segundas uniões* (**artigo 2**), não se verificam diferenças significativas, em nenhum dos géneros, do primeiro para o segundo casamento. Contudo, na segunda ligação, as mulheres parecem utilizar ligeiramente mais a Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva.

Na procura dos **factores que influenciam a Satisfação e a Felicidade**, em ambos os elementos do casal, a dimensão *Amor* parece exercer uma maior influência na *Satisfação Global* (**artigo 1**). A razão para este resultado levanta uma questão que fica por responder: na vida conjugal, é o amor mais importante ou o funcionamento mais difícil? Os resultados sugerem ainda que as mulheres são mais susceptíveis a flutuações ao longo das diferentes etapas do casamento no que respeita ao Amor e ao Funcionamento. Os homens colocam menos em causa o funcionamento da relação, mesmo perante uma menor satisfação com o amor.

Atendendo aos aspectos relacionados com a *Comunicação e Mmanejamento do Conflito*, os nossos resultados confirmam estudos anteriores que apontam para a existência de uma relação entre estes e a satisfação (Bertoni & Bodenman, 2010; Boyd & Roach, 1977; Litzinger & Gordon, 2005; Rehman & Holtzworth-Munroe, 2007). A maioria das estratégias de comunicação e gestão de conflitos avaliadas estão relacionadas com a satisfação e felicidade conjugal, com excepção de Focar/ Parar.



A existência, ou não, de filhos (comparação do total de casais com filhos e casais sem filhos) parece também ter uma influência determinante na comunicação. O seu nascimento implica, pois, transformações profundas a que o casal terá de adaptar-se, acarretando consequentemente tensões que vão afectar o padrão de comunicação conjugal. Globalmente, há uma menor utilização de algumas estratégias constructivas, mas não foi verificada uma maior utilização das estratégias consideradas destrutivas.

Os nossos resultados confirmam ainda que a satisfação conjugal é influenciada pela quantidade e qualidade do tempo partilhado tal com outros estudos (Williams, 1979) tinham sugerido.

Os valores de felicidade e satisfação conjugal são especialmente influenciados pela *motivação* intrínseca, seja ela pessoal ou percebida sendo, portanto, congruentes com a ideia de que as pessoas são tão mais felizes quanto mais intrínsecas e autónomas são suas motivações (Sheldon, Ryan, Deci, & Kasser 2004). Contudo, em alguns estádios, fruto da sua especificidade e necessidades mais prementes, aumenta a importância da motivação extrínseca pessoal para manter os níveis de satisfação, especialmente nas mulheres.

Um comentário final sobre os resultados da nossa investigação. De acordo com a literatura, poderia ser surpreendente e merecer por isso uma reflexão, o facto de nas áreas com diferenças significativas entre homens e mulheres ao longo da vida, as mulheres apresentarem valores mais elevados. Podemos tentar compreender a mais elevada satisfação das mulheres, em algumas áreas, no seguimento da ideia referida por Faulkner, et al. (2005) de um maior benefício feminino nos casamentos satisfeitos e a mencionada em Greeff e Manherbe (2001), na qual as relações emocionalmente íntimas são promotoras da satisfação e felicidade nas mulheres. Isto tendo em conta as características da nossa amostra, com altos índices de satisfação conjugal e, em particular para as mulheres, na intimidade emocional.

Ainda uma chamada de atenção para o facto de um mesmo conceito em estudo poder apresentar resultados significativamente diferentes de acordo com o modo como a ele se acede. Referimo-nos à variável *Satisfação*. De facto, como vimos, para calcular a Satisfação Global fizemo-lo de dois modos distintos: através de um índice único de Satisfação (estudos 2, 3 e 4), ou através de uma escala de Satisfação em áreas da vida conjugal cujo resultado global permite também encontrar o nível de satisfação geral (estudo 1). Os resultados obtidos foram diferentes numa e noutra situação. Este facto chama a atenção dos investigadores para a importância de

ter em conta a percepção que os indivíduos têm de um conceito ou vivência emocional quando são questionados de uma forma sintética (estudos 2, 3 e 4) ou quando as questões remetem para o mesmo conceito de uma forma mais analítica (estudo 1).

### **3.3. Conclusão**

Sintetizando os resultados dos vários estudos concluiu-se que:

1. Ao longo do ciclo conjugal encontram-se padrões semelhantes em homens e mulheres, verificando-se, contudo, algumas oscilações.
2. Em ambos os géneros a transição para a parentalidade exige um processo de adaptação mais marcado, levando a um decréscimo nos valores das diferentes áreas estudadas.
3. A Satisfação ao longo do ciclo conjugal apresenta um decréscimo mais acentuado nas mulheres, verificando-se em mais áreas do Amor do que do Funcionamento e logo a seguir à maternidade. Não se verifica um aumento desta variável com a saída dos filhos de casa.
4. Ambos os parceiros parecem dar maior importância à dimensão Amor e não ao Funcionamento conjugal.
5. As maiores transformações na Comunicação e Gestão de conflito dão-se na transição para a parentalidade e na emancipação dos filhos. Encontram-se mais flutuações nas mulheres.
6. Ambos os membros do casal apresentam valores ideais de adaptabilidade elevados.
7. A motivação masculina tende a manter-se estável ao longo do ciclo conjugal, enquanto nas mulheres diminui a motivação intrínseca pessoal e percebida após a maternidade.
8. De forma geral, quando se compara a Satisfação Conjugal dos elementos do casal nas diferentes fases da vida, verifica-se um comportamento semelhante. Exceptuam-se quatro áreas – três no funcionamento e uma no amor – que variam significativamente em alguns estádios. Os homens apenas tiveram valores mais elevados numa dimensão do funcionamento (funções e papéis), enquanto as mulheres nos restantes. Sublinhe-se o facto de em todas as fases as mulheres serem mais satisfeitas em relação à intimidade emocional, dimensão do amor.
9. Quando comparadas com os homens, as mulheres consideram-se mais responsáveis pelos níveis de satisfação vividos ao longo da vida.

10. Os homens percebem as mulheres mais extrinsecamente motivadas nas primeiras etapas do casamento e na velhice.

11. Existe uma menor congruência masculina entre a motivação pessoal e percebida.

12. Quase sempre, na presença de filhos (excepto casais com filhos em idade escolar), as mulheres idealizam uma relação com maior adaptabilidade.

13. Casais em união de fato têm interações com maior expressividade emocional e menor retirada do que os casais casados.

14. A motivação intrínseca (pessoal e percebida) é a que exerce uma maior influência na satisfação e felicidade conjugal. Contudo, em algumas etapas, assistimos a um aumento da influência da motivação extrínseca.

15. A satisfação e a felicidade variam com as estratégias de comunicação e gestão de conflito utilizadas, assim como com a qualidade e quantidade de tempo partilhado.

16. Muitas vezes, o padrão dos casais com filhos em idade escolar é semelhante ao da formação do casal.

#### **4. Limitações Metodológicas**

Este projecto de investigação constitui um contributo, com eventual interesse, para o conhecimento na área dos estudos sobre o casal. Não podemos, no entanto, deixar de referir alguns aspectos que constituem limitações a ter em conta na leitura dos resultados.

Sendo o tamanho da amostra razoável, um dos grupos tinha um número de participantes diminuto, pelo que se decidiu incluir uma medida de tamanho do efeito (effect Size) - D de Cohen, para complementar os resultados da significância estatística que além de muito influenciada pelo tamanho da amostra, não informa sobre a magnitude ou importância da diferença.

Sendo os nossos dados transversais, a possibilidade de inferir estabilidade e mudança ao longo do tempo é limitada. O processo de comparação de dados transversais consiste na comparação de grupos etários implicando o risco da influência de factores como a história e a experiência dos sujeitos ter um efeito mais preponderante que a fase do ciclo de vida. No entanto, para contornar o risco, que considerámos maior, da idealização dos primeiros anos de casamentos quando avaliados retrospectivamente, achámos que esta era a melhor opção.

Também as características sócio-demográficas da amostra, que reside na zona urbana da Grande Lisboa, maioritariamente diferenciada e relativamente homogénea, condiciona a generalização dos resultados a outro tipo de populações.

Por razões clínicas, queríamos perceber como funcionam os casais satisfeitos nos diferentes períodos do seu relacionamento. Daí uma das características apriorísticas da amostra ser o elevado nível de satisfação conjugal. No entanto, esta decisão pode constituir também uma limitação no que respeita a uma compreensão mais global da relação conjugal, sobretudo dos casais insatisfeitos.

Finalmente aquela que é, quiçá, a maior limitação metodológica do nosso trabalho: a opção por um estudo exploratório e a escolha de uma estatística descritiva que, sendo menos poderosa, não permitiu chegar a resultados explicativos e expor todo o potencial da amostra e do estudo.

Assim, os nossos resultados devem ser lidos à luz das suas limitações nomeadamente a diversidade de variáveis que influenciam todo o sistema familiar e que as opções do nosso estudo excluíram.

## **5. Implicações para a Prática Clínica**

A expansão da terapia conjugal nas últimas décadas coloca o foco no conhecimento dos processos conjugais e nos problemas que os casais enfrentam ao longo do tempo. Quer estes sejam, ou não, satisfeitos, experimentam desafios e dificuldades inerentes aos acontecimentos do desenvolvimento da vida. Investigar o casal é importante porque ajuda a tornar mais eficiente a terapia conjugal, unindo investigadores e clínicos. Acreditamos que a continuação da interacção entre a investigação básica e aplicada maximiza a eficiência terapêutica ao fazer crescer a compreensão dos relacionamentos.

Acreditamos que, mesmo tendo em conta as limitações discutidas acima, o nosso trabalho traz algumas implicações clínicas que merecem ser sublinhadas. Ao reconhecer nos casais felizes as zonas de maior fragilidade será de atentar, aí, a uma vulnerabilidade maior naqueles que se encontram em crise. Sublinhe-se a sinalização dos períodos do ciclo de vida

com maior vulnerabilidade bem como as diferenças de género na avaliação da situação conjugal. Vejamos:

Muitos estudos sobre o **género** contribuíram para a terapia conjugal e as suas técnicas, chamando a atenção para o facto de homens e mulheres tenderem a representar diferentes papéis nas disfunções conjugais típicas, ou assinalando alvos importantes para a intervenção clínica, ou ainda revelando que as diferenças na leitura positiva ou negativa de um mesmo acontecimento podem variar com o género do cônjuge (Jacobson & Addis, 1993). Miller et al., (2003), sugeriram ainda que os problemas reportados, especialmente pelas mulheres são geralmente estáveis ao longo do ciclo vital e que elas os percebem em maior número que os homens. Num artigo sobre o que leva os casais a procurar terapia, Doss, Simpson e Christensen (2004) apontam que as razões das mulheres são mais e que elas expressam mais emoções negativas e responsabilizam mais o parceiro. No nosso trabalho, uma certa perspectiva feminina do relacionamento é mais negativa que a masculina, diminuindo a motivação intrínseca nas mulheres ao longo do ciclo de vida. Por outro lado, o Amor, dimensão onde as mulheres apresentam mais flutuações ao longo da vida, é mais importante para a satisfação conjugal do que as áreas ligadas à dimensão funcionamento (que, apesar disso ,também impacta a satisfação conjugal). Foram também as mulheres a revelar uma maior discrepância Real/Ideal e a mostrar alterações mais precoces em áreas específicas do funcionamento conjugal, respectivamente na Coesão e Adaptabilidade, e na Comunicação e Gestão de Conflitos.

Sobre a já referida predominância do amor sobre o funcionamento na satisfação conjugal, recordamos que, na prática clínica, muitas vezes, o que traz os casais à terapia não coincide exactamente com as razões da sua insatisfação, e que geralmente as queixas se centram no funcionamento da relação. A este propósito, Doss et al. (2004) tinha já anotado que os problemas que os casais apresentam e discutem nas sessões podem não ser os mais importantes, por vezes apenas tocados levemente. Os nossos resultados parecem, pois, ir ao encontro dos de outros autores.

Entretanto, nos nossos estudos, **a fase de maior vulnerabilidade no ciclo conjugal** parece ser a do nascimento dos filhos. É fundamental prevenir neste período da vida pois os nossos resultados também indicam, genericamente, uma estabilização dos níveis de satisfação a partir daqui, numa tendência homeostática, predominando sobre o desenvolvimento.

A transição para a parentalidade é uma altura de prazer e emoção para o casal, mas também pode ser um momento de grande *stress*. Esta pressão ou angústia impacta negativamente o casal e os filhos. Julgamos ser da maior utilidade nos cuidados de saúde primários a implementação de programas de prevenção, na linha do *Healthy Nests* (Brown, Linville, Todahl, & Page, 2015). Trata-se de uma intervenção com novos pais, em três sessões, centrada na robustez conjugal e desenhada para diminuir o conflito e a inadaptação ao bebé, e aumentar do bem-estar dos casais. Este tipo de intervenções precoces para além do aspecto preventivo cultivam um comportamento de procura de ajuda, facilitando a ultrapassagem de futura relutância à terapia conjugal, aspecto que, como sabemos, atrasa os pedidos de ajuda e piora o prognóstico dos casais em crise.

Um importante resultado da nossa investigação, e algo que os casais felizes nos ensinam é que, mesmo quando se verifica um decréscimo na utilização das estratégias constructivas não há um correspondente aumento de estratégias destrutivas, o que provavelmente os ajudará a passar melhor pelos desafios do ciclo de vida superando as crises. Na fase que apareceu como a mais vulnerável no nosso estudo, a do nascimento dos filhos, assinala-se que se verifica um decréscimo na utilização das estratégias constructivas acima referidas, mas não é verificado nenhum aumento de estratégias consideradas destrutivas.

## **6. Propostas de Estudos Futuros**

Apesar de responder, ou pelo menos esclarecer, algumas das questões colocadas inicialmente, a nossa investigação, sobretudo, levanta um conjunto de questões que seria interessante aprofundar em estudos futuros, mais focalizados.

Tendo os nossos resultados, apontado genericamente, na comparação entre membros do casal ao longo da vida, para uma maior satisfação feminina, haveria interesse em verificar a razoabilidade da proposta de maior benefício feminino casamentos satisfeitos, estudando desta vez o comportamento da satisfação feminina em casamentos insatisfeitos.

Comecemos pelo ciclo de vida do casal no qual alguns grupos sobressaíram por diferentes razões. Um dos aspectos que julgamos que seria útil clarificar é efeito da presença de filhos adultos em casa. Estes casais, que se esperaria estarem na fase de “ninho vazio”, mas

que, na realidade, continuam a acolher filhos no seu seio, estão numa situação singular. Daquilo que conhecemos da investigação, é um grupo ainda pouco estudado e vulnerável. Por ser uma situação cada vez mais frequente na nossa sociedade, achamos que deve ser mais explorado em futuras pesquisas. Acresce que nos nossos resultados se verificou uma maior utilização na comunicação de expressividade emocional/comunicação positiva, comparativamente com aquelas cujos filhos saíram de casa, contrariando os resultados de Umberson, et al., (2005) que referem interferências da presença de filhos adultos em casa nas interações positivas do casal.

Um outro grupo que suscitou curiosidade, e que deverá ser alvo de investigação, é o dos casais com filhos em idade escolar, que apresenta quase sistematicamente uma recuperação dos níveis de funcionamento do “período dourado” do início da vida conjugal - destacando-se por isso dos outros grupos que estudámos - resultados estes que voltam a decair na fase seguinte do ciclo.

Seria ainda pertinente investigar as diferenças encontradas entre tipos de relação (casamento/união de facto), uma vez que as nossas conclusões são incongruentes com as dos estudos anteriores.

Também seria curioso explorar as diferenças que surgiram entre as primeiras e segundas relações, e os melhores resultados destas últimas no que respeita à Comunicação e à Gestão de Conflitos, à Coesão e a Adaptabilidade.

Na sequência do trabalho publicado por Lavner, Karney, & Bradbury (2016), ainda não conclusivo, julgamos ser interessante aprofundar se a comunicação do casal prediz, de facto, a satisfação conjugal, ou se a satisfação conjugal prediz uma boa comunicação, considerando, para além da comunicação a gestão dos conflitos e outras variáveis por nós estudadas: motivação, coesão e adaptabilidade.

Em pesquisas anteriores (Miller, et al., 2003) foi verificada uma estabilidade nas queixas dos casais clínicos, consistentes com resultados de populações não clínicas (Storaasli & Markman, 1990). Ainda assim, se o facto de a nossa amostra ser não clínica garante que resultados podem servir a compreensão da maioria dos casais, seria talvez útil - tendo em conta a utilidade terapêutica genérica que pretendemos para este projecto de investigação – compará-los com os de amostras não satisfeitas e/ou de populações clínicas. Isto traria uma visão mais

abrangente da realidade da vida conjugal e poderia dar pistas interessantes para a intervenção dos terapeutas.

Neste âmbito seria ainda interessante a reprodução do estudo com casais em diversas fases de terapia, avaliando a eficácia da intervenção nestas variáveis fundamentais, ao longo do processo terapêutico.

## 7. Referências

- Abreu Afonso, J. & Leal, I. (2016). Faces III: Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa. *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 63, 92-107
- Abreu-Afonso, J. & Leal, I. (2016) Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995). *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 65, 131-151
- Abreu-Afonso, J., & Leal, I. (2009). Escala de Motivação: adaptação e validação da Motivation Scale (M.S.) de Rempel, Holmes & Zanna. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10(2), 249-266.
- Aimé, A., Sabourim, S., & Valois, P. (2000). L'appariement des styles de motivation et l'evolution de la satisfaction conjugale. *Revue canadienne des sciences du comportement*, 32(3),178-186. doi: 10.1037/h0087114
- Arellano, C., & Markman, H. (1995). The managing affect and differences scale (MADS): A self-report measure assessing conflict management in couples. *Journal of Family Psychology*, 9 (3), 319 – 334. doi: 10.1037/0893-3200.9.3.319
- Bélanger, C., Sabourin, S., & Wright, J. (1993). Les développements récents dans l'étude de la communication et de la détresse maritale: Évolution ou révolution? *Psychologie Canadienne*, 34 (1), 3-25. doi: 10.1037/H0078801



- Belsky, J., Lang, M., & Huston, T.L. (1986). Sex typing and division of labor as determinants of marital change across the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 517-522. doi:10.1037//00223514.50.3.517
- Bernstein, D., (1990). Of carrots and sticks: a review of Deci and Rayan's intrinsic motivation and self-determination in human behaviour. *Journal of the Experimental Analysis of Behaviour*, 54 (3), 323 – 332. doi: 10.190/jeab.1990.54-323
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples. Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15 (3), 175 – 184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Blais, M., Sabourin, S., Boucher, C. & Vallerand, R. (1990). Toward a motivational model of couple happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (5), 1021-1031. doi: 10.1037/0022-3514.59.5.1021
- Boyd, L.A. & Roach, A. J. (1977). Interpersonal communication skills differentiating more satisfying from less satisfying marital relationship. *Journal of Counselling Psychology*, 24 (6), 540-542. doi: 10.1037/0022-0167.24.6.540
- Brown, T.B., Linville, D., Todahl, J., & Page, M. (2015). Healthy nests transition to parenthood program: A phenomenological analysis of participants experiences. *Contemporaneous Family Therapy*, 37, 408-416. doi: 10.1007/s10591-015-9340-z
- Carstensen, L.L., Gottman, J.M., Levenson, R.W. (1995). Emotional Behaviour in long-term marriage. *Psychology and Aging*, 10(1), 140-149. doi:10.1037/0882-7974.10.1.140
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life-cycle: A framework of family therapy* (2<sup>nd</sup> ed.). Boston: Ally & Bacon
- Cordova, J.V, Gee, C.B., & Warren, L.Z. (2005). Emotional skilfulness in marriage: Intimacy as a mediator of the relationship between emotional skilfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(2), 218 – 235. doi: 10.1521/jscp.24.2.218.62270
- Cowan, C.P., & Cowan, P.A. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: Why they are needed and what they can do. *Family Relations*, 44(4), 412-423. doi: 10.2307/584997

- Davis, K.E. (1996). *The Relationship Rating Form (RRF): A measure of characteristics of romantic relationship and friendship*. Department of Psychology. University of South Carolina.
- Deci, E.L., & Ryan, R.M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and self-determination of behaviour. *Psychological Inquiry*, 11 (4), 227-268. doi: 10.1207/S15327965PLI1104\_01
- Deci, E.L. & Ryan, R.M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behaviour*. New York, NY: Plenum
- Deci, E.L. & Ryan, R.M. (2008). Facilitating Optimal Motivation and Psychological Well-Being Across Life’s Domains. *Canadian Psychology*, 49(1) 14–23. doi: 10.1037/0708-5591.49.1.14
- Doss, B. D., Simpson, L. E., & Christensen, A. (2004). Why do couples seek marital therapy? *Professional Psychology: Research and Practice*, 35(6), 608–614. doi: 10.1037/0735-7028.35.6.608
- Duba, J.D., Hughey, A.W., Lara, T., & Burke, M.G. (2012). Areas of marital dissatisfaction among long-term couples. *Adultspan Journal*, 11(1), 39-54. doi: 10.1002/j.2161-0029.2012.00004.x
- Faulkner, R.A., Davey, M., & Davey, A. (2005). Gender-related predictors of change in marital satisfaction and marital conflict. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 61-83. doi: 10.1080/01926180590889211
- Fincham, F.D. (2009). Marital happiness. *The Encyclopedia of Positive Psychology*. Vol. 2 (p. 594-599). New York: John Wiley
- Gaine, G. & La Guardia, J. (2009). The unique contributions of motivations to maintain a relationship and motivations toward relational activities to relationship well-being. *Motivation & Emotion*, 33, 184-202. doi: 10.1007/s11031-009-9120-x
- Gatzeva, M., & Paik, A. (2011). Emotional and physical satisfaction in non-cohabiting, cohabiting and marital relationships: The importance of jealous conflict. *Journal of Sex Research*, 48(1), 29-42. doi: 10.1080/0022440903370602
- Gorchoff, S.M, John, O.P., & Helson, R. (2008). Contextualizing change in marital satisfaction during middle age. *Psychological Science*, 19(11), 1194-1200. doi: 10.1111/j.1467.9280.2008.02222.x

- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(1), 47-52. doi: 10.1037/0022-006X.57.1.47
- Greeff, A.P., & Malherbe, H.L. (2001). Intimacy and marital satisfaction in spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 247–257. doi: 10.1080/009262301750257100
- Impett, E., Gable, S., & Peplau, A. (2005). Giving up and giving in: The cost and benefits of daily sacrifice in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89 (3), 327 – 344. doi: 10.1037/0022-3514.89.3.327
- Impett, E., Gordon, A., Kogan, A., Oveis, C., Gable, S. & Keltner, D. (2010). Moving toward more perfect unions: daily and long-term consequences of approach and avoidance goals in romantic relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99 (6), 948 – 963. doi: 10.1037/a0020271
- Jacobson, N. & Addis, M. (1993). Research on couples and couples therapy. What do we know? Where are we going? *Journal of Consulting and Clinical Psychotherapy*, 61(1), 85-93. Retirado de <http://spider.apa.org/ftdocs/ccp/1993/february/ccp61185.html>
- Kline, G.H., Stanley, S.M., Markman, H.J., Olmos-Gallo, P.A., Peters, M.St., Whitton, S.W., & Prado, L.M. (2004). Timing is everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for marital outcomes. *Journal of Family Psychology*, 18 (2), 311-318. doi: 10.1037/0893-3200.18.2.311
- Knee, R., Patrick, H., Vietor, N., Nanayakkara, A. & Neighbors, C. (2002). Self-determination as growth motivation in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (5), 609 – 619. doi: 10.1177/0146167202288005
- Kogan, A., Impett, E., Oveis, C., Hui, B., Gordon, A. & Keltner, D. (2010). When gives feels good: The intrinsic benefits of sacrifice in romantic relationships for the communally motivated. *Psychological Science*, 21 (12), 1918 – 1924. doi: 10.1177/0956797610388815
- Lavner, J., Karney, B., & Bradbury, T. (2016). Does couples' communication predict marital satisfaction, or does marital satisfaction predict communication? *Journal of Marriage and Family*, 78(3), 680-694. doi: 10.1111/jomf.12301

- Lavner, J.A., Karney, B.R., & Bradbury, T.N. (2013). Newlywed's optimistic forecasts of their marriage: For better or for worse? *Journal of Family Psychology*, 27 (4), 531-540. doi: 10.1037/a0033423
- Leslie, L.A. & Anderson, E.A. (1988). Men's and women's participation in domestic roles: Impact on quality of life and marital adjustments. *Journal of Family Psychology*, 2 (2), 212 – 226. doi: 10.1037/h0080494
- Levy-Shiff, R. (1994). Individual and contextual correlates of marital change across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 30(4), 591-601. doi:10.1037/00121649.30.4.591
- Litzinger, S. & Gordon, K.C. (2005). Exploring Relationships among communication, sexual satisfaction and marital satisfaction. *Journal of sex and marital therapy*, 31, 409 – 424. doi: 10.1080/0092623059100 6719
- Margolin, G., & Wampold, B. (1981). Sequential analyses of conflict and accord in distressed and nondistressed marital partners. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49(4), 554-567. doi: 10.1037/0022-006X.49.4.554
- Maynard, P.E., & Olson, D.H. (1987). Circumplex model of family systems: A treatment tool in family process. *Journal of Counselling and Development*, 65, 502 – 504. doi: 10.1002/j.1556-6676.1987.tb00766.x
- Meza-de-Luna, M.E., & Romero-Zepeda, H. (2013). Areas of conflict in the intimate couple. *Trames*, 17 (1), 87-100. doi: 10.3176/tr.2013.1.04
- Miller, R.B., Yorgason, J.B., Sandberg, J.G., & White, M.B. (2003). Problems that couples bring to therapy: view across the family life cycle. *The American Journal of Family Therapy*, 31, 395-407. doi: 1080/01926180390223950
- Mirgain, S.A. & Cordova, J.V. (2007). Emotion skills and marital health: the association between observed and self-reported emotion skills, intimacy, and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(9), 983–1009. doi:10.1521/jscp.2007.26.9.983
- Neighbourgh, R.H. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 78(8), 11–15. Retrieved from [http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth\\_ed.pdf](http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/4915/5033208/Fourth_ed.pdf)

- Nezhad, M.Z., & Goodarzi, A.M. (2011). Sexuality, intimacy, and marital satisfaction in Iranian first time parents. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 37, 77-88. doi: 10.1080/0092623X.2011.547336
- Olson, D.H., Portner, J. & Lavee, Y. (1985). *Faces III*. Family Social Science- University of Minnesota. St. Paul, Minnesota: United States
- Parr, P., Boyle, R., & Tejada, L., (2008). I said, you said: A communication exercise for couples. *Contemporary Family Therapy*, 30, 167-173. doi: 10.1007/s1059-008-9062-6
- Patrick, H., Knee, C.R., Lonsbary, C., & Canevello, A. (2007) The Role of Need Fulfillment in Relationship Functioning and Well-Being: A Self-Determination Theory Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (3), 434–457. doi: 10.1037/0022-3514.92.3.434
- Rauer, A.J. & Volling, B.L. (2005). The role of husbands' and wives' emotional expressivity in marital relationship. *Sex Roles*, 52(9/10), 577 – 587. doi: 10.1007/s11199-005-3726-6
- Rehman, U.S. & Holtzworth-Munroe, A. (2007). A cross-cultural examination of the relation of marital communication behaviour to marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 759-763. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.759
- Relvas, A.P. (2004). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento
- Rempel, J.K., Holmes J.G., & Zanna, M.P. (1985). Trust in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(1) 95–112. doi: 10.1037/0022-3514.49.1.95
- Rhoades, G.K., Stanley, S.M., & Markman, H.J. (2006). Pre-engagement cohabitation and gender asymmetry in marital commitment. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 553-560. doi: 10.1037/0893-3200.20.4.553
- Rogers, S.J. & Amato, P.R. (2000). Have changes in gender relations affected marital quality? *Social Forces*, 79 (2), 731 -753. doi:10.1093/sf/79.2.731
- Ruppanner, L. (2008). Fairness and housework: A cross-national comparison. *Journal of Comparative Family Studies*, 39(4), 509-526. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=30&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>

- Ryan, R.M. & Deci, E. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-67. doi: 10.1006/ceps1999.1020
- Sheldon, K., Ryan, R., Deci, E. & Kasser, T. (2004). The independent effect of goal contents and motives on well-being: It's both what you pursue and why you pursue it. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(4), 475-486. doi:10.1177/01467203261883
- Storaasli, R., & Markman, H. (1990). Relationship problems in early stages of marriage: A longitudinal investigation. *Journal of Family Psychology*, 4(1), 80-98. doi: 10.1037/0893-3200.4.1.80
- Thompson, L. (1988). Women, men, and marital quality (Comment). *Journal of Family Psychology*, 2(1), 95-100. doi: 10.1037/h0080478
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D.A., Chen, M.D., & Campbell, A.M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital Quality. *Social Forces*, 84(1), 487-505. doi: 10.1353/sof.2005.0131
- Vanassche, S., Swicegood, G., & Matthijs, K. (2013). Marriage and children as a key to happiness? Cross-national differences in the effect of marital status and children on well-being. *Journal of Happiness Studies*, 14, 501-524. doi: 10.1007/s10902-012-9340-8
- Voorpostel, M., Van der Lippe, T., & Gershuny, J. (2009). Trends in free time with partner: A transformation of intimacy. *Social Indicators Research*, 93, 165-169. doi: 10.1007/s11205-008-9383-8
- Voorpostel, M., Van der Lippe, T., & Gershuny, J. (2010). Spending time together – Changes over four decades in leisure time spent with a spouse. *Journal of Leisure Research*, 42(2), 243 – 265. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.472.6279&rep=rep1&type=pdf>
- Waldinger, R.J., Hauses, S.T., Schultz, M.S., Atten, J.P., & Crowell, J.A. (2004). Reading others' emotions: The role of intuitive judgments in predicting marital satisfaction, quality and stability. *Journal of Family Psychology*, 18 (1), 58-71. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.58

- Williams, A.M. (1979). The quantity and quality of marital interaction related to marital satisfaction: A behavioural analysis. *Journal of Applied Behaviour Analysis*, 12 (4), 665 – 678. doi: 10.1901/jaba.1979.12-665





## VIII. Anexos

### **Anexo A1 - Escala da Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD): Adaptação e Validação da Managing Affect and Differences Scale (MADS) – A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples de C.M. Arellano & H. J. Markman (1995)**

Publicado em 2016 na *Mosaico-revista de la federación española de asociaciones de terapia familiar*, 65, 131-151.

José de Abreu-Afonso & Isabel Leal

ISPA- Instituto Universitário

**e-mail:** joseabreuafonso@netcabo.pt

**Resumo:** O artigo consiste na apresentação do trabalho de adaptação e a validação para a população portuguesa da Managing Affect and Differences Scale, de Arellano e Markman (1995). Enquadra-se a questão da comunicação no casal e o seu impacto nas relações conjugais. Diferencia-se comunicação positiva e comunicação negativa bem como a sua ligação ao manejo das situações de conflito entre o casal.

Os participantes foram 448 sujeitos, 224 casais heterossexuais. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. A *validade* de construto foi estudada através de análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. Na nossa população, a análise factorial não confirmou os 12 factores da escala original, chegando-se a uma estrutura final de 9 factores a saber: Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva; Negatividade/Escalada Negativa; Clarificar; Disponibilidade e Expressão Afectiva; Focar/Parar; Seleccionar/ Validar; Retirada; Feedback; Comunicação Através do Tempo.

**Palavras-chave:** comunicação, gestão de conflitos, sofrimento conjugal

**Abstract:** The aim of this paper is to validate the Managing Affect and Differences Scale (Arellano & Markman, 1995) for the Portuguese population. The subject of couple

communication skills is approached, as well as its impact on the couple relationship. Some clinical uses of this measure are also mentioned.

The results of the factor analysis by the KMO method, using oblimin rotation, produced a meaningful solution of nine factors: (a different structure from the original version with twelve factors): Emotional Expressivity/Positive Communication; Negativity/Negative Escalation; Clarifying; Availability and Affective Expression; Focusing/Stop Actions; Editing/Validation; Withdrawal; Feedback; Communication Over Time. The reliability of the factors was tested through the use of Cronbach Alpha.

**Key words:** communication, conflict management skills, marital distress

## 1. Introdução

Neste trabalho apresentamos a adaptação e a validação para a população portuguesa da Managing Affect and Differences Scale (MADS), de Arellano e Markman (1995), aqui designada por Escala de Gestão do Afecto e das Diferenças (EGAD).

Na tentativa de clarificar os factores relacionados com o sofrimento conjugal, destacou-se o tema da comunicação, que demonstrou ser útil na compreensão do insucesso das relações amorosas. Como nos mostram Arellano e Markman (1995), a investigação tem revelado que casais felizes e casais infelizes têm diferentes estilos de comunicação, em particular no que se refere à forma de lidar com os conflitos. Enquanto os primeiros usam comportamentos mais facilitadores, como parafrasear, pedir clarificação ou elaboração, procurar e dar informação, os segundos mostram mais negatividade e escalam o conflito durante as discussões. De facto, uma das grandes fontes de sofrimento conjugal reside na incapacidade de gerir afecto negativo, especialmente na discussão de problemas. Aliás, o objectivo das terapias conjugais é, muitas vezes, a construção destas competências: a comunicação constructiva e a gestão de conflitos.

O instrumento que aqui apresentamos procura medir formas específicas de comunicação e de gestão de conflito, intimamente ligadas com a satisfação conjugal, tendo um interesse simultaneamente de investigação e clínico. Apesar da construção dessas aptidões ser um objectivo frequente nas intervenções terapêuticas, poucas medidas existiam para monitorizar regularmente os seus progressos, e ligar simultaneamente esses melhoramentos com o aumento

da satisfação conjugal. Ora, é justamente este o objectivo da MADS: medir competências de gestão da comunicação e do conflito, intimamente ligadas com a satisfação dos casais.

Havendo muitos inventários de auto-resposta para avaliar a comunicação e as aptidões do casal na gestão de conflitos, eles centram-se na comunicação global e não em competências singulares, reduzindo a possibilidade de servirem para guiar intervenções terapêuticas. A MADS, pelo contrário, evidencia comunicação e competências específicas. Por outro lado, focando-se em capacidades concretas na gestão de conflitos, diferencia-as em capacidades verbais de gestão de conflito positivas e negativas. A MADS procura fornecer informação suplementar à da observação, oferecendo meios para medir as aptidões cognitivamente mediadas e as percepções dos participantes acerca das suas próprias competências de Comunicação e Gestão dos Conflitos. Baseados nas várias concepções de comunicação positiva e negativa (Birchler, et al., 1975; Gottman, 1979; Gottman et al., 1977; Markman & Kraft, 1989; Markman & Notarius, 1987; Schapp, 1984, citado por Arellano & Markman, 1995), Arellano e Markman (1995), desenvolveram uma série de sub-escalas que medem estratégias construtivas e destrutivas específicas, na expectativa clarificar os mecanismos envolvidos no sofrimento conjugal.

A adaptação e validação da MADS põe à disposição dos terapeutas conjugais portugueses uma ferramenta que orienta e monitoriza a eficácia das intervenções viradas para o desenvolvimento de competências, que anteriormente evidenciou serem precárias. A sua especificidade, por outro lado, ajudará a orientar intervenções muito particulares.

Este nosso trabalho de validação porá ainda à disposição dos investigadores da família e do casal um instrumento validado que poderá ser de grande utilidade. Na verdade, para ultrapassar as limitações das medidas de auto-resposta, os métodos de observação são muitas vezes escolhidos pelos investigadores. No entanto, também estes métodos apresentam desvantagens, sobretudo sendo, quer a intenção quer o impacto da comunicação, processos cognitivamente mediados difíceis de examinar. Aqui, a MADS será uma medida suplementar que acede aos processos cognitivos envolvidos na comunicação e na gestão dos conflitos.

## 2. O Instrumento

A escala MADS é composta por 109 itens que se organizam em 12 sub-escalas: “Leveling”, “Emotional Expressivity”, “Validation”, “Love and Affection”, “Editing”, “Negative Escalation”, “Negativity”, “Feedback”, “Stop Actions”, “Focusing”, “Withdrawal” e “Communication Over Time”, sendo a escala de resposta num intervalo de 1 (Discordo Francamente) a 5 (Concordo Francamente).

Na construção e refinação da escala, os autores (Arellano & Markman, 1995) efectuaram dois estudos: um com uma amostra de casais heterossexuais e outro com casais homossexuais. No primeiro estudo encontram, ao nível das sub-escalas, Alphas a variar entre 0,64 e 0,90, no segundo estudo incluíram mais 6 itens correspondentes à sub-escala “Withdrawal”, tendo encontrado nas diferentes dimensões Alphas entre 0,67 e 0,92.

Calcularam-se os Alphas de Cronbach para as sub-escalas originais da MADS na amostra deste estudo, tendo-se encontrado Alphas a variar entre 0,61 e 0,88. De salientar que na sub-escala “Feedback”, se o item 73 fosse eliminado, o Alpha subiria substancialmente de 0,61 para 0,75, (ver tabela 1).

Tabela 1

*Itens das Sub-escalas MADS e Alphas de Cronbach – Arellano e Markman 1995, e Alphas de Cronbach – Abreu-Afonso & Leal*

Sub-escala da MADS	Itens que a Constituem	Alpha de Cronbach Estudo 1 Arellano & Markeman 1995	Alpha de Cronbach Estudo 2 Arellano & Markeman 1995	Alpha de Cronbach Abreu Afonso & Leal 2010
“Leveling”	Itens: 1, 7, 13, 61, 21, 31, 41, 53, 70, 77, 80	0,84	0,77	0,83
“Emotional Expressivity”	Itens: 8, 23, 26, 58, 65, 71, 75, 78, 81, 86	0,87	0,89	0,88
“Validation”	Itens: 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 22, 26, 29, 42, 44, 54, 57, 58, 66, 67, 72.	0,84	0,86	0,78
“Love and Affection”	Itens: 9, 14, 30, 59, 79, 85, 87, 89, 91, 96	0,81	0,89	0,80
“Editing”	Itens: 32, 34, 36, 39, 40, 47, 49, 52, 82, 90, 93, 95, 98, 104	0,68	0,77	0,76
“Negative Escalation”	Itens: 11, 19, 38, 46, 55, 102	0,76	0,84	0,79

“Negativity”	Itens: 15, 33, 43, 50, 51, 69, 74, 83, 84, 99, 103, 105, 107, 109	0,85	0,92	0,88
“Feedback”	Itens: 18, 20, 24, 37, 64, 73, 108	0,74	0,79	0,61*
“Stop Actions”	Itens: 27, 35, 48, 100	0,64	0,82	0,80
“Focusing”	Itens: 56, 60, 62, 88, 106	0,73	0,73	0,66
Withdrawal	Itens: 17, 28, 94, 97, 101, 92,	----	0,67	0,64
“Communication Over Time”	Itens: 12, 16, 45, 63	0,90	0,83	0,80

(\* sem o item 73 o Alpha passa para 0,75)

### 3. Caracterização da Amostra de Validação

A Amostra é constituída por 448 sujeitos, 224 casais heterossexuais, 156 casados e 68 a viverem em união de facto.

Tabela 2

*Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias*

	Sexo Feminino (n= 224)	Sexo Masculino (n= 224)
<b>IDADE</b>	Mínimo = 20 Máximo = 73 Média = 41,26 Desvio Padrão = 11,57	Mínimo = 19 Máximo = 76 Média = 44,24 Desvio Padrão = 11,89
<b>HABILITAÇÕES LITERÁRIAS</b>		
Ensino Primário	5,4% (12)	3,6% (8)
Ensino Básico	5,4% (12)	4,9% (11)
Ensino Secundário Unificado	12,5% (28)	18,3% (41)
Ensino Secundário Complementar	27,2% (61)	26,8% (60)
Curso Médio	6,2% (14)	4,0% (9)
Bacharelato	3,1% (7)	8% (18)
Licenciatura	32,6% (73)	27,2% (61)
Mestrado	6,3% (14)	3,6% (8)
Doutoramento	0,9% (2)	2,7% (6)
Não Responde	(0,4%) 1	0,9% (2)

Relativamente à idade, em termos médios, existe uma diferença de 3 anos entre os dois sexos, as mulheres ligeiramente mais novas, com idades entre os 20 e os 73 anos, sendo a média

(arredondada) de 41 anos. Nos homens a idade varia entre os 19 e os 76 anos, sendo a média de 44 anos. Relativamente às habilitações literárias, elas são elevadas em ambos os sexos, predominando o ensino secundário e a licenciatura.

Tabela 3

*Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos*

	Casais em Regime de Casamento (n= 156)	Casais em Regime de União de facto (n= 68)
Tempo de Duração da Relação	Mínimo = 4 meses Máximo = 48 anos Média = 20,02 Desvio Padrão = 11,39	Mínimo = 2 meses Máximo = 34 anos Média = 6,53 Desvio Padrão = 6,49
Existência de Filhos	Sim – 87% (136) Não – 13% (20)	Sim – 34% (23) Não – 66% (45)
Número de Filhos	Mínimo = 1 Máximo = 11 Média = 1,90 Desvio Padrão = 1,12	Mínimo = 1 Máximo = 3 Média = 1,22 Desvio Padrão = 0,52

Os casais que estão casados encontram-se juntos há mais tempo do que os casais que vivem em união de facto: os casados estão juntos em média há 20 anos, enquanto os que vivem em união de facto acham-se juntos em média há 7 anos, sendo a dispersão em torno da média deste último grupo bastante elevada. Relativamente à existência de filhos, também se verificam diferenças entre os dois grupos. Enquanto a maioria dos casados têm filhos (87%), essa percentagem é de apenas 34% nos casais em união de facto. Quanto ao número de filhos, é mais elevado no grupo dos casados: média de 2 filhos, sendo a dispersão bastante elevada, dado haver 4 casais com mais de 3 filhos. No grupo que vive em união de facto a média é de um filho: a esmagadora maioria tem 1 filho, havendo apenas 4 casais que têm mais do que 1 filho.

#### 4. Validação do Instrumento para a População Portuguesa

No sentido de se validar a MADS para a população portuguesa, depois da fase da tradução/retroversão/tradução, passou-se a escala a 448 sujeitos, 224 casais. Os dados foram recolhidos em diversos serviços da área metropolitana de Lisboa, através de um sistema de “bola de neve”, durante 18 meses. O trabalho foi aprovado pelo comité de ética do ISPA-IU e foi pedido o consentimento informado a todos os participantes.

A validade de construto foi estudada recorrendo-se a Análises factoriais. Foi utilizado o método “medida da adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin” proposta por Kaiser (1970) e Kaiser e Rice (1974) no sentido de averiguar se os nossos dados eram viáveis em termos de utilização de uma análise factorial. Apesar de não existir um teste rigoroso para os valores de KMO, de uma maneira geral podem ser classificados da seguinte forma (Pestana & Gajero, 2000):  $\leq 0,50$  – Inaceitável,] 0,50-0,60] – Mau mas ainda assim aceitável,] 0,60-0,70] – Medíocre,] 0,70-0,80] – Média,] 0,80-0,90] – Boa,] 0,90-1,00] – Excelente. O KMO obtido foi de 0,889, o que permitiu o recurso a análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua. A análise factorial não confirmou uma estrutura factorial com 12 factores visto ter-se obtido nos últimos factores muito poucos itens (1 a 2 itens). Efectuaram-se assim análises factoriais exploratórias que conduziram à opção por 9 factores, dado ser a análise que tinha uma variância explicada total aceitável (50,21%) e um número de itens não muito baixo nos últimos factores (ver tabela 4).

Na escolha dos itens para cada factor, seguiu-se os seguintes critérios: 1º - Coeficiente de saturação (“Factor Loading”) superior a 0,40 num factor; 2º - A diferença entre os coeficientes de saturação dos dois factores ter um valor igual ou superior a 0,10.

Além das análises factoriais, efectuaram-se também correlações dos itens com o total do factor a que pertencem, averiguando se as correlações eram superiores a 0,30.

Tabela 4

*Eigenvalue e Variância Explicada – Estrutura Factorial para 9 factores*

	Eigenvalue	Variância Explicada
Factor 1	26,65	24,45%
Factor 2	6,63	6,08%
Factor 3	4,79	4,39%
Factor 4	4,12	3,78%
Factor 5	3,35	3,07%
Factor 6	2,79	2,57%
Factor 7	2,36	2,16%
Factor 8	2,07	1,90%
Factor 9	1,97	1,81%

O Factor 1 explica 24,45% da variância. É composto por 25 itens com factores loadings a oscilar entre 0,46 e 0,74 e coeficientes de correlação com o total do factor a oscilar entre 0,56

e 0,71. O item 96 tem um factor loading negativo (-0,55), bem como o coeficiente de correlação (-0,48) pelo que antes de se efectuar o cálculo do somatório deste factor este item deverá ser invertido (Ver tabela 5). Observando o conteúdo temático dos itens, podemos constatar que avaliam a *Expressividade Emocional/ Comunicação Positiva*. A Expressividade Emocional envolve o amor, a afeição e o grau de conforto com a expressão de emoções. Inclui manifestar valor, elogiar ou confortar o parceiro, escuta-lo e dizer as coisas, boas ou más, construtivamente.

Tabela 5

*Factor 1: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 1	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 4 Ela/ele dá-me apoio emocional.	0,49	0,62
Item 10 – Ele/Ela ouve o que tenho para dizer.	0,47	0,60
Item 30 – Ele/ela sente-se bem a ser caloroso/a e a expressar afeição por mim.	0,59	0,66
Item 57 – Ele/Ela comunica-me verbalmente que me compreende.	0,46	0,63
Item 58 – Ele/Ela diz-me quando sente orgulho de mim.	0,67	0,70
Item 65 – Ele/Ela diz-me quando está feliz.	0,69	0,70
Item 66 – Dou-lhe o meu apoio emocional.	0,51	0,60
Item 67 – Ele/Ela tenta compreender as minhas queixas.	0,53	0,71
Item 70 – Quando ele/ela se sente aborrecido/a com alguma coisa que eu tenha feito, diz-me.	0,53	0,59
Item 71 – Ele/Ela diz-me quando está desapontado/a.	0,59	0,64
Item 75 – Quando me sinto feliz, digo-lhe.	0,51	0,56
Item 76 – Ele/Ela diz exactamente o que sente e pensa.	0,56	0,63
Item 78 – Ele/Ela diz-me quando está satisfeito.	0,74	0,75
Item 79 – Comunico-lhe verbalmente que o/a amo.	0,54	0,63
Item 80 – Quando ele/ela está aborrecido com o meu comportamento, não só me diz, como me dá algumas alternativas constructivas.	0,57	0,62
Item 81 – Ele/Ela diz-me quando está orgulhoso.	0,79	0,75
Item 82 – Sinto que ele/ela tenta exprimir apreciação sincera por mim, em vez de queixas sobre aquilo que eu faço.	0,56	0,58
Item 85 – Ele/Ela é afectuoso/a comigo.	0,68	0,74
Item 86 – Quando estou satisfeito com ele/ela, digo-lhe.	0,51	0,62
Item 87 – Ele/Ela diz-me verbalmente que me ama.	0,70	0,69



Item 90 – Mesmo que ele/ela tenha tido um mau dia, tenta ser positivo/a quando interage comigo.	0,46	0,57
Item 93 – Mesmo que ele/ela esteja cansado/a, não se importa de me fazer um favor.	0,40	0,48
Item 95 – Geralmente, quando ele/ela tem um dia mau diz-me isso, para que, se for negativo/a comigo, eu entenda que é sem intenção.	0,45	0,50
Item 96 – Gostava que ele/ela fosse mais afectuoso/a comigo.	- 0,55	-0,48
Item 98 – Ele/Ela tenta focar-se no lado positivo das situações em que estamos envolvidos.	0,42	0,51

O Factor 2 é composto por 19 itens, explicando 6,08% da variância. Os factores loadings dos itens oscilam entre 0,40 e 0,77 (havendo um factor loading negativo -0,42) e os coeficientes de correlação com o total do factor entre 0,30 e 0,74 (havendo uma correlação negativa -0,48). No cálculo do somatório desta dimensão, o item 56 deverá ser invertido (ver tabela 6). O mote destes itens é *Negatividade/Escalada Negativa*. A negatividade é a expressão de atitudes e sentimentos negativos. A escalada negativa envolve um padrão de mensagem negativa seguida sucessivamente de outras.

Tabela 6

*Factor 2: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 2	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item – 11 – Quando discutimos, os nossos sentimentos negativos sobem rapidamente.	0,52	0,43
Item 15 – Frequentemente discordamos e discutimos.	0,71	0,59
Item 19 – Não somos capazes de resolver com sucesso discussões fortes.	0,44	0,49
Item 33 – Frequentemente enervamo-nos um ao outro.	0,77	0,73
Item 43 – Muitas vezes interpretamos os comentários de um e outro mais negativamente do que a sua intenção.	0,54	0,55
Item 50 – Discutimos e resmungamos um com o outro frequentemente.	0,75	0,74
Item 51– Muitas vezes interpreto os comentários dele/a mais negativamente que a sua intenção.	0,57	0,56
Item 55 – Quando discutimos, os sentimentos negativos dele/a crescem rapidamente.	0,63	0,62
Item 56 – Quando discutimos um problema, centramo-nos nele e evitamos derivar para outras áreas problemáticas.	-0,42	-0,39
Item 69 – Quando discutimos, normalmente atacamo-nos e não ouvimos as necessidades um do outro.	0,65	0,68

Item 74 – Quando ele/ela faz uma queixa, aproveito a ocasião para me queixar também.	0,45	0,39
Item 83 – Frequentemente discuto e resmungo com ele/ela.	0,72	0,70
Item 84 – Quando me queixo, ele/ela também se queixa.	0,62	0,30
Item 99 – Os nossos conflitos parecem brotar de lado nenhum.	0,45	0,44
Item 102 – Quando discutimos, ele/ela perde a cabeça com facilidade.	0,61	0,61
Item 103 – Frequentemente sinto que o/a enervo.	0,72	0,62
Item 105 – Ele/Ela frequentemente interpreta o que eu digo mais negativamente do que era minha intenção.	0,59	0,61
Item 107 – Frequentemente ele/ela discute e resmunga comigo.	0,71	0,69
Item 109 – Ele/Ela enerva-me com frequência.	0,71	0,70

O Factor 3 é composto por 13 itens, explicando 4,39% da variância. Os factores loadings dos itens oscilam entre 0,53 e 0,68, havendo três itens com factores loadings negativos (-0,43, -0,49, -0,55). Os coeficientes de correlação com o total do factor variam entre 0,30 e 0,74 (as correlações positivas). Nos itens 92, 94 e 97 com factores loadings negativos, apesar destes valores serem superiores a -0,40 constata-se que a correlação com o total do factor é baixa (-0,11, -0,12 e 0,01), pelo que se propõe a sua eliminação (ver tabela 7). O tema comum a estes itens é *Clarificação*. Clarificar é perguntar ao parceiro o que sente ou dizer-lhe o que se está a sentir. Discutir os pensamentos e os sentimentos de forma clara, construtiva, de modo simples, exprimindo emoções, pedindo clarificação sobre uma mensagem para evitar mal-entendidos.

Tabela 7

*Factor 3: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 3	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 1 – Quando me sinto magoada/magoado com algo que ele/ela tenha feito falo-lhe acerca disso.	0,59	0,34
Item 7 – Ajudo o meu parceiro/a a compreender-me dizendo o que sinto.	0,58	0,47
Item 13 – Quando e estou zangado/a com ele/ela digo-lhe.	0,65	0,46
Item 23 – Quando estou desapontado/a falo com ele/ela acerca disso.	0,68	0,51
Item 24 – Quando discutimos um problema eu tento esclarecer o que ele/ela disse para ter a certeza que percebi a sua posição.	0,53	0,37
Item 31 – Quando ele/ela fez algo que me aborrece, digo-lhe concretamente o que foi que ele/ela fez, em que contexto, e como me fez sentir.	0,66	0,56
Item 41 – Em vez de andar à volta do assunto, digo exactamente o que penso acerca de determinada questão.	0,62	0,33

Item 61 – Quando me sinto desapontado com ele/ela, falo-lhe sobre isso.	0,62	0,41
Item 64 – Quando surge uma questão, geralmente pergunto directamente o que ele/ela pensa sobre o assunto.	0,53	0,37
Item 77 – Quando me aborreço com o comportamento dele/a, não só lhe digo, como lhe dou algumas alternativas construtivas.	0,62	0,43
Item 92 – Quando discutimos questões, geralmente desisto por medo do conflito.	-0,55	-0,11
Item 94 – Quando discutimos questões, geralmente permaneço em silêncio porque não quero entrar num conflito.	-0,49	-0,12
Item 97 – Normalmente quando há problemas, deixo a sala, para não entrar num conflito.	-0,43	0,01

O Factor 4 explica 3,78% da variância. É composto por 8 itens com factores loadings a oscilar entre 0,46 e 0,67 e coeficientes de correlação com o total do factor a oscilar entre 0,49 e 0,68 (ver tabela 8). Observando o conteúdo temático dos itens podemos constatar que avaliam a *Disponibilidade e Expressão Afectiva*. Envolve o amor e a afeição que se expressa relativamente ao parceiro, a disponibilidade para o escutar, transmitir-lhe e partilhar com ele essas emoções.

Tabela 8

*Factor 4: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 4	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 3-Ouç o que ele/ela tem a dizer.	0,55	0,49
Item 5 – Saber o que ele/ela sente é importante para mim.	0,67	0,60
Item 8 -Quando me sinto orgulhoso/a, digo-lhe.	0,53	0,57
Item 9 -Amamo-nos muito.	0,59	0,68
Item 14 – Sinto-me à vontade quando sou caloroso/a e lhe transmito afecto.	0,57	0,66
Item 25 – Quando sinto orgulho nele/nela, digo-lhe.	0,50	0,62
Item 59 – Sou afectuoso com ele/ela.	0,46	0,61
Item 89 – Eu amo-o/a.	0,53	0,62

O Factor 5 explica 3,07% da variância. É composto por 5 itens com factores loadings a oscilar entre 0,52 e 0,78 e coeficientes de correlação com o total do factor a oscilar entre 0,32 e 0,68 (ver tabela 9). Observando as questões podemos constatar que avalia condutas como *Focar/Parar*. Isto envolve comportamentos como discutir um tema de cada vez ou parar o conflito em escalada, concordando em adiar a discussão para um momento mais oportuno.

Tabela 9

*Factor 5: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 5	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 27 – Quando as nossas discussões estão a ficar fora de controlo, concordamos em parar e falar mais tarde sobre o que cada um de nós está a sentir.	0,74	0,66
Item 35 – Quando as coisas estão muito complicadas, normalmente tentamos parar a discussão e fazer um acordo para discutir o assunto mais tarde quando os dois o pudermos fazer de modo mais constructivo.	0,78	0,68
Item 48 – Quando os conflitos saem fora do controlo, normalmente tento pará-los e perguntar se podemos arranjar um outro tempo para falar calmamente.	0,68	0,60
Item 60 – Se estamos a discutir um problema e eu percebo que derivamos do assunto original, geralmente tento voltar a ele e sugiro que se fale desses assuntos noutra ocasião.	0,52	0,32
Item 100 – Quando os conflitos saem do nosso controlo, ele/ela tenta pará-los e perguntar se podemos arranjar um tempo para os discutir mais tarde.	0,58	0,49

O Factor 6 explica 2,57% da variância. É composto por 3 itens com factores loadings a oscilar entre 0,40 e 0,53 e coeficientes de correlação com o total do factor a oscilar entre 0,37 e 0,44 (ver tabela 10). O tema comum a estes itens é *Seleccionar/Validar*: Seleccionar/Validar é controlar a reacção à mensagem do outro, escutá-lo atentamente, expressar valor na perspectiva ou no ponto de vista do parceiro. Alguns comportamentos de validação são, por exemplo, ouvir toda a mensagem antes de responder, dizer as coisas de maneira positiva ao invés de queixar-se, resmungar, insultar. Seleccionar ou excluir respostas de defesa dos seus próprios desejos ou necessidades, enquanto o companheiro expressa os seus.

Tabela 10

*Factor 6: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 6	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 26 – Digo-lhe que compreendo e valorizo a sua posição acerca de determinado assunto.	0,47	0,43
Item 29 – Ouço a ideia completa dele/dela antes de formar uma resposta.	0,40	0,37
Item 32 – Tento exprimir apreciação sincera por ele/ela em vez de me queixar pelo que ele/ela faz.	0,53	0,44

O Factor 7 explica 2,16% da variância. É composto por 3 itens com factores loadings a oscilar entre 0,55 e 0,65 e coeficientes de correlação com o total do factor a oscilar entre 0,53 e 0,56 (ver tabela 11). O assunto comum a estes itens é a *Retirada*. A retirada envolve afastamento físico e emocional das discussões.

Tabela 11

*Factor 7: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 7	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 17 – Ao discutir os assuntos, normalmente ele/ela fica calado/a.	0,65	0,55
Item 28 – Frequentemente, quando surgem problemas ele/ela afasta-se para evitar um confronto.	0,55	0,53
Item 101 -Quando discutimos questões, geralmente ele/ela desiste, por medo do conflito.	0,61	0,56

O Factor 8 explica 1,90% da variância. É composto por 3 itens com factores loadings a oscilar entre 0,48 e 0,60 e coeficientes de correlação com o total do factor a oscilar entre 0,44 e 0,54 (ver tabela 12). Em comum estes itens têm o tema do *Feedback*. Feedback é parafrasear ou pedir clarificação sobre uma mensagem do parceiro para ter a certeza de estar a interpretá-la correctamente.

Tabela 12

*Factor 8: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 8	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 18 – Quando ele/ela não percebe o que eu disse, normalmente pede esclarecimentos.	0,48	0,54
Item 20 – Quando discutimos assuntos, normalmente tentamos verificar se estamos a compreender bem o que o outro quer dizer.	0,57	0,49
Item 37 – Ele/Ela esclarece o que eu disse para ter a certeza de ter compreendido o que eu quero dizer.	0,60	0,44

O Factor 9 explica 1,81% da variância. É composto por 3 itens com factores loadings a oscilar entre 0,68 e 0,76 e coeficientes de correlação com o total do factor a oscilar entre 0,48 e 0,70. (Ver tabela 13). O tema comum a estes itens é a *Comunicação Através do Tempo*. Refere-se aos progressos na comunicação ao longo do tempo.

Tabela 13

*Factor 9: Factor Loadings da Análise factorial para 9 Factores e Coeficientes de Correlação com o Total do Factor*

FACTOR 9	Factor Loading Análise factorial	Correlação Item com total do Factor
Item 12 – Comunicamos melhor hoje do que no passado.	0,75	0,67
Item 16 – Sentimo-nos mais à vontade a discutir os nossos sentimentos um com o outro hoje, do que no passado.	0,68	0,62
Item 45 – Sinto que ele/ela me compreende melhor agora que no passado.	0,76	0,70
Item 63 – Confiamos mais um no outro agora que no passado.	0,72	0,48

## 5. Eliminação de Itens – Considerações

Propõe-se a eliminação de 29 itens. Os itens 2, 6, 21, 22, 34, 36, 38, 39, 40, 42, 44, 46, 47, 49, 52, 53, 54, 62, 68, 72, 73, 88, 91, 104, 106, 108 foram eliminados dado terem factores loadings inferiores a 0,40, ou saturarem acima de 0,40 em mais do que um factor (sendo a diferença entre essas saturações inferior a 0,10). Os itens 92, 94 e 97 foram eliminados pelo facto de terem coeficientes de correlação com o total do factor inferiores a 0,30 Além disso quando se calcula o Alpha de Cronbach para este factor incluindo esses itens o valor é de 0,59. Excluindo-os o valor sobe para 0,86.

A estrutura proposta tem 80 itens que se dividem em 9 factores com Alphas a oscilar entre 0,60 e 0,93, sendo o alpha total da escala de 0,87 (ver tabela 14).

Tabela 14

*Estrutura Factorial Proposta e Alphas de Cronbach dos Factores de Abreu Afonso & Leal*

	Itens	Alpha de Cronbach
Factor 1	25 Itens: 4, 10, 30, 57, 58, 65, 66, 67, 70, 71, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 90, 93, 96, 96*, 98	0,93
Factor 2	19 Itens: 11, 15, 19, 33, 43, 50, 51, 55, 56*, 69, 74, 83, 84, 99, 102, 103, 105, 107, 109	0,90
Factor 3	10 Itens: 1, 7, 13, 23, 24, 31, 41, 61, 64, 77,	0,86
Factor 4	8 Itens: 3, 5, 8, 9, 14, 25, 59, 89	0,86
Factor 5	5 Itens: 27, 35, 48, 60, 100	0,78
Factor 6	3 Itens: 26, 29, 32	0,60

Factor 7	3 Itens: 17, 28, 101	0,72
Factor 8	3 Itens: 18, 20, 37	0,68
Factor 9	4 Itens: 12, 16, 45, 63	0,80

---

\* (Itens a inverter antes de se proceder ao calculo do somatório dos factores)

## 6. Cotação

Os itens devem ser cotados da seguinte forma:

1-Discordo Francamente;

2 – Discordo;

3 – Nem Concordo Nem Discordo;

4 – Concordo;

5 – Concordo Francamente.

Os itens negativos (item 56 e 96) devem ser invertidos:

5-Discordo Francamente;

4 – Discordo;

3 – Nem Concordo Nem Discordo;

2 – Concordo;

1 – Concordo Francamente.

## 7. Limitações e Estudos Futuros

Nesta fase, o nosso trabalho centrou-se, na exploração psicométrica, o que pode não ser ainda suficientemente elucidativo para o clínico. A discussão aprofundada das implicações clínicas e da utilidade da EGAD em terapia de casal deverá ser explorada em estudos futuros que levaremos a cabo.

## 8. Referências

- Arellano, C.M. & Markman, H.J. (1995). The Managing Affect and Differences Scale (MADS): A Self-Report Measure Assessing Conflict Management in Couples. *Journal of Family Psychology*, 9(3), 319-334. doi:10.1037/0893-3200.9.3.319
- Kaiser, H.F. (1970). A second generations little Jiffy. *Psychometrika*, 35(40), 1-415. doi : 10.1007/BF02291817
- Kaiser, H. F. & Rice, J. (1974). A little Jiffy Mark IV. *Educational and Psychological Measurement*, 34, 111-117. doi: 10.1177/001316447403400115
- Pestana, M.H. & Gageiro, J.N. (2000). *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.



**Anexo A2 - Escala De Motivação: Adaptação E Validação Da Motivation Scale (M.S.) De  
Rempel, Holmes & Zanna.**

Publicado em 2009 na *Psicologia Saúde & Doenças*, 10(2), 249 - 266

José de Abreu Afonso<sup>1</sup> e Isabel Leal<sup>1</sup>

ISPA, Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde

**Correspondência: email:** jaa@ispa.pt

**Resumo:** O artigo consiste na adaptação e a validação para a população portuguesa da Motivation Scale, de Rempel, Holmes e Zanna (1985). Enquadra-se e define-se o conceito de motivação, considerando-se a motivação intrínseca, a motivação extrínseca e a motivação instrumental, que vão integrar a construção da escala, bem como o seu impacto nas relações conjugais.

Utilizou-se uma amostra de 436 sujeitos, 218 casais, 152 casados, 66 em união de facto. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. Quanto à *validade*, a análise factorial pelo método KMO foi de 0,954 para a sub escala de motivos pessoais e 0,952 para a escala de motivos do parceiro, permitindo o recurso a análises factoriais confirmatórias de componentes principais com rotação oblíqua, que não confirmaram uma estrutura tripartida. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. Os Alphas dos 2 factores e dos totais das escalas foram superiores aos encontrados pelos autores da escala na sua estrutura factorial tripartida. Obtivemos assim uma escala final constituída por duas sub escalas: sub escala de motivação intrínseca e sub escala de motivação extrínseca.

**Palavras-chave:** motivação; conjugalidade; motivação intrínseca; motivação extrínseca

**Abstract:** The aim of this study is to validate the Motivation Scale (Rempel, Holmes and Zanna; 1985) for the Portuguese population. A theoretical model of motivation and its dimensions, namely the intrinsic, extrinsic, and instrumental motivation, is presented, as well as its impact on the couple relationship. A sample of 436 participants, 218 couples (152 married, 66 living together) were included in the study. The results of the factor analysis by the KMO method, using oblimin rotation, produced a meaningful solution of two factors: (1) the intrinsic motivation subscale and (2) the extrinsic motivation subscale. This structure was different from the original version with three factors. The reliability of the factors was tested through the use of Cronbach Alpha which was .95 for the personal reasons subscale and .95 for the partner reasons subscale. The Cronbach alpha coefficient for the total scale was higher than the original scale in their tripartite factorial structure.

**Key words:** motivation; conjugality, intrinsic motivation; extrinsic motivation.

## 1. Introdução

O presente artigo consiste na adaptação e a validação para a população portuguesa da Motivation Scale, de Rempel, Holmes e Zanna (1985), aqui designada por, Escala de Motivação

A Motivação é aquilo que move as pessoas para agir, pensar e desenvolver-se. Apesar de os processos de motivação poderem ser estudados do ponto de vista dos mecanismos cerebrais e fisiológicos, há uma grande parte da motivação humana que é função de variáveis sócio-culturais que influenciam não só o que as pessoas fazem, mas também o modo como se sentem quando agem, assim como com as consequências dos seus actos (Deci e Ryan, 2008). Na abordagem deste conceito, assinalam-se duas tendências fortes no início do século XX: o comportamentalismo por um lado e a psicanálise por outro, ambas enraizadas numa perspectiva que via os impulsos biológicos como origem das necessidades humanas. A abordagem à motivação expandiu-se rapidamente, ultrapassando o âmbito da biologia. Uma das tendências viu o indivíduo como o centro da sua própria motivação enquanto outra, sob influência do paradigma do condicionamento operante, se focou nas recompensas externas e seu papel na motivação (Mayer, Faber e Xu, 2007). Temos aqui claramente uma antevisão dos actuais conceitos de *motivação intrínseca* e *motivação extrínseca* que constituem o cerne do instrumento que apresentamos.

Desde os anos 30 até à actualidade, as escalas foram-se tornando mais especializadas e sensíveis ao contexto. Mayer, Faber e Xu, (2007) estudaram 75 anos de medição da motivação e agruparam os testes que recensearam em grupos. O nosso questionário é uma das escalas focadas no *self* e no seu papel sobre a motivação.

O que medem os testes de motivação? Poderíamos pensar que todas as escalas de motivação medem motivos, mas de facto não é assim. Podem medir a sua dinâmica, o *self* como motivador, ou ainda aspectos para-motivadores como os valores. O nosso instrumento corresponde ao grupo dos que medem a dinâmica da motivação, ou como os motivos estão integrados na vida mental dos indivíduos. Resta a questão de como é que os testes a medem, isto é, como acedem às diferentes manifestações da motivação. Na verdade, a forma como um instrumento mede o motivo é tão importante como o conteúdo motivador em si. As motivações manifestam-se de diversas formas na personalidade. Assim, o método usado pelas escalas é uma via directa e acede ao auto conceito consciente, questionando directamente a pessoa. As

escalas de auto-julgamento são usadas para determinar a internalidade ou autodeterminação de um motivo.

Considera-se que a motivação pode ser intrínseca ou extrínseca. A propósito destes conceitos centrais, Decy e Ryan (2008) dizem-nos que a motivação intrínseca implica determinado comportamento, porque a actividade em si própria é interessante e satisfaz espontaneamente. Alguém intrinsecamente motivado envolve-se numa acção pelos sentimentos positivos que ela proporciona. Por outro lado, a motivação extrínseca implica que o envolvimento numa actividade leva a consequências que estão separadas dela. É o que acontece, por exemplo, quando se age para obter uma recompensa ou evitar a punição. Story, Hart, Stasson e Mahoney (2009) concluíram que os sujeitos intrinsecamente motivados não só se envolvem mais prazerosamente em pensamento trabalhoso, como estão mais predispostas ao auto-reforço e à regulação dos seus comportamentos. A motivação intrínseca está também mais associada a maior auto-eficácia e expectativas de sucesso. Muitos autores consideram estes dois tipos de motivação como extremos de um mesmo conceito enquanto outros consideram estar intrinsecamente ou extrinsecamente motivado como duas coisas bastante distintas. No entanto, numa série de situações é bem possível que se esteja motivado de ambas as maneiras. É ainda de salientar que a maior parte dos comportamentos podem ser interpretados reflectindo qualquer orientação nos motivos. O elemento crítico é, na atribuição de motivos, a interpretação dada ao acontecimento ou comportamento (Rempel, Holmes e Zanna, 1985).

## **2. Motivação e Conjugalidade**

### ***Motivação Intrínseca, Motivação Extrínseca e Motivação Instrumental.***

A ideia que as pessoas são motivadas para formar e manter ligações interpessoais é antiga. Na psicologia, é um pensamento veiculado de muitas maneiras, por exemplo por Freud, com os motivos derivados das pulsões e da relação precoce, Maslow, ao falar de “amor e necessidade de pertença” colocando-os a meio da sua pirâmide de necessidades, Bowlby, com a teoria da vinculação, bem como muitos outros autores, sublinham Baumeister e Leary, (1995). Podemos dizer que os seres humanos são fundamentalmente motivados por uma necessidade de pertença, ou seja, um desejo de formar e manter relações interpessoais duradouras. Mas, tal como Seligman, Fazio e Zanna (1980) comentam, a razão pela qual alguém se sente atraído especificamente por uma pessoa e não por outra qualquer, é uma questão que se mantém

intrigante e cuja resposta tem muitas vezes sido dada em termos de quais os benefícios que os indivíduos se proporcionam reciprocamente.

É importante distinguir as recompensas intrínsecas das extrínsecas. *Motivos extrínsecos* para se manter ligado estão relacionados com recompensas recebidas dos outros fora da relação, mas mediadas pelo envolvimento com o parceiro, por exemplo o estatuto social e respeito, acesso a novas actividades e oportunidades, as ligações sociais e as de negócios. *Motivos intrínsecos* são definidos como um conjunto de recompensas directamente mediadas pela relação com o parceiro. Quando intrinsecamente motivado o sujeito está envolvido numa relação íntima pelo prazer das actividades de dia-a-dia do casal. Por outro lado, se a motivação é extrínseca, ela refere-se a actividades relacionadas com propósitos instrumentais como a obtenção de consequências positivas ou o evitamento de resultados negativos. (Blais, Sabourin, Boucher e Vallerand 1990).

Uma dificuldade reside na especificação se uma recompensa ou motivação é, de facto, intrínseca ou extrínseca. Mas, claramente, interessam-nos aqui as percepções dos indivíduos e não o facto de as recompensas serem realmente intrínsecas ou extrínsecas. Um dos aspectos centrais da teoria da atribuição é explicitado por Bem (1972), referido por Seligman, Fazio e Zanna (1980): as pessoas percebem que estão intrinsecamente motivadas para um comportamento na medida em que as contingências externas de reforço estão ausentes. Muitos trabalhos sobre a satisfação em várias tarefas mostram que no comportamento sob contingências de reforço externas salientes, se enfraquece a atribuição a razões intrínsecas, mesmo quando esse comportamento está ligado a razões apontadas inicialmente como intrínsecas.

Através do desenvolvimento de objectivos interdependentes e da identificação empática, a felicidade do parceiro torna-se parte do sistema de recompensas do sujeito. Formas intrínsecas de motivação reflectem muitas vezes a evidência de que duas pessoas se vêem com um casal. Como diz Lerner (1977), citado por Rempel Holmes e Zanna (1985), têm uma relação de identidade.

Assim, o indivíduo pode estar motivado largamente pelas recompensas interpessoais recebidas do parceiro, ou, por outro lado, a relação pode ser valorizada, justamente porque é recompensadora para ambos. No primeiro caso temos motivos *instrumentais* que distinguimos do segundo caso, o dos motivos *intrínsecos*. Na primeira hipótese, os motivos servem uma série

de recompensas mais ou menos explícitas que os parceiros providenciam um ao outro, como sejam, serviços directos, bens, elogios, sexo, apoio. O comportamento na relação é sobretudo um meio para um fim e governado pelas regras da troca social. Em contraste, recompensas mais associadas a atribuições intrínsecas incluem a partilha de prazer em actividades conjuntas, demonstrações recíprocas de afecto, um sentimento de proximidade, envolvimento social como casal, o calor e a alegria associados com satisfazer as necessidades do parceiro. A distinção conceptual entre *motivação intrínseca* e *motivação instrumental* não é nova na literatura sobre relações próximas. Clark e Mills (1979), por exemplo, citados por Rempel Holmes e Zanna (1985) distinguem entre troca e relações comunais, aludindo a esta diferença.

Como sublinham Aimé e colaboradores (2000), uma vez que as relações conjugais apelam a processos de interdependência é pertinente no plano conceptual tomar em conta os estilos de motivação de cada um dos parceiros e a sua influência recíproca. Os variados estados de motivação que descrevemos não são vistos como independentes uns dos outros. Se as razões extrínsecas são particularmente salientes, a força percebida dos motivos instrumentais e intrínsecos diminui. Similarmente, atribuições a motivos instrumentais enfraquecem o recurso a explicações intrínsecas. Motivos intrínsecos são, por hipótese, os mais fortemente relacionados com o amor e a felicidade porque reflectem melhor preocupações não egoístas e cuidado com outrem sem expectativas explícitas de ganho pessoal (Rempel Holmes e Zanna, 1985).

Blais, Sabourin, Boucher e Vallerand (1990) esquematizam o modelo de motivação no casal da seguinte forma: O estilo individual de motivação do sujeito para manter a ligação influencia o seu comportamento de relação íntima; os comportamentos relacionais de ambos os parceiros influenciam a percepção dos comportamentos adaptativos do casal; estas percepções individuais têm por sua vez um impacto na felicidade com a relação. A percepção que ambos, o sujeito e o parceiro, estão envolvidos na relação porque ela vale por si é necessária para que sentimentos de amor ocorram, de acordo com Kelley (1979), citado por Rempel e colaboradores (1985) que também observaram que o amor e a satisfação se correlacionam positivamente com a motivação intrínseca. Ainda verificaram uma congruência entre a motivação do próprio e a que ele atribui ao seu parceiro. Assim, a percepção das suas motivações influencia a percepção que se tem das motivações do par. Há pois uma tendência congruente nas atribuições. Seligman e colaboradores (1980) demonstraram também que os membros de um casal que estão com o seu parceiro por razões extrínsecas referem menos amor quando comparados com os que o fazem por motivação intrínseca.

### 3. Método

#### 3.1. Participantes

A Amostra é constituída por 436 sujeitos, 218 casais, 152 casados e 66 a viverem em união de facto. A caracterização da amostra é apresentada nos quadros 1 e 2 e 3.

Quadro 1

*Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade*

<b>Sexo Feminino</b> <b>(n= 218)</b>	<b>Sexo Masculino</b> <b>(n= 218)</b>
Mín. = 20	Mín. = 19
Max. = 73	Max. = 76
M = 41,51	M= 44,53
SD = 11,49	SD = 11,61
Mo = 41,00	Mo = 44,00

Relativamente à idade em termos médios existe uma diferença de 3 anos entre os dois sexos, as mulheres ligeiramente mais novas, com idades entre os 20 e os 73 anos, sendo a média (arredondada) de 42 anos e nos homens a idade a variar entre os 19 e os 76 anos sendo a média de 45 anos.

Quadro 2

*Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente às habilitações literárias*

<b>HABILITAÇÕES LITERÁRIAS</b>	<b>Sexo feminino</b>	<b>Sexo masculino</b>
Ensino Primário	4,1% (9)	4,1% (9)
Ensino Básico	6,4% (14)	5,5% (12)
Ensino Secundário Unificado	14,2% (31)	17% (37)
Ensino Secundário Complementar	25,7% (56)	27,1% (59)
Curso Médio	6,4% (14)	4,6% (10)
Bacharelato	4,1% (9)	7,8% (17)
Licenciatura	31,7% (69)	27,1% (59)
Mestrado	6% (13)	3,2% (7)
Doutoramento	0,9% (2)	2,8% (6)
Não Responde	0,5% (1)	0,9% (2)

Relativamente às habilitações literárias elas são elevadas em ambos os sexos predominando o ensino secundário e a licenciatura.

Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos

	<b>Casais em Regime de Casamento (n= 152)</b>	<b>Casais em Regime de União de facto (n= 66)</b>
<b>Tempo de Duração da Relação</b>	Mín. = 4 meses Max. = 48 anos M = 20,05 SD = 11,07 Mo = 20,00	Mín. = 2 meses Max. = 34 anos M = 7,02 SD = 6,95 Mo = 5,00
<b>Existência de Filhos</b>	Sim – 89% (135) Não – 11% (17)	Sim – 36% (24) Não – 64% (42)
<b>Número de Filhos</b>	Mín. = 1 Max. = 11 M = 1,89 SD = 1,12 Mo = 2,00	Mín. = 1 Max. = 3 M = 1,20 SD = 0,51 Mo = 1,00

Os casais que estão casados, estão juntos há mais tempo do que os casais que vivem em união de facto. Os casados estão juntos em média há 20 anos, enquanto os que vivem em união de facto estão juntos em média há 7 anos, sendo a dispersão em torno da média deste último grupo bastante elevada. Relativamente à existência de filhos também se verifica diferenças entre os dois grupos. Enquanto a maioria dos casados têm filhos (89%), essa percentagem nos casais que vivem em união de facto é de apenas 36%. Quanto ao número de filhos este é mais elevado no grupo dos casados (média de 2 filhos, sendo a dispersão bastante elevada, dado haver 4 casais com mais de 3 filhos), enquanto que no grupo que vive em união de facto a média é de um filho (a esmagadora maioria tem 1 filho, havendo apenas 4 casais que têm mais do que 1 filho).

### 3.2. Material

A escala da motivação é constituída por 24 itens, sendo a escala de resposta de 9 pontos. A escala deve ser respondida duas vezes segundo perspectivas diferentes: por um lado a motivação pessoal, por outro a perspectiva que se tem da motivação do parceiro. Rempel, Holmes e Zanna (1985) encontraram para as duas escalas 3 factores :

I = Intrínseco, R=Instrumental e E = Extrínseco. Os Alphas de Cronbach dos factores variam entre 0,69 e 0,82 revelando uma boa consistência interna.

### Quadro 4

*Alphas dos 3 Factores encontrados por Rempel, Holmes e Zanna 1985*

Quadro 4

Alphas dos 3 Factores encontrados por Rempel, Holmes e Zanna 1985

	Alpha (Motivos Pessoais)	Alpha (Motivos do Parceiro)
<b>I = Intrínseco</b>	0,69	0,82
<b>R = Instrumental</b>	0,76	0,77
<b>E – Extrínseco</b>	0,79	0,76
<b>Total da Escala</b>	0,83	0,80

Os autores construíram os itens da escala de motivação em conformidade com as orientações teóricas. Foi a teoria que serviu de base também à classificação inicial dos itens em sub-escalas. O facto da amostra usada por Rempel, Holmes e Zanna (n= 94) não ser suficientemente grande para garantir a estabilidade dos resultados para efectuar determinados procedimentos estatísticos nomeadamente a análise factorial levou-os a utilizar critérios conservadores para decidir quando um item era reclassificado. Dois tipos de análise foram usados:

Um primeiro em que cada Item foi correlacionado com o total dos restantes itens dessa sub-escala, bem como com o total das outras duas sub-escalas. Com esta análise item Vs total das sub-escalas é possível ver como cada item se adequa à sua sub-escala comparativamente com outras sub-escalas. Um segundo por recurso à análise factorial de componentes principais – análise confirmatória para 3 factores com rotação oblíqua.

Os critérios de eliminação de itens foram: os itens que na 1ª análise não se correlacionavam acima de 0,30 com nenhuma das sub-escalas; os que na 2ª análise - análise factorial tivessem coeficientes de saturação “factor loadings” inferiores a 0,40

Os resultados encontrados para as duas escalas (Motivos pessoais e Motivos do Parceiro) estão nos quadros 5 e 6.

Quadro 5

*Escala Motivos Pessoais (Rempel, Holmes e Zanna): Factores e Itens que os Compõem*

<b>I = Intrinsic</b> (9 itens)	<b>R = Instrumental</b> (6 itens)	<b>E – Extrinsic</b> (5 itens)	<b>Itens eliminados</b>
Itens: 1, 5, 7, 8, 11, 17, 18, 19, 24	Itens: 4, 9, 10, 15, 21, 22	Itens: 6, 13, 14, 16, 20,	Itens: 2, 3, 12, 23



*Escala Motivos do Parceiro (Rempel, Holmes e Zanna) : Factores e Itens que os Compõem*

<b>I = Intrinsic</b> (6 itens)	<b>R = Instrumental</b> (5 itens)	<b>E – Extrinsic</b> (8 itens)	<b>Itens eliminados</b>
Itens: 1, 5, 7, 18, 19, 24	Itens: 4, 9, 17, 21, 22	Itens: 3, 6, 13, 14, 15, 16, 20, 23	Itens: 2, 8, 10, 11, 12

#### 4. Características psicómetricas do instrumento para a população portuguesa

No sentido de se validar a escala da motivação para a população portuguesa, depois da fase da tradução, passou-se a escala a 436 sujeitos, 219 casais, tentando assim ultrapassar algumas das limitações em termos de procedimentos estatísticos que os autores referiram pelo facto da sua amostra ser pequena ( $n = 94$ ).

##### 4.1. Sensibilidade

Um primeiro estudo efectuado à sensibilidade dos itens, revela que estes são discriminativos, dado não se ter verificado uma concentração de respostas acima de 35% em qualquer das categorias de resposta.

##### 4.2. Validade de constructo

A validade de constructo foi estudada recorrendo-se a Análises factoriais. Foi utilizado o método “medida da adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin” proposta por Kaiser (1970) e Kaiser & Rice (1974) no sentido de averiguar se os nossos dados eram viáveis em termos de utilização de uma análise factorial. O KMO obtido para os dados referentes aos itens dos motivos pessoais foi de 0,954 e para os itens referentes aos motivos do parceiro de 0,952.

##### 4.3. Validade factorial

Os excelentes resultados encontrados permitiram o recurso a análises factoriais confirmatórias de componentes principais com rotação oblíqua. As análises factoriais não confirmaram uma estrutura factorial tripartida, dado em ambas as escalas, apenas dois factores registarem “eigenvalues” superiores a 1. Assumiu-se assim uma estrutura com dois factores tornando-se a submeter a matriz dos dados a análises factoriais.

Quadro 7

*Eigenvalues e Variâncias Explicadas dos três factores extraídos nas Análises Factoriais Confirmatórias*

	<b>Escala Motivos Pessoais</b>		<b>Escala Motivos do Parceiro</b>	
	Eigenvalue	Variância Explicada	Eigenvalue	Variância Explicada
Factor 1	11,56	48,15%	11,34	47,25%
Factor 2	2,94	12,26%	3,36	14,02%
Factor 3	0,99	4,13%	0,97	4,05%

Na escolha dos itens para cada factor seguiu-se os critérios de Rempel, Holmes e Zanna (1985): 1º - Coeficiente de saturação (“Factor Loading”) superior a 0,40 num factor 2º - A diferença entre os coeficientes de saturação dos dois factores ter um valor igual ou superior a 0,10.

Na Análise factorial relativa aos motivos pessoais constatou-se que embora o item 1 tenha um coeficiente de saturação no factor 1 ligeiramente abaixo de 0,40 (0,379 – ver tabela 5), o factor loading é bastante mais baixo no factor 2 (0,144), além disso observando coeficiente de correlação deste item com o total do factor 1 constatamos que é superior a 0,30 (0,347 – ver tabela 7), como tal optou-se por não se eliminar este item, e inclui-lo no factor 1. A estrutura factorial para escala motivos pessoais está representada no quadro 8, devendo o item 1 ser incluído no factor 1.

Quadro 8

*Análise Factorial de Componentes Principais com Rotação Oblíqua*

<b>Motivos Pessoais</b>	<b>Factores</b>	
	1	2
1-Somos próximos e íntimos. Temos maneiras especiais de demonstrar afeição e de mostrar um ao outro o que sentimos.	,37	,14
2- Ele/ela mantém-me informado/a das coisas que eu devo saber. Ele/ela é uma boa fonte de conhecimentos.	<b>,73</b>	,47
3- Ele/Ela é alguém que os meus pais aprovariam. Ele/Ela é apreciado/a pelos meus amigos. As pessoas estão bem impressionadas com a minha escolha.	<b>,64</b>	,54
4- Ele/Ela aceita-me como eu sou Ele/Ela faz-me sentir importante. Recebo elogios e cumprimentos dele/dela.	<b>,82</b>	,33
5- Temos uma relação intelectualmente compensadora. Temos discussões construtivas que são estimulantes e enriquecedoras. Gostamos de combinar os nossos conhecimentos.	<b>,78</b>	,42
6- Ele/ela tem as ligações certas. Os seus amigos e parentes podem ser benéficos para a minha carreira ou aspirações futuras.	,30	<b>,81</b>

7- Temos uma relação de partilha. Podemos livremente partilhar as nossas ideias, sentimentos e esperanças.	<b>,86</b>	,21
8- Amamo-nos e preocupamo-nos mais um com o outro do que connosco próprios.	<b>,77</b>	,33
9- Ele/Ela faz-me favores. Ele/Ela faz o que eu quero. Ele/Ela vai ao encontro das minhas necessidades (p. ex., sexualidade etc.).	<b>,73</b>	,48
10- Ele/Ela dá-me segurança. Com ele/ela sinto-me protegido/a e seguro/a.	<b>,82</b>	,41
11- Somos os melhores amigos um do outro. Quando precisamos de alguém temo-nos um ao outro. Sinto-me incompleto/a sem ele/ela.	<b>,84</b>	,31
12- Ele/Ela tem as qualidades que eu sempre quis para um/a parceiro/a (p. ex., personalidade, talentos, aparência etc.).	<b>,84</b>	,36
13- Eventualmente ele/ela permitir-me-á ter o tipo de vida luxuoso com que sempre sonhei (boa casa, família, segurança financeira etc.).	,37	<b>,80</b>
14- Através dele/a posso conhecer gente interessante. Posso fazer novos amigos, socializar com imensa gente excitante.	,40	<b>,83</b>
15- Com ele/ela por perto, tenho alguém que dá uma mão (nas tarefas domésticas, trabalho, etc.). As coisas são mais fáceis quando se tem alguém que nos ajuda.	<b>,65</b>	,38
16- Ele/Ela pertence a várias organizações prestigiadas e conhece muita gente importante. Qualquer dia será alguém importante na sociedade e eu quero partilhar essa importância com ele/ela.	,25	<b>,79</b>
17- Ele/Ela dá-me apoio emocional. Ele/Ela está preocupado/a e pronto/a para me ouvir. É alguém estável em quem me posso apoiar.	<b>,88</b>	,28
18- Juntos divertimo-nos sempre. Fazemos coisas loucas, excitantes. Como casal mantemo-nos socialmente envolvidos com outras pessoas.	<b>,68</b>	,33
19- Partilhamos os mesmos interesses e preocupações. Temos as mesmas atitudes e valores (p.ex. políticas, religiosas, sentido de humor, etc.).	<b>,73</b>	,24
20- As pessoas têm melhor opinião a meu respeito desde que estou com ele/a. Os meus amigos invejam-me e eu tenho recebido muito mais atenção.	,25	<b>,71</b>
21- Ele/Ela deixa-me ser eu próprio/a. Não me amarra. Na sua companhia sou livre de crescer e preencher-me como pessoa individual.	<b>,68</b>	,16
22- Somos companheiros. Ele/Ela faz com que não me sinta só. Tenho alguém com quem posso falar.	<b>,88</b>	,27
23- Ele/Ela liberta-me do meu passado. Com ele/ela não tenho os problemas familiares e financeiros que tinha antes.	,30	<b>,67</b>
24- Dá-me alegria oferecer-lhe apoio. Dá-me prazer fazer o/a meu parceiro feliz e devolver-lhe o amor que ele/ela me dá.	<b>,85</b>	,20

Para a escala Motivos do parceiro a estrutura factorial encontrada foi bastante semelhante à da escala motivos Pessoais, apenas se propõe a exclusão do item 3 que revelou factores loadings muito semelhantes nos dois factores (0,564 e 0,576 – ver tabela 6), sendo portanto considerado um item ambíguo. A estrutura factorial da escala Motivos do Parceiro pode ser observada no quadro 9.

## Quadro 9

*Análise Factorial de Componentes Principais com Rotação Oblíqua*

Motivos do Parceiro	Factores	
	1	2
1- Somos próximos e íntimos. Temos maneiras especiais de demonstrar afeição e de mostrar um ao outro o que sentimos.	<b>,83</b>	,13
2- Ele/ela mantém-me informado/a das coisas que eu devo saber. Ele/ela é uma boa fonte de conhecimentos.	<b>,70</b>	,37
3- Ele/Ela é alguém que os meus pais aprovariam. Ele/Ela é apreciado/a pelos meus amigos. As pessoas estão bem impressionadas com a minha escolha.	,56	,57
4- Ele/Ela aceita-me como eu sou Ele/Ela faz-me sentir importante. Recebo elogios e cumprimentos dele/dela.	<b>,82</b>	,35
5- Temos uma relação intelectualmente compensadora. Temos discussões construtivas que são estimulantes e enriquecedoras. Gostamos de combinar os nossos conhecimentos.	<b>,78</b>	,31
6- Ele/ela tem as ligações certas. Os seus amigos e parentes podem ser benéficos para a minha carreira ou aspirações futuras.	,24	<b>,83</b>
7- Temos uma relação de partilha. Podemos livremente partilhar as nossas ideias, sentimentos e esperanças.	<b>,84</b>	,13
8- Amamo-nos e preocupamo-nos mais um com o outro do que connosco próprios.	<b>,78</b>	,24
9- Ele/Ela faz-me favores. Ele/Ela faz o que eu quero. Ele/Ela vai ao encontro das minhas necessidades (p. ex., sexualidade etc.).	<b>,71</b>	,37
10- Ele/Ela dá-me segurança. Com ele/ela sinto-me protegido/a e seguro/a.	<b>,80</b>	,36
11- Somos os melhores amigos um do outro. Quando precisamos de alguém temo-nos um ao outro. Sinto-me incompleto/a sem ele/ela.	<b>,84</b>	,24
12- Ele/Ela tem as qualidades que eu sempre quis para um/a parceiro/a (p. ex., personalidade, talentos, aparência etc.).	<b>,80</b>	,28
13- Eventualmente ele/ela permitir-me-á ter o tipo de vida luxuoso com que sempre sonhei (boa casa, família, segurança financeira etc.).	,24	<b>,77</b>
14- Através dele/a posso conhecer gente interessante. Posso fazer novos amigos, socializar com imensa gente excitante.	,31	<b>,80</b>
15- Com ele/ela por perto, tenho alguém que dá uma mão (nas tarefas domésticas, trabalho, etc.). As coisas são mais fáceis quando se tem alguém que nos ajuda.	<b>,65</b>	,30
16- Ele/Ela pertence a várias organizações prestigiadas e conhece muita gente importante. Qualquer dia será alguém importante na sociedade e eu quero partilhar essa importância com ele/ela.	,18	<b>,81</b>
17- Ele/Ela dá-me apoio emocional. Ele/Ela está preocupado/a e pronto/a para me ouvir. É alguém estável em quem me posso apoiar.	<b>,83</b>	,23
18- Juntos divertimo-nos sempre. Fazemos coisas loucas, excitantes. Como casal mantemo-nos socialmente envolvidos com outras pessoas.	<b>,71</b>	,27
19- Partilhamos os mesmos interesses e preocupações. Temos as mesmas atitudes e valores (p.ex. políticas, religiosas, sentido de humor, etc.).	<b>,72</b>	,15
20- As pessoas têm melhor opinião a meu respeito desde que estou com ele/a. Os meus amigos invejam-me e eu tenho recebido muito mais atenção.	,26	<b>,75</b>
21- Ele/Ela deixa-me ser eu próprio/a. Não me amarra. Na sua companhia sou livre de crescer e preencher-me como pessoa individual.	<b>,69</b>	,21
22- Somos companheiros. Ele/Ela faz com que não me sinta só. Tenho alguém com quem posso falar.	<b>,86</b>	,18
23- Ele/Ela liberta-me do meu passado. Com ele/ela não tenho os problemas familiares e financeiros que tinha antes.	,23	<b>,69</b>

24- Dá-me alegria oferecer-lhe apoio. Dá-me prazer fazer o/a meu parceiro feliz e devolver-lhe o amor que ele/ela me dá.	,82	,18
--	-----	-----

Além das Análises factoriais efectuaram-se também correlações dos itens com o total do factor a que pertencem, averiguando se as correlações eram superiores a 0,30, facto esse comprovado para as duas escalas como se pode observar nos quadros 10 e 11.

Quadro 10

*Correlação entre os Itens que compõem cada Factor com o Total desse Factor – Escala Motivos Pessoais*

Itens do Factor 1	Correlação Item Vs Total do Factor 1	Itens do Factor 2	Correlação Item Vs Total do Factor 2
Item 1	,34	Item 6	,72
Item 2	,71	Item 13	,68
Item 3	,62	Item 14	,73
Item 4	,79	Item 16	,68
Item 5	,75	Item 20	,60
Item 7	,82	Item 23	,59
Item 8	,72		
Item 9	,70		
Item 10	,78		
Item 11	,80		
Item 12	,80		
Item 15	,62		
Item 17	,85		
Item 18	,65		
Item 19	,68		
Item 21	,61		
Item 22	,84		
Item 24	,810		

Quadro 11

*Correlação entre os Itens que compõem cada Factor com o Total desse Factor – Escala Motivos do Parceiro*

Itens do Factor 1	Correlação Item Vs Total do Factor 1	Itens do Factor 2	Correlação Item Vs Total do Factor 2
Item 1	,79	Item 6	,74
Item 2	,69	Item 13	,67
Item 3	,55	Item 14	,70
Item 4	,81	Item 16	,72
Item 5	,76	Item 20	,65
Item 7	,80	Item 23	,59
Item 8	,75		
Item 9	,69		
Item 10	,78		
Item 11	,80		
Item 12	,77		
Item 15	,62		
Item 17	,79		
Item 18	,68		

<b>Item 19</b>	,67
<b>Item 21</b>	,65
<b>Item 22</b>	,83
<b>Item 24</b>	,78

#### 4.4. Fidelidade

O estudo da Fidelidade da escala foi feita através da avaliação da consistência interna dos itens, recorrendo-se ao Alpha de Cronbach. Os Alphas dos 2 factores e dos totais das escalas variam entre 0,87 e 0,96 (ver quadro 12), sendo bastante superiores aos encontrados pelos autores da escala na sua estrutura factorial tripartida

Quadro 12

*Alphas de Cronbach para as Duas Escalas*

	<b>Escala Motivos Pessoais</b>	<b>Escala Motivos do Parceiro</b>
<b>Factor 1</b>	0,95	0,96
<b>Factor 2</b>	0,87	0,88
<b>Total</b>	0,94	0,94

## 5. Discussão

Não se confirma para a realidade portuguesa a existência dos três factores da escala original.

Um deles aparece claramente diferenciado, considerando-se, pois, a existência da sub-escala de motivação extrínseca, à qual mantemos a designação e que inclui recompensas mais ou menos explícitas que os parceiros providenciam um ao outro, recompensas recebidas dos outros fora da relação.

Por outro lado, surge no nosso estudo um factor que soma itens da sub-escala intrínseca com itens da sub-escala instrumental.

É verdade que nos resultados da análise dos autores originais um padrão hierárquico relativamente ordenado de resultados emergiu, dando suporte à existência de um modelo com três componentes. Os seus resultados apoiam a ideia que motivos intrínsecos e instrumentais correspondem a diferentes categorias, com diferentes implicações. Mas houve uma excepção a este padrão: sentimentos de amor nas mulheres estavam tão ligados com motivações

instrumentais como com as motivações intrínsecas. Por várias razões, as mulheres parecem ter uma visão mais global das relações dependendo menos exclusivamente que os homens das implicações românticas da atribuição intrínseca. Também parece também haver uma menor distinção entre intrínseco e instrumental quando o indivíduo faz atribuições a si próprio. O que a um observador pode parecer uma motivação extrínseca, surge muitas vezes para o próprio como um motivo intrínseco. Os autores da escala consideram que esta orientação intrínseca pode estar a servir interesses próprios. A auto-estima pode ser reforçada pela ideia que as acções do sujeito são motivadas por motivos centrados no outro. No entanto, Rempel e colaboradores (1985) também têm em conta que alguém interagindo com um parceiro, terá frequentemente sentimentos positivos essencialmente privados mais acessíveis ao self que aos outros. Assim, o que é interpretado pelos outros de uma maneira, pode ser percebido pelo próprio à luz destes sentimentos privados e interpretado como intrínseco.

Como nos recordam os próprios Rempel, Holmes e Zanna (1985) a percepção dos motivos instrumentais é complexa porque pressupõe uma série de mensagens. Atribuições instrumentais são aquelas em que as recompensas são vistas como constituindo fins de serviço ao próprio, obtidos via relacionamento. Neste sentido, uma lógica de desvalorização levaria à questão de quão valioso o relacionamento continuaria se as recompensas deixassem de existir. Também enfatizaria as trocas sociais e diminuiria as atribuições de amor. (Clark & Mills, 1979; Holmes, 1981; Kelley, 1979). Mas, ao mesmo tempo, a atribuição de motivos instrumentais também contém informação positiva sobre a relação. Sugerindo que alguém é motivado pelas recompensas providenciadas pelo parceiro, há o reconhecimento implícito que este parceiro é valioso e se gosta dele. Assim, se o parceiro é olhado positivamente pela sua aparência, espírito ou sensibilidade, estas atitudes validam o valor da pessoa como alguém que se pode amar. Nesse sentido, é auto-afirmativa.

Acreditar que o parceiro está motivado pelas recompensas instrumentais que o sujeito providência, quer por outro lado dizer que esse parceiro está na relação porque o sujeito tem características com valor. As consequências de ver um comportamento com o instrumental na origem, são largamente uma questão de que mensagem é mais saliente. A atribuição de uma motivação instrumental pode reforçar sentimentos de amor e ligação ao parceiro apesar de a ligação geral com o amor ser moderada devido à influência oposta da lógica de desvalorização (Kelley, 1979, citado por Rempel, Holmes e Zanna, 1985).

Optamos então por designar este 2º factor por sub-escala de motivação intrínseca, uma vez que ela inclui recompensas directamente mediadas pela relação como parceiro. O instrumento toma assim a seguinte forma final (quadro 13)

Quadro 13

*Itens finais e respectivas sub-escalas*

	<b>Factor 1</b> <b>(sub-escala de</b> <b>motivação intrínseca)</b>	<b>Factor 2</b> <b>(sub-escala de motivação</b> <b>extrínseca)</b>
Escala Motivos Pessoais	Itens : 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 24	Itens : 6, 13, 14, 16, 20, 23
Escala Motivos do Parceiro	Itens : 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 24	Itens : 6, 13, 14, 16, 20, 23

## 6. Referências

- Aimé, A.; Sabourim, S. ; Valois, P. (2000). L'appariement des styles de motivation et l'evolution de la satisfaction conjugale. *Revue canadienne des sciences du comportement*, 32 (3),178-186.
- Baumeister, R. F.; Leary, M. R. (1995). The Need to Belong: Desire for Interpersonal Attachments as a Fundamental Human Motivation. *Psychological Bulletin*,117 (3), 497-529.
- Blais, Sabourin, Boucher, & Vallerand (1990). Toward a Motivational Model of Couple Happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (5) 1021-1031.
- Deci, E. L.; Ryan, R.M. (2008). Facilitating Optimal Motivation and Psychological Well-Being Across Life's Domains. *Canadian Psychology*, 49, (1) 14 – 23.
- Kaiser, H.F. (1970). A second generations little Jiffy. *Psychometrika*, 35: 401-415.
- Kaiser, H. F.& Rice, J. (1974). A little Jiffy Mark IV. *Educational and Psychological Measurement*, 34: 111-117
- Mayer, J. D.; Faber, M. A.; Xu, X. (2007). Seventy-five years of motivation measures (1930–2005): A descriptive analysis. *Motiv. Emot.*, 31:83–103
- Pestana, M.H. & Gageiro, J.N. (2000). *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. 2º ed.. Lisboa: Edições Sílabo.
- Rempel, J.K.; Holmes J.G.; Zanna, M.P. (1985). Trust in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1) 95–112.



- Seligman, C.; Fazio, R.H.; Zanna, M.P. (1980). Effects of Salience of Extrinsic Rewards on Liking and Loving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, (3) 453-460.
- Story, P.A.; Hart, J.W.; Stasson, M.F.; Mahoney, J.M. (2009). Using a two-factor theory of achievement motivation to examine performance-based outcomes and self-regulatory processes. *Personality and Individual Differences* 46, 391–395

**Anexo A3 - FACES III - Adaptação e Validação da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y Lavee – versão de casal - para a População Portuguesa**

Publicado em 2016 na *MOSAICO - Revista de la Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 63, 92-107.

José de Abreu-Afonso & Isabel Leal

ISPA- Instituto Universitário

**e-mail:** joseabreuafonso@netcabo.pt

**Resumo:** O artigo consiste na apresentação do trabalho de adaptação e validação para a população portuguesa da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y. Lavee, na versão de casal. Enquadra-se a escala no Modelo Circumplexo de Olson, definindo-se os conceitos de coesão, adaptabilidade e comunicação, bem como o seu impacto nas relações conjugais e familiares. Utilizou-se uma amostra de 464 sujeitos, 232 casais, 165 casados, 67 em união de facto. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. Quanto à *validade*, a análise factorial, pelo método KMO foi de 0,915 que possibilitou o recurso a análises factoriais confirmatórias de componentes principais com rotação oblíqua. Obtivemos uma estrutura factorial com 2 factores, Coesão e Adaptabilidade, coincidente com a encontrada pelo autor. No que respeita à *consistência interna* o estudo revelou bons Alphas de Cronbach de 0,87 para a escala total, 0,89 para a “Coesão” e 0,70 para a “Adaptabilidade”.

**Palavras-chave:** relação conjugal, coesão, adaptabilidade, comunicação

**Abstract:** The aim of this paper is to validate the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES), de D.H. Olson, J. Portner e Y. Lavee - couples version -, for the Portuguese population. We present the Circumplex Model of Marital and Family Systems and its dimensions, namely cohesion, adaptability and communication, as well as its impact on couple and family relationship. A sample of 464 participants, 232 couples (165 married, 67 living together) were included in the study. The results of the factor analysis by the KMO method, using oblimin rotation, produced a meaningful solution coincident with Olson's two factor structure: Cohesion and Adaptability. Regarding internal consistency our study revealed Cronbach's Alphas of 0.87 for the total scale, 0.89 for “Family Cohesion” and 0.70 for “Family Adaptability”.

**Key words:** couple relationship, cohesion, adaptability, communication

## 1. Introdução

### *I - O Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares*

Muitos dos conceitos que foram emergindo durante as últimas décadas do Sec. XX para descrever a dinâmica familiar sugeriram no campo da terapia familiar, a maioria dos quais apoiados na Teoria Geral dos Sistemas. David Olson vinha, desde o final dos anos setenta, tentando integrá-los num modelo sistemático que ajudasse a ultrapassar o hiato entre teóricos, investigadores e clínicos. O seu modelo Circumplexo (1985) permite integrar a Teoria dos Sistemas com o desenvolvimento familiar, proposta feita nos anos setenta por Ruben Hill que sugeria que as famílias tinham de mudar ao lidar com as transições normais. O seu estágio e composição teriam um impacto considerável no tipo de sistema familiar que constituiriam.

Coesão, Adaptabilidade e Comunicação familiares emergiram da análise de mais de cinquenta conceitos desenvolvidos para caracterizar a dinâmica conjugal e familiar. Olson (1985) tomou-os como dimensões centrais no seu modelo.

### *II – Coesão Familiar*

A dimensão Coesão tem uma enorme relevância na nossa cultura sendo referência para a psiquiatria, a terapia familiar, a sociologia, as teorias de pequeno grupo, a terapia de grupo, a psicologia social, e a antropologia, que a usaram no seu trabalho. Esta relevância como que constitui uma validação da sua significância (Olson, 1985). O maior interesse pela coesão, no entanto, vem dos terapeutas familiares. A coesão familiar define-se como a ligação emocional que os membros de uma família têm entre si. No Modelo Circumplexo, algumas das variáveis que se usam para medir a coesão são o vínculo emocional, as fronteiras, as alianças, o tempo, o espaço, os amigos, a tomada de decisões, os interesses e a recreação, medindo-se em quatro níveis: desprendido (muito baixo), separado (baixo a moderado), conectado (moderado a alto), enredado (muito alto). Os níveis intermédios são os mais viáveis para o bom funcionamento familiar, havendo um melhor equilíbrio entre aquelas variáveis nas situações de *stress* desenvolvimental ou situacional. Se os níveis de coesão são demasiado elevados, há uma sobre-identificação e a individuação é posta em causa. Por outro lado, sistemas desprendidos promovem altos níveis de autonomia com pouco vínculo e compromisso para com a família (Olson, Portner, & Lavee, 1985).

### III – Adaptabilidade Familiar

A Adaptabilidade define-se como a capacidade de mudança da estrutura de poder e dos papéis na relação, bem como das regras da mesma, em resposta a situações de *stress* desenvolvimental ou situacional. Uma série de conceitos das ciências sociais são usados para descrever, medir e diagnosticar casais neste domínio: poder (que inclui assertividade, controle e disciplina), estilos de negociação, papéis na relação e regras da relação. Pode haver quatro níveis: rígido (muito baixo), estruturado (baixo a moderado), flexível (moderado a alto) e caótico (muito alto). Também aqui a hipótese é a de que os níveis moderados conduzem ao melhor funcionamento marital e familiar. A importância da adaptabilidade dos sistemas foi demonstrada por vários autores sistêmicos. Buckley (1967, citado por Olson, 1985), identifica o *feedback* positivo, que alimenta a família com comportamentos construtivos e de desenvolvimento sistêmico, permitindo-lhe crescer, criar, inovar e mudar – morfogénese sistêmica, e, *feedback* negativo que empreende a manutenção do estado das coisas – morfostase sistêmica. A tendência para ver as famílias como primariamente morfoestáticas, que dominou as primeiras teorizações sobre os sistemas familiares, é restritiva e enganadora apesar de ser útil para compreender famílias com membros francamente perturbados e para compreender a tendência para a homeostase que leva ao aparecimento dos pacientes identificados. Mas, esta posição não permite compreender famílias não clínicas nem cria espaço para olhar o crescimento e o desenvolvimento familiar. Ambas as tendências, morfogénese – mudança – e morfostase – estabilidade – são necessárias para uma família viável. Olson (1985), considera que são ambos extremos da dimensão adaptabilidade, mas ao contrário de outros autores como Miller (1969), que cita, as duas são disfuncionais, se o funcionamento se dá essencialmente nelas. Mais uma vez, as famílias saudáveis encontram um equilíbrio entre estas duas tendências, que conduz a um estilo mutuamente assertivo de comunicação, liderança igualitária, negociação sucedida, *feedback* positivo e negativo, partilha de papéis patilha na construção de regras, poucas regras implícitas e mais regras explícitas.

### IV - Comunicação

A Comunicação, terceira dimensão do modelo circunplexo é considerada uma dimensão facilitadora. Por esta razão, e apesar de fundamental para o movimento das outras duas, não aparece na representação gráfica do modelo (Figura 1). As Competências de Comunicação Positiva (empatia, escuta reflexiva e comentários de apoio), permitem à família

partilhar as necessidades de mudança e as suas preferências relativas à adaptabilidade e coesão. As Competências de Comunicação Negativa (mensagens duplas, duplo vínculo, criticismo), pelo contrário minimizam restringem a capacidade de partilha e o movimento. É consensual entre terapeutas e investigadores a função diagnóstica da comunicação e a necessidade de focalizar-se nos padrões comunicacionais. Apesar do reconhecimento da sua importância na literatura e nos relatos clínicos, a investigação desta área é um desafio dada a sua complexidade, que dificulta a comparação entre vários estudos (Olson, et al., 1985).

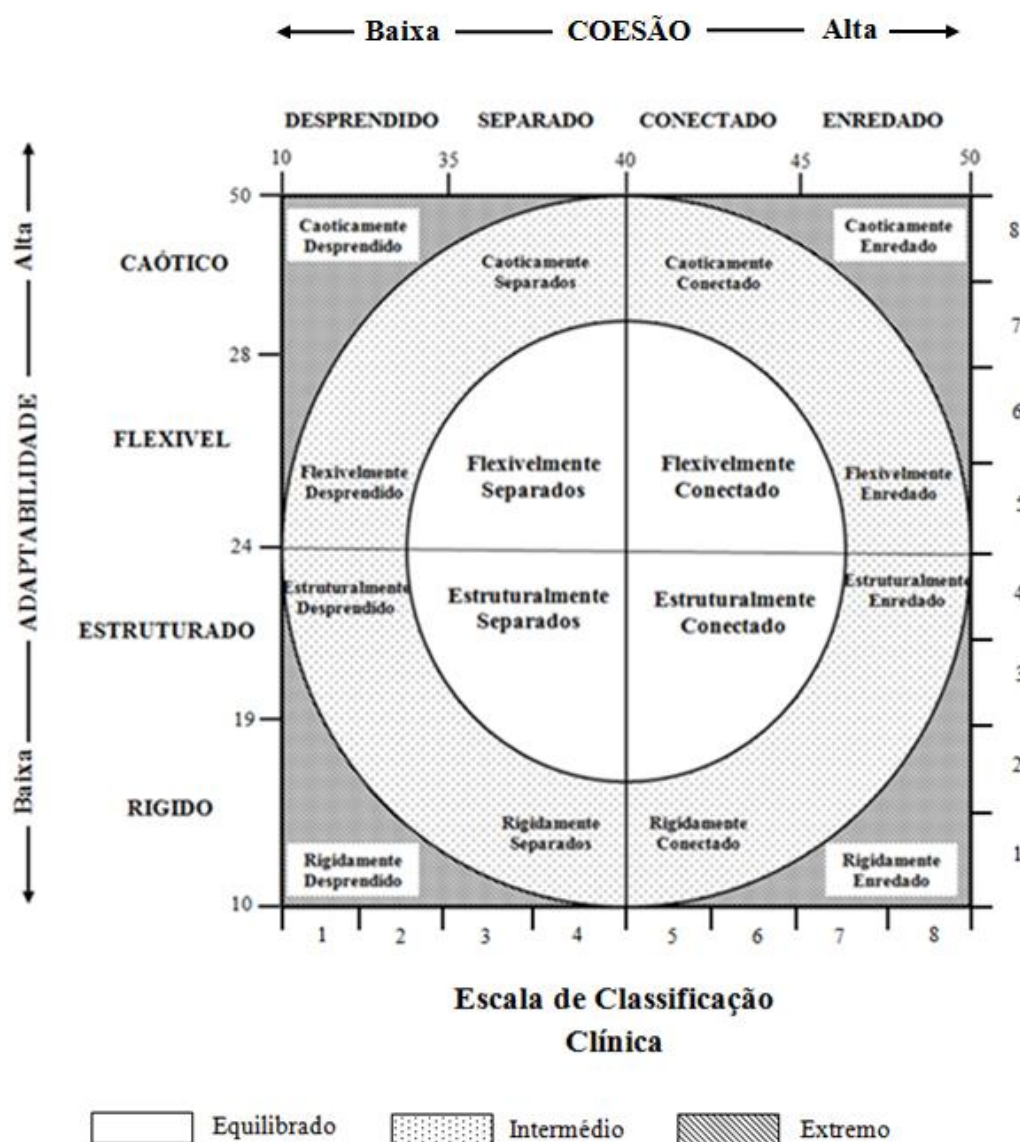


Figura 1 - O Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares

Ao colocar a família no Modelo Circumplexo, marque a posição específica que reflecte exactamente a pontuação real.

Combinando os quatro níveis de cada uma das dimensões, foram procurados adjetivos que não caíssem nas tarjetas clínicas habituais. Encontram-se, deste modo, dezasseis tipos de sistema familiar ou conjugal. Como em qualquer modelo circumplexo, os tipos centrais são os mais comuns. Como se viu, casais e famílias problemáticos caem normalmente nos tipos extremos. Observando o modelo é fácil perceber três tipos básicos: um grupo tem *scores* nos dois níveis centrais em ambas as dimensões (quatro tipos equilibrados), outro grupo é extremo em ambas as dimensões (quatro tipos extremos). Um terceiro grupo é extremo em apenas uma dimensão (oito tipos médios).

#### *V – Hipótese Derivadas do Modelo Circumplexo*

Olson (1985) sistematiza as hipóteses derivadas do seu modelo circumplexo:

**H1:** *Casais e famílias com coesão e adaptabilidade equilibradas funcionam, geralmente, de modo mais adequado ao longo do ciclo de vida familiar, do que aqueles que se situam nos extremos destas dimensões.*

Postula-se que o equilíbrio nas dimensões leva a um funcionamento mais adequado da família, o que não significa que uma família equilibrada, colocada nos dois níveis centrais do modelo, opere sempre de forma moderada. No entanto, uma família Equilibrada pode operar nos extremos quando é apropriado, mas não o faz por longos períodos de tempo. Pelo contrário, as famílias Extremas tendem a funcionar continuamente nos limites. Isto quer dizer que o reportório comportamental destas é menor que o daquelas (Olson, et al., 1985).

**H2:** *Casais e famílias Equilibrados têm um reportório comportamental maior e são mais capazes de mudar quando comparados com casais e famílias Extremos.*

As famílias equilibradas na dimensão coesão (separadas e conectadas) permitem que os seus membros experimentem a independência simultaneamente com a ligação à família. Famílias equilibradas na adaptabilidade (estruturadas e flexíveis) permitem aos seus membros serem, por vezes, caóticos mas com algum grau de estabilidade. Os extremos são esperados e tolerados mas não continuamente.

A hipótese 1 postula uma relação curvilinear entre as dimensões da coesão e adaptabilidade e o funcionamento familiar efectivo. Uma hipótese alternativa (H3) relaciona casais e famílias cujas expectativas normativas apoiam comportamentos extremos nestas dimensões. Assim, integrando expectativas normativas na família temos:

**H3:** *Se as expectativas normativas de um casal ou família apoiam comportamentos num ou em ambos os extremos das dimensões circunplexas ele funcionará bem, desde que todos os membros aceitem estas expectativas.*

De facto, apesar de normalmente ser prevista uma relação curvilinear é importante ter em conta expectativas normativas e viés culturais na hipótese 1. Na nossa cultura as expectativas normativas envolvem dois aspectos conflituais: por um lado espera-se que as pessoas façam coisas em conjunto, por outro que sejam indivíduos com actividades próprias. O tema da independência ganha particular importância na adolescência dos filhos. As pessoas podem ter dificuldade em apoiar o desenvolvimento individual se ele vai contra os valores da família. Se a maioria das famílias permite uma certa autonomia e diferenciação, uma minoria existe que enfatizam a condição de conjunto familiar emocional e fisicamente, o consenso e a lealdade. Muitas destas famílias funcionam no extremo da coesão mas funcionam bem se todos os membros estão dispostos a cumprir estas expectativas. Trata-se de uma hipótese importante pois dá conta do impacto da diversidade étnica e cultural na satisfação dos membros do sistema.

A dimensão facilitadora da Comunicação dá-lhe uma posição fundamental no modelo uma vez que facilita o movimento na coesão e na adaptabilidade. Daqui derivam as hipóteses:

**H4:** *Casais e famílias Equilibrados tenderão a ter mais competências de comunicação positiva que os casais e famílias extremos.*

**H5:** *Competências de comunicação positiva irão capacitar casais e famílias Equilibrados a mudar os seus níveis de coesão e adaptabilidade mais facilmente que os casais e famílias Extremos.*

Integrando a variável do desenvolvimento familiar no modelo circunplexo coloca-se a hipótese:

**H6:** *Para lidar com stress situacional e mudanças desenvolvimentais ao longo do ciclo de vida, casais e famílias Equilibrados mudarão a sua coesão e adaptabilidade, enquanto casais e famílias Extremos resistirão à mudança através do tempo.*

Esta hipótese põe a questão da mudança no sistema familiar em resposta ao *stress* ou à acomodação de mudanças nos membros da família, em particular à medida que os elementos mudam as suas expectativas. Dá conta que o Modelo Circumplexo é dinâmico, as famílias são livres de se mover na direcção que a situação, o estágio da família no ciclo de vida ou a socialização dos seus membros requeira.

Este nosso trabalho de validação da versão de casal põe à disposição dos clínicos e dos investigadores do casal um instrumento que poderá ser de muito interesse. Na verdade, quer no campo da investigação quer no domínio da clínica, os dados da FACES revelam utilidade já que a discrepância entre o casal percebido e o casal idealizado mostra o inverso da satisfação conjugal actual. Nos casais em acompanhamento, as respostas à relação ideal dão ainda pistas de trabalho para as preferências dos indivíduos e a direcção da mudança.

## 2. O Instrumento

A FACES III (Olson, et al., 1985) foi desenvolvida com o intuito de aumentar a fidelidade, validade e utilidade clínica, bem como algumas limitações da FACES II. Pretendia diminuir-se o tamanho do instrumento para que pudesse ser administrado sob condições percebidas e idealizadas; desenvolver duas dimensões independentes que atingissem melhor os critérios teóricos do modelo circumplexo; eliminar itens negativos para facilitar a cotação; reescrever a versão “ideal” para facilitar a compreensão da família; desenvolver itens relevantes para uma variedade de famílias; ter normas específicas para adultos em diferentes fases do ciclo de vida.

Chegou-se a uma Escala de 20 itens, 10 referentes à Sub-escala de Coesão (a ligação emocional entre os membros da família entre si) e 10 à Sub-escala de Adaptabilidade (capacidade do sistema marital ou familiar em mudar a estrutura de poder, papéis e regras em resposta a situações de *stress*), 2 itens relacionados com cada um dos seguintes aspectos da Coesão - “Vínculo Emocional”, “Apoio”, “Fronteiras Familiares”, “Tempo Livre e Amigos”, “Interesses e Actividades Recreativas” - , e 2 itens relacionados com cada um dos seguintes



aspectos da Adaptabilidade - “Liderança e controlo”, “Negociação”, e “Papéis e Regras” (Tabela 1).

A escala de resposta aos itens é de 1 a 5: 1 – “Quase Nunca”, 2 – “Ocasionalmente”, 3 – “Às vezes”, 4 – “Frequentemente”, 5 – “Quase Sempre”.

A validade de construto da escala foi estudada através de uma análise factorial que comprovou a existência dos dois factores. Outra indicação da validade de construto é as correlações elevadas dos itens que compõem cada sub-escala com os respectivos totais.

Relativamente à Fidelidade da escala, os autores estudaram a sua consistência interna tendo aplicado o Alpha de Cronbach, e encontrado valores adequados para as duas sub-escalas (0,77 para a Coesão e 0,62 para a Adaptabilidade) bem como para o total da escala (0,68). Fizaram ainda um teste-reteste (tendo aplicado a escala novamente passado 4 a 5 semanas), constatando-se valores altos em termos de correlação (0,83 para a coesão e 0,80 para a Adaptabilidade), o que atesta a boa estabilidade temporal da escala (Tabela 1).

Tabela 1

*Alpha de Cronbach e teste reteste das duas Escalas (Olson, 1985)*

ESCALAS	ASPECTOS AVALIADOS	Itens	Alpha de Cronbach/Teste Reteste
“COESÃO FAMILIAR”	“Vínculo Emocional”	1, 11, 19	Alpha = 0,77 tt = 0,83
	“Apoio”	17	
	“Fronteiras Familiares”	5, 7	
	“Tempo Livre e Amigos”	3, 9	
	“Interesses e Actividades Recreativas”	13, 15	
“ADAPTABILIDADE”	“Liderança e controlo”	4, 6, 12, 18	Alpha = 0,62 tt = 0,80
	“Negociação”	2, 10	
	“Papéis e Regras”	8, 14, 16, 20	

A Versão III das escalas FACES, quando usada a nível clínico, deve ser administrada por duas vezes, primeiro instruindo os sujeitos a responderem como percebem o funcionamento familiar e, seguidamente, qual a sua perspectiva ideal desse funcionamento. Obtém-se uma medida indirecta da satisfação familiar, tanto menor quanto maior a discrepância entre os valores encontrados. Pode ser aplicada a sujeitos a partir dos 12 anos e a famílias ao longo do seu ciclo de vida: dos casais recém-casados sem filhos aos casais idosos. Foi também desenvolvida uma versão para casais sem filhos, com 4 itens diferentes.

É possível identificar vários tipos de funcionamento marital familiar. Se considerarmos em cada factor (Coesão e Adaptabilidade) a existência de 4 níveis e os cruzarmos entre si, obtêm-se 16 tipos de combinações diferentes. Famílias ou casais que têm resultados muito baixos ou muito altos nas duas dimensões são disfuncionais, enquanto que famílias/casais com resultados nos níveis centrais funcionam de forma mais adequada.

Os autores apresentam valores normativos e valores de corte para 3 grupos: Adultos em todas as fases da sua vida, Família com adolescentes e Casais Jovens sem Filhos (Tabela 2).

Tabela 2

*Normas e Valores de Corte para a FACES III (Olson 1985)*

	<b>Adultos (Todas as fases) N = 2453</b>		<b>Família com Adolescentes (n= 1315)</b>		<b>Jovens Casais (n= 242)</b>	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
<b>Coesão</b>	39,8	5,4	37,1	6,1	41,6	4,7
<b>Adaptabilidade</b>	24,1	4,7	24,3	4,8	26,1	4,2

	<b>Níveis</b>	<b>Intervalo</b>	<b>%</b>	<b>Intervalo</b>	<b>%</b>	<b>Intervalo</b>	<b>%</b>
<b>Coesão</b>	Desprendida	10-34	16,33	10-31	18,6	10-36	14,9
	Separada	35-40	33,8	32-37	30,3	37-42	37,2
	Conectada	41-45	36,3	38-43	36,4	43-46	34,9
	Enredada	46-50	13,6	44-50	14,7	47-50	13,0
<b>Adaptabilidade</b>	Rígida	10-19	16,3	10-19	15,9	10-21	16,3
	Estruturada	20-24	38,3	20-24	37,3	22-26	38,8
	Flexível	25-28	29,4	25-29	32,9	27-30	32,0
	Caótica	29-50	16	30-50	13,9	31-50	16

### 3. Caracterização da Amostra de Validação

A amostra é constituída por 464 sujeitos, 232 casais heterossexuais, 165 casados e 67 a viverem em união de facto.

As idades dos sujeitos da amostra oscilam entre os 20 e os 82 anos, sendo os homens em média mais velhos 3 anos que as mulheres (médias arredondadas de 45 e de 42 anos respectivamente). Quanto às habilitações literárias elas são elevadas nos dois sexos, havendo uma minoria de sujeitos com escolaridade inferior ao ensino secundário complementar (25,85% no sexo feminino e 29,75% no sexo masculino) (Tabela 3).

Tabela 3

*Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

	<b>Sexo Feminino (n= 232)</b>	<b>Sexo Masculino (n= 232)</b>
<b>IDADE</b>	Mínimo = 20 Máximo = 80 Média = 41,88 Desvio Padrão = 11,95	Mínimo = 19 Máximo = 82 Média = 44,69 Desvio Padrão = 12,06
<b>HABILITAÇÕES LITERÁRIAS</b>		
Ensino Primário	6,03% (14)	4,31% (10)
Ensino Básico	6,03% (14)	6,47% (15)
Ensino Secundário Unificado	13,79% (32)	18,97% (44)
Ensino Secundário Complementar	26,29% (61)	25,43% (59)
Curso Médio	6,03% (14)	4,31% (10)
Bacharelato	3,88% (9)	7,76% (18)
Licenciatura	31,03% (72)	26,29% (61)
Mestrado	5,60% (13)	3,02% (7)
Doutoramento	0,86% (2)	2,59% (6)
Não Responde	0,43% (1)	0,86% (2)

Os casais que vivem em regime de união de facto estão juntos há menos tempo do que os que vivem em regime de casamento: os casados estão juntos em média há 20 anos, enquanto os que vivem em união de facto coabitam em média há 7 anos (a dispersão em torno da média deste último grupo é bastante elevada). A maioria dos casados tem filhos (87,9%), sendo essa percentagem de apenas 34,3% nos casais que vivem em união de facto.

O número de filhos é mais elevado no grupo dos casados (média é de 2 filhos, sendo que a maioria dos casais tem 2 filhos, havendo 18 casais com mais de 2 filhos). No grupo que vive em união de facto a média é de 1 filho (a maioria tem apenas 1 filho, havendo apenas 1 casal com 3 filhos) (Tabela 4).

Tabela 4

*Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

	<b>Casais em Regime de Casamento (n= 165)</b>	<b>Casais em Regime de União de facto (n= 67)</b>
<b>Tempo de Duração da Relação</b>	Mínimo = 4 meses Máximo = 56 anos Média = 20,44 Desvio Padrão = 11,67	Mínimo = 2 meses Máximo = 34 anos Média = 6,62 Desvio Padrão = 6,57
<b>Existência de Filhos</b>	Sim – 87,9% (145) Não – 12,1% (20)	Sim – 34,3% (23) Não – 65,7% (44)
<b>Número de Filhos da relação actual</b>	Mínimo = 1 Máximo = 11 Média = 1,86 Desvio Padrão = 1,09	Mínimo = 1 Máximo = 3 Média = 1,22 Desvio Padrão = 0,51

#### 4. Validação do Instrumento para a População Portuguesa

No sentido se proceder à validação da FACES III para a população portuguesa, depois do processo de tradução/retroversão/tradução, passou-se a escala aos 232 casais (464 sujeitos) da amostra descrita.

A validade de construto foi estudada recorrendo-se a uma análise factorial confirmatória, de componentes principais com rotação oblíqua. Foi utilizado o método de “Kaiser-Meyer-Olkin” (KMO), proposta por Kaiser (1970) e Kaiser e Rice (1974), para averiguar a adequação da análise factorial nos nossos dados. Ainda que não exista um teste rigoroso para os valores de KMO, genericamente podem ser classificados da seguinte forma (Pestana & Gajreiro 2000):  $\leq 0,50$  – Inaceitável,] 0,50-0,60] – Mau mas ainda assim aceitável,] 0,60-0,70] – Medíocre,] 0,70-0,80] – Média,] 0,80-0,90] – Boa,] 0,90-1,00] – Excelente. O KMO obtido foi de 0,915, o que permitiu o recurso a análise factorial confirmatória.

A análise factorial confirmou a estrutura factorial com 2 factores coincidente com a encontrada pelo autor. A variância explicada pelo total dos dois factores é de 47,97% (Factor 1 “Coesão Familiar” – 36,90% e Factor 2 – “Adaptabilidade” – 11,07%). O Coeficiente de saturação utilizado (“Factor loading”) foi o mesmo utilizado pelos autores 0,34 (Tabela 5).

Tabela 5

*Análise Factorial Confirmatória (Componentes Principais com Rotação Oblíqua) (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

	FACTORES	
	1	2
1 - Pedimos ajuda um ao outro.	,711	,126
2 - Quando temos problemas arranjam uma solução de compromisso.	,180	,612
3 - Aprovamos os amigos um do outro.	,473	,059
4 - Somos flexíveis no modo como lidamos com as nossas diferenças.	,253	,643
5 - Gostamos de fazer coisas um com o outro.	,724	,199
6 - Na nossa relação, não há um só a liderar.	,057	,349
7 - Sentimo-nos mais próximos um do outro do que de pessoas fora da família.	,590	,028
8 - Vamos mudando a nossa maneira de lidar com tarefas.	,298	,650
9 - Gostamos de passar tempo livre um com o outro.	,795	,213
10 - Tentamos novas maneiras de lidar com os problemas.	,417	,601
11 - Sentimo-nos muito próximos um do outro.	,818	,252
12 - Na nossa relação tomamos as decisões em conjunto.	,142	,771
13 - Partilhamos "hobbies" e interesses em conjunto.	,637	,320
14 - As regras mudam na nossa relação.	-,155	,580
15 - Facilmente pensamos em coisas para fazer em conjunto, como casal.	,750	,373
16 - Trocamos as responsabilidades domésticas entre um e outro.	,308	,666
17 - Consultamo-nos para tomar as nossas decisões.	,708	,267
18 - É difícil identificar quem é o líder na nossa relação.	,266	,519
19 - Estarmos juntos é uma prioridade.	,727	,224

20 - É difícil dizer quem faz quais tarefas domésticas.

,085

**,675**

Com o objectivo de se estudar a validade de construto, além da análise factorial, efectuaram-se também correlações dos itens com o total do factor a que pertencem, constatando-se a existência de correlações significativas para  $p \leq 0,01$  e elevadas (nenhuma inferior a 0,45) (Tabela 6).

Tabela 6

*Correlações dos Itens com os Factores (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

	COESÃO
	Correlação com os Itens
1-Pedimos ajuda um ao outro.	,689(**)
11 - Sentimo-nos muito próximos um do outro.	,807(**)
19 - Estarmos juntos é uma prioridade.	,745(**)
17 - Consultamo-nos para tomar as nossas decisões.	,712(**)
5 - Gostamos de fazer coisas um com o outro.	,741(**)
7 - Sentimo-nos mais próximos um do outro do que de pessoas fora da família.	,599(**)
3 - Aprovamos os amigos um do outro.	,495(**)
9 - Gostamos de passar tempo livre um com o outro.	,798(**)
13 - Partilhamos "hobbies" e interesses em conjunto.	,698(**)
15 - Facilmente pensamos em coisas para fazer em conjunto, como casal.	,785(**)
	Adequabilidade
	Correlação com os Itens
4 - Somos flexíveis no modo como lidamos com as nossas diferenças.	,534(**)
6 - Na nossa relação, não há um só a liderar.	,522(**)
12 - Na nossa relação tomamos as decisões em conjunto.	,463(**)
18 - É difícil identificar quem é o líder na nossa relação.	,594(**)
2 - Quando temos problemas arranjam uma solução de compromisso.	,497(**)
10 - Tentamos novas maneiras de lidar com os problemas.	,659(**)
8 - Vamos mudando a nossa maneira de lidar com 5176 tarefas.	,613(**)
14 - As regras mudam na nossa relação.	,354(**)
16 - Trocamos as responsabilidades domésticas entre um e outro.	,614(**)
20 - É difícil dizer quem faz quais tarefas domésticas.	,552(**)

\*\* Correlação Significativa para  $p \leq 0,01$ 

O estudo da consistência interna feito à escala revelou bons Alphas de Cronbach na população portuguesa (mais altos do que os encontrados pelo autor na sua amostra): 0,87 para a escala total, 0,89 para a “Coesão Familiar” e 0,70 para a “Adaptabilidade” (Tabela 7).

Tabela 7

*Alpha de Cronbach das 2 Sub-Escalas e do Total da FACES (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

	Alpha de Cronbach
<b>COESÃO FAMILIAR</b>	0,89
<b>ADAPTABILIDADE</b>	0,70
<b>TOTAL DA ESCALA</b>	0,87

Neste estudo foi passada a versão para casais, uma vez que na amostra, além de casais jovens sem filhos existia também um número considerável de casais idosos sem filhos e casais que embora tivessem filhos não eram da relação actual bem como situações em que os filhos já não viviam na mesma casa dos progenitores. A diferença entre as duas versões da escala reside em 4 itens: na versão familiar existem os seguintes itens: item 2 - “Na resolução de problemas as sugestões apresentadas pelas crianças são seguidas”, item 4 - “As crianças têm uma palavra a dizer na sua disciplina”, Item 10 - “Pais e crianças discutem as punições em conjunto” e Item 12 - “As crianças tomam as decisões na nossa família”, que na versão para casais foram substituídos pelos seguintes: Item 2 - “Quando temos problemas arranjam uma solução de compromisso”, Item 4 - “Somos flexíveis no modo como lidamos com as nossas diferenças”, Item 10 - “Tentamos novas maneiras de lidar com os problemas” e item 12 - “Na nossa relação tomamos as decisões em conjunto”.

Calcularam-se as médias e os desvios padrão para a totalidade da amostra (adultos em todas as fases), bem como os valores de corte, baseando-nos nos percentis 16, 50 e 84 (Tabela 8). Embora os valores sejam idênticos nos dois estudos para a escala coesão (Médias: 39,8 – Olson/ 40,95 – Abreu-Afonso e Leal), relativamente à escala adaptabilidade os valores encontrados neste estudo são mais elevados comparativamente com os do autor da escala (Médias: 24,1 – Olson/ 33,76 – Abreu-Afonso e Leal, , conseqüentemente os valores de corte para esta escala são mais elevados.

Tabela 8

*Normas e Valores de Corte para a FACES III (Abreu-Afonso & Leal, 2014)*

Adultos (Todas as fases) N = 464			
		Média	Desvio Padrão
<b>COESÃO</b>		40,95	6,43
<b>ADAPTABILIDADE</b>		33,76	6,02
		<b>Intervalo</b>	<b>%</b>
<b>COESÃO</b>	Desprendida	10-34	16,33
	Separada	35-41	33,8
	Conectada	42-47	36,3
	Enredada	48-50	13,6
<b>ADAPTABILIDADE</b>	Rígida	10-27	16,3
	Estruturada	28-33	38,3
	Flexível	34-39	29,4
	Caótica	40-50	16

## 5. Cotação

Relativamente à cotação das respostas deve-se proceder ao somatório simples dos 10 itens que compõem cada uma das subescalas (Coesão e Adaptabilidade). Os scores das duas subescalas variam entre 10 e 50. Seguidamente deve consultar-se a tabela dos valores normativos no sentido de se classificar o funcionamento marital relativamente à coesão (relação desprendida, separada, conectada ou enredada) e adaptabilidade (uma relação rígida, estruturada, flexível ou caótica).

## 6. Referências

- Kaiser, H.F. (1970). A second generations little Jiffy. *Psychometrika*, 35, 401-415. DOI: 10.1007/BF02291817
- Kaiser, H. F., & Rice, J. (1974). A little Jiffy Mark IV. *Educational and Psychological Measurement*, 34, 111-117.. DOI:10.1177/001316447403400115
- Olson, D. (1985) Circumplex Model of Families. In D. Olson, D., H.I. Mc Cubbin, H.L. Barnes,, A.S. Larsen,, M.J. Muxen,, & Wilson, M.A. (eds.), *Families – What Makes Them Work* (pp. 47-80). London: Sage Publications.
- Olson, D.H., Portner, J. & Lavee, Y. (1985). *Faces III*. Family Social Science-University of Minnesota. St. Paul, Minnesota: United States
- Hendrick, C., & Hendrick, S.S. (1989) Research on Love: Does It Measure Up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(5), 784-794. DOI: 10.1037/0022-3514.56.5.784
- Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2000). *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

**Anexo A4 - Formulário De Avaliação Da Relação - Adaptação e Validação da Relationship Rating Form (RRF) para a População Portuguesa**

Publicado em 2017 na *Psicologia, Saúde & Doenças*, 18(3), 880-900

José de Abreu Afonso & Isabel Leal

Isipa – Instituto Universitário

**e-mail:** jaa@ispa.pt

**Resumo:** O artigo apresenta a adaptação e validação para a população portuguesa da Relationship Rating Form (RRF) de K. E. Davis (1996), criada para medir a amizade, as relações românticas e o amor.

A noção de amor aqui usada deriva de um corpo empírico e conceptual radicado na Psicologia Descritiva. Entende-se o amor como um conceito prototípico na sua natureza. A construção do instrumento sustenta-se num caso paradigmático ou ideal que foi desenvolvido incorporando todos os aspectos relevantes que um caso real de amor deve ter.

Participaram no estudo 444 sujeitos, 222 casais heterossexuais. Para a nossa amostra, a *sensibilidade* dos itens demonstrou ter características discriminativas. A *validade* de construto foi estudada através de análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua. No que respeita à *fidelidade*, recorreu-se ao Alpha de Cronbach. A análise factorial para a nossa população não confirmou a estrutura original. Chegámos a uma estrutura final também de sete factores mas não coincidente com a encontrada por Davis em 1996. Designámos os factores encontrados por: 1-Sucesso e Satisfação Geral; 2-Desilusão Amorosa; 3- Cuidado Mútuo; 4-Compromisso; 5-Fascinação; 6-Conhecimento; 7-Coerção. No factor 1 incluímos as seguintes sub-escalas: *Respeito/Auto-Estima; Comunicação Honesta e Íntima; Erotismo/Desejo; Satisfação; Manutenção; Aceitação*. No factor 2 considerámos as sub-escalas de *Desconfiança/Desapontamento; Desrespeito/Deslealdade; Tensão/Ambivalência*. No factor 3 tivemos em conta as sub-escalas de *Auxílio; Defesa; Dar o Máximo*. O factor 4 integra as sub-escalas de *Prazer; Confiança; Exclusividade e projecção no futuro*.

**Palavras-chave:** relação conjugal, amor, relação romântica, amizade



**Abstract:** This article consists on the validation of the Relationship Rating Form -RRF (Davis, 1996) - an instrument that measures friendship, romantic relationships and love - for the Portuguese population.

The concept of love used on this research is developed from the empirical and conceptual body of descriptive psychology. The construction of the scale is based on a prototypical or ideal case, which includes the relevant features that a real case of love should reveal.

The results of the factor analysis by the KMO method, using oblimin rotation, produced a meaningful solution of seven factors (but not quite coincident to those that Davis and his colleagues obtained in the US in the middle 90's): 1-Success/Global Satisfaction; 2- Love disillusion; 3-Care for Partner's Well-being; 4-Commitment; 5- Fascination 6-Knowledge; 7- Coercion. Factor 1 includes the following sub-scales: *Respect/Esteem; Mutual Confiding/Intimacy; Sexual Desire; Satisfaction; Maintenance; Acceptance*. Factor 2 includes the subscales of *Distrust/Disappointment; Disrespect/Disloyalty; Tension/Ambivalence*. Factor 3 includes *Assistance, Championing and Give the Utmost* sub-scales. In factor 4 we contemplate the *Enjoyment; Trust/Confiding; Exclusiveness* and *Projecting in the Future* sub-scales. The reliability of the factors was tested through the use of Cronbach Alpha.

**Key words:** couple relationship, love, romantic relationship, friendship

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, o interesse pelas relações próximas arrastou o aumento da investigação sobre o amor romântico. Desenvolveram-se as teorizações e surgiram vários instrumentos de medida. Neste trabalho apresentamos a adaptação e validação para a população portuguesa de “The Relationship Rating Form (RRF): A Measure of the Characteristics of Romantic Relationships and Friendships”, que aqui denominamos Formulário de Avaliação da Relação (FAV), criado por Davis (1996) para medir a amizade, as relações românticas e o amor.

O amor é vulgarmente visto como o mais profundo e significativo dos sentimentos, ocupando uma posição proeminente nas produções artísticas humanas desde sempre. A maioria das pessoas experimentou-o, mesmo que ocasionalmente. Na actual cultura ocidental a sua

associação com a ideia de conjugalidade faz a ligação entre o indivíduo e a estrutura mais básica da sociedade (Rubin, 1970). Se considerarmos que o amor pode ser conceptualizado e medido independentemente numa perspectiva de validação de construto, teremos de defini-lo, assim como chegar às suas relações com outras variáveis. Uma assumpção inicial para cumprir esta tarefa é assumi-lo como a atitude de uma pessoa relativamente a alguém particular. Isto implica um ponto de vista mais vasto que o que vê o amor como uma emoção, uma necessidade, ou um conjunto de comportamentos. A ligação a um objecto particular sugere que podem existir importantes elementos comuns entre as diversas variedades de amor, por exemplo o filial, o marital, o fraternal, ou o amor por Deus.

Como nos recordam Bergner, Davis, Saternus, Walley e Tyson (2013), para articular um conceito, a tradição na psicologia, desde o trabalho de Rosch (1973) e Mervis & Rosch (1982), citados por Bergner et al. (2013), tem seguido duas vias. A mais antiga, dar uma definição, é a *essencialista*, colocando as condições universais necessárias e suficientes para o uso correcto do termo. A segunda, observada na maioria dos conceitos do mundo real, não pode ser formalmente definida porque não há um único aspecto que todas as instâncias desses conceitos tenham em comum (Mervis & Rosch, 1981, Rosch, 1973, Wittgenstein, 1953, citado por Bergner et al., 2013). Faltam-lhe as condições universais necessárias e suficientes para uma definição formal mas, em contrapartida, há semelhanças que tornam possível a estruturação de um *protótipo*. Estas semelhanças justificam o uso do termo numa determinada ocasião.

A posição recente da literatura sobre relações próximas é que o amor é um *conceito prototípico* na sua natureza. Isto para o amor em geral e para os seus diferentes subtipos, tais como o amor romântico, o amor companheiro, o amor compassivo. Aron e colaboradores (2006, citado por Bergner et al., 2013) articulam bem esta posição quando dizem que as controvérsias à volta do significado do amor, e a correspondente diversidade na literatura científica de definições conceptuais e operacionais é devida à possibilidade de as pessoas vulgares reconhecerem instancias do amor (não conformes com algumas definições formais) pela semelhança familiar com um exemplar prototípico (Bergner et al., 2013).

Hendrick e Hendrick (1989) examinaram cinco abordagens na medição do amor. Apesar das diferenças evidenciadas no seu estudo este sugere muitos pontos em comum entre as diversas perspectivas. Assim consideram: a) Helen Hatfield, que conduziu investigação sobre a atracção interpessoal, propondo dois tipos de amor: o apaixonado e o companheiro. Focou-se

mais tarde no amor apaixonado usando a “Passionate Love Scale” (Hatfield & Sprecher, 1986, citados por Hendrick & Hendrick, 1989), procurando a sua ocorrência ao longo da vida, em diferentes culturas e nos dois gêneros (Hatfield & Rapson, 1987, citados por Hendrick & Hendrick, 1989). Para ela o amor apaixonado é composto de aspectos cognitivos, afectivos e comportamentais marcados por afecto negativo e positivo; b) Shaver & Hazan, (1987, citados por Hendrick & Hendrick, 1989) baseados no trabalho de Bowlby (1969, 1973, 1980, citado por Hendrick & Hendrick, 1989) bem como em Ainsworth, Blehar, Waters & Wall (1978, citado por Hendrick & Hendrick, 1989), adaptando o conceito de vinculação infantil ao amor adulto, nos estilos evitante, ansioso-ambivalente e seguro; c) Sternberg (1986, 1987, citado por Hendrick & Hendrick, 1989) com a sua teoria triangular, sugerindo que todos os tipos de amor podem ser compreendidos como construções de três conceitos: intimidade, paixão e compromisso. As diferentes combinações possíveis dão origem a oito classes de amor. Assume uma explicação para os vários fenómenos empíricos do amor e das relações próximas bem como uma moldura integrativa das outras teorias do amar e gostar; d) Hendrick & Hendrick (1986, 1987, 1988, citado por Hendrick & Hendrick, 1989) baseiam a sua posição na teoria do sociólogo John Lee (1973, citado por Hendrick & Hendrick, 1989) que propôs uma tipologia dos estilos do amor descrita na literatura popular e nas entrevistas de investigação. Assinala três estilos primários, três secundários e outros terciários; e) Davis e os seus colaboradores, (1982, 1985, citado por Hendrick & Hendrick, 1989), compararam e contrastaram o amor e a amizade usando uma escala primeiramente desenvolvida por Kelling (1979, citado por Hendrick & Hendrick, 1989). É justamente no trabalho no deste autor que centramos a nossa atenção.

A noção de amor aqui usada deriva de um corpo empírico e conceptual radicado nas concepções originais de Osório (1997, citado por Beste, Bergner & Nauta, 2003), no âmbito da Psicologia Descritiva. Esta concepção foi validada por Davis (1982, 1985, citado por Beste et al., 2003) como enraizada no conjunto de distinções prototípicas que a maioria das pessoas faz quando distingue relações românticas de outro tipo de relações, ou da amizade (Beste et al., 2003).

Davis e Todd (1985) esclarecem: ao mesmo tempo que os cognitivistas desenvolviam a ideia de protótipos, a Psicologia Descritiva (Davis, 1981, Osório, 1966, 1981, citado por Davis & Todd, 1985) desenvolvia a concepção de *caso paradigmático*, para representar um fenómeno comportamental central na vida do dia a dia, mas resistente a uma representação formal.

O procedimento de caso paradigmático é um método para determinar e distinguir os casos genuínos daqueles que desejamos excluir. Há dois passos fundamentais: o primeiro tem duas partes – pegar num caso verdadeiro do fenómeno e identificar aquelas características que são pertinentes para a sua categorização como caso; o segundo passo consiste na generalização da lista de características – uma série de transformações é levada a cabo tal como apagar uma dada característica do rol. Com efeito, uma transformação é qualquer mudança na lista que produza outros casos do fenómeno. A transformação pode prosseguir até que se tenham gerado todos os casos de interesse, e apenas esses casos. É necessário sublinhar que a lista não é a das condições necessárias e suficientes para aplicação do termo ou conceito em causa, por exemplo o amor. Isso seria demasiado idealista e restritivo. O caso paradigmático arquetípico é um caso sem constrangimentos por limitações pessoais ou por factos. Quando estes constrangimentos se fazem sentir o amor encontrado na vida real poderá diferenciar-se do caso ideal, não só em grau, mas até ao ponto de não ter uma ou mais características do elenco do arquétipo.

A transformação é então a mudança de uma ou mais características do paradigma que resulta num caso que ainda serve de exemplo, algumas vezes como caso limite. A mais simples transformação é a eliminação de uma característica, mas o caso mais útil é uma redução significativa no seu grau ou valor. Outra transformação possível é a especificação de um dado domínio do caso (Davis & Todd, 1985).

A partir deste corpo teórico, que sustenta a construção do nosso instrumento, um *caso paradigmático* ou *ideal* foi desenvolvido, incorporando todos os aspectos relevantes que um caso real de amor deve ter. Usar um protótipo pode ser útil porque nos oferece um padrão a partir do qual podemos observar os amantes e as relações de amor reais. Ainda que raramente vejamos o preenchimento de todas as condições numa relação concreta, a sua existência permite-nos perceber o que está faltando num dado relacionamento (Beste et al., 2003).

Uma palavra ainda para justificar o interesse da tradução, adaptação e validação para a população portuguesa da RRF. Como assinalam Beste et al. (2003) a formulação de amor usada neste questionário poder ser útil aos terapeutas familiares como um modelo diagnóstico para avaliação de relacionamentos, permitindo, por exemplo, evidenciar áreas de fraqueza e determinar áreas de força em relações, ou mostrar em que zona um indivíduo pode ter limitações na sua capacidade de amar.

Será também mais um instrumento posto à disposição dos investigadores portugueses que se dedicam ao estudo das relações próximas e das relações amorosas.

## 2. O Instrumento

A escala RRF é composta por 65 itens organizando-se em 7 escalas, 6 das quais, constituídas por sub-escalas (Tabela 1).

As características das relações românticas medidas pelo instrumento correspondem a cada uma das escalas globais que são: 1.“Viability”, 2.“Intimacy”, 3.“Passion”, 4.“Care”, 5.“Global Satisfaction”, 6.“Conflict/Ambivalence” 7.“Commitment”. As sub-escalas, por sua vez, medem 20 facetas das relações. Assim, a Escala Global “Viability” abrange três aspectos distintos: “Acceptance/Tolerance”, “Respect” e “Trust”, a Escala Global “Intimacy” organiza-se nas dimensões “Confiding” e “Understanding”, a Escala Global “Passion” inclui “Fascination”, “Exclusiveness” e “Sexual Intimacy”, a Escala Global “Care” engloba “Giving the utmost”, “Championing” e “Assistance”, a Escala “Global Satisfaction” abarca “Success”, “Enjoyment”, “Reciprocity” e “Esteem”, a Escala Global “Conflict/Ambivalence” mede precisamente os dois aspectos contidos no seu nome. A Escala Global “Commitment” é a única que não tem sub-escalas. Há ainda 10 itens que não se integram nestas sete Escalas Globais: “Maintenance” (3 itens), “Coercion” (2 itens) e “Equality” (1 item) (Tabela 2).

A resposta é dada em 9 pontos: 1 - Nada, 2 – Muito Pouco, 3 – Pouco/Raramente, 4 – Levemente/Não Frequentemente, 5 – Razoavelmente, 6 – Bastante, 7 – Muito, 8 – MUITÍSSIMO/Quase sempre, 9 – Completamente/extremamente.

Os autores estudaram ao nível da fidelidade, a consistência interna da escala utilizando para isso o Alpha de Cronbach. Estudaram também a estabilidade temporal usando o método teste/reteste. Os Alphas das escalas globais variam entre 0,73 e 0,90 e os coeficientes de correlação do teste reteste entre 0,68 e 0,82. Os alphas das sub-escalas são quase todos superiores a 0,60 e os que não são aproximam-se desse valor.

Diversos aspectos da validade foram explorados. Davis (1996) cita vários estudos: a validade de conteúdo foi explorada usando amostras de estudantes que ajuizavam o grau em que os itens cabiam nas definições conceptuais pretendidas, procedimento semelhante ao usado no estudo português. Grupos de pessoas avaliaram o grau em que as relações com os seus

amigos, amantes, esposos, ou parceiros tinham as características referidas no RRF (Davis & Todd, 1985). Expectativas das diferenças entre amigos e amantes em aspectos como o grau de intimidade, o grau de fascínio, os sentimentos de exclusividade, e o desejo de intimidade sexual foram suportadas pela investigação. Estudos adicionais trataram da traição da amizade e das suas consequências para o relacionamento. O uso das características do relacionamento como medida do suporte social percebido foi explorado por Brown (1983, citado por Davis, 1996). Diferentes estudos (Davis, Kirkpatrick, Levy, & O' Hearn, 1994, Davis, Todd, & Denny, 1988, citados por Davis, 1996) mostram ainda que as escalas globais prevêem a estabilidade longitudinal da satisfação e do relacionamento.

Tabela 1

*Alpha de Cronbach e teste reteste das 7 escalas Globais e respectivas subescalas*

ESCALAS	SUB-ESCALAS	Itens	Alpha de Cronbach/Teste Reteste
“VIABILITY” $\alpha = 0,80, 0,90, 0,85$ Tt = 0,74	“Acceptance/Tolerance”	1, 2, 3, 4*	A = 0,61, 0,50, tt = 0,69
	“Respect”	5, 6*, 7, 8	A = 0,63, 0,69, tt = 0,71
	“Trust”	9, 10, 11*, 12*	A = 0,59, 0,60, tt = 0,62
“INTIMACY” $\alpha = 0,76, 0,73, 0,79$ Tt = 0,78	“Confiding”	13, 14, 15*, 16*	A = 0,75, 0,55 tt = 0,71
	“Understanding”	17, 18*, 19, 20	A = 0,57, 0,64 tt = 0,75
	“Give the Utmost”	31, 32, 33, 34	A = 0,79, 0,78, tt = 0,79
“CARE” $\alpha = 0,78, tt = 0,78$	“Championing”	35, 36, 37	A = 0,82, 0,80, tt = 0,60
	“Assistance”	38, 39, 40, 41	A = 0,76, 0,78, tt = 0,75
	“Fascination”	21, 22, 23	A = 0,68, 0,67, tt = 0,77
“PASSION” $\alpha = 0,82, 0,78, 0,80$ Tt = 0,82	“Exclusiveness”	24, 25, 26, 27	A = 0,71, 0,65, tt = 0,77
	“Sexual Intimacy”	28, 29, 30	A = 0,65, 0,75, tt = 0,77
	“Success”	42, 43, 44	A = 0,83, 0,87, tt = 0,66
“SATISFACTION” $\alpha = 0,90, 0,93, 0,93$ Tt = 0,73	“Enjoyment”	45, 46, 47	A = 0,81, 0,78, tt = 0,75
	“Reciprocity”	48, 49, 50	A = 0,77, 0,84, tt = 0,74
	“Esteem”	51, 52	A = 0,90, 0,86, tt = 0,60
“COMMITMENT” A = 0,89, 0,89, tt = 0,81	Não tem sub-escalas	62, 63, 64, 65	
“CONFLICT/AMBIVALENCE” $\alpha = 0,73, 0,79, 0,83$ Tt = 0,68	“Conflict”	53, 54, 55	A = 0,73, 0,72, tt = 0,68
	“Ambivalence”	56, 57, 58	A = 0,70, 0,71, tt = 0,65

(\* Itens a inverter)

Tabela 2

*Alpha de Cronbach e teste reteste dos Agrupamentos de itens que não integram as Escalas Globais*

SUB-ESCALAS	Itens	Alpha de Cronbach/ Teste Reteste
“Maintenance”	59, 60, 61	A = 0,71, 0,68 tt = 0,80
“Commitment”	62,63,64,65	A = 0,89, 0,89 tt = 0,81
“Coercion”	66, 67	A = 0,85, 0,91 tt = 0,60
“Equality”	68	$\alpha$ = ----- tt = 0,64

No sentido de se averiguar a consistência interna para as escalas originais da RRF na população portuguesa, recorreu-se ao Alpha de Cronbach (Tabela 3 e 4). Os Alphas das setes escalas globais são todos superiores a 0,80 e das sub-escalas são todos superiores a 0,60.

Tabela 3

*Abreu Afonso & Leal - Alpha de Cronbach das 7 escalas Globais e respectivas subescalas (Escala Original)*

ESCALAS	SUB-ESCALAS	Itens	Alpha de Cronbach	
“VIABILITY”	“Acceptance/Tolerance”	1, 2, 3,4*	$\alpha$ = 0,78	$\alpha$ = 0,90
	“Respect”	5,6*,7,8	$\alpha$ = 0,75	
	“Trust”	9, 10, 11*, 12*	$\alpha$ = 0,78	
“INTIMACY”	“Confiding”	13, 14,15*, 16*	$\alpha$ = 0,70	$\alpha$ = 0,82
	“Understanding”	17, 18*, 19, 20	$\alpha$ = 0,73	
	“Give the Utmost”	31, 32, 33, 34	$\alpha$ = 0,65	
“CARE”	“Championing”	35, 36, 37	$\alpha$ = 0,89	$\alpha$ = 0,89
	“Assistance”	38, 39, 40, 41	$\alpha$ = 0,91	
	“Fascination”	21, 22, 23	$\alpha$ = 0,73	
“PASSION”	“Exclusiveness”	24, 25, 26, 27	$\alpha$ = 0,56	$\alpha$ = 0,83
	“Sexual Intimacy”	28, 29, 30	$\alpha$ = 0,84	
	“Success”	42, 43, 44	$\alpha$ = 0,97	
“SATISFACTION”	“Enjoyment”	45, 46, 47	$\alpha$ = 0,75	$\alpha$ = 0,96
	“Reciprocity”	48, 49, 50	$\alpha$ = 0,91	
	“Esteem”	51, 52	$\alpha$ = 0,96	
“COMMITMENT”	Não tem sub-escalas	62, 63, 64, 65		$\alpha$ = 0,91
“CONFLIT/ AMBIVALENCE”	“Conflit”	53, 54, 55	$\alpha$ = 0,73	$\alpha$ = 0,79
	“Ambivalence”	56, 57, 58	$\alpha$ = 0,63	

(\* Itens a inverter)

Tabela 4

*Abreu Afonso & Leal – Alpha de Cronbach dos Agrupamentos de itens que não integram as Escalas Globais (Escala Original)*

SUB-ESCALAS	Itens	Alpha de Cronbach
“Maintenance”	59, 60, 61	$\alpha = 0,83$
“Coercion”	66, 67	$\alpha = 0,85$
“Equality”	68	$\alpha = 0,85$

### 3. Caracterização da Amostra de Validação

A Amostra é constituída por 444 sujeitos, 222 casais heterossexuais, 157 casados e 65 a viverem em união de facto.

Tabela 5

*Caracterização dos Sujeitos da Amostra relativamente à Idade e às Habilitações Literárias*

	Sexo Feminino (n= 222)	Sexo Masculino (n= 222)
<b>IDADE</b>	Mínimo = 20 Máximo = 80 Média = 41,86 Desvio Padrão = 11,91	Mínimo = 19 Máximo = 82 Média = 44,79 Desvio Padrão = 12,01
<b>HABILITAÇÕES LITERÁRIAS</b>		
Ensino Primário	5,4% (12)	4,5% (10)
Ensino Básico	6,3% (14)	6,3% (14)
Ensino Secundário Unificado	14,0% (31)	16,2% (36)
Ensino Secundário Complementar	26,1% (58)	27,0% (60)
Curso Médio	6,3% (14)	4,5% (10)
Bacharelato	3,6% (8)	8,1% (18)
Licenciatura	31,1% (69)	26,6% (59)
Mestrado	5,9% (13)	3,2% (7)
Doutoramento	0,9% (2)	2,7% (6)
Não Responde	(0,5%) 1	0,9% (2)

As mulheres são ligeiramente mais novas do que os homens (em média cerca de 3 anos), com idades entre os 20 e os 80 anos, sendo a média (arredondada) de 42. Nos homens a idade oscila entre os 19 e os 82 anos sendo a média de 45. Relativamente às habilitações literárias predomina o ensino secundário e a licenciatura em ambos os sexos.



Tabela 6

*Caracterização dos Casais relativamente ao Tempo de Duração da Relação, Existência de Filhos e Número de Filhos*

	<b>Casais em Regime de Casamento (n= 157)</b>	<b>Casais em Regime de União de facto (n= 65)</b>
<b>Tempo de Duração da Relação</b>	Mínimo = 4 meses Máximo = 57 anos Média = 20,02 Desvio Padrão = 11,39	Mínimo = 2 meses Máximo = 34 anos Média = 6,97 Desvio Padrão = 6,95
<b>Existência de Filhos</b>	Sim – 88,5% (139) Não – 11,5% (18)	Sim – 35,4% (23) Não – 64,6% (42)
<b>Número de Filhos</b>	Mínimo = 1 Máximo = 11 Média = 1,87 Desvio Padrão = 1,12	Mínimo = 1 Máximo = 3 Média = 1,22 Desvio Padrão = 0,52

O tempo de união dos casais que estão casados é superior ao dos casais que vivem em união de facto: os casados estão juntos em média há 21 anos, enquanto os que vivem em união de facto coabitam em média há 7 anos. A dispersão em torno da média deste último grupo é bastante elevada. Relativamente à existência de filhos também se verificam diferenças entre os dois grupos: a maioria dos casados tem filhos (88,5%), sendo essa percentagem de apenas 35,4% nos casais que vivem em união de facto.

O número de filhos é mais elevado no grupo dos casados (média de 2 filhos, sendo a dispersão bastante elevada, dado haver 4 casais com mais de 3 filhos). Já no grupo que vive em união de facto a média é de um filho (a grande maioria tem 1 filho, havendo apenas 4 casais que têm mais do que 1 filho: 3 casais com 2 filhos e 1 casal com 3 filhos).

#### **4. Validação do Instrumento para a População Portuguesa**

No sentido de se validar a escala RRF para a população portuguesa, depois do processo de tradução/retroversão/tradução, passou-se a escala aos 222 casais (444 sujeitos) da amostra descrita.

A validade de constructo foi estudada recorrendo-se a Análises factoriais. Foi utilizado o método “medida da adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin” proposta por Kaiser (1970) e Kaiser & Rice (1974) para verificar se era viável usar uma análise factorial nos nossos dados. Ainda que não exista um teste rigoroso para os valores de KMO, genericamente podem ser classificados da seguinte forma (Pestana e Gajero 2000):  $\leq 0,50$  – Inaceitável,] 0,50-0,60] – Mau mas ainda assim aceitável,] 0,60-0,70] – Medíocre,] 0,70-0,80] – Média,] 0,80-0,90] –

Boa,] 0,90-1,00] – Excelente. O KMO obtido foi de 0,969, o que permitiu o recurso a análise factorial confirmatória de componentes principais com rotação oblíqua.

A análise factorial não confirmou uma estrutura factorial com 7 factores coincidente com a encontrada pelo autor. A variância explicada pelo total dos factores é de 64,69% e o estudo da consistência interna feita aos factores encontrados revelou Alphas elevados (acima de 0,80) e aceitáveis (entre 0,63 e 0,77 - ver tabela 4).

Na escolha dos itens para cada factor seguiu-se os seguintes critérios: 1º - Coeficiente de saturação (“Factor Loading”) superior a 0,50 num factor; 2º - A diferença entre os coeficientes de saturação dos dois factores ter um valor igual ou superior a 0,10.

Além das Análises factoriais efectuaram-se também correlações dos itens com o total do factor a que pertencem, averiguando se as correlações eram superiores a 0,40.

Os itens que se propõe eliminar (ver tabela 7) não saturam em nenhum factor acima de 0,50 ou saturam em mais do que um factor acima de 0,50 tendo uma diferença de factor loading inferior a 0,10.

Tabela 7

*Variância Explicada e Alpha de Cronbach dos Factores*

Factores	Itens	Variância Explicada	Alpha de Cronbach
Factor 1	1 , 7, 8, 13, 22, 29, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 51, 52, 59, 60, 61	47,64%	0,95
Factor 2	4 , 6, 11, 12, 15, 16, 18, 54, 55, 58	5,69%	0,90
Factor 3	32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39	2,71%	0,93
Factor 4	9, 14, 25, 47, 49, 62, 64, 65	2,51%	0,87
Factor 5	2, 21 , 23	2,17%	0,63
Factor 6	17, 19, 20	1,99%	0,77
Factor 7	66, 67	1,98%	0,85
Total		64,69%	0,93
Itens Eliminados	3 , 5 , 10, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 45, 48, 50, 53, 56, 57, 63, 68		

Usámos os factores distinguidos pela análise ortogonal, retendo a solução para sete factores, pedindo-se depois a alunos universitários e a pessoas comuns que indicassem quais os conceitos relevantes por trás dos itens, solicitando uma pequena narrativa. Usamos também este procedimento com psicoterapeutas.

Não quisemos deixar os resultados finais baseados apenas na análise factorial. Decidimos, no factor 1 agrupar os itens em sub-escalas, procedendo do mesmo modo para os factores 2, 3 e 4. Os critérios que presidiram ao agrupamento dos itens em sub-escalas foram

conceptuais e clinicamente relevantes, de acordo com a nossa experiência e a de colegas psicoterapeutas. Além disto, muitas correspondiam, grosso modo, a sub-escalas já existentes na RRF original. O passo seguinte será avaliar a validade de conteúdo, à semelhança do que Davis fez nos E.U.A. e, mais uma vez, passar os conjuntos de itens a estudantes universitários e outras populações, solicitando-lhes os conceitos por detrás dos agrupamentos. A partir daí os conceitos serão afinados e manter-se-ão os que passarem por esta prova.

Tabela 8

*Factor 1 - Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

FACTOR 1	Factor Loading	Coeficiente de Correlação com Total do Factor
1-Aceita-o/a como ele/ela é?	0,505	0,790
7- Ele/Ela fá-lo/a dar o melhor de si?	0,607	0,716
8- Ele/Ela recebe bem as suas ideias e planos?	0,572	0,768
13- Você e ele/ela discutem abertamente assuntos pessoais?	0,600	0,544
22- Sente prazer só por observar e olhar para ele/ela?	0,504	0,778
29 Acha-o/a sexualmente atraente?	0,515	0,715
40- Pode contar que ele/ela lhe dirá o que realmente sente independentemente de ele/ela concordar consigo?	0,520	0,752
41- Diz-lhe exactamente o que sente acerca de questões importantes independentemente de ele/ela concordar consigo?	0,518	0,728
42- Está satisfeito na sua relação com ele/ela?	0,541	0,867
43- A relação com ele/ela satisfaz as suas necessidades	0,538	0,854
44- A sua relação com ele/ela é um sucesso?	0,548	0,840
46- Com ele/ela gosta de fazer coisas que normalmente não gostaria?	0,495	0,520
51- Ele/Ela fá-lo/a sentir-se valorizado/a e especial?	0,539	0,844
52- Ele/Ela fá-lo/a ter orgulho em si próprio/a?	0,537	0,808
59- Fala com ele/ela acerca do vosso relacionamento?	0,738	0,654
60- Você e ele/ela tentam e resolvem dificuldades que ocorrem entre vós?	0,706	0,800
61- Tenta mudar coisas que faz com o objectivo de melhorar a relação entre os dois?	0,688	0,589

O factor 1 é composto por 17 itens com factores loadings a oscilar entre 0,495 e 0,738 e os coeficientes de saturação com o total do factor a variar entre 0,520 e 0,867.

O primeiro factor reflecte a satisfação geral com o relacionamento e um sentimento que desenvolve o auto-conceito e o auto-valor. Está fortemente carregado nos itens de sucesso/satisfação, aumento da auto-estima, comunicação honesta e aceitação. Inclui ainda a atracção sexual. Dá-nos uma percepção geral da relação remetendo para a satisfação global, capacidade de partilha, resolução e ajustamento na relação.

Designamos este factor por Sucesso e Satisfação Geral.

Consideramos a existência de 6 sub-escalas:

*Respeito e Auto-Estima* (Itens 7, 8, 51,52): compreende o respeito pelo parceiro, tê-lo em conta e considera-lo digno do nosso apreço. Envolve uma consideração básica pelo outro que desenvolve a sua auto-estima.

*Comunicação Honesta e Intima* (Itens 13, 40, 41, 59): relaciona-se com a partilha de experiências e de sentimentos positivos ou negativos. Implica uma sensação de poder confiar abertamente no outro, poder comunicar francamente acerca de questões profundas.

*Erotismo/Desejo* (Itens 22, 29): encerra sentimentos de prazer erótico e de desejo pelo parceiro.

*Satisfação* (Itens 42, 43, 44, 46): inclui sentimentos ou sensações agradáveis de satisfação e desfrute da relação.

*Manutenção* (Itens 60,61): envolve comportamentos de aperfeiçoamento, manutenção, sustentação e preservação do relacionamento.

*Aceitação* (Item 1): constituída por um item refere-se à aceitação do outro como ele é, não lhe transmitindo a sensação que se gostaria que ele fosse outra pessoa.

Tabela 9

*Factor 2 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

FACTOR 2	Factor Loading	Coeficiente de Correlação com Total do Factor
4- Ele/Ela desaponta-o?	-0,667	0,723
6- Ele/Ela faz maus julgamentos em assuntos importantes?	-0,672	0,641
11- Alguma vez ele/ela se esqueceu do seu bem-estar?	-0,662	0,590
12- Ele/Ela usa coisas, que não deveria, contra si?	-0,743	0,742
15- Sente que há coisas em si que ele/ela não compreenderia?	-0,730	0,651
16- Sente que há coisas suas que não são da conta dele/dela?	-0,601	0,551
18- O comportamento dele/dela é embaraçoso para si?	-0,605	0,645
54- Ele/Ela trata-o/a de maneira injusta?	-0,735	0,788
55- Há tensão na sua relação com ele/ela?	-0,728	0,767
58- Sente-se atraído/a nesta relação?	-0,521	0,557

O factor 2 é composto por 10 itens com factores loadings a oscilar entre -0,521 e 0,743 e os coeficientes de saturação com o total do factor a variar entre 0,590 e 0,788.

Este factor reúne os sentimentos mais negativos sobre o parceiro reflectindo uma multiplicidade de formas de ele decepcionar, não cumprir as expectativas e deixar o outro sentindo-se armadilhado tenso ou tratado injustamente. Mostra dificuldades de comunicação e

presença de sentimentos negativos relacionados com a desconfiança, a falta de compreensão e a sensação de ser pouco cuidado pelo par.

Designamos este factor por *Desilusão Amorosa*

Consideramos a existência das seguintes sub-escalas:

*Desconfiança/Desapontamento* (Itens 4, 11, 15,16): diz respeito à dúvida e à decepção por falta daquilo com que se contava.

*Desrespeito /Deslealdade* (Itens 6, 12, 54, 58): relaciona-se com sentimentos de traição e falta de respeito.

*Tensão/Ambivalência*

(Itens 18, 55): refere-se a estados de tensão na relação.

Tabela 10

*Factor 3 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

FACTOR 3	Factor Loading	Coeficiente de Correlação com Total do Factor
32- Pode contar que ele/ela arriscaria a sua segurança pessoal para o/a ajudar se estivesse em perigo?	0,687	0,748
33- Pode contar que ele/ela dê o máximo a seu favor?	0,668	0,862
34- Está preparado para fazer um sacrifício significativo a favor dele/a?	0,620	0,777
35- Pode contar que ele/ela lhe diga o que os outros sentem acerca de si?	0,555	0,717
36- Pode contar com o apoio dele/a numa discussão ou disputa com outros?	0,566	0,784
37- Pode contar com ele/ela para defender os seus interesses quando eles estão em conflito com os interesses de outros?	0,608	0,801
38- Pode contar que ele/ela o vem ajudar se necessitar de ajuda?	0,656	0,868
39- Ele/Ela pode contar com a sua ajuda se tiver necessidade?	0,613	0,775

O factor 3 é composto por 8 itens com factores loadings a oscilar entre 0,555 e 0,687 e os coeficientes de saturação com o total do factor a variar entre 0,717 e 0,868.

Estes itens remetem para a confiança mútua, para a percepção do cuidado e sacrifício pessoal do parceiro que promove sentimentos de poder contar com ele. Na verdade, o factor é um conjunto claro de diferentes maneiras de mostrar apoio/sustentação e cuidado por um par, que serão altamente significativas para ele.

O cuidado mútuo e o interesse pelo bem-estar do outro referem-se, num casal, a um investimento pessoal forte no bem-estar recíproco. Esta característica das relações amorosas mostra como cada um se importa genuinamente e está disposto fazer esforços pessoais, quando necessário, para promover a felicidade do parceiro. O indivíduo não está apenas dando para receber, não está a fazer tudo isto para ganhar algo, mas porque a felicidade e bem-estar do companheiro lhe importam genuinamente (Bergner et al., 2013). Este factor reflecte, em suma, o que Davis e Bergner (1983, citado por Bergner et al., 2013) chamam “Care for Partner’s Well-being” e que nós designamos por *Cuidado Mútuo*.

Consideramos a existência de 3 sub-escalas:

*Dar o Máximo* (Itens 32, 33, 34): relaciona-se com o dar-se ao parceiro até ao limite máximo.

*Defesa* (Itens 35, 36 e 37): ligado com o apoio, a protecção e a defesa.

*Auxílio* (Itens 38 e 39): associado com a ajuda, o socorro.

Tabela 11

*Factor 4 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

FACTOR 4	Factor Loading	Coeficiente de Correlação com Total do Factor
9- Acredita nele/a?	0,545	0,765
14- Confia nele/nela?	0,608	0,768
25- Tem sentimentos por ele/ela que não tem por mais ninguém?	0,537	0,709
47- Gosta da companhia dele/dela?	0,509	0,819
49- Ele/ela realmente preocupa-se consigo como pessoa?	0,496	0,817
62- Está empenhado em permanecer na relação?	0,529	0,825
64- Qual a probabilidade da sua relação vir a durar para sempre?	0,546	0,773
65- Até que ponto ele/ela está comprometido com esta relação?	0,524	0,753

O factor 4 é composto por 8 itens com factores loadings a oscilar entre 0,509 e 0,608 e os coeficientes de saturação com o total do factor a variar entre 0,709 e 0,825. Os sentimentos nucleares deste conjunto de itens são de cuidado e compromisso, companheirismo, confiança na continuidade da relação e exclusividade. Designamos este factor por *Compromisso*.

Consideramos as sub-escalas:

*Prazer* (Item 47): liga-se ao desfrute da presença do outro e do prazer que proporciona.

*Confiança* (Itens 9, 14, 49): relaciona-se com a percepção de se poder contar que o outro não violará a relação.

*Exclusividade* (Item 25): envolve a ideia de que a relação é única.

*Projecção no futuro* (Itens 62, 64, 65)

Tabela 12

*Factor 5 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

FACTOR 5	Factor Loading	Coeficiente de Correlação com Total do Factor
2- Está disposto a aceitar as suas faltas por causa do sentimento que tem por ele/ela?	0,502	0,482
21- Ele/Ela domina os seus pensamentos?	0,669	0,406
23- Pensa nele/a mesmo quando não estão juntos?	0,504	0,488

O factor 5 é composto por 3 itens com factores loadings a oscilar entre 0,504 e 0,669 e os coeficientes de saturação com o total do factor a variar entre 0,406 e 0,488.

Este conjunto de itens relaciona-se com os sentimentos de não conseguir tirar o outro do pensamento. Reflecte a vontade de passar por cima das faltas do parceiro espelhando a fascinação, uma espécie de encanto que pode perturbar a razão, retratando a grande influência e o deslumbramento que o outro exerce no sujeito. Designamo-lo por *Fascinação*.

Tabela 13

*Factor 6 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

FACTOR 6	Factor Loading	Coeficiente de Correlação com Total do Factor
17- Sabe que tipo de pessoa ele/ela é?	0,501	0,568
19- Conhece as faltas e as fraquezas dele/dela?	0,715	0,613
20- Conhece o passado dele/dela?	0,621	0,641

O factor 6 é composto por 3 itens com factores loadings a oscilar entre 0,501 e 0,715 e os coeficientes de saturação com o total do factor a variar entre 0,568 e 0,641. Os itens espelham a intimidade no casal, referindo-se ao conhecimento pessoal e da história de vida do parceiro. Este factor toma a designação de *Conhecimento*.

Tabela 14

*Factor 7 – Factor Loading de cada Item e Coeficiente de Correlação com Total do Factor*

FACTOR 7	Factor Loading	Coeficiente de Correlação com Total do Factor
66- Alguma vez ele/ela o/a forçou a fazer algo que você não quisesse?	0,698	0,755
67- Alguma vez o/a forçou a fazer algo que ele/ela não quisesse?	0,758	0,755

O factor 7 é composto por 2 itens com factores loadings de 0,698 e 0,758 e os coeficientes de saturação de 0,755. Apesar de ter apenas 2 itens este factor tem uma elevada (Alpha de Cronbach de 0,85). Estes dois itens coincidem com o que Davis (1996) encontrou para a escala “Coersion”: Remetem para acções de uso de poder, coação e falta de respeito pela vontade do outro. Mantivemos a designação original, denominando o factor de *Coerção*.

## 5. Cotação

A resposta a cada item é dada numa escala de 1 a 9. Para cada sub-escala deverá ser feito o somatório dos itens, dividindo-se pelo respectivo número do total de itens. (por exemplo para o factor 1, que tem 17 itens, devem somar-se esses 17 itens e dividir o somatório por 17). Obtém-se assim para todos os factores um score a variar entre 1 e 9. Quanto mais elevado o score encontrado maior o “sentimento” referente aquele aspecto.

## 6. Referências

- Bergner, R. M., Davis K.E., Saternus L., Walley, S., & Tyson, T. (2013). Characteristics of Romantic Love: An Empirically-Based Essentialist Account. In R.M. Berger, K.E. Davis, F. Lubuguin, & W. Schwartz (Eds.), *Advances in Descriptive Psychology* (Vol. 10). Ann Arbor, MI: Descriptive Psychology Press.
- Beste, S., Bergner, R., & Nauta, M. (2003). *What keeps love alive? - An empirical complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Davis, K.E. & Todd, M.J. (1985). Assessing friendship: prototypes, paradigm cases and investigation. *Family Therapy*, 30, 125-141.



- Davis, K.E. (1996). *The Relationship Rating Form (RRF): A measure of characteristics of romantic relationship and friendship*. Department of Psychology. University of South Carolina.
- Hendrick, C., & Hendrick, S.S. (1989) Research on Love: Does It Measure Up? *Journal of Personality and Social Psychology*. 1989, Vol. 56, No. 5, 784-794. DOI: 10.1037/0022-3514.56.5.784
- Kaiser, H. F., & Rice, J. (1974). A little Jiffy Mark IV. *Educational and Psychological Measurement*, 34, 111-117. DOI: 10.1177/001316447403400115
- Kaiser, H.F. (1970). A second generation little Jiffy. *Psychometrika*, 35, 401-415. DOI:10.1007/BF02291817
- Pestana, M.H. & Gajairo, J.N. (2000). *Análise de dados para Ciências Sociais*. A relationship description. In Duck, S. & Perlman, D. (eds.). *Understanding Personal Relationships*. London: Sage Publications.
- Rubin, Z. (1970) Measurement of Romantic Love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-273. DOI: 10.1037/h0029841

## **Anexo B – Consentimento Informado**

### **Projecto: Satisfação, Comunicação, Motivação, Coesão e Adaptabilidade nos Casais, ao Longo do Ciclo Conjugal**

#### **Consentimento Informado**

No âmbito da Investigação da responsabilidade do Dr. José de Abreu Afonso, investigador no ISPA – Instituto Universitário, confirmo que compreendi a explicação que me foi dada acerca do estudo, dos seus objectivos e do seu método.

Também fui informado(a) dos eventuais benefícios desta investigação para a intervenção clínica com casais, assim como do eventual desconforto que posso sentir ao preencher os questionários. Adicionalmente fui informado(a) da confidencialidade dos dados.

A minha participação é voluntária e posso, a qualquer momento, desistir dela.

Tive ainda a possibilidade de colocar as minhas dúvidas, que me foram esclarecidas.

Aceito, pois, participar nesta investigação.

Data:

Assinatura:

**Anexo C - Informação aos participantes (Folha de Rosto)****Questionário nº \_\_\_\_\_**

O questionário que se segue, e para o qual agradecemos desde já a sua colaboração é anónimo e confidencial, e destina-se a viabilizar uma investigação sobre relações conjugais promovida pelo Instituto Superior de psicologia Aplicada e apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Se tiver alguma dúvida ou quiser esclarecimentos adicionais contacte, por favor, José de Abreu Afonso (*jaa@ispa.pt*)

**Nota importante:** Os questionários são de preenchimento individual. Gostaríamos que, no caso de ambos os membros do casal o preencherem, o fizessem de forma autónoma e sem trocarem impressões.

Se ou seu cônjuge ou parceiro(a) também preencher um questionário igual a este, por favor assinale com um **X**.

Sim, o meu cônjuge ou parceiro(a) também preencheu um questionário igual a este \_\_\_\_\_

### Anexo D - Questionário Socio-Demográfico

Por favor responda às questões seguintes, ou assinale a sua escolha com um “X”:

Idade: \_\_\_\_\_ anos      Sexo: Masc. \_\_\_\_\_ Fem. \_\_\_\_\_

Habilitações Literárias		
Primário		
Básico Preparatório (Ciclo Preparatório)		
Secundário Unificado (9º ano ou antigo 5º ano ou curso industrial / comercial)		
Secundário Complementar (11º/12º ano ou antigo 7º ano)		
Ensino Universitário	Bacharelato	
	Licenciatura	
	Mestrado	
	Doutoramento	

Profissão	
Reformado/ Inactivo	
Desempregado	
Doméstica	
Estudante	
Trabalhador por conta própria/ Profissional Liberal	
Qual a sua profissão?	
Trabalhador por conta de outrem	
Qual a sua profissão?	

Casado há \_\_\_\_\_ anos      Vive junto há \_\_\_\_\_ anos

É o seu primeiro casamento / União de facto      Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

É o primeiro casamento / União de facto do seu parceiro      Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_



## Anexo E – EASAVIC: Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

(Narciso & Costa, 1996)

**Por favor, escolha a afirmação da escala que melhor descreve o que você sente:**

	Nada Satisfeito/a 1	Pouco Satisfeito/a 2	Razoavel- mente Satisfeito/a 3	Satisfeito/a 4	Muito Satisfeito/a 5	Completa- mente Satisfeito/a 6
1 – O modo como gerimos a nossa situação financeira.						
2 – A distribuição das tarefas domésticas.						
3 – O modo como tomamos decisões.						
4 – A distribuição de responsabilidades .						
5 – O modo como passamos os tempos livres.						
6 – A quantidade de tempos livres						
7 – O modo como nos relacionamos com os amigos.						
8 – O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge.						
9 – O modo como nos relacionamos com a minha família.						
10 – A minha privacidade e autonomia.						
11 – A privacidade e a autonomia do meu cônjuge.						
12 – A nossa relação com a minha profissão.						
13 – A nossa relação com a profissão do meu cônjuge.						
14 – A frequência com que conversamos.						
15 – O modo como conversamos.						
16 – Os assuntos sobre os quais conversamos.						
17 – A frequência dos conflitos que temos.						
18 – O modo como resolvemos os conflitos.						
19 – O que sinto pelo meu cônjuge .						
20 – O que o meu cônjuge sente por mim.						
21 – O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge.						
22 – O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim.						
23 – O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge.						
24 – O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim.						
25 – A frequência que temos relações sexuais.						
26 – O prazer que sinto quando temos relações sexuais.						
27 – O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais.						
28 – A qualidade das nossas relações sexuais.						
29 – O apoio emocional que dou ao meu cônjuge.						
30 – O apoio emocional que o meu cônjuge me dá.						

31 – A confiança que tenho no meu cônjuge.						
32 – A confiança que o meu cônjuge tem em mim.						
33 – A admiração que sinto pelo meu cônjuge.						
34 – A admiração que o meu cônjuge tem por mim.						
35 – A partilha de interesses e actividades.						
36 – A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge.						
37 – A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses.						
38 – Os nossos projectos para o futuro.						
39 – As minhas expectativas quanto ao futuro da relação.						
40 – As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação.						
41 – O aspecto físico do meu cônjuge.						
42 – A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico.						
43 – As características e hábitos do meu cônjuge.						
44 – A opinião do meu cônjuge sobre os meus comportamentos e hábitos.						

## Anexo F – EGAD: Escala de Gestão dos Afectos e das Diferenças

### A Felicidade e a Satisfação na sua Relação Actual

1 – Qual o grau de felicidade da sua relação?

Muito Infeliz	Infeliz	Um pouco Infeliz	Nem Feliz nem Infeliz	Um pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz

2 - Alguma vez desejou não estar nesta relação?

Frequentemente	De vez em quando	Raramente	Nunca

3 – Qual o seu grau de satisfação com a sua relação?

Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Satisfeito nem Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito

4 – Pensa como seria estar com alguém diferente do/a seu/sua parceiro/a?

Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca

5 – Até que ponto está satisfeito com o que se diverte com o seu parceiro?

Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Satisfeito nem Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito

6 – Até que ponto está satisfeito com o tempo que passam sós como casal?

Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Satisfeito nem Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito

7 – Alguma vez fez Terapia de Casal?

Sim	Não

8 – Alguma vez lhe passou pela cabeça terminar a sua relação

Sim	Não
-----	-----



9 – Passa-lhe pela cabeça a ideia de terminar a sua relação?

Sim	Não

### As Vossas Interações Um com o Outro

	Discordo Francamente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Francamente
1 – Quando me sinto magoado com algo que ele/ela tenha feito falo-lhe acerca disso.					
2 – Ele/ela compreende os meus sentimentos.					
3 – Ouço o que ele/ela tem a dizer.					
4 – Ele/Ela dá-me apoio emocional.					
5 – Saber o que ele/ela sente é importante para mim.					
6 – Ele/Ela deixa-me acabar de falar antes de responder.					
7 – Ajudo o meu parceiro/a a compreender-me, dizendo-lhe o que sinto.					
8 – Quando me sinto orgulhoso/a digo-lhe.					
9 – Amamo-nos muito.					
10 – Ele/Ela ouve o que tenho para dizer.					
11 – Quando discutimos, os nossos sentimentos negativos sobem rapidamente.					
12 – Comunicamos melhor hoje do que no passado.					
13 – Quando e estou zangado/a com ele/ela digo-lhe.					
14 – Sinto-me à vontade quando sou caloroso/a e lhe transmito afecto.					
15 – Frequentemente discordamos e discutimos.					
16 – Sentimo-nos mais à vontade a discutir os nossos sentimentos um com o outro hoje, do que no passado.					
17 – Ao discutir os assuntos, normalmente ele/ela fica calado/a.					
18 – Quando ele/ela não percebe o que eu disse, normalmente pede esclarecimentos.					
19 – Não somos capazes de resolver com sucesso discussões fortes.					
20 – Quando discutimos assuntos, normalmente tentamos verificar se estamos a compreender bem o que o outro quer dizer.					
21- Quando ele/ela me pergunta o que eu sinto ou penso sobre um assunto, tento ser o mais claro/a e concreto que consigo.					
22 – Quando ele/ela me responde sobre um assunto eu ouço o que ele/ela pensa, mas tento também perceber o que ele/ela sente acerca disso.					
23 – Quando estou desapontado/a falo com ele/ela acerca disso.					
24 – Quando discutimos um problema eu tento esclarecer o que ele/ela disse para ter a certeza que percebi a sua posição.					
25 – Quando sinto orgulho nele/nela digo-lhe.					
26 – Digo-lhe que compreendo e valorizo a sua posição acerca de determinado assunto.					
27 – Quando as nossas discussões estão a ficar fora de controlo, concordamos em parar e falar mais tarde sobre o que cada um de nós está a sentir.					
28 – Frequentemente, quando surgem problemas ele/ela afasta-se para evitar um confronto.					
29 – Ouço a ideia completa dele/dela antes de formar uma resposta.					

	Discordo Francamente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Francamente
30 – Ele/ela sente-se bem a ser caloroso/a e a expressar afeição por mim.					
31 – Quando ele/ela fez algo que me aborrece, digo-lhe concretamente o que foi que ele/ela fez, em que contexto, e como me fez sentir.					
32 – Tento exprimir apreciação sincera por ele/ela em vez de me queixar pelo que ele/ela faz.					
33 – Frequentemente enervamo-nos um ao outro.					
34 – Mesmo que tenha tido um mau dia, tento ser positivo/a quando me encontro com ele/ela.					
35- Quando as coisas estão muito complicadas, normalmente tentamos parar a discussão e fazer um acordo para discutir o assunto mais tarde quando os dois o pudermos fazer de modo mais construtivo					
36- Quando estou cansado/a e ele/ela me pede para fazer alguma coisa, eu digo-lhe que estou cansado/a, mas não me importo de lhe fazer o favor.					
37 – Ele/Ela esclarece o que eu disse para ter a certeza de ter compreendido o que eu quero dizer.					
38 – Quando discutimos, os meus sentimentos negativos crescem rapidamente.					
39 – Em vez de reagir negativamente a ele/ela tento ver as coisas positivamente.					
40 – Quando tive um mau dia digo-lhe para que, se lhe responder mal ele/ela saiba que é sem intenção.					
41 – Em vez de andar à volta do assunto, digo exactamente o que penso acerca de determinada questão.					
42 – Tento mostrar interesse pelas actividades dele/dela.					
43 – Muitas vezes interpretamos os comentários de um e outro mais negativamente do que a sua intenção.					
44 – Quando ele/ela me fala do seu dia, eu dou-lhe toda a minha atenção.					
45 – Sinto que ele/ela me compreende melhor agora que no passado.					
46 – Quando discutimos perco a cabeça facilmente.					
47 – Tento focar-me no lado positivo das situações em que estou envolvido/a com ele/ela.					
48 – Quando os conflitos saem fora do controlo, normalmente tento para-los e perguntar se podemos arranjar um outro tempo para falar calmamente.					
49 – Quando ele/ela tenta, sem sucesso, ajudar-me nalguma coisa, eu expresso o meu apreço, apesar do insucesso.					
50 – Discutimos e resmungamos um com o outro frequentemente.					
51-Muitas vezes interpreto os comentários dele/a mais negativamente que a sua intenção.					
52 – Quando me dou conta que estou a pensar só em mim, tento mudar e pensar do ponto de vista dele/a.					
53 – Ele/Ela diz-me exactamente o que pensa acerca dos assuntos.					

	Discordo Francamente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Francamente
54 – Quando discutimos uma questão, deixamos que o outro exponha o seu ponto de vista antes de responder.					
55 – Quando discutimos, os sentimentos negativos dele/a crescem rapidamente.					
56 – Quando discutimos um problema centramo-nos nele e evitamos derivar para outras áreas problemáticas.					
57– Ele/Ela comunica-me verbalmente que me compreende.					
58 – Ele/Ela diz-me quando sente orgulho de mim.					
59 – Sou afectuoso com ele/ela.					
60 – Se estamos a discutir um problema e eu percebo que derivamos do assunto original, geralmente tento voltar a ele e sugiro que se fale desses assuntos noutra ocasião.					
61 – Quando me sinto desapontado com ele/ela, falo-lhe sobre isso.					
62 – Quando discutimos um assunto sinto que ele/ela e eu assumimos a responsabilidade de nos mantermos no trilho.					
63 – Confiamos mais um no outro agora que no passado.					
64 – Quando surge uma questão, geralmente pergunto directamente o que ele/ela pensa sobre o assunto.					
65 – Ele/Ela diz-me quando está feliz.					
66 – Dou-lhe o meu apoio emocional.					
67 – Ele/Ela tenta compreender as minhas queixas.					
68 – Quando surge alguma questão, normalmente sei o que ele/ela sente acerca dela.					
69 – Quando discutimos, normalmente atacamo-nos e não ouvimos as necessidades um do outro.					
70 – Quando ele/ela se sente aborrecido/a com alguma coisa que eu tenha feito, diz-me.					
71 – Ele/Ela diz-me quando está desapontado/a.					
72 – Quando ele/ela tem uma queixa, geralmente tento compreender a sua posição.					
73 – Se não compreendo o ponto de vista dele/dela, peço-lhe para explicar melhor.					
74 - Quando ele/ela faz uma queixa, aproveito a ocasião para me queixar também.					
75 – Quando me sinto feliz digo-lhe.					
76 – Ele/Ela diz exactamente o que sente e pensa.					
77 – Quando me aborreço com o comportamento dele/a, não só lhe digo, como lhe dou algumas alternativas construtivas.					
78 – Ele/Ela diz-me quando está satisfeito.					
79 – Comunico-lhe verbalmente que o/a amo.					
80 – Quando ele/ela está aborrecido com o meu comportamento, não só me diz, como me dá algumas alternativas construtivas.					
81 – Ele/Ela diz-me quando está orgulhoso.					

	Discordo Francamente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Francamente
82 – Sinto que ele/ela tenta exprimir apreciação sincera por mim, em vez de queixas sobre aquilo que eu faço.					
83 – Frequentemente discuto e resmungo com ele/ela.					
84 – Quando me queixo, ele/ela também se queixa.					
85 – Ele/Ela é afectuoso/a comigo.					
86 – Quando estou satisfeito com ele/ela digo-lhe.					
87 – Ele/Ela diz-me verbalmente que me ama.					
88 – Quando estamos a discutir problemas, procuro focar-me num de cada vez, em vez de derivar para outros problemas.					
89 – Eu amo-o/a.					
90 – Mesmo que ele/ela tenha tido um mau dia, tenta ser positivo/a quando interage comigo.					
91 – Sinto que ele/ela me ama.					
92 – Quando discutimos questões, geralmente desisto por medo do conflito.					
93 – Mesmo que ele/ela esteja cansado/a, não se importa de me fazer um favor.					
94 – Quando discutimos questões, geralmente permaneço em silêncio porque não quero entrar num conflito.					
95 – Geralmente, quando ele/ela tem um dia mau diz-me isso, para que, se for negativo/a comigo, eu entenda que é sem intenção.					
96 – Gostava que ele/ela fosse mais afectuoso/a comigo.					
97 – Normalmente quando há problemas, deixo a sala, para não entrar num conflito.					
98 – Ele/Ela tenta focar-se no lado positivo das situações em que estamos envolvidos.					
99 – Os nossos conflitos parecem brotar de lado nenhum.					
100 – Quando os conflitos saem do nosso controlo, ele/ela tenta para-los e perguntar se podemos arranjar um tempo para os discutir mais tarde.					
101 – Quando discutimos questões, geralmente ele/ela desiste, por medo do conflito.					
102 – Quando discutimos, ele/ela perde a cabeça com facilidade.					
103 – Frequentemente sinto que o/a enervo.					
104 – Em vez de reagir negativamente, ele/ela tenta vêr as coisas positivamente.					
105 – Ele/Ela frequentemente interpreta o que eu digo mais negativamente do que era minha intenção.					
106 – Quando discutimos um problema ele/ela tenta focar-se nesse problema em vez de derivar para outros.					
107 – Frequentemente ele/ela discute e resmungo comigo.					
108 – Quando surge uma questão, ele/ela pergunta-me directamente como me sinto acerca disso.					
109 – Ele/Ela enerva-me com frequência.					















## Anexo H - FACES III: Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (Versão de Casal)

**Descreva a sua relação agora:**

	Quase Nunca 1	Ocasionalmente 2	Às Veze 3	Frequentemente 4	Quase Sempre 5
1 - Pedimos ajuda um ao outro.					
2 – Quando temos problemas arranjamos uma solução de compromisso.					
3 - Aprovamos os amigos um do outro.					
4 – Somos flexíveis no modo como lidamos com as nossas diferenças.					
5 – Gostamos de fazer coisas um com o outro.					
6 – Na nossa relação, não há um só a liderar.					
7 – Sentimo-nos mais próximos um do outro do que de pessoas fora da família.					
8 – Vamos mudando a nossa maneira de lidar com tarefas.					
9 – Gostamos de passar tempo livre um com o outro.					
10 – Tentamos novas maneiras de lidar com os problemas.					
11 – Sentimo-nos muito próximos um do outro.					
12 – Na nossa relação tomamos as decisões em conjunto.					
13 – Partilhamos “hobbies” e interesses em conjunto.					
14 – As regras mudam na nossa relação.					
15 – Facilmente pensamos em coisas para fazer em conjunto, como casal.					
16 – Trocamos as responsabilidades domésticas entre um e outro.					
17 – Consultamo-nos para tomar as nossas decisões.					
18 – É difícil identificar quem é o líder na nossa relação.					
19 – Estarmos juntos é uma prioridade.					
20 – É difícil dizer quem faz quais tarefas domésticas.					

**Idealmente como gostaria que a sua relação fosse?**

	Quase Nunca 1	Ocasionalmente 2	Às Veze 3	Frequentemente 4	Quase Sempre 5
1 - Pediríamos ajuda um ao outro.					
2 – Quando tivéssemos problemas arranjariamos uma solução de compromisso.					
3 - Aprovaríamos os amigos um do outro.					
4 – Seríamos flexíveis no modo de lidar com as nossas diferenças.					
5 – Gostaríamos de fazer coisas um com o outro.					

6- Na nossa relação, não haveria um só a liderar.					
7 – Sentir-nos-íamos mais próximos um do outro do que de pessoas fora da família.					
8 – Iriamos mudando a nossa maneira de lidar com tarefas.					
9 – Gostaríamos de passar tempo livre um com o outro.					
10 – Tentaríamos novas maneiras de lidar com os problemas.					
11 – Sentir-nos-íamos muito próximos um do outro.					
12 – Na nossa relação tomaríamos as decisões em conjunto.					
13 – Partilharíamos “hobbies” e interesses em conjunto.					
14 – As regras mudariam na nossa relação.					
15 – Facilmente pensaríamos em coisas para fazer em conjunto, como casal.					
16 – Trocaríamos as responsabilidades domésticas entre um e outro.					
17 – Consultar-nos-íamos para tomar as nossas decisões.					
18 – Seria difícil identificar quem é o líder na nossa relação.					
19 – Estarmos juntos seria uma prioridade.					
20 – Seria difícil dizer quem faz quais tarefas domésticas.					

## **Anexo I -Autorização para a Tradução, Adaptação e Utilização de Questionário**

### ***Pedido***

Dear Dr. Rempel,

My name is José de Abreu-Afonso. I teach at Instituto Superior de Psicologia Aplicada, in Lisbon, Portugal.

My research area is couple's relationship and I am most interested in your **Motivation Scale** (Rempel; Holmes & Zanna).

I would like to ask for your permission to translate and adapt it to the Portuguese population.

I am looking forward to hear from you.  
Best wishes,

José de Abreu-Afonso

### ***Resposta***

**De:** John K. Rempel [mailto:jrempel@uwaterloo.ca]

**Enviada:** seg 28-05-2007 2:42

**Para:** joseabreuafonso

**Assunto:** Re: Motivation Scale translation

José:

Feel free to translate the scale and use it for your research.

John

--

John K. Rempel, PhD  
Department of Psychology, Chair  
St. Jerome's University  
290 Westmount Road North  
Waterloo, ON N2L 3G3  
(519) 884-8111 ext. 28212

## Anexo J - Autorização para a Tradução, Adaptação e Utilização de Questionário

### *Pedido*

On Oct 20, 2009, at 6:50 AM, "joseabreuafonso" <[joseabreuafonso@netcabo.pt](mailto:joseabreuafonso@netcabo.pt)> wrote:

Dear Dr. Arellano,

I'm not sure if this is de right adress to write to you about academical issues, but it was the only I coul find.

My name is José de Abreu-Afonso. I teach in Instituto Superior de Psicologia Aplicada, in Lisbon, Portugal.

My research area is couple's relationship and I am most interested in your Managing Affect and Diferences Scale (1995).

I would like to ask for your permission to translate and adapt it to the Portuguese population.

I would also like to ask you for some references (or PDF's) that could help me in my task. It is not being easy to find them on the data bases I have access.

I am looking forward to hear from you.

Best wishes,

José de Abreu-Afonso

### *Resposta*

**Re: Managing Affect and Differences Scale**

Business Email [[charleanea.arellano@inspirational-living.net](mailto:charleanea.arellano@inspirational-living.net)]



Respondeu em 21-10-2009 17:25.

**Para:** [joseabreuafonso](mailto:joseabreuafonso)

**Cc:**

You are welcome to translate and use my scale. What references are you needing?

Charleanea

Be you, flourish, and trust that all things will fall into place.

[www.inspirational-living.net](http://www.inspirational-living.net)

:

## Anexo K - Autorização para a Tradução, Adaptação e Utilização de Questionário

### *Pedido*

---

**From:** Jose Antonio Moutinho de Abreu-Afonso [mailto:joseabreuafonso@netcabo.pt]  
**Sent:** Tue 10/20/2009 8:30 AM  
**To:** daviske@sc.edu  
**Subject:** {SpamScore: ssss}SPN Profile Message: RRF

Dear Dr. Davis,

My name is José de Abreu-Afonso. I teach in Instituto Superior de Psicologia Aplicada, in Lisbon, Portugal.

My research area is couple's relationship and I am most interested in your Relationship Rating Form (1996).

I would like to ask for your permission to translate and adapt it to the Portuguese population.

I would also like to ask you for some references (or PDF's) that could help me in my task. It is not being easy to find them on the data bases I have access.

I am looking forward to hear from you.

Best wishes,  
 José de Abreu-Afonso

### *Resposta*

**RE: {SpamScore: ssss}SPN Profile Message: RRF**  
 DAVIS, KEITH [DAVISKE@mailbox.sc.edu]  
**Para:** joseabreuafonso  
**Cc:**

Jose: I will send you various files--most in WORD format as I do not have things in PDFs--on Monday when I am in my office and have access to them. I would be pleased to see the RRF translated into Portuguese. Thus far it has been translated into German, Dutch, French, Spanish, Chinese, Korean, and Hebrew.

Keith E. Davis

Distinguished Professor Emeritus  
 Department of Psychology  
 1512 Pendleton St.  
 University of South Carolina  
 Columbia, SC 29208

803-777-4639  
 FAX: 803-777-5995

email: [daviske@mailbox.sc.edu](mailto:daviske@mailbox.sc.edu)  
[daviske010@gmail.com](mailto:daviske010@gmail.com)



## Anexo L - Autorização para a Utilização de Questionário

### *Pedido*

De: joseabreuafonso [<mailto:joseabreuafonso@netcabo.pt>]

Enviada: sex 18-05-2007 13:06

Para: Isabel Narciso

Assunto: Utilização da escala EASEVIC

Cara Professora Isabel Narciso,

No âmbito do meu trabalho de doutoramento em psicologia pela U.N.L.: "Gestão da relação, Satisfação, Coesão e Adaptabilidade nos Casais em Diferentes Fases do Ciclo Conjugal", apoiado pela FCT, propus-me usar, entre outras, as escalas EASEVIC (Narciso e Costa, 1996), a Escala de Índice Único de Satisfação Conjugal Global (Matos, 1998) e ainda a FACESIII, com as quais tomei contacto na leitura da sua dissertação de doutoramento que muito me estimulou.

Venho solicitar-lhe a utilização da sua escala e pedir-lhe o favor de, no caso de lhe ser possível, me enviar as mesmas. Caso contrário, muito lhe agradecia que me informasse como lhes posso chegar.

Na expectativa de ter notícias suas, despeço-me,

Com os melhores cumprimentos

José de Abreu Afonso

### *Resposta*

---

**De:** Isabel Narciso [<mailto:narciso@fpce.ul.pt>]

**Enviada:** seg 21-05-2007 11:37

**Para:** joseabreuafonso

**Assunto:** RE: Utilização da escala EASEVIC

Caro colega

Tenho muito gosto em lhe facultar a EASAVIC. Se pudesse passar na Faculdade, poderei dar-lhe a separata da revista onde consta a escala e o estudo psicométrico da mesma. Amanhã, estarei lá a partir da hora de almoço e na Quarta e na Quinta também (gabinete 246). Por favor, ligue-me antes a confirmar (912277152).

Um abraço

Isabel